



FELIPE AWI NÃO FOGE À LUTA

Como os lutadores
brasileiros
transformaram
o MMA em um
fenômeno mundial

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



FILHO
FELIPE
AWI
MEU

i
intrínseca

NÃO
FOGUE
À LUTA

Como os lutadores
brasileiros
transformaram
o MMA em um
fenômeno mundial

Copyright © 2012

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bruno Porto

EDITORA

Livia de Almeida

EDITOR ASSISTENTE

Bruno Correia

ASSISTENTE EDITORIAL

Carolina Leocadio

PREPARAÇÃO

Clarissa Peixoto

REVISÃO

Clara Diamant

Flávia Midori

EDIÇÃO DIGITAL

Cindy Leopoldo

Nina Lopes

Josué de Oliveira

PESQUISA

Larissa Ribas

Lauro Neto

PROJETO GRÁFICO

Laboratório Secreto

CAPA

Roberto de Vicq de Cumptich

ARTE SOBRE IMAGEM DE QUARTA CAPA

Raphael Pacanowski

CRÉDITOS DAS FOTOS

Arquivo/Agência O Globo: pp. 24, 38, 52; José Ronaldo/
Agência O Globo: p. 66; Marcelo Alonso: pp. 82, 102, 120,
140, 158, 200, 252, 272, 292 e quarta capa; Susumu Nagao:
p. 178; Alexandre Cassiano/Agência O Globo: p. 226."

E-ISBN
978-85-8057-175-2

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3^o andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



A DENISE, HENRIQUE E ARTHUR

AMAURY BITETTI (RJ): lutador de jiu-jítsu.

ANDERSON “SPIDER” SILVA (SP): lutador de MMA; tornou-se campeão dos pesos médios no UFC 64.

ANTÔNIO RODRIGO “MINOTAURO” NOGUEIRA (BA): lutador de MMA. Campeão dos pesos pesados do Pride na edição de número 17, recuperou o cinturão interino no Pride Final Conflict. Foi campeão na mesma categoria no UFC 81, tendo sido o primeiro lutador a conquistar os cinturões nas duas competições.

ANTÔNIO ROGÉRIO “MINOTOURO” NOGUEIRA (BA): lutador de MMA; medalha de bronze no boxe nos Jogos Pan-Americanos do Rio, em 2007, na categoria superpesados.

ART DAVIE (EUA): fundador do UFC com Rorion Gracie e, depois, *matchmaker* do Semaphore Entertainment Group (SEG).

BOB MEYROWITZ (EUA): presidente do SEG.

BOB SAPP (EUA): lutador de MMA.

CARLÃO BARRETO (RJ): lutador de MMA; vencedor do Universal Vale-Tudo Fight Championship (UVF) 1.

CARLOS GRACIE (PA): precursor do jiu-jítsu no Brasil.

CARLOS GRACIE JR. (RJ): lutador de jiu-jítsu; fundador da Gracie Barra. Filho de Carlos Gracie.

CARLOS ROBSON GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu. Filho de Carlos Gracie.

CARLSON GRACIE, GAROTÃO (RJ): lutador de jiu-jítsu e vale-tudo. Filho de Carlos Gracie.

CASIMIRO NASCIMENTO MARTINS, REI ZULU (MA): lutador de tarracá e vale-tudo.

DANA WHITE (EUA): ex-lutador de boxe; presidente do UFC em sua segunda encarnação.

DEDÉ PEDERNEIRAS (RJ): lutador de jiu-jítsu e treinador de MMA; criador da equipe Nova União.

DENILSON MAIA (RJ): faixa preta de luta livre; campeão carioca de luta greco-romana.

EUGÊNIO TADEU (RJ): lutador de MMA.

FLÁVIO MOLINA (RJ): lutador e treinador de tae kwon do e muay thai.

FREDERICO LAPENDA (PE): primeiro grande empresário brasileiro de vale-tudo; criador do World Vale-Tudo Championship (WVC).

HÉLIO GRACIE (PA): precursor do jiu-jítsu no Brasil.

HUGO DUARTE (RJ): lutador de MMA; campeão do primeiro WVC.

JANIGLEISON HERCULANO ALVES, GLEISON TIBAU (RN): lutador de MMA.

JIGORO KANO (JAPÃO): fundador da primeira escola de judô do mundo, a Kodokan.

JORGE “JOINHA” GUIMARÃES (MG): ex-apresentador do programa *Passando a Guarda*, do canal SporTV, e empresário de MMA.

JORGE PATINO, MACACO (SP): lutador de jiu-jítsu e MMA; campeão do Jungle Fight 1, 3 e 4. Dono da equipe Macaco Gold Team.

JORGE PEREIRA (RJ): lutador de jiu-jítsu; campeão do Brasileiro de Vale-Tudo. Criador do Rio Heroes.

JOSÉ ALDO JÚNIOR (AM): lutador de MMA; tornou-se campeão dos pesos-pena no UFC 129, defendeu o cinturão nas edições 136 e 142.

JUNIOR “CIGANO” DOS SANTOS (SC): lutador de MMA; campeão dos pesos pesados do UFC 139.

KANJI “ANTONIO” INOKI (JAPÃO): lutador de pro wrestling.

KAZUSHI SAKURABA, CAÇADOR DE GRACIES (JAPÃO): lutador de MMA; campeão dos pesos pesados no Ultimate Japan.

KEN SHAMROCK (EUA): lutador de MMA; campeão do UFC 6 e 8.

LORENZO FERTITTA (EUA): fundador da Zuffa.

LYOTO MACHIDA (BA): lutador de MMA; campeão dos meios-pesados no UFC 98, defendeu o cinturão contra Mauricio Rua no UFC 104.

MARCELO BEHRING (RJ): lutador de jiu-jítsu e vale-tudo.

MARCO RUAS, THE KING OF THE STREETS (RJ): lutador de MMA; campeão do UFC 7 e do WVC 2.

MÁRIO DUMAR, MARINHO (RJ): lutador de muay thai e de tae kwon do.

MASAHIKO KIMURA (JAPÃO): campeão mundial de judô e considerado um dos maiores judocas de todos os tempos.

MAURICIO “SHOGUN” RUA (PR): lutador de MMA; campeão dos meios-pesados do UFC 113 e do Pride Final Conflict na categoria até 93 quilos.

MITSUYO MAEDA, CONDE KOMA (JAPÃO): discípulo de Jigoro Kano, viajou pelo mundo difundindo o jiu-jítsu, inclusive no Brasil.

MURILO BUSTAMANTE (RJ): lutador de MMA, campeão dos pesos médios no UFC 35 e 37 (defesa do cinturão).

MURILO “NINJA” RUA (PR): lutador de MMA.

NOBUYUKI SAKAKIBARA (JAPÃO): idealizador e presidente do Pride.

NOBUHIKO TAKADA (JAPÃO): lutador de pro wrestling.

OSCAR MARONI FILHO (MG): empresário que criou o Show Fight.

PEDRO RIZZO (RJ): lutador de MMA; campeão do WVC 2.

RENZO GRACIE (RJ): lutador de MMA. Filho de Robson Gracie.

RICKSON GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu e MMA; vencedor do Pride 1 e do Vale Tudo Japan Open 1 e 2. Filho de Hélio Gracie.

RILION GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu. Filho de Carlos Gracie.

ROLLS GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu. Filho de Carlos Gracie.

RORION GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu; criador do UFC. Filho de

Hélio Gracie.

ROYCE GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu e MMA; campeão do UFC 1, 2 e 4. Filho de Hélio Gracie.

ROYLER GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu e MMA; campeão do Pride 2 e do UVF 2. Filho de Hélio Gracie.

RYAN GRACIE (RJ): lutador de jiu-jítsu e MMA. Filho de Robson Gracie.

RUDIMAR FEDRIGO (RS): treinador de MMA; fundador da Chute Boxe.

SAMUEL, O NEGRO GIGANTE (NATURALIDADE DESCONHECIDA): capoeirista que enfrentou Carlos Gracie no primeiro vale-tudo de que se tem conhecimento, no fim da década de 1920.

SÉRGIO BATARELLI (SP): campeão mundial de kickboxing e criador do International Vale-Tudo Championship (IVC).

SÍDNEY GONÇALVES FREITAS, MESTRE HULK (RJ): capoeirista; vencedor do Desafio Internacional de Vale-Tudo.

VITOR BELFORT, THE PHENOM/FAST HANDS (RJ): lutador de MMA; campeão dos pesos pesados do UFC 12 e dos meios-pesados do UFC 46.

WALDEMAR SANTANA (RJ): lutador de jiu-jítsu e vale-tudo.

WALLID ISMAIL (AM): lutador de jiu-jítsu e MMA; criador do Jungle Fight.

WANDERLEI SILVA, CACHORRO LOUCO/MACHADO ASSASSINO (PR): lutador de MMA; campeão dos pesos médios no Pride 17, 23, 28, Pride Final Conflict 2003 e Pride Shockwave 2005.

YOJI ANJO (JAPÃO): lutador de pro wrestling.

Torrance é uma cidade da Grande Los Angeles, na Califórnia, que parece mais habitada por carros do que por gente. Cortada por rodovias e autoestradas, dá a sua parcela de contribuição para que o estado seja o campeão de mortes no trânsito nos EUA, com 3.081 acidentes fatais em 2009, segundo a Administração Nacional de Segurança no Tráfego Rodoviário. Um brasileiro radicado na região quase engrossou a estatística quando dirigia sua caminhonete preta pela Carson Avenue acima do limite de velocidade. Um veículo de passeio saía da garagem naquele momento, e só o reflexo apurado dos dois motoristas foi capaz de evitar a colisão. Ao olhar pelo retrovisor, o brasileiro viu o outro estender-lhe o dedo médio, um sinal universal de ofensa. Imediatamente, ele freou e engatou a marcha a ré até o acostamento mais próximo. Tirou o cinto de segurança com violência e saiu da caminhonete. A cena poderia assustar qualquer um. Apesar de já exibir alguns fios de cabelo grisalhos, o brasileiro conservava (e ainda conserva) uma aparência jovem, com 1,85 metro, uma envergadura de nadador e a massa muscular seca distribuída num corpo que pesa 80 quilos há mais de vinte anos. A fúria se manifestava no rosto crispado e nos olhos semicerrados. O outro motorista se encolheu atrás do volante, mas esboçou uma reação.

— Porra, como é que você vem nessa velocidade toda? — perguntou, exaltado.

— Porra é o caralho. Eu estou indo rápido, sim, mas isso não te dá o direito de me mostrar o dedo. Você não sabe quem eu sou.

Era verdade, o motorista não sabia.

— Pior é que agora você vai ter que engolir esse dedo a seco — continuou o brasileiro. — Eu estou errado, mas você vai perder o respeito comigo? Perdeu o respeito, é foda. Agora a porrada vai comer.

— Não, não é por aí. Você está certo, então — respondeu o americano, já assustado, mas ainda assim com uma ponta de ironia.

— Não é uma questão de estar certo ou não, seu imbecil. É uma questão de respeito. Não se mostra o dedo assim para quem você não

conhece. Você não sabe quem eu sou.

— Está bem, está certo — disse o outro, finalmente, parecendo agora concordar de verdade.

O brasileiro soltou um último palavrão, deu as costas e voltou para a caminhonete. Ao relembrar o episódio alguns meses depois, na sala de jantar de sua bela casa em Palos Verdes, município vizinho a Torrance, ele garantiu que nunca teve a intenção de bater no outro motorista. Mas seria contra sua natureza voltar para casa sem, de alguma forma, responder a uma ofensa, como aquele dedo médio esticado. Desde pequeno, aprendeu que ninguém da sua família aceita desaforo. Ele acredita que a intimidação pode evitar a violência física, pois, quando feita com veemência, tende a fazer o outro recuar. Como uma maneira de vencer a luta sem levantar a mão. O motorista americano, por exemplo, desistiu antes. Nem quis saber quem ele era. Royce Gracie, o primeiro campeão do torneio Ultimate Fighting Championship (UFC), lenda viva das artes marciais, só relatou esse episódio para explicar como funcionava, há várias gerações, a cabeça de um Gracie numa situação de conflito. Aos 45 anos, ele age com o mesmo ímpeto de quando tinha 18.

Não satisfeito, Royce deu outro exemplo, este envolvendo pessoas que até teriam condições físicas de encará-lo. Em abril de 2010, ele foi ministrar um seminário de jiu-jítsu em Abu Dhabi na mesma semana em que o UFC de número 112 foi levado para a capital dos Emirados Árabes. Convidado pela organização para uma visita promocional, encontrou-se com vários astros do evento, entre eles os brasileiros Anderson Silva, Vitor Belfort e seu primo Renzo Gracie. Depois de um bate-papo amistoso com todos os lutadores, despediu-se cheio de sorrisos. Quando estava deixando o lugar, deu-lhe um estalo na cabeça. Lembrou-se de uma conversa que tivera semanas antes com alguns primos sobre um vídeo que circulava na internet. Durante uma sessão de treinos, Anderson Silva imitava, às gargalhadas, o estilo de vários lutadores famosos: Kimbo Slice, Chuck Liddell, Lyoto Machida, Randy Couture e... o dele mesmo, Royce Gracie. Com bom humor, Anderson repetia o soco, o chute e a maneira como Royce partia para cima do adversário. Na mesma hora, o Gracie voltou e foi em direção a Anderson, que continuava conversando com os

colegas. A expressão e a voz já não tinham mais nada a ver com o Royce simpático de dois minutos antes.

— *Aí, mermão*, que parada é essa de ficar me imitando na internet? Tá tirando onda com a minha cara?

Anderson levou um susto, claro, e procurou acalmar Royce.

— Que é isso, mestre, era só uma brincadeira na hora do treino...

O clima ficou tenso, mas, como Anderson já tinha dado várias declarações respeitosas sobre a família Gracie, Royce aceitou as desculpas. Se considerasse necessário, teria ido além da intimidação. Isso nunca foi problema para alguém criado numa cultura de confronto. Ainda criança, ele era incentivado a lutar com irmãos e primos para ver quem era o melhor. “A briga sempre foi uma coisa natural pra gente. Passamos a vida inteira brigando ou lutando. Demos porrada no mundo, rapaz”, me disse um dos primos de Royce, Robson, 76 anos, hoje o patriarca da família.

Muitos motivos levaram os Gracie a brigar ou a lutar profissionalmente, mas nenhum deles foi maior que o jiu-jítsu, a arte marcial japonesa reinventada pela família. Para eles, quase tão importante quanto aprender e ensinar a luta era provar ao mundo sua superioridade. Numa espécie de cruzada religiosa, procuraram a vida toda os “infiéis” que duvidavam desse dogma. E, para isso, foi indispensável o temperamento desafiador — ou prepotente, na opinião dos críticos —, exemplificado nas duas histórias contadas por Royce. A predisposição para o confronto funcionou como adubo para os primeiros desafios entre artes marciais que os Gracie promoveram na década de 1920. Royce escolheu uma palavra em inglês para definir a saga da família: *quest*. “Vivemos uma busca, uma procura infinita pelos limites do nosso jiu-jítsu. Queremos saber até onde ele funciona. E, para isso, só tem um jeito: entrar num ringue e provar contra os outros”, diz. Assim, os Gracie não só plantaram a semente do vale-tudo — que décadas depois ganharia o pomposo nome de MMA, *mixed martial arts*, ou “artes marciais mistas” em português — como criaram o maior evento desse esporte no planeta. Foi Rorion, o irmão mais velho de Royce, quem formatou o UFC no início da década de 1990.

No entanto, este não é um livro sobre os Gracie. É uma grande e

frequente injustiça dar a eles ou ao jiu-jítsu brasileiro todo o crédito pelo surgimento e pelo desenvolvimento do MMA. A família Gracie foi certamente fundamental, mas contou ainda com a ajuda de vários lutadores de diversas artes marciais. Como no método dialético, baseado na contraposição de ideias, a tal busca citada por Royce só foi viável porque sempre existiu um antagonista: adeptos de capoeira, judô, caratê, boxe, luta livre, muay thai, kickboxing, luta olímpica (wrestling), kung fu e de todas as modalidades que se dispuseram a medir forças não só contra o jiu-jítsu, mas também entre si, movidos por rivalidades e pela necessidade visceral de desafiar. Lutadores amadores, ou apenas fortões com reputação de sujeito valente, formaram uma prolífica geração de atletas profissionais em grandes eventos de MMA no mundo inteiro.

Eles são os responsáveis pelo crescimento do vale-tudo até os anos 1950 e por sua retomada a partir da década de 1980. À beira do século XXI, delimitaram o Rio de Janeiro em áreas de jurisdição de determinado grupo ou arte marcial. Quem ultrapassasse as fronteiras assumia o risco de ser espancado. Marcaram brigas em lugares públicos, à luz do dia, ou a portas fechadas, em boates ou academias. Lutaram por razões variadas: honra, dinheiro, amizade, oportunidade ou, simplesmente, adrenalina. Em geral, são sujeitos corajosos, resistentes, para quem a dor é apenas a fraqueza deixando o corpo. Desde o início do século passado, conviveram com empresários e políticos influentes, circularam com desenvoltura pelo meio artístico, arrastaram multidões sedentas para assistir a uma boa briga. Quase todos ainda estão aí para contar como esse clima de rivalidade entre artes marciais produziu tantos lutadores de MMA. Este livro é sobre esses personagens complexos e fascinantes que estão por trás do esporte que mais cresce no mundo. Mais do que isso, que deram ao Brasil um protagonismo único nos torneios mais importantes: o UFC e o extinto Pride.

Num universo formado por lutadores musculosos e valentões, relatos de brigas, lutas ou invasões de academia são, invariavelmente, ricos em versões diferentes. Quem venceu, quem se acovardou, quem se machucou mais, quem desafiou todo mundo — tudo isso vai depender da turma a que pertence o interlocutor. Este é um mundo em que

ninguém perde sem sair machucado ou sem a interferência mal-intencionada do árbitro e dos jurados. Até hoje, um praticante de jiu-jítsu e outro de luta livre, rivais declarados nos anos 1980 e 1990 no Rio de Janeiro, são capazes de assistir juntos pela televisão a um desafio entre as duas modalidades e enxergar resultados não só diferentes, mas antagônicos. Portanto, quando foi impossível estabelecer a versão definitiva, procuramos dar voz aos personagens dos dois lados, para que relatassem o ocorrido segundo o próprio ponto de vista.

Alguns lutadores optaram por não falar. Procurado para dar um depoimento a este livro, Wallid Ismail, um personagem polêmico e importante na década de 1990 e hoje promotor de MMA, disse que não tinha interesse na entrevista porque, nos Estados Unidos, lhe pagariam dezenas de milhares de dólares para contar sua vida. “Meu amigo, eu sou a história desse esporte”, justificou, sem perder a cara de mau. Outros surpreenderam pelo temperamento tranquilo, como o grandalhão Hugo Duarte. Destemido general da luta livre no auge da guerra contra o jiu-jítsu, ele fala com a serenidade de um monge tibetano. “Na nossa época, o Rio era uma cidade sem lei. O pessoal do jiu-jítsu mandava em tudo, queria monopolizar o mercado das lutas. Nós éramos os únicos que batíamos de frente com eles. E o couro comia mesmo. Hoje é todo mundo igual, e a maior prova disso é que, no MMA, qualquer lutador tem que saber todas as artes”, afirma.

Wallid e Hugo são de uma geração que viveu a transição do amadorismo para o profissionalismo. Pegaram a época em que os lutadores se tratavam como inimigos e o início da realidade atual, em que eles são capazes de deixar o octógono abraçados depois de trocarem socos por quase meia hora. Por mais que ainda sejam rivais, eles cultivam o sentimento de irmandade inerente a uma classe de eleitos, assim como eram os samurais no Japão antigo. Ninguém mais do que eles se aproxima da figura de guerreiros modernos. O MMA de hoje não produz meros desportistas, mas superatletas submetidos a uma rotina absurda de treinamento físico. Quase todos — pelo menos os melhores — mantêm uma vida saudável, com alimentação regrada, longe do álcool, das drogas e de confusões. Acima de tudo, são lutadores completos, mestres em

diversas artes marciais. Foi-se o tempo em que o atleta de vale-tudo era um brigão de rua.

As polêmicas ou discordâncias que podem ser suscitadas por este livro irão somar-se àquelas incontáveis que o vale-tudo/MMA colecionou ao longo de sua história. Foi proibido em diversas épocas e cidades, namorado a marginalidade, foi comparado a uma rinha humana e subsistiu durante muitos anos apenas com as proibições básicas de uma luta honrada: mordidas, dedo no olho e puxão de cabelo. E até essas regras já foram chutadas para longe no calor de um combate. Para muita gente, até hoje, ele sequer pode ser considerado um esporte. Não deixa de ser natural toda essa aversão a uma atividade na qual sangrar é tão normal quanto suar (alguns atletas chamam o sangue de “suor vermelho”). É inútil negar a violência contida numa luta de MMA. É raríssimo que uma edição do UFC termine sem que pelo menos um lutador tenha de receber atendimento hospitalar antes de voltar para casa. Embora até hoje só se tenham registrado duas mortes por conta de lesões sofridas durante um combate, a variedade de golpes traumáticos põe em risco, sim, a integridade física dos lutadores. Mas também é verdade que o nível de segurança hoje é bastante aceitável — e não para de crescer.

Há alguns anos, em seus principais eventos, esse é um esporte regulamentado, com exames periódicos, medicina especializada, testes antidoping e, o mais importante, regras bem claras. O UFC possui hoje 31 proibições que ajudam a reduzir o risco de lesões sérias. Por isso, seus defensores reclamam tanto quando o MMA é chamado de vale-tudo ou, nos Estados Unidos, vem acompanhado da expressão *no-holds-barred* (algo como “sem regras de conduta”). “Frente ao que eu já vi, o MMA hoje está uma Disneylândia, mas ainda é um esporte que comporta um risco calculado. As maiores ameaças são os traumas de crânio e de coluna cervical”, afirma o médico da Confederação Brasileira de Lutas Associadas José Alfredo Padilha. O UFC se vangloria de, em 17 anos e cerca de 1.700 lutas, a lesão mais séria em um evento ter sido um braço quebrado. É difícil estabelecer um ranking, mas esportes como boxe, rúgbi e futebol americano também têm riscos semelhantes. A diferença é que o rosto de seus atletas não costuma ficar tão feio quando eles voltam para casa.

O aumento da segurança é apenas um dos upgrades do MMA trazidos pela atual administração do UFC. O carismático Dana White, um ex-lutador de boxe medíocre, e os milionários irmãos Fertitta, donos de cassinos em Las Vegas, talvez sejam os não brasileiros mais importantes dessa história toda. Assumiram um evento maldito, dependente de liminares na justiça para acontecer, e o transformaram em um show mainstream, frequentado por celebridades. Além de regulamentarem o esporte nos Estados Unidos (à exceção de cinco estados), conseguiram entender o que o público quer ver e consumir. Contrataram os melhores lutadores de artes marciais mistas do mundo e transformaram os embates entre eles em entretenimento de massa. Produzem cerca de trinta eventos ao vivo por ano e expõem sua marca em produtos de ginástica, roupas, videogames, bonecos, DVDs, cartão de crédito, livros e revistas. Compraram um torneio decadente por US\$2 milhões e hoje não o vendem por menos de US\$1,3 bilhão, valor estimado da marca UFC em 2009, segundo a revista de negócios *Forbes*. Em entrevista dada ao jornal americano *USA Today* em 2011, Mike Ozanian, editor-executivo da revista, estimou que o evento fatura anualmente algo em torno de US\$300 milhões. Uma enquete promovida pela empresa de marketing esportivo Turnkey Sports, que ouviu 110 executivos americanos, apontou o UFC como a marca esportiva mais valiosa dos Estados Unidos, à frente da NFL (futebol americano) e da NBA (basquete), por exemplo. Seus eventos chegam pela televisão a seiscentos milhões de lares em 145 países e em 22 idiomas. Muitos leigos chegam a pensar que o esporte se chama UFC, e não MMA, assim como lâmina de barbear virou gilete e fotocópia, xerox.

Contemporâneo da internet, o UFC sabe usá-la como ferramenta de promoção melhor que qualquer outra liga esportiva do planeta. Talvez seja a única do mundo cuja história (quase) completa esteja registrada em vídeo na grande rede. Pense numa luta de dez, 15 anos atrás, e é enorme a chance de estar lá, pronta para ser revista no YouTube. “É na internet, nas mídias sociais, que vive a nossa base de fãs”, conta Dana White. Ele mesmo, o presidente do UFC, pode ser acompanhado todos os dias em texto, pelo Twitter, ou em vídeo, por um canal particular do

YouTube. E tem muitos seguidores, mais do que qualquer lutador, seja para elogiá-lo ou destrotá-lo. Assim como a internet, o UFC é um espelho da globalização. “Somos um esporte global com ídolos globais. Anderson Silva e [o canadense] George Saint-Pierre têm torcedores no mundo inteiro. Eu já lotei o [estádio] Staples Center, de Los Angeles, com um duelo entre dois brasileiros”, conta Dana White, numa referência ao UFC 104, cuja luta principal foi entre o baiano Lyoto Machida e o paranaense Mauricio Shogun. Em fevereiro de 2012, o UFC tinha 329 lutadores de 27 países diferentes. A grande maioria (206), no entanto, era de americanos. Os brasileiros estavam em segundo (44), à frente dos canadenses e dos ingleses, ambos com 18 atletas. O Japão vinha com oito, e, a partir daí, nenhum país tinha mais de cinco representantes. Dana gosta de lembrar que a maior parte de seus atletas tem formação universitária, incluindo psicólogos, professores, policiais e até chef de cozinha.

O maior trunfo do MMA está concentrado no que ele tem de mais simples. É o esporte que mais se aproxima de uma briga real. Dois caras dentro de uma jaula sem armas, com o mínimo de equipamentos. Está acima de barreiras culturais e linguísticas. Seus defensores gostam de usar um exemplo: citam uma partida de futebol, o esporte mais popular do planeta. Não uma partida qualquer, mas a final da Copa do Mundo. Se no meio do jogo estoura uma briga na arquibancada, todo mundo tira os olhos do campo e se vira para olhar. O interesse é instintivo. “No MMA, existe uma equipe imensa de profissionais que preparam o lutador. Mas, na hora em que fecham a porta do octógono, ele está sozinho. Tudo depende dele. Se vence, é um êxtase indescritível. Se perde, o mundo acaba. Eu fico uma semana sem dormir”, afirma o brasileiro Pedro Rizzo, que disputou o cinturão do UFC três vezes.

O MMA é mesmo um esporte de emoções extremas, que remete aos nossos instintos mais primários. O sujeito pode gostar ou não; difícil é ficar indiferente. Sua história também é assim. Está repleta de personagens impressionantes, com celebridades, milionários poderosos e até presidentes da República. Tem também ação, reviravoltas, dramas pessoais, traições e inveja. Em alguns momentos lembra um daqueles

dramas hollywoodianos sobre superação, mas, felizmente, essa é uma história brasileira. Originalmente brasileira.



A caminho do octógono, Anderson Silva anda como se estivesse pulando uma corda imaginária. Cercado por treinadores e seguranças, deixa-se conduzir pela agitação dos fãs que tentam encostar nele. Um deles lhe arranca o boné com violência, mas Anderson reage com indiferença, como se uma mosca tivesse pousado em sua reluzente cabeça raspada. Ele inclina o pescoço de leve para o lado; o corpo se agita no ritmo de “Ain’t No Sunshine”, do rapper DMX, a música que adotou nas suas entradas triunfais na arena. Guiadas pelos canhões de luzes coloridas, as câmeras que passeiam pelo público jogam nos seis telões imagens de jovens eufóricos, mulheres bonitas e senhores bem-vestidos, até parar de novo em Anderson. O olhar dele é de quem está em transe — um transe diferente, em que consegue reconhecer a idolatria ao seu redor e ao mesmo tempo ignorá-la. Ninguém entra assim, num ginásio lotado, sem parecer arrogante, mas a arrogância sempre caiu muito bem nos grandes lutadores. A única pessoa capaz de detê-lo é o árbitro, que vai passar vaselina sobre o seu rosto, para deixá-lo mais escorregadio e minimizar o impacto dos golpes. Como se alguém tivesse estalado os dedos, Anderson desperta do transe. Ele se agacha e sobe as escadas do octógono usando as mãos e os pés, com braços e pernas bem estendidos, imitando o andar de uma aranha. Então, o teatro chega ao fim.

Quando pisa no octógono, por volta de 23h30, Anderson “Spider” Silva já é um atleta de elite, o melhor da história do seu esporte, a poucos minutos da luta mais importante de sua vida. Não é a mais difícil, a mais esperada ou a mais polêmica, mas é aquela que pode redesenhar o futuro do MMA em seu país. Pela primeira vez desde que se tornou um *case* bem-sucedido nos Estados Unidos, o Ultimate Fighting Championship aterrissa no Brasil. Trata-se do UFC Rio, o de número 134. Chegou com atraso, se considerado o protagonismo dos brasileiros no cartel de lutadores e na história do esporte, mas deixando claro que deseja recuperar o tempo perdido. Foram necessários apenas 74 minutos de venda pela internet para que os 15 mil ingressos se esgotassem. Ninguém

pagou menos que R\$275 para estar ali, na HSBC Arena, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Houve quem pagasse R\$1.600, valor equivalente ao de uma final de Copa do Mundo, mas muito pouco se comparado aos R\$4 mil que os cambistas pediam do lado de fora. Um em cada quatro bilhetes foi vendido para uma mulher.

Enquanto se aquece dando voltas pelo octógono, Anderson não se dá conta da excitação que também provoca numa plateia selecionada. A começar por seus antecessores Royce e Rickson Gracie, que um dia também carregaram a imagem de super-heróis da pancada. Na terceira fila dos convidados VIPs do UFC está o ministro do Supremo Tribunal Federal Luiz Fux, faixa preta de jiu-jítsu. Herdeira de um império construído pelo avô Aristóteles, a francesa Athina Onassis come pipoca ao lado do marido, o cavaleiro Álvaro de Miranda. O empresário Eike Batista, o oitavo homem mais rico do mundo, conta ao senador Aécio Neves que adentra a madrugada assistindo às lutas de MMA pela televisão, enquanto o apresentador de TV Luciano Huck o interrompe com opiniões sobre o estilo dos atletas mais famosos. Sentados à frente do lutador Lyoto Machida, ex-campeão do UFC, Ronaldo Fenômeno e o então presidente do Corinthians, Andrés Sánchez, não tiram o sorriso do rosto. Ambos estão ali a negócios: a empresa do ex-craque é responsável pelos direitos de imagem de Anderson, patrocinado pelo clube paulista. O publicitário Nizan Guanaes também olha para tudo como uma grande oportunidade de negócios. O capitão do penta, Cafu, confessa sua ignorância sobre o assunto, mas se mostra fascinado: “Parece um show de rock.” Atores famosos como Murilo Benício, Alinne Moraes e Marcelo Serrado transitam muito bem entre os papéis de tietes e tietados: bebem, comem, atendem a pedidos de fotos e de autógrafos e se esgoelam para ovacionar os lutadores. Vem do boxe americano a tradição de fazer das grandes lutas um evento social com a presença de celebridades.

Anderson teria visto tudo isso se, a essa hora, não estivesse buscando os olhos de seu adversário. As tradicionais encaradas antes das lutas nunca foram, para ele, jogo de cena. Servem para medir a temperatura do que vem pela frente. Aprendeu isso com o tio Benedito, que desempenhou o papel de pai desde que ele tinha quatro anos. Na infância, quando fazia

besteira nas ruas de Curitiba, tio Benê lançava-lhe um olhar que valia por muitas palmadas. Já o olhar de Yushin Okami, rival de Anderson, tem a serenidade dos orientais. Ele é apresentado como o melhor do Japão na atualidade. Não é esse, porém, seu maior cartão de visitas. Ele foi o último a derrotar Anderson Silva, numa polêmica luta em 2006, quando o brasileiro foi desclassificado por um golpe ilegal (deu um chute no queixo quando o japonês mantinha os dois joelhos no chão). Desde que Okami foi escolhido como seu adversário, muitos jornalistas perguntaram a Anderson sobre esse episódio. Alguns ainda ressaltaram que, de suas quatro derrotas na carreira, três foram para japoneses. Raros foram os que lembraram que a rivalidade entre Brasil e Japão nas artes marciais é responsável direta pelo crescimento do esporte que veio a desembocar nesse fenômeno chamado UFC. Por isso, quando Anderson se curva para frente, um sinal de respeito característico dos japoneses, e se aproxima para tentar o primeiro golpe em Okami, é como se ele estivesse puxando a ponta de um novelo que começou a ser enrolado no início da década de 1950.

Em 1951, a seleção japonesa de judô fez uma excursão pela América do Sul com o objetivo de divulgar o esporte. Além de pleitear sua inclusão no programa dos Jogos Olímpicos, os japoneses queriam consolidar o nome “judô” como a verdadeira luta da terra dos samurais. Em vários lugares do mundo, essa arte marcial ainda era confundida com o jiu-jítsu.

Fundador da primeira escola de judô do mundo, a Kodokan, o japonês Jigoro Kano (1860-1938) aprendera primeiro uma luta milenar chamada jujutsu (“ju” significa “suave ou flexível”, e “jutsu”, “arte”), usada por monges e soldados orientais em situações de combate. “Os galhos rígidos quebram diante do vento forte. Só os galhos flexíveis resistem”, professavam os mestres japoneses. O jujutsu ensinava técnicas de queda e privilegiava a luta no chão. No fim do século XIX, Jigoro Kano desenvolveu técnicas novas para derrubar o oponente, ou, em suas palavras, de “quebra da postura vertical do adversário”, e as aplicou na Kodokan.

Para diferenciar o jujutsu que aprendeu na juventude do jujutsu modificado, chamou este último de judô (ou “caminho suave/flexível”).

“Isso também aconteceu porque o jujutsu andava com o nome queimado no Japão, pois vinha sendo usado para atacar, e não para defender”, explica o professor de jiu-jítsu Pedro Valente, filho do cirurgião plástico homônimo e um dos maiores estudiosos brasileiros de artes marciais. A adaptação desenvolvida por Kano viria acompanhada de uma filosofia esportiva, o que significava desvalorizar os golpes mais violentos do jujutsu (ou do jiu-jítsu, como passou a ser chamado mais tarde). Na prática, no entanto, era quase impossível diferenciar jiu-jítsu e judô nas aulas ministradas por ele.

Quando Mitsuyo Maeda, um discípulo de Kano, decidiu viajar pelo mundo no início do século XX, ensinando o que aprendera na Kodokan, ele preferiu manter o termo original jiu-jítsu. Não era apenas uma questão semântica: ele defendia o ensino das técnicas de combate do jujutsu, e não apenas da versão esportiva desenvolvida por Kano.

Maeda passou pela Europa, Estados Unidos e outros países da América Latina antes de desembarcar no Brasil, em 1914, via Porto Alegre, segundo o pesquisador amazonense Rildo Heros. O japonês subiu o país até chegar a Belém, a cidade mais desenvolvida da região amazônica, graças ao ciclo da borracha. A essa altura, ele cobrava por suas exibições, contrariando as regras da Kodokan. Na capital paraense, onde decidiu se estabelecer, Maeda fazia demonstrações de jiu-jítsu nas praças, nos teatros e em pequenos circos, normalmente usando como cobaia homens muito maiores que ele. O público ficava maravilhado ao ver aquele japonês esmirrado prendendo o braço ou estrangulando os homens mais fortes da cidade, em geral levantadores de peso ou conhecidos brigões de rua. Os shows de Maeda, que usava o nome artístico Conde Koma, chamaram a atenção de um negociante, Gastão Gracie, um carioca de origem escocesa. Ex-diplomata, ele largara no meio uma viagem de navio do Rio de Janeiro rumo a alguns países da América Central quando conheceu, em Belém, a cearense Cesalina Pessoa de Queiroz, com quem se casou. Sempre atento a oportunidades de negócios, Gastão pensou em se associar a Maeda num circo que rodaria a Amazônia. Ao mesmo tempo, viu na luta do japonês uma forma de domesticar a agressividade do primogênito, Carlos, de 15 anos. Foi esse

encontro entre Carlos e Conde Koma, em 1917, que impediu que o jiu-jítsu original japonês — mais eficiente como luta de combate do que o judô — fosse enterrado pela Kodokan. Koma ainda voltaria ao Japão e receberia o perdão de Kano, que o graduou com o 7º Dan para ajudá-lo a divulgar seu judô, mas a semente do jiu-jítsu já crescia do outro lado do mundo.

Em três anos de aulas e exibições artísticas, Carlos se dedicou tanto ao aprendizado do jiu-jítsu que se tornou professor dos irmãos mais novos: Oswaldo, Gastão Filho, George e Hélio. Quando a família voltou ao Rio de Janeiro, a capital federal, em 1921, todos já tinham experimentado os benefícios da arte japonesa. Carlos foi o primeiro brasileiro a entender que o jiu-jítsu era a única luta que permitia ao menor vencer o maior, ou, como os Gracie diziam, ao Davi vencer o Golias. “O jiu-jítsu foi feito para quem é fraco, para quem precisa se defender na rua. Quem vai querer dar um chute na bunda de um halterofilista?”, indagava. Mais tarde, encontrou no irmão mais novo o discípulo ideal para continuar o trabalho de “abrasileiramento” da arte marcial. Com Carlos, Hélio aperfeiçoou de tal maneira as técnicas de defesa que permitiu ao lutador que estivesse por baixo (na chamada posição de guarda) neutralizar a vantagem do lutador que estava por cima. Ele chamava isso de “cozinhar a luta” até o primeiro momento de desatenção do adversário. “A defesa depende de você; o ataque depende do erro do outro”, dizia.

“Todos os golpes que existem hoje — chave de braço, estrangulamento, mata-leão, raspagem, triângulo e guilhotina — você encontra nos livros japoneses antigos. A única coisa que não consegui encontrar foi essa capacidade de defesa em que o mais fraco consegue ficar embaixo do mais forte sem ser espancado”, diz o professor Pedro Valente. Quando Royce, filho de Hélio, disputou o primeiro UFC em 1993, os americanos ainda não entendiam como ele podia vencer a luta embaixo de um adversário vinte quilos mais pesado sem levar um soco. Com o pai, Royce aprendeu a usar a força do adversário a seu favor. Levantar um carro com as mãos é muito difícil, mas, se você usa um macaco, ele fica bem mais leve. O princípio da alavanca, a base do jiu-jítsu, revolucionou o mundo das artes marciais.

Por tudo isso, os irmãos Carlos e Hélio enxergaram na visita da seleção japonesa de judô, em 1951, a oportunidade histórica de confrontar o jiu-jítsu original com aquele que eles tinham aperfeiçoado. Carlos já havia enfrentado outro discípulo direto de Jigoro Kano anos antes, em São Paulo. Empatou duas vezes com Geo Omori, e os combates tiveram pouca cobertura da imprensa. Agora seria diferente. Dotado de um espetacular senso de oportunidade, ele começou a espalhar pelos jornais que os japoneses estavam demonstrando no Brasil uma arte marcial incompleta, concentrada nas técnicas de desequilíbrio. Pelo raciocínio dos Gracie, o judô era apenas um pedaço do jiu-jítsu, o pedaço que o Japão exportava porque queria manter o monopólio da luta mais eficiente do mundo. Estaria tentando implantar à força o judô em outros países — e o pior, um judô esportivo, com contagem de pontos e limite de tempo, o que contrariava seu sentido original, usado em situações de combate. Ensinar jiu-jítsu para estrangeiros seria um crime de lesa-pátria, e, por isso, o Conde Koma fora defenestrado da história oficial do judô no Japão por quase uma década. Mas os orientais não imaginavam que, no Brasil, Koma tivesse encontrado alguém disposto a manter viva — e até a aperfeiçoar — a arte original dos samurais. Embora contestados por muita gente, eram argumentos inteligentes e atraentes, capazes de chamar a atenção da imprensa e dos judocas japoneses, que aceitaram o desafio.

“O Japão jogará no Brasil o prestígio de seu jiu-jítsu” foi a manchete esportiva do *Diário da Noite* de 3 de setembro de 1951. Três dias depois, o Maracanã receberia a luta entre Hélio e Jukio Kato, o número três do judô japonês. Um tatame foi montado atrás de uma das balizas, e um terço das arquibancadas ficou disponível para o público, o suficiente para abrigar cerca de quarenta mil espectadores. Valeriam golpes do judô e do jiu-jítsu. A luta só terminaria antes do tempo regulamentar em caso de desistência ou de perda de sentidos de um dos lutadores. Hélio começou sofrendo uma queda espetacular, mas no chão pôde equilibrar as ações e até mostrar-se superior na maior parte da luta, que terminou empatada depois de três rounds de dez minutos. “Kato só não foi derrotado graças ao recurso de levar o antagonista para fora do tablado, o que lhe valeu ser vaiado pela assistência. De qualquer maneira, Hélio Gracie foi o senhor do

combate, recebendo verdadeira consagração”, noticiou *O Globo* em sua primeira página, ao lado de uma foto em que Hélio se protegia de um golpe do adversário. Uma revanche foi marcada para o estádio do Pacaembu, em São Paulo, no mesmo mês. A luta se arrastava para outro empate quando Hélio conseguiu encaixar um estrangulamento perfeito. Com o rosto vermelho, Kato não dava sinais de que bateria (três batidas leves no chão ou no corpo do adversário significam desistência).

— Ele vai dormir, ele vai dormir! — alertou Hélio para o árbitro, Mário Botelho.

Dormir, nesse caso, significa desmaiar por alguns segundos. A pressão no pescoço obstrui a passagem de sangue pelas artérias carótidas e, por consequência, falta oxigênio ao cérebro. Soa como algo grave, mas não provoca dor nem danos posteriores se a pressão no pescoço for interrompida em poucos segundos. É um pequeno apagão, que pode ser evitado se o lutador estrangulado bater antes. Kato recusou-se a desistir e acabou desacordado. O corpo inerte do japonês caindo sobre o tatame foi a imagem mais emblemática de uma vitória espetacular do jiu-jítsu brasileiro sobre o japonês. Mas Hélio ainda teria que passar pelo campeão mundial Masahiko Kimura, de 98 quilos, talvez o mais cultuado judoca de todos os tempos. Quase trinta quilos mais pesado que o brasileiro, ele estava invicto desde que começara a lutar, 16 anos antes. Ali mesmo, no tatame montado no Pacaembu, poucos minutos depois de derrotar Kato, Hélio selou o desafio com Kimura com um cumprimento ocidental. A mão do brasileiro quase sumiu dentro daquele do gigante japonês.

Desde a derrota para Okami, em 2006, Anderson Silva venceu as 13 lutas que disputou no UFC, e em nove delas pôs em jogo o cinturão dos pesos médios. Um recorde de invencibilidade. Nos eventos que badalaram o UFC Rio em agosto de 2011 — incluindo um treino aberto na praia de Copacabana e uma visita à favela do Cantagalo —, ele foi tratado pelo presidente do torneio, Dana White, como o maior lutador da história, ou

o Pelé das artes marciais. Ovacionado como um ídolo do futebol na HSBC Arena, não seria estranho se Anderson tivesse se lembrado então da última vez em que lutara no Brasil, oito anos antes. Um evento modesto em Vitória da Conquista, interior da Bahia. Desiludido, pensava em abandonar o esporte para abrir um lava-jato com o dinheiro que ganhara até ali em lutas no Japão. Isso foi até receber a mão amiga do lutador Rodrigo “Minotauro” Nogueira, que lhe deu o ânimo e os contatos necessários para arrumar novas lutas em grandes eventos.

Impassível na hora da própria luta, Anderson se emocionara mais cedo, quando Minotauro subiu ao octógono pela categoria pesos pesados. Seu adversário era a promessa Brendan Schaub, um ex-jogador de futebol americano. Do vestiário, Anderson assistiu, nervoso, à luta pela televisão. Ele sabia que o resultado decidiria o futuro do amigo, um dos maiores nomes do MMA mundial. Submetido a três cirurgias no período de um ano — uma no joelho e duas no quadril —, Minotauro mal conseguia andar seis meses antes. Aos 35 anos, depois de um ano e meio parado, precisava ganhar para não ter a carreira encerrada no UFC. Ou provava que ainda poderia lutar em alto nível, ou o contrato seria rompido unilateralmente. Como se não fosse pressão suficiente, Minotauro ainda lutava pela primeira vez no Brasil. Da mesma maneira que, hoje, brasileiros vão jogar no futebol europeu antes de atingirem a maioridade, ele tinha se estabelecido profissionalmente nos Estados Unidos. “De tão nervoso, nem consegui olhar para fora. Só quando acabou a luta me dei conta de que o barulho era ensurdecedor”, contou Minotauro a um grupo de jornalistas depois do combate.

Ele começou se movendo lentamente, mais do que o normal, enquanto Schaub parecia ligado na tomada. O brasileiro levou dois ganchos de direita, enquanto colava o adversário na grade. Ninguém entendia por que ele insistia em lutar boxe em vez de levar o combate para o chão, sua especialidade. Quando todo o ginásio temia o soco fatal, foi Minotauro quem encontrou uma brecha para colar a mão direita no rosto do americano. Antes de cair, a um minuto do fim do primeiro round, Schaub ainda levou uma saraivada de socos. Uma sequência que valeu ao brasileiro um bônus de US\$100 mil pelo melhor nocaute da

noite.

Era uma vitória muito menos esperada que a de Anderson, que já tinha acertado sua participação no *Domingão do Faustão*, da TV Globo, no dia seguinte. Ele sabia que só dependia de si. Sempre foi assim, desde que começou a lutar tae kwon do, aos oito anos, em Curitiba. Como a família não tinha condições de pagar pelas aulas, combinou com o mestre Kang que treinaria em troca de uma faxina semanal na academia. Faxina de criança, é claro, mas o coreano topou. Além da facilidade para aprender, impressionava pela curiosidade por outras artes marciais. Quando via alguém dando um golpe interessante de judô, por exemplo, queria aprender na hora. Na juventude, enquanto trabalhava como atendente do McDonald's, disputou campeonatos amadores. Do tae kwon do, pulou para o muay thai, também chamado no Brasil de boxe tailandês, uma arte baseada no quadrinômio chute-soco-joelhada-cotovelada. Essa é sua grande especialidade, mas depois ele se tornou também faixa preta de tae kwon do e jiu-jítsu.

No momento em que Anderson começou a lutar, a Rede TV!, que transmitia o *card* principal, ou seja, as lutas mais importantes, liderou a audiência na TV aberta pela primeira vez na história, com pico de 13 pontos, ou 754 mil domicílios só na Grande São Paulo, segundo o Ibope. O primeiro round não deixou de ser um anticlímax. O brasileiro passou a maior parte do tempo rodando pelo octógono, esperando as investidas de Okami para reagir. Era o momento para estudar o adversário, mas quem consegue explicar isso a um público sedento por combate? Os dois chegaram a ficar mais de um minuto em pé, colados na cerca, sem que nada de emocionante acontecesse. Quando Anderson acertou o seu melhor golpe — um chute que explodiu no pescoço de Okami —, não havia mais tempo para continuar. O primeiro round tinha acabado. No segundo, Anderson saiu do “modo de espera” e apertou o acelerador. Enfim, aparecia o lutador que sabe ser agressivo sem perder a elegância.

Com movimentos rápidos dos braços e das pernas, Anderson começou a confundir Okami, atingindo-o por cima e por baixo com a velocidade e a precisão de uma cobra. Com um jab de esquerda, o japonês caiu pela primeira vez, mas o brasileiro se recusou a finalizar a

luta. Preferiu deixar Okami se levantar, talvez ciente de que o público pagara caro por um show mais demorado. A partir daí, lutou de guarda baixa o tempo inteiro, emendando num gingado que quase parecia dança. Para muitos, um sinal de desrespeito com o adversário, mas, para Anderson, apenas a maneira mais bonita de se ganhar uma luta. Convencido de sua superioridade, alternava os golpes sem se preocupar com os contragolpes. Já assustado, Okami caiu pela segunda vez com um gancho de direita. Dessa vez, Anderson se agachou para completar o nocaute com uma sequência de socos e cotoveladas só interrompida pela intervenção do árbitro. De braços levantados, o Spider comemorou a oitava vitória brasileira da noite, enquanto o telão mostrava Ronaldo Fenômeno pulando de alegria. Anderson estava US\$1,05 milhão mais rico: US\$350 mil pela luta, US\$350 mil pela vitória e US\$350 mil pelo espetáculo, um bônus concedido por Dana White. “Faço eventos há mais de dez anos e nunca vi uma torcida tão barulhenta quanto essa”, elogiou o presidente do UFC, prometendo uma sequência de eventos no Brasil nos próximos anos. O sucesso do UFC Rio só foi dimensionado de verdade dois meses depois. Maior emissora do país, a TV Globo venceu uma queda de braço com a Rede TV! e a Record e anunciou a compra dos direitos de transmissão do evento.

Sob esse aspecto simplista que rege os esportes de competição — o resultado final —, a luta de Hélio contra Kimura, muitos anos antes, não foi tão bem-sucedida quanto a de Anderson. Mas a comoção que o desafio entre o Ocidente e o Oriente causou permite dizer que foi a mais significativa para o desenvolvimento das artes marciais no Brasil. Não precisou de internet, televisão ou de uma liga milionária de lutadores para mobilizar brasileiros e japoneses. O palco foi novamente o Maracanã. O presidente da República Getúlio Vargas enviou seu vice, João Fernandes Café Filho, para representar o Governo. Não é exagero dizer que, nesse período, Hélio Gracie foi tratado como um verdadeiro herói nacional, o guerreiro solitário capaz de resgatar o orgulho verde-amarelo no mesmo lugar onde, apenas 15 meses antes, ocorrera a maior tragédia esportiva da nossa história: a derrota na final da Copa do Mundo de futebol. Atrás da trave onde Gigghia marcou o gol da vitória uruguaia, montou-se um

tatame, que logo ficou cercado por dezenas de jornalistas. Nas arquibancadas, vinte mil pessoas — o máximo permitido.

Quando apareceu no gramado, Kimura foi recebido com ovos. Num gesto típico do bom humor da torcida brasileira, um caixão de madeira foi levado à arquibancada, representando o destino do japonês. Em sua autobiografia, Kimura conta que teve um acesso de riso quando viu o caixão. Ele não tinha a menor dúvida de que venceria Hélio Gracie. A questão era saber em quanto tempo. Aos jornais brasileiros e japoneses, disse que o juiz era dispensável porque a luta não duraria mais de três minutos. Vinte e oito quilos mais leve que o adversário, Hélio sabia que o empate, embora improvável, seria uma grande vitória, mesmo porque o adversário conhecia bem a luta no chão. Mas não deixou de desdenhar do judô praticado por Kimura. “Não acredito que a mim ele poria fora de combate somente com quedas, porque tenho elementos para amortecê-las. Não tenho dúvidas de que Kimura pode cumprir com o que diz: vencer-me facilmente. Mas devo declarar que, para isso, terá que vencer-me com o jiu-jítsu por nós praticado, isto é, no tapete. Em caso contrário, poderá encontrar mais dificuldades do que supõe”, disse ao jornal *O Globo* na véspera da luta.

Com menos de dez segundos, Kimura derrubou Hélio Gracie, que bateu com as costas no tatame: um ippon nas regras do judô, suficiente para encerrar o combate. Mas para o brasileiro a luta só estava começando. No chão, ele poderia mostrar as técnicas de defesa desenvolvidas com o irmão Carlos. Trechos do combate, encontrados facilmente na internet, mostram o japonês montado sobre Hélio quase o tempo todo, tentando encaixar o golpe final. Eles só se levantaram quando o primeiro round, de dez minutos, chegou ao fim. O brasileiro estava cansado e com a orelha sangrando, mas sorridente. Sabia que deixara o japonês irritado, por ter conseguido se desvencilhar de todas as investidas dele. No segundo round, Hélio sofreu outra queda, e, dessa vez, o peso de Kimura sobre seus pulmões o levou a perder os sentidos por alguns segundos. Por sorte, ninguém notou. Pouco depois, já consciente, sentiu a mão direita do adversário puxando seu punho esquerdo. O japonês aplicou-lhe uma chave de braço originalmente chamada ude-

garami, mais tarde rebatizada como kimura — e assim ela é conhecida hoje no MMA. Embora sentisse que o braço estava na iminência de quebrar, Hélio não desistia. Em silêncio, o Maracanã acompanhava os últimos instantes do combate.

“O braço esquerdo dele estava inerte. De acordo com as regras, eu não tinha nada a fazer além de torcer o braço dele de novo. Mesmo assim, ele não desistiu. Esse homem tem um coração de lutador”, escreveu Kimura em sua autobiografia.

Depois de 13 minutos, dez a mais que a previsão de Kimura, Carlos desistiu pelo irmão, invadindo o tatame e dando três tapas no chão. Entre salvar o braço de Hélio e manter a máxima de que “um Gracie nunca bate”, ou seja, nunca desiste, ficou com a primeira opção. “Tive que fazer isso porque conheço meu irmão e sabia que era capaz de ficar com o braço partido”, disse Carlos. Talvez já soubesse que o heroísmo de Hélio e a eficiência do jiu-jítsu brasileiro estavam comprovados. Ficou claro que Kimura precisou se impor na força. No alto da primeira página da edição do dia seguinte, o jornal *O Globo* publicou a foto do momento em que Kimura encaixa a decisiva chave de braço. A reportagem, no entanto, apresentava um tom quase ufanista: “(Hélio) não fugiu ao combate e resistiu mais do que se acreditava diante da força e experiência do nipônico.” “Moralmente, vitória de Hélio Gracie”, concordava a manchete do jornal *A Noite*. “Creio que a minha luta com Kimura terá uma importância muito maior do que a simples questão de ganhar ou perder. Porque poderá influir de forma decisiva no futuro do jiu-jítsu brasileiro. Agora que estou vencido, posso assegurar que a técnica do jiu-jítsu por mim praticado em nada é inferior ao do grande campeão nipônico”, afirmou Hélio, no dia seguinte à luta, ainda com o braço esquerdo dolorido. Ele não disse, mas a vitória de Kimura também fazia uma ressalva à velha teoria dos Gracie até então: o Davi pode vencer o Golias, sim, mas desde que ele tenha mais conhecimento de jiu-jítsu. Quando existe um equilíbrio no domínio da técnica, o mais forte sempre vai levar vantagem.

Com o fim de uma invencibilidade de 13 anos, Hélio anunciou a aposentadoria — decisão que seria revista quatro anos depois, mas só por

causa de uma desavença pessoal com um ex-sparring. Como lutador, considerava sua missão cumprida, aos 38 anos. Como defensor da bandeira do jiu-jítsu brasileiro, ainda teria muito trabalho pela frente. O judô dos japoneses foi o inimigo mais emblemático, mas não o único, ao longo da história. Até a época em que o inimigo deixou de ser outra modalidade de luta para passar a ser o lutador, como no MMA de hoje.



Naquela quarta-feira, faltavam apenas dois dias para Robson ser transferido. E ele sabia que sua nova morada provavelmente seria ainda menos confortável do que o Pavilhão de Investigações Criminais, que funcionava no quartel da Polícia do Exército, no bairro carioca da Tijuca. Poderia ser até executado, por não estar colaborando com as investigações. Na sola do sapato, tinha deixado o seu epitáfio: “Carlos Robson Gracie — injustamente assassinado pela Primeira Companhia do Exército.” Mas um visitante inesperado mudaria seu destino.

— Ei, é você mesmo, Robson?

Por causa da escuridão no corredor, Robson demorou a reconhecer o senhor fardado, parado, em frente à sua cela. Era o general Sylvio Frota, então chefe da Primeira Região Militar do Rio de Janeiro, figura importante do governo do presidente da época, Emílio Garrastazu Médici.

— Sou eu mesmo, general.

Barbado, exaurido física e emocionalmente, o próprio Robson tinha de se convencer de que estava falando a verdade. Ele já tinha perdido a conta, mas era o seu 66º dia ali. Além dos tradicionais choques elétricos, as sessões de tortura incluíam a temida geladeira, um tubo forrado onde o prisioneiro ficava amarrado. Lá dentro, sob um barulho insuportável de furadeira, a temperatura subia até quarenta graus Celsius e depois ia a trinta graus abaixo de zero.

— O que você está fazendo aqui? Ainda é por causa daquilo?

Robson sabia muito bem o que era “aquilo”. Depois do golpe militar de 1964, ele levava armas até o Uruguai, onde o exilado Leonel Brizola, ex-deputado federal e ex-governador do Rio Grande do Sul, planejava o retorno ao Brasil.

— Não, isso é passado, general. É outra coisa.

Robson estava ali por ter colaborado, em 1971, com Paulo César Botelho Massa, integrante da Aliança Libertadora Nacional (ALN), um dos mais ativos grupos de guerrilha urbana do Brasil da época. Paulo queria

que Robson guardasse em casa um saco de joias que ele havia “expropriado” (ou seja, roubado, no jargão dos guerrilheiros) em São Paulo. Robson nunca foi propriamente da luta armada, tampouco tinha convicções políticas consistentes, mas, graças a seu temperamento belicoso, gostava de se envolver com militantes da esquerda. Por isso, aceitou o pedido de Paulo César. Além de guardar as joias em seu apartamento, ajudou a trocá-las por armas no morro do Pavão-Pavãozinho, em Ipanema. Denunciado, Robson foi preso dentro de seu apartamento, na rua Siqueira Campos, em Copacabana. Ele estava acompanhado da mulher Vera, do irmão Rolls e dos filhos Ralf, Flávia e Renzo. Talvez por isso nem tenha pensado em reagir, como faria normalmente um Gracie. Quando Vera abriu a porta e os policiais entraram, seus músculos se contraíram. Os agentes do DOI-Codi, o órgão de repressão do governo militar, vestiam terno e carregavam metralhadoras. Na hora de sair, talvez se dando conta de que não tinha levado algemas, um dos policiais pegou a faixa amarela do quimono de Renzo e a amarrou em volta dos braços de Robson. Rolls também foi levado, mas deixou a prisão no mesmo dia.

— É outra coisa, general — repetiu.

Enquanto falava, ele percebeu que os militares que acompanhavam Sylvio Frota estavam inquietos. Eram de patente mais baixa, mas pareciam desafiar o general. Ainda assim, quando Frota foi embora, Robson tinha ganhado uma esperança de sair dali. Mesmo sabendo que estava diante de um dos mais conhecidos representantes da linha-dura da ditadura militar, ele se lembrava do carinho e do respeito com que o general sempre tratara seu tio Hélio e seu pai, Carlos.

— Vou ver o que posso fazer por você — disse o militar, antes de se despedir.

Frota foi aluno de Hélio na primeira academia da família, na rua Marquês de Abrantes, no Flamengo, também no Rio de Janeiro. Treinou quase na mesma época que seu companheiro de farda João Baptista Figueiredo, outro discípulo dos Gracie, que em 1979 se tornaria o último presidente do regime ditatorial brasileiro. Chefe do gabinete militar de Médici, Figueiredo também ficaria sabendo da prisão de Robson, a quem

conhecia bem. O segundo filho de Carlos Gracie era admirado pelos alunos. Participara de algumas lutas importantes, como o vale-tudo contra o capoeirista Artur Emídio, no estádio do Maracanãzinho, e, mesmo baixinho, mantinha a fama da família de jamais se acovardar diante de um desafio.

Não seria a primeira nem a última vez que alunos influentes da academia mudariam o destino de um Gracie. Nos seus primórdios, o jiu-jítsu brasileiro funcionava como uma espécie de irmandade em que seus adeptos mantinham um pacto informal de cooperação mútua. Em 1934, os irmãos Carlos, George, Hélio e Oswaldo foram presos depois de uma briga com um professor de luta livre. Manoel Rufino dos Santos havia escrito uma carta para o *Diário Carioca* classificando de marmelada os desafios de vale-tudo promovidos pela família. Poucas coisas os irritavam tanto quanto serem acusados de compactuar com lutas encenadas, um tipo de entretenimento bastante popular na época. Na teoria, as acusações de Rufino até mereciam alguma credibilidade, pois ele havia sido juiz de pelo menos uma luta dos Gracie: Carlos contra o capoeirista Samuel, o Negro Gigante, no fim da década de 1920, considerado o primeiro confronto público de vale-tudo da história. Na ocasião, o evento foi chamado de “estilo versus estilo” — só depois a imprensa começou a se referir a esse tipo de confronto como “lutas valendo tudo”. A relação com a família azedou de vez quando ele mesmo enfrentou Carlos em 22 de 1931, no estádio do Fluminense, em Laranjeiras. Foi uma luta polêmica, em que Rufino teria dado as três batidas, mas o sinal não teria sido percebido pelo árbitro. Inconformado, Carlos se recusou a retomar o combate e foi desclassificado por abandono.

Bem ao estilo da família, os quatro irmãos foram até a academia de Rufino, em frente ao Tijuca Tênis Clube, para tirar satisfação. Hélio foi o escolhido para provar, na prática, que o jiu-jítsu deles não precisava de armação. Oswaldo ficou esperando no carro, enquanto George e Carlos cuidavam para que ninguém se metesse na briga. Quando Rufino pôs o pé na rua, Hélio deu-lhe um tapa na cara e, em seguida, derrubou-o. Rufino caiu com o ombro no cimento da calçada e quebrou a clavícula,

mas continuou apanhando. Na delegacia, contou que fora surrado por três dos quatro irmãos e alegou que um deles havia usado um soco-inglês. Cheio de hematomas como estava, seu depoimento convenceria a qualquer um. Os Gracie já eram bastante populares, e o caso ganhou destaque nos jornais.

No dia 23 de maio de 1934, a Segunda Câmara da Corte de Apelação condenou Carlos e Hélio a dois anos de prisão. George recebeu uma pena um pouco menor: 14 meses. Eles se entregaram quatro dias depois, já sob uma forte campanha popular a favor do indulto presidencial, uma prática comum na época. A poetisa Rosalina Coelho Lisboa, aluna de Carlos e conhecida do presidente Getúlio Vargas, iniciou um abaixo-assinado que contaria com autoridades como o ministro da Fazenda Osvaldo Aranha o ministro da Agricultura Juarez Távora e o presidente da Associação Brasileira de Imprensa Herbert Moses. Os dois pedidos de habeas corpus foram negados pelo Supremo Tribunal Federal, mas o presidente discordou. “Getúlio queria dar uma freada no pessoal do Supremo e aproveitou a grande repercussão do caso para soltar os Gracie”, conta Robson. Uma semana depois de serem presos, os três irmãos deixaram a Casa de Detenção da rua Frei Caneca pela porta da frente, carregados por amigos e admiradores. O episódio estreitou a ligação dos Gracie com Getúlio, que viria a ter aulas particulares de defesa pessoal com Hélio, no próprio Palácio do Catete, durante seu segundo mandato, no início da década de 1950.

Carlos e Hélio procuravam não se atrelar politicamente a ninguém, mas aprenderam a usar do bom relacionamento com as autoridades em benefício do jiu-jitsu. A presença delas nos ginásios dava um ar oficial ao vale-tudo, a despeito das críticas que a violência das lutas já causava. E aquilo também era um marketing e tanto para atrair novos alunos. “A sala de espera de nossa academia é usada para reuniões ministeriais secretas, longe da imprensa”, brincava Hélio. Políticos importantes em diversas épocas, como Mário Andreazza (ministro dos Transportes nos Governos Costa e Silva e Médici), Armando Falcão (ministro da Justiça no Governo Geisel), Adhemar de Barros (ex-governador de São Paulo) e Carlos Lacerda, também foram atraídos pelo sistema de defesa pessoal dos

Gracie. Governador do antigo estado da Guanabara, Lacerda dizia para quem quisesse ouvir que tinha medo de sofrer um atentado. Chegou a usar um golpe de jiu-jítsu num sujeito que se aproximou dele de forma suspeita dentro de um elevador. Nada pôde fazer no episódio que marcaria sua vida, em 1954: o atentado que sofreu na rua Tonelero, em Copacabana, estopim da crise institucional que levou Getúlio Vargas ao suicídio. Outro aluno poderoso foi o lendário Homem da Capa Preta, o deputado Tenório Cavalcanti, conhecido pelo estilo populista e agressivo de fazer política no Rio dos anos 1950. De acordo com o livro *Carlos Gracie: o criador de uma dinastia* (Record, 2008), de Reila Gracie, filha de Carlos, Tenório chegou à academia da Rio Branco acompanhado de “Lurdinha”, a submetralhadora de fabricação alemã que carregava para todos os lados. Os irmãos Gracie não se intimidaram. Curioso para conhecer a tal luta de defesa pessoal, o deputado-pistoleiro foi imobilizado de todas as maneiras por Carlos e Hélio. Saiu de lá com a ficha de inscrição preenchida. Aos poucos, Tenório foi requisitando aulas especiais, mais adequadas à sua realidade, como instruções para livrar-se de uma arma apontada na sua direção, com a possibilidade de quebrar o punho do agressor e até fazê-lo disparar contra o próprio corpo. “Quer dizer que isso é um suicídio perfeito? Que coisa maravilhosa”, afirmou.

A forte amizade com Oscar Santa Maria, um alto funcionário do Banco do Brasil que se tornaria ministro interino da Fazenda no Governo de Eurico Gaspar Dutra, foi fundamental para os primeiros projetos da família. Ex-aluno, Santa Maria financiou algumas lutas de vale-tudo e foi sócio de Carlos em diversos negócios, inclusive nas academias. Nove anos depois de abrirem as portas na rua Marquês de Abrantes, em 1931, eles se mudaram para uma casa maior, na Praia do Flamengo. Por fim, se estabeleceram em dois andares do número 151 da avenida Rio Branco, no Centro. Na inauguração desta última, pouco depois da luta contra Kimura, Hélio já gozava de tanto prestígio que até o prefeito do Rio, João Carlos Vital, apareceu. Em 1958, Hélio se aventurou como candidato a deputado estadual pelo PSD, partido de Juscelino Kubitschek. Apesar de sua popularidade, a campanha foi muito malconduzida. Com um discurso vazio, seus comícios eram, na verdade, demonstrações de jiu-

jiútsu a céu aberto, comandadas por ele ou seus professores. O fracasso nas urnas, onde recebeu pouco mais de mil votos, convenceu-o definitivamente de que seu maior palanque sempre seria o tatame.

Numa época em que divergências pessoais costumavam ser resolvidas no tapa, a alta sociedade carioca também não resistiu ao apelo do jiu-jútsu. Carlos Gracie frequentou muito a mansão dos Guinle, na Praia de Botafogo, onde usava a imensa sala de estar para dar aulas particulares aos filhos do milionário Carlos Guinle. Os Gracie ensinavam ao executivo, ao médico, aos jovens e aos aposentados que ninguém precisa ser humilhado numa discussão de rua por causa da desvantagem física. “Não estamos aqui para formar brigões, mas para não deixar que as pessoas se transformem em sacos de pancada”, diziam os professores, num discurso obrigatório no primeiro dia de aula. Era um método de ensino diferente do dos japoneses, que faziam os iniciantes apanharem até aprender. Funcionava como uma seleção natural às avessas, que preterira os mais fortes em favor dos mais fracos. “Por isso que ele atraía tanta gente. Os novos alunos conseguiam fazer, se sentiam bem, gostavam e voltavam. Ninguém se machucava”, explica o professor Pedro Valente. À exceção das noites de quarta-feira, destinadas a turmas maiores, as aulas eram sempre individuais, de meia hora de duração. Cada professor dava cerca de trezentas aulas por mês. A média era de seiscentos alunos, mas no auge chegou a mil, que compartilhavam um estoque de três mil quimonos.

Mais do que atletas, os Gracie ainda eram vistos como valentões dispostos a defender no braço a honra — a deles e a do jiu-jútsu. “O sujeito não pode estar na rua, com a mulher e o filho, ouvir um desaforo e ficar quieto, ir treinar em vez de brigar na hora. O que é isso? Ou tem moral ou não tem!”, relembrou Hélio em declaração à *Trip*, em novembro de 1997. O que para muitos soava como prepotência para eles sempre significou uma autoconfiança extremada a serviço dos mais fracos. O livro escrito por Carlos em 1948, *Introdução ao jiu-jútsu* (Pongetti), é um tratado sobre a filosofia dos Gracie também sob o ponto de vista moral. Um desenho de um menino magro levando um pontapé na bunda de outro maior vinha acompanhado da seguinte legenda: “Mande ensinar jiu-jútsu ao seu filho para que ele evite as recordações que possam

prejudicá-lo futuramente.” Até hoje eles defendem o jiu-jítsu como a maneira mais eficaz de transformar crianças tímidas, nervosas e inseguras em cidadãos confiantes e corajosos.

Apesar de importante, a proximidade com o poder não foi o principal fator para consolidar o prestígio da luta ensinada pelos Gracie. Nada contribuiu mais para a popularização do jiu-jítsu do que a incrível capacidade da família de vendê-lo como a arte marcial mais eficiente do mundo. Carlos foi o primeiro a perceber que, para isso, precisaria encontrar “inimigos”, representantes de outras modalidades que estivessem dispostos a testá-las diante do jiu-jítsu. As lutas em pé sempre foram os principais alvos. Trazida pelos escravos no século XIX, a capoeira tinha o status de luta verdadeiramente brasileira, e o boxe atraía praticantes por causa da crescente influência americana no país. “O papai ficava caçando um bom capoeirista ou pugilista para fazer desafios na rua ou a portas fechadas. Bastava alguém dizer que havia um lutador muito bom para os Gracie correrem para lá”, conta Robson, que, de tão empolgado com as façanhas da família, passou a organizar lutas e hoje é presidente da Federação de Jiu-Jítsu do Rio de Janeiro. Carlos entendeu que sua missão seria facilitada pelos jornais, que na época funcionavam como uma arena de debate para divergências pessoais. “Se você quer ter uma costela partida ou um braço quebrado, venha procurar Carlos Gracie a qualquer hora do dia ou da noite”, provocava o professor nas suas entrevistas, como forma de chamar atenção para o jiu-jítsu. Tudo ficou mais simples quando Oscar Santa Maria apresentou à família o proprietário dos jornais *O Globo* e *A Noite*, o jornalista Roberto Marinho, que viria a se tornar aluno e um dos maiores entusiastas do jiu-jítsu. A cobertura que suas publicações faziam do vale-tudo foram fundamentais na popularização do esporte. *O Globo* chegou a fazer campanha para a libertação dos irmãos Gracie no episódio contra Rufino. “A sociedade rejubila porque as grades da prisão, felizmente, não tiveram tempo de

puir, aos seus atritos, as flores de três mocidades assim radiosas!”, comemorou o jornal na sua edição de 5 de junho de 1934, dia seguinte à libertação dos três. Os Gracie também eram adorados por Frederico Chateaubriand, sobrinho de Assis e dono do *Diário da Noite*. Não raro os desafios aconteciam no interior das redações, como o de Hélio contra um caqueirista chamado Caribé, nas instalações do *Diário Carioca*.

Embora tenha sido o primeiro a aprender o jiu-jítsu, Carlos se dedicou menos ao vale-tudo do que seus irmãos. Começou com pequenos desafios dentro das academias de polícia de São Paulo e Minas Gerais, que serviram menos para divulgar o jiu-jítsu do que para ajudá-lo a adaptar a luta que aprendera com o Conde Koma. Os dois empates com o japonês Geo Omori foram o ponto alto da sua carreira nos tatames. De volta ao Rio, dedicou-se mais à promoção das lutas dos irmãos, de quem era uma espécie de conselheiro profissional e pessoal. Oswaldo e Gastão Jr. eram bastante técnicos, mas não se interessaram tanto pelos desafios. O primeiro a se destacar no vale-tudo foi George, apelidado de Gato Ruivo.

George talvez tivesse o mesmo talento de Hélio, mas seu temperamento era bem diferente. Se fosse jogador de futebol nos dias de hoje, seria chamado de bad boy. Cabelos ruivos, olhos azuis, farrista e mulherengo, era capaz de virar a noite num bar na véspera de uma luta. Mesmo assim, protagonizou vitórias homéricas, como aquela sobre Tico Soledade, adepto da luta livre e conhecido como um dos homens mais fortes e valentes da cidade. Preterido por causa de seu estilo de vida, George foi o responsável pela primeira das muitas divisões que a família Gracie viveria. Afastou-se dos irmãos e abriu uma academia própria, mas também ajudou a difundir o vale-tudo em lutas pelo Brasil, especialmente em Minas Gerais. Com isso, abriu espaço no Rio para o irmão mais novo, que ganharia o status de principal difusor do jiu-jítsu brasileiro.

Hélio Gracie foi o caçula entre os filhos homens de Gastão e Cesalina. Na adolescência, sofria desmaios e vertigens, associados à sua fragilidade física, uma vez que nenhum problema médico foi diagnosticado. De todos os irmãos, foi o mais disciplinado, aquele que seguiu todas as recomendações de Carlos, tanto nos cuidados com a alimentação quanto

no aprendizado do jiu-jítsu. Mas foi Hélio quem teve de dar o primeiro passo. Consciente de que George ainda era a referência da família, preocupou-se em provar a Carlos que poderia superar suas deficiências e também se tornar um campeão. Começou a treinar mais do que todos, a estudar cada golpe, a inventar soluções de contragolpe. Era fascinado não só pela luta, mas também pela arte de ensinar. Foi o acaso que lhe deu a primeira oportunidade. Um aluno de Carlos, Mário Brandt, funcionário do Banco do Brasil, chegou à academia mais cedo que o habitual. Hélio, então, ofereceu-se para substituir o irmão, que ainda não havia chegado, e, desde então, Mário não quis mais saber de outro professor.

Logo, Carlos percebeu que Hélio tinha as características necessárias não só para ajudá-lo nas aulas, mas para se transformar no principal garoto-propaganda do jiu-jítsu. Por ser franzino, se ele pudesse derrotar adversários bem mais fortes, a superioridade da arte marcial se tornaria incontestável. O primeiro vale-tudo de que Hélio participou, aos 18 anos, foi em janeiro de 1932, entre praticantes de boxe e jiu-jítsu. Coincidentemente, pela primeira vez que se teve notícia, o programa foi chamado de “evento de lutas mistas” — mais de sessenta anos antes da criação do termo “artes marciais mistas”. Tratava-se de uma tremenda jogada de marketing arquitetada por Carlos Gracie. Para conseguir espaço nos jornais, ele reverteu toda a bilheteria para financiar a ida de atletas brasileiros aos Jogos Olímpicos, disputados em Los Angeles naquele ano. As lutas aconteceram num frontão chamado de Coliseu Olímpico, que ficava em frente ao que é hoje o Campo de Santana, no Centro do Rio.

Ainda sem prestígio, Hélio abriu a programação da noite. “Na primeira luta, Hélio, o mais novo dos irmãos Gracie, enfrentará o pugilista Antônio Portugal, um pegador de certo mérito, em seis rounds de três minutos. Hélio lutará com seu quimono característico, e Portugal, com o peito nu, calçando luvas de quatro onças com bandagens reforçadas”, dizia a reportagem d’*O Globo*. Uma curiosidade: quatro onças, ou 113 gramas, é exatamente o peso das luvas usadas hoje no MMA. Campeão brasileiro na categoria peso leve, Portugal não resistiu quarenta segundos na frente de Hélio, que o derrubou e aplicou-lhe uma chave de braço, numa demonstração do que os jornais chamavam de “leis de defesa japonesa”.

Mas foi na terceira luta de sua carreira que Hélio melhor encarnou o Davi no duelo contra Golias. Americano de raízes alemãs, Fred Ebert tinha 98 quilos — 35 a mais que o brasileiro — e media quase dois metros de altura. Vice-campeão de wrestling nos Estados Unidos, ele chegou ao Brasil para uma série de lutas de exibição, vangloriando-se de uma invencibilidade de seiscentas lutas. Era um prato cheio para a imprensa. “Fred, o gigante, ou Hélio Gracie, o menino do jiu-jítsu?”, perguntou *O Globo* no alto da página.

Quando os dois adversários ficaram lado a lado, num ringue armado no campo do clube São Cristóvão de Futebol e Regatas, muita gente deve ter ficado com pena do brasileiro. Mas Hélio soube aproveitar o limitado conhecimento do americano sobre as lutas no chão e, depois de imobilizá-lo, desferiu-lhe dezenas de cotoveladas. Resistente, Ebert parecia capaz de aguentar os golpes a noite inteira e, quando possível, também castigava o brasileiro. Depois de uma hora e quarenta minutos de um espetáculo sangrento, a Comissão de Pugilismo tentou interromper o combate, temendo que o confronto terminasse em tragédia. Como nenhum dos dois queria desistir, só a polícia foi capaz de pôr fim à luta. O resultado oficial foi empate, mas ninguém tinha dúvidas de que o pequenino Gracie era o verdadeiro vencedor.

Para chamar a atenção do grande público, o vale-tudo sempre foi uma opção melhor que o jiu-jítsu, que dependia dos japoneses como adversários de renome para desafiá-los. Em 1935, Hélio derrotou Dudu, o Gigante Brasileiro, praticante de luta livre. O cartão de visitas do Gracie foi um chute no rosto bastante semelhante àquele com que Anderson Silva nocauteou Vitor Belfort no UFC 126, em 2011. A diferença é que, sem protetor de boca, Dudu viu dois dentes seus pularem. Depois de 19 minutos de muita pancadaria, Hélio venceu com outro chute, que dessa vez quebrou duas costelas do gigante.

A partir daí, a mística do super-homem Hélio Gracie só aumentou. Sempre que um figurão das lutas aparecia no Brasil, lá ia Carlos às redações de jornal lançar um desafio contra o jiu-jítsu dos Gracie. Em outras ocasiões, Hélio aceitava lutar com um braço amarrado. A cada vitória, a academia ficava mais cheia. “Quando o velho se dispunha a

lutar, ele queria que as pessoas tivessem certeza de que os Gracie ganhavam de qualquer um. Então, elas iam querer aprender jiu-jítsu com a família”, diz Rorion, o filho mais velho de Hélio. Quando o americano Joe Louis, uma das maiores lendas do boxe mundial, visitou o Rio de Janeiro, Carlos ofereceu pelos jornais US\$16 mil por uma oportunidade de desafiá-lo. Talvez ele nem tivesse esse dinheiro, e, claro, o campeão mundial dos pesos pesados jamais colocaria seu prestígio em risco diante de uma arte marcial da qual ele nunca ouvira falar. “Hélio Gracie continua esperando a resposta de Joe Louis ao seu desafio”, noticiou o diário *A Noite*, em 19 de junho de 1947. O americano nunca levou a proposta a sério, mas a propaganda estava feita. Para todos os efeitos, o campeão mundial de boxe tinha fugido de um combate contra o jiu-jítsu. Não há dúvidas de que a técnica dos Gracie já se mostrava muito poderosa, mas ela não atrairia tanta gente se não girasse sobre uma inteligente roda de propaganda.

Os 12 anos (1938-1950) em que ficou sem adversários, dedicando-se à mulher Margarida e às aulas de jiu-jítsu, só serviram para aumentar a adoração em torno do imbatível Hélio Gracie. Em 1947, numa viagem a Fortaleza para visitar o irmão Carlos, ele protagonizou uma cena de herói de cinema. A bordo do navio *Itanajé*, na altura do arquipélago de Abrolhos, atirou-se ao mar para salvar um tripulante que tentava suicídio. Além de um prêmio da empresa Standard Oil, ganhou o reconhecimento nas páginas dos jornais. Pouco depois, foi o mocinho da radionovela *O campeão*, da Tupi, num papel de defensor dos valores morais. Como tudo precisava ter alguma ligação com o jiu-jítsu, a rádio ainda sorteava mensalmente três matrículas na Academia Gracie.

A volta aos ringues aconteceu contra os japoneses Kato e Kimura, e depois disso Hélio anunciou sua aposentadoria. Mas um problema pessoal com o funcionário Waldemar Santana, em 1955, provocaria a última luta de vale-tudo de sua brilhante carreira. Waldemar começou como sparring na rua Marquês de Abrantes, mas mais tarde se tornou um representante da academia nos desafios. Dois episódios provocaram seu desentendimento com o patrão. Primeiro, quando deixou a torneira da academia aberta, molhando todos os tatames. E depois — o pior deles —

quando aceitou lutar no Palácio do Alumínio, no Centro, tradicional ponto de “combates de marmelada”, sem avisar aos Gracie. Hélio não admitia nenhum discípulo em lutas combinadas e nem quis saber se Waldemar só estava lá porque precisava de dinheiro. Mandou-o embora, com uma bronca tão grande que resvalou na humilhação. Instigado pelo jornalista Carlos Renato, do diário *Última Hora*, Waldemar convenceu-se de que a melhor vingança contra Hélio seria em cima do ringue. O campeão já tinha 42 anos e não lutava havia três, mas não resistiu quando leu a provocação do ex-discípulo numa carta ao *Correio da Manhã*. Dizia-se humilhado e queria provar que era o melhor lutador da academia, e não um simples sparring. Talvez tenha sido uma ideia de Carlos Renato publicá-la no dia 13 de maio, quando se comemora no Brasil a abolição da escravatura. Seria o duelo entre o negro humilhado e o branco opressor.

Três dias antes do confronto, Hélio teve de tomar penicilina na veia, para suportar as dores de uma infecção no ouvido. Alguns tentavam convencê-lo a adiar a luta, treinar mais, mas Hélio foi categórico: “O cara me insulta pelos jornais, e vocês querem que eu adie a luta? Que lição eu vou dar aos meus alunos?” Ele impôs apenas duas condições: a entrada seria franca, “para não saciar o espírito mercenário de Waldemar”, e as regras seriam as dos primeiros embates de vale-tudo. Só não valiam os golpes baixos e o dedo no olho. Para Hélio, estava claro que era uma coisa pessoal. “Isso vai ser uma briga de rua. Só vamos para cima do ringue para não sermos presos”, explicou.

A troca de ofensas foi acompanhada com destaque pelos jornais. Depois da recusa do Exército em receber um evento que tinha tudo para ser sangrento, a luta foi marcada na Associação Cristã de Moços, no Centro. Cansadas de esperar em filas quilométricas do lado de fora, as pessoas invadiram o ginásio, antecipando o clima de selvageria de cima do ringue. Parte da arquibancada chegou a romper por causa da superlotação, mas não houve feridos. Antes de começar a luta, o juiz leu em voz alta o regulamento, ressaltando que os dois lutadores se responsabilizavam por qualquer coisa que acontecesse — leia-se, ferimentos graves ou até morte. Em seguida, Carlos pediu a palavra e foi

vaiado ao dizer que aquela seria uma luta do Bem contra o Mal. Mesmo com febre, Hélio achou que venceria em menos de dez minutos, até pela imposição moral que acreditava ter sobre Waldemar.

Do alto de seus 26 anos, o ex-sparring mostrou que toda a técnica do mundo — talvez a melhor técnica do mundo — tem seu limite diante de uma diferença de força física tão absurda. Com uma cabeçada, Waldemar jogou o ex-patrão no chão e começou a dominar o combate. Depois de anos bebendo da fonte do jiu-jitsu brasileiro, o desafiante se valeu da mesma arma que os Gracie usavam havia tanto tempo: a paciência. Apesar da incrível capacidade de se defender, Hélio não conseguiria suportar para sempre o peso do adversário. Numa luta sem tempo, Waldemar não tinha pressa. Em alguns momentos, o público viu socos, tapas e cotoveladas, mas a tônica foi a de um combate arrastado, de poucos movimentos. “Por que você não me bate agora?”, provocava Waldemar, ainda em cima de Hélio. Tinha gente que saía para tomar um café ou uma cerveja e voltava para o ginásio. Volta e meia, um dos dois caía com metade do corpo para fora do ringue e era empurrado de volta por alunos da academia. O golpe final de Waldemar aconteceu depois de mais uma queda do adversário — essa mais forte, acompanhada de um barulho que chegou a silenciar a plateia. Deitado no chão, pela primeira vez Hélio dava sinais de que até a sua heroica resistência tinha limite. Talvez tenha sido o sopro de confiança que fez com que Waldemar acertasse um chute seco, certo, no rosto de Hélio. O campeão estava entregue, mas todos sabiam que ele jamais desistiria. Coube, então, ao juiz confirmar a vitória do discípulo sobre o mestre.

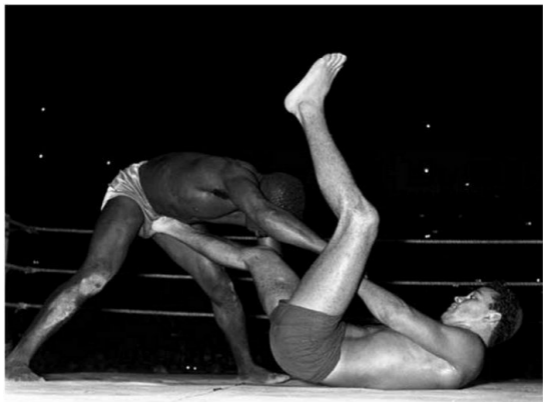
Com três horas e 45 minutos, foi a luta de vale-tudo mais longa de que se tem notícia. Reza a lenda que até a *Hora do Brasil* foi interrompida no rádio para noticiar o resultado. A foto de Hélio, com o olho direito deformado, era chocante. Mesmo ferido, no corpo e no espírito, ele reconheceu a legitimidade da vitória de Waldemar. O negro humilhado havia derrotado o branco invencível. Pela reação do público, não havia dúvidas de que o povo que tanto idolatrou a técnica e a coragem do Gracie dessa vez havia optado pelo “mais fraco”. Numa crônica para o jornal *Última Hora*, o escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues foi quem

melhor traduziu o que significou a derrota de Hélio, desta vez não para um japonês campeão mundial de judô, mas para um ex-aluno. Na visão dele, o musculoso Waldemar era quem agora representava os fracos, papel desempenhado por Hélio em combates anteriores.

Jamais uma peleja comoveu, traumatizou tanto a opinião pública. Eu vi sujeitos graves, gravíssimos, chorando, soluçando, rilhando os dentes de alegria. A princípio, não entendi essa euforia geral, essa satisfação profunda, esse delírio coletivo. Senhoras, damas ilustres, rosnavam: “Bem-feito, bem-feito!” (...) Quando Waldemar subiu ao ringue, não estava só. Dir-se-ia que, atrás dele e com ele, subia uma população imensa, subiam todos os que gostariam de esmagar, debaixo do tacão, como uma víbora hedionda, a invencibilidade dos Gracie. (...) Foi a revanche também, longamente sonhada, dos tímidos, dos nervosos, dos frágeis, dos asmáticos, dos inibidos. Todo aquele que não sobe dois degraus sem dispneias asfixiantes, todo aquele que tem uns bracinhos de Olívia Palito, uivou, exultou com a queda do campeão. (...) Por isso há tanta gente querendo dar rádio, televisão e até ferro elétrico a Waldemar. E não há dúvida de que ele bem o merece. No dia de sua vitória, houve uma alegria universal, sim. O fraco sentiu-se menos fraco, o humilhado menos humilhado, e o marido que não pia em casa levantou, por 24 horas, a crista abatida. Todos nós somos cúmplices de Waldemar.

Foi uma derrota tão incontestável que os Gracie só não sucumbiram porque sabiam que já havia alguém preparado para vingar Hélio. Carlson foi o primeiro a subir no ringue da ACM depois que o árbitro deu a vitória a Waldemar. Ajudou o tio a se levantar e depois se dirigiu ao vencedor. “Waldemar, gosto de você, mas você acaba de me criar um problema. Agora vamos ter que lutar. Se cuida no ringue, porque aqui a gente é inimigo, e a porrada vai comer”, disse o filho mais velho de Carlos. Não era bem uma ameaça. Era apenas um aviso de que uma nova era do vale-

tudo estava por começar.



O delegado Hélio Vígio não revela mais quantos anos tem. Não se trata de vaidade, mas de precaução. Em quarenta anos como policial, ele sabe que criou mais inimigos que amigos. Orgulha-se de ter participado da prisão de bandidos famosos, como José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha; Elias Maluco, assassino do jornalista Tim Lopes; e o traficante Márcio Cândido da Silva, o Porca Russa. Ainda na ativa, ele diz ajudar a polícia carioca na investigação de crimes e faz bico como chefe de segurança. Acostumado ao papel de flecha, ele sabe que, um dia, pode virar alvo. “Não quero assanhar os bandidos, que hoje não respeitam mais ninguém. Podem achar que estou velho, que não enxergo bem”, diz, antes de fazer a ressalva: “Mas, se acharem, tudo bem. Eles vão se surpreender.”

Se tem medo, Vígio não demonstra. Os olhos miúdos, a fala lenta e a educação formal contrastam com a fama de truculento. Foi com esse estilo que arrebatou admiradores e detratores. Saudado por alguns pelo apetite que gostava de exibir contra os que o desafiavam, foi criticado por tantos outros, que denunciavam seus supostos excessos e arbitrariedades no ofício de delegado. Nos anos 1960, o nome de Vígio estava associado aos chamados “homens de ouro” da polícia carioca, que fundaram a Scuderie Le Cocq em homenagem a um detetive morto pelo bandido Cara de Cavalo. No auge da carreira, foi o inimigo número um de qualquer comissão de direitos humanos no Brasil. Chegou a ser afastado do cargo de titular da Delegacia de Roubos e Furtos em 1987, quando o então secretário da Polícia Civil Hélio Saboya acatou um pedido da Assessoria de Direitos Humanos da Procuradoria de Justiça do Estado. O órgão havia instaurado um processo contra o policial com acusações de tortura e espancamento. No início dos anos 1990, chegou ao posto mais importante de sua carreira, à frente da Divisão Antissequestro do Estado do Rio de Janeiro, no Governo Marcello Alencar. Mas voltou a ser afastado, em 1995, suspeito de receber propinas. Seu nome aparecia numa lista de supostos favorecidos do bicheiro Castor de Andrade. Isso lhe rendeu dois processos no Órgão Especial do Tribunal de Justiça.

Absolvido quatro anos depois, considera-se um homem da lei forjado pelos anos dedicados ao jiu-jítsu. Diz que só usava armas em caso de extrema necessidade. Com um mata-leão, costumava apagar os bandidos que se negavam a entrar no camburão ou resistiam à ordem de prisão depois que o cativeiro era estourado. Sentado num apertado escritório de onde chefia os seguranças de um prédio comercial, no Centro do Rio, ele parece apenas um senhor cheio de histórias para contar. “Nasci debaixo de um sistema em que nós não podíamos recuar em nada. Tínhamos que enfrentar o perigo”, afirma, referindo-se à filosofia que aprendeu sobre o tatame.

Hélio Vígio pertence à segunda geração de lutadores de vale-tudo da história. Muito antes de perseguir criminosos, assustava os adversários com sua mão pesada. Mesmo sem laços de sangue, é descendente direto de “papai” Carlos e “tio” Hélio, como chama até hoje os dois maiores mestres do jiu-jítsu. O tratamento significa mais do que uma demonstração de carinho. Vígio começou a frequentar a academia dos Gracie com apenas 11 anos. Aos 15, pediu licença aos pais para morar lá, de onde só saía para frequentar as aulas do Colégio Militar. Além do jiu-jítsu, aprendeu, com a primeira mulher de Hélio, Margarida, até a se portar à mesa. Assim como os amigos João Alberto Barreto e Armando Wriedt, sentia-se meio-irmão de Carlson e Robson Gracie, com quem treinava diariamente. Aos 17, participou de uma luta de vale-tudo pela primeira vez — precisou de uma autorização do Juizado de Menores para subir no ringue, no ginásio do Vasco, em São Januário, Zona Norte do Rio. Naquela época, ainda era conhecido pelo apelido de Vela, por ser branco e magrinho, justamente o modelo preferido por Hélio Gracie para insuflar a fama da luta que salva os mais fracos. Seu adversário foi Renê Bastos, da luta livre, 21 quilos a mais que ele. Seria um confronto sem juízes ou contagem de pontos. O normal, nesses casos, era o perdedor deixar o ringue carregado. E foi o que aconteceu, embora existam versões conflitantes sobre a luta. Vígio quebrou a cara de Renê Bastos com joelhadas no nariz. Foi um negócio violento. No dia seguinte, o jornal *Última Hora* ostentava uma manchete poética sobre uma foto de Renê com o rosto todo ensanguentado. “Máscaras de sangue nas faces de

homens maus.”

O batismo de fogo na vida de lutador, no entanto, ainda estava por vir. Aos 19 anos, recém-casado, quis aproveitar a tarde de sol na praia do Flamengo ao lado da mulher, no intervalo de duas aulas de jiu-jítsu. Quando voltou da água, percebeu que um grupo de jogadores de futebol ocupara o lugar onde estava estendida a toalha do casal. Vígio foi tirar satisfação, mas acabou espancado pelos peladeiros. Ganhou um hematoma no olho esquerdo, que ficou aos cuidados de outro amigo lutador, o cirurgião plástico Pedro Valente, pai do professor e historiador Pedro Valente. “Tentei me defender, mas era muita gente. Ninguém veio me ajudar. Ali decidi virar policial”, conta. Nas semanas seguintes, voltou à praia para caçar os agressores um a um, como ele acha que deve ser uma luta entre homens de verdade. E só então teve a dimensão do que o jiu-jítsu era capaz de fazer numa situação real de conflito. “Quando um lutador de jiu-jítsu enfrenta outro que não sabe nada é como se a briga fosse entre um sujeito forte e outro aleijado”, compara.

Por isso, Vígio lamenta que a verdadeira base do jiu-jítsu brasileiro, o sistema de alavanca, esteja se perdendo no MMA diante das técnicas de tantas lutas diferentes. Nenhum dos grandes lutadores de hoje o empolga, nem mesmo Anderson Silva, cujo nome não consegue memorizar de jeito nenhum. Mesmo assim, não entendeu como ele e seus amigos foram esquecidos pela organização do UFC Rio, em 2011, por uma questão de respeito à história. “Eu me divirto vendo essas lutas de hoje. Como é que o cara, dentro da guarda, consegue levar soco na cara? Nunca terminei com a cara amarrada, como esses sujeitos”, diz.

O delegado Vígio, o psicólogo João Alberto e o professor Armando Wriedt foram adotados pela Academia Gracie numa época em que Hélio proibia a prática de qualquer luta além do jiu-jítsu. Para fora, eles representariam a academia nos desafios contra outras artes marciais. Internamente, além de treinarem centenas de alunos, seriam uma sombra constante a Carlson Gracie, candidato natural à sucessão de Hélio. Estava claro que o primogênito de Carlos era o mais indicado para assumir o posto de campeão da família, mas por causa de seu temperamento ainda encontrava resistências, em especial do próprio tio. Mulherengo, festeiro,

frequentador do Jockey Club e de rinhas de galo, Carlson não tinha, nem de longe, a disciplina que Hélio cultivava e cobrava. No sistema marcial que mantinha com os professores na academia, os salários eram descontados em caso de atraso, falta de limpeza ou desvio de conduta. Carlson era o campeão das multas. “Minha função era morder o calcanhar do Carlson”, diz João Alberto, que, num treino, chegou a fazer Carlson bater.

Registrado como Eduardo em 1933, Carlson ganhou o nome que o acompanharia para sempre poucos meses depois do nascimento. Era o mais velho dos sete filhos que Carlos deu para o irmão Hélio criar. Segundo o raciocínio místico de Carlos, que enveredava pela numerologia cabalística e pela paranormalidade baseada na comunicação com espíritos, o convívio com crianças ajudaria Margarida a engravidar. Já se passavam sete anos de tentativas frustradas, uma decepção que na família Gracie tinha um peso ainda maior. Para eles, a função primordial do casamento e do sexo é a procriação, em especial para dar continuidade à expansão do jiu-jítsu pelo mundo. Carlos tinha 21 filhos com seis mulheres diferentes, e Hélio não queria ficar atrás. “Na verdade, nunca amei mulher nenhuma. Eu gosto delas, é diferente. Porque o amor é uma fraqueza. E eu não tenho fraquezas. O amor é sexo, e sexo para mim é uma necessidade que se usa para procriar. Nunca tive uma namorada com quem quisesse ir adiante se ela não sonhasse com um filho”, disse Hélio em entrevista à *Trip*, em 1997.

Como cinco anos depois a gravidez não tinha acontecido, Carlos e Hélio partiram para uma solução pouco convencional, segundo o livro *Carlos Gracie: o criador de uma dinastia*, de Reila Gracie. Convenceram Margarida a aceitar que Hélio tivesse filhos com outra mulher, que seriam registrados como se fossem dela. Rosinha, contratada como empregada e babá da casa, foi a mãe biológica de Rorion, Relson e Rickson. Quando a barriga dela começava a crescer, era afastada de casa até o nascimento, enquanto Margarida simulava a gravidez com um forro debaixo do vestido. Quando Rorion tinha 15 anos, Hélio lhe apresentou uma segunda família, que mantinha com a anuência de Margarida. Com Vera Lúcia, secretária da academia, ele teve mais seis filhos: Rolker, Royce, Royler,

Rérica, Robin e Rici. Seu exército de lutadores estava crescendo, seguindo uma rigorosa dieta alimentar, que abomina todo tipo de carne, álcool e a combinação de determinados alimentos, inclusive o arroz com feijão. É a Dieta Gracie, que até hoje arrebanha seguidores no Brasil e nos Estados Unidos. Na casa que a família comprou em Teresópolis, Hélio gostava de reunir filhos e sobrinhos em volta do tatame. Começou ali a criar uma cultura competitiva que acompanharia os Gracie para sempre. “Ele soltava a gente e deixava o pau comer”, lembra Royce. Quando comemorava, o vencedor poderia ser repreendido com uma das frases célebres do patriarca. “Está comemorando por quê? Por acaso você entrou no tatame pensando em perder?”

Entre todos, Carlson era o mais competitivo. Mais velho, aceitou naturalmente o posto de sucessor de Hélio, antes mesmo da aposentadoria do tio. Ele abraçou a missão da família de defender o jiu-jítsu diante de outras lutas — instigado por Hélio, chegou a invadir o estúdio da TV Tupi, na Urca, para interromper uma apresentação ao vivo de tae kwon do. Sua primeira grande luta foi a preliminar de Hélio versus Kato, na qual enfrentou um japonês. Valiam as regras do jiu-jítsu. Deu empate, mas teve peso de vitória porque Carlson pesava 25 quilos a menos que o adversário. A estreia no vale-tudo se deveu novamente ao senso instintivo de marketing do pai. Como em 1952 o Nordeste atravessava uma das piores secas da história, Carlos pensou em promover uma luta cuja renda fosse revertida para os flagelados. Além de proteger a imagem do vale-tudo dos críticos ferozes na grande imprensa, lançaria em grande estilo a carreira do filho. A estratégia deu certo, e os principais jornais cariocas noticiaram o evento beneficente no ginásio do Vasco da Gama, em São Januário. O adversário de Carlson tinha o perfil desejado por Carlos para chamar a atenção da mídia: Cirandinha, segurança de casas noturnas, vinte quilos mais pesado, popular em Copacabana e Ipanema pela fama de valente. Apesar de ser adepto da capoeira, ele gostava de usar golpes de outras artes marciais nas confusões em que se metia na rua.

Os ingressos se esgotaram com antecedência. Ao contrário do esperado, a torcida por Cirandinha era, no mínimo, tão grande quanto a

de Carlson. Dotado de uma frieza incomum, o filho de Carlos não se abalava. Suas sonecas antes das lutas ficariam famosas. Carlson mostrou que não tinha um pingão de medo do valentão primeiro com um chute na boca do estômago, depois com um desmoralizante tapa de mão aberta. Em seguida, tirou a parte de cima do quimono, num sinal de desafio. Quando jogou Cirandinha sobre o chão de cimento, parecia o homem mais forte do mundo. Imobilizado, o capoeirista recorreu a um artifício condenado, mas ainda tolerado em alguns vale-tudo daquela época: o dedo no olho. Sem ver direito por alguns minutos, Carlson prendeu Cirandinha em sua guarda, até que conseguiu enxergar de novo o rosto do adversário, que encheu de socos e cotoveladas. Mas nada disso teria o mesmo valor se a vitória não chegasse por uma rendição humilhante do fortão, que implorou ao juiz para encerrar o combate. Aos 19 anos, o Garotão, como passou a ser chamado, foi levantado em triunfo pela plateia. Em apenas dez minutos, ele triturara o sujeito mais temido da Zona Sul carioca. A revista *O Cruzeiro* retratava um misto de espanto e admiração. “Cirandinha cantou de galinha — Massacre de cotoveladas, murros, joelhadas, dedo nos olhos e pontapés: o sangue dos valentes ensopou a quadra de cimento do Vasco.” “Você lembra como foi a tomada do Complexo do Alemão [em 2010]? Os traficantes montaram barricadas para a polícia não entrar, mas os tanques passaram por cima. Aquilo para mim era o Carlson. Ele passava por cima”, compara Vígio.

Foi uma vitória tão impressionante que sua luta seguinte foi rapidamente marcada no Maracanã, que abriria suas portas outra vez aos Gracie depois da luta de Hélio contra Kimura. O adversário seria Passarito, uma lenda da luta livre brasileira, com as mesmas regras do combate com Cirandinha, à exceção de uma: estavam proibidas dedadas no olho. A luta foi promovida pelos jornais como um desafio “de vida ou morte”, porque também levantaria recursos para as vítimas da seca no Nordeste. Diante de 35 mil pessoas, Carlson encontrou mais dificuldade. O combate ficou muito limitado ao chão e decepcionou quem esperava o mesmo derramamento de sangue ocorrido em São Januário. Declarado o empate, a imprensa especulou durante quase um ano a possibilidade de

revanche, que finalmente aconteceu no campo do Vasco, diante de trinta mil pessoas. Dessa vez, o combate só acabaria quando alguém desistisse. Foi uma luta de mais de duas horas, que atravessou a madrugada. Carlson venceu na paciência, sem golpes impressionantes. Enquanto Passarito se defendia no chão, o Gracie aproveitava para castigar seu corpo com socos na altura do rim, que aos poucos foram deixando a pele do defensor da luta livre em carne viva. Até que no quinto round o médico examinou o estado de Passarito e recomendou a paralisação da luta, pois os rins dele estavam ficando comprometidos. Passarito reclamou, mas a vitória foi dada a Garotão, que exibia o corpo intacto, sem um arranhão.

A cada vitória, a fama de Carlson se espalhava com rapidez, a ponto de lhe criar problemas. Em 1954, um sujeito fisicamente parecido com ele começou a se aproveitar da sua popularidade. Entrava nas boates, comia de graça e até pedia dinheiro emprestado. No dia 12 de maio, o *Correio da Noite* publicou uma reportagem sob o título “Fazia-se passar por Carlson Gracie” em cima da foto do impostor. Foi o próprio lutador, com a ajuda de João Alberto, quem localizou o estelionatário na pista de dança da boate Night and Day, em Copacabana. “Ele até se parece comigo, mas sou mais bonito”, brincou diante dos repórteres. No ano seguinte, uma vitória sobre o rival que encerrou a brilhante trajetória de Hélio o consagraria de vez como o novo número um da família Gracie. “Vai correr sangue”, anunciava a manchete do jornal *Última Hora*. Carlson era considerado mais técnico, mas o ex-sparring da academia era bem mais forte. Para conquistar simpatizantes, Waldemar manteve-se como vítima de um suposto preconceito racial por parte de Hélio, que o chamou publicamente de “negro” algumas vezes. “Tenho orgulho de meu sangue de negro”, afirmou ao *Última Hora*. O recém-inaugurado Maracanãzinho recebeu 25 mil pessoas no dia 8 de outubro de 1955. Mas o duelo, restrito ao jiu-jítsu, decepcionou o público, e, como não houve finalização, a luta acabou empatada depois dos cinquenta minutos regulamentares. O tira-teima aconteceu apenas em julho do ano seguinte, novamente no Maracanãzinho, mas agora nas regras do vale-tudo, sem quimono e em seis rounds. A grande cobertura da imprensa atraiu patrocinadores, que bancaram o evento e a bolsa dos lutadores. A

expectativa criada pelos jornais foi tão grande que até o prefeito do Distrito Federal Negrão de Lima, que já havia recebido Carlson no palácio, apareceu. Entrou para a história o público de quarenta mil pessoas, embora a capacidade total do ginásio fosse inferior.

Foi uma luta bem animada para o público, que vibrou com a sequência de quedas alternadas entre os adversários. Com cinco minutos, Waldemar levou um golpe de calcanhar na cabeça que o deixaria tonto pelo resto da luta. Mesmo assim, não deixou de ser um adversário renhido, que em duas oportunidades jogou o Gracie violentamente com as costas no chão. Mas, além de incansável, Carlson parecia provido de uma casca impermeável, imune a socos e pontapés. Ágil e conhecedor do adversário com quem treinara tantas vezes, ele sabia cozinhar Waldemar como ninguém. Batia com tanta precisão que o outro terminou a luta com o rosto deformado. No fim do quarto round, embolados, os dois caíram do ringue. Apenas Carlson teve forças para voltar e foi declarado o vencedor. Eufórico, ele sabia que uma nova derrota para Waldemar representaria a desmoralização da família. “Se eu tivesse perdido aquela luta, hoje os Gracie estariam vendendo bananas na feira”, repetiria várias vezes, anos depois. Houve ainda mais quatro confrontos entre os dois, de jiu-jítsu ou de vale-tudo, com três vitórias de Carlson e um empate. Mas nessas já não estava mais em jogo a honra dos Gracie. As duas partes apenas aproveitavam os dividendos financeiros de uma rivalidade que foi chamada de “Fla-Flu do jiu-jítsu”.

Durante uma luta de Carlson, transmitida ao vivo pela TV Rio, em 1958, descobriu-se como poderia ser valiosa a parceria do vale-tudo com a televisão. No programa de variedades *Noite de Gala*, comandado por Flávio Cavalcanti, o Garotão venceu Guanair Vial, desafeto dos Gracie, de forma espetacular, com um nocaute técnico em apenas quatro minutos. O patrocinador, Abraão Medina, ficou entusiasmado com a reação animada do público. Dono da rede de lojas de eletrodomésticos O Rei da Voz, Medina era um empreendedor nato. Publicitário, empresário musical (de craques como Ronaldo Bôscoli, por exemplo), foi um dos primeiros grandes anunciantes da televisão brasileira. Foi ele quem convenceu o dono da TV Continental, o pernambucano Rubens Berardo,

a exibir um programa semanal dedicado ao vale-tudo (ou luta livre americana, como alguns jornais chamavam). Mais uma vez, a boa relação dos Gracie com a elite política ajudou: vice-governador do estado da Guanabara, Berardo era amigo de Carlos e Hélio. Além do retorno financeiro, da divulgação do vale-tudo e, por consequência, da eficácia do jiu-jítsu, a família queria reforçar seu desgosto com lutas de marmelada. Ficou acertado que os confrontos reproduziriam uma situação de briga real, em que novamente só não valeriam os chamados recursos amorais: mordida, puxão de cabelo e dedo no olho.

Em 1959, o projeto saiu do papel. *Heróis do Ringue* era exibido às segundas-feiras, às 20h30, em horário nobre, direto do Clube de Regatas do Flamengo, na Gávea, ou do Esporte Clube Carioca, no Jardim Botânico, em ginásios invariavelmente lotados. Além de Carlson, as estrelas maiores eram os professores mais graduados da Academia Gracie, entre eles João Alberto, Hélio Vígio e Armando Wriedt, contra representantes de outras artes marciais. João Alberto foi o primeiro lutador de fora da família a criar um grupo de fãs. Gago na infância, ele foi pinçado por Carlos, que logo percebeu a força natural do menino. No *Heróis do Ringue*, viveu o auge com vitórias por nocaute ou finalização, sempre no primeiro round. No dia seguinte, recebia o cachê de Cr\$20 mil (algo em torno de R\$5 mil), em dinheiro vivo, das mãos do próprio Medina. Hélio era o comentarista principal, talvez a única função profissional em que recebeu mais críticas do que elogios. Jornalistas reclamavam dos erros de português e das opiniões tendenciosas a favor dos lutadores da sua academia.

O programa começou a incomodar o mesmo *Noite de Gala* que exibira Carlson Gracie no ano anterior, que até então era líder no horário. Ao mesmo tempo que alcançava boa audiência, *Heróis do Ringue* também sofria com as críticas de outros canais e da imprensa escrita, feitas especialmente por jornais inimigos dos Gracie, como o *Última Hora*. O motivo, é claro, era o alto grau de violência dos combates. Até que, em 1962, uma luta de João Alberto resultou no fim do programa. Ele enfrentava um pernambucano chamado José Geraldo, bom de luta livre, mas com pouca técnica. Em menos de cinco minutos de luta, pegou-o

numa chave kimura clássica, a mesma que derrotara Hélio Gracie 11 anos antes, e ficou à espera da desistência do adversário. Mas, em vez das três batidinhas, o que se ouviu foi o osso de José Geraldo estalando. “Eu falei com o juiz que poderia quebrar o braço dele, mas não deu tempo de parar a luta. O Geraldo quis tentar sair, aquela coisa toda, e de repente quebrou o úmero”, recorda João Alberto, hoje um renomado psicólogo esportivo. A fratura, ao vivo e em close, foi demais para os telespectadores mais sensíveis. A crítica, que já era forte, tornou-se raivosa, e nem Abraão Medina foi capaz de manter o programa no ar. Pior que isso, o esporte foi banido no estado da Guanabara, sob a acusação de pôr em risco a integridade física dos atletas. “*Heróis do Ringue* acabou porque, como sempre, essas comissões de direitos humanos se metem onde não têm que se meter. Por que não jogaram a toalha? A culpa foi do corner do Geraldo”, afirma Vígio. Curiosamente, ao contrário do que desejavam os Gracie, o sucesso de *Heróis do Ringue* acabou abrindo caminho para o mais bem-sucedido programa de lutas encenadas exibido no Brasil, o *Telecatch*, estrelado por Ted Boy Marino, a partir da segunda metade da década de 1960, pela TV Excelsior, e depois pela TV Globo.

Além de salvar o nome da família, a era Carlson foi importante para difundir o vale-tudo em outros lugares do Brasil enquanto o esporte esteve proibido no estado da Guanabara. Ninguém lutou mais do que ele nas regiões Norte e Nordeste. Foi em Salvador, aliás, que sofreu sua única derrota, já com 39 anos. Seu algoz foi o potiguar Euclides Pereira, o Diabo Louro, que o superou numa batalha sangrenta, cujo resultado veio da decisão dos juízes, no Estádio da Fonte Nova, em 1968. “Agora Euclides é o dono da praça, pode ser chamado de campeão do Brasil, sem qualquer favor”, destacou o jornal baiano *A Tarde*. Euclides era bom de jiu-jítsu, mas também lutava boxe, capoeira e luta livre. Sua primeira luta foi contra um irmão de Waldemar Santana. A vitória lhe deu prestígio no Nordeste, a ponto de ter lutas exibidas na TV pernambucana, num programa chamado *Ringue Torre*, no canal do *Jornal do Commercio*. Em 1965, derrotou o próprio Waldemar, até ganhar a chance de enfrentar Carlson. Manteve a invencibilidade em centenas de lutas de que participou, a maioria no interior. Não alcançou mais fama porque sempre

morou longe dos grandes centros. Até morrer, Carlson contestou a derrota, alegando mudanças de regras em cima da hora. Preferia enaltecer outro lutador nordestino de renome, o paraibano Ivan Gomes. Os dois também fizeram um duelo inesquecível em Recife, que terminou empatado — segundo Carlson, a luta mais difícil da sua carreira. Ivan teve no currículo mais de duzentos combates de vale-tudo, inclusive no Japão.

Com a proibição do vale-tudo, os Gracie se dedicaram ao estabelecimento do jiu-jítsu esportivo no Rio de Janeiro. A criação de regras únicas, com sistema de pontos, contrariava o objetivo original da luta adaptada por eles, que era a defesa pessoal numa briga de verdade. Mas foi o jeito encontrado para que a modalidade se tornasse um esporte federado, com possibilidades de promoção de campeonatos, a exemplo de seu primo-irmão, o judô. Se o jiu-jítsu vivia uma fase morna, o vale-tudo entrou em estado de hibernação durante quase uma década. Só encontrou terreno propício para renascer em meados da década de 1970. Era uma época em que os filmes protagonizados por um americano criado em Hong Kong estouravam nas bilheterias nos Estados Unidos e, em seguida, em outros países latino-americanos. Lee Jun-fan, que mais tarde passou a usar o nome artístico de Bruce Lee, influenciou uma geração de jovens com seus saltos inverossímeis, chutes e socos certos. Como nunca se assumiu como adepto de uma determinada modalidade, Bruce Lee acabou fazendo propaganda de todas as lutas de golpes traumáticos, como o kung fu, o tae kwon do e o caratê. No Brasil, sua influência também foi evidente nas telonas do cinema e nas telinhas de TV. Em pouco tempo, começou um boom nas academias de lutas em pé do Rio e de São Paulo.

Sempre que se deparava com um filme de Bruce Lee, Hélio perdia o humor. Ironizava os golpes e perguntava em voz alta o que o astro americano faria se alguém o derrubasse no chão. “A gente nasceu sabendo o que é uma briga de verdade e via aquele negócio quase como uma piada. O sujeito brigava contra vinte e matava os vinte. Então era natural

que as academias de caratê, tae kwon do e kung fu absorvessem aquele ar de eficiência baseado no que o cinema mostrava. Começou aquela pressão para visitar as academias deles e mostrar que eles não tinham a eficiência que achavam”, conta Rorion.

Os Gracie já tinham encontrado novos alvos — só faltava uma justificativa para atacar. E ela apareceu quando um ex-aluno de João Alberto Barreto foi supostamente destrutado por seu mestre de tae kwon do, um coreano chamado Kim. “A mãe dele veio me procurar dizendo que o filho estava até com medo de sair de casa porque o professor ameaçou bater nele”, conta João Alberto. Hélio ficou sabendo que o tal mestre coreano não gostou de ouvir elogios feitos pelo jovem aos métodos de ensino de jiu-jítsu da Academia Gracie. Se fosse verdade, seria uma afronta não apenas à família, mas à arte marcial aperfeiçoada por ela. Era preciso tomar uma providência. Hélio convocou cerca de vinte alunos e professores para invadir a academia do mestre Kim, em Botafogo. Acompanhado de jornalistas e de um advogado, já chegou pronto para marcar o desafio. Exigiu um pedido de desculpas do professor, que mal falava português. Caso contrário, teria de enfrentar um representante do jiu-jítsu, provavelmente João Alberto. Por meio de um amigo brasileiro, o mestre de tae kwon do explicou que não ameaçara o jovem — só tinha lhe dado uma lição, como era comum em seu país. Mas aceitou o desafio: “Eu luto, sim, mas é matar ou morrer.” Só não concordou em assinar o documento levado pelo advogado, para que se comprometesse legalmente com o desafio. Dias depois, não se sabe por quê, Kim desistiu da luta.

Hélio Gracie entendeu o recado como uma rendição antecipada, mas não tirou da cabeça a ideia de um novo desafiante para o jiu-jítsu. Quem mordeu a isca foi um professor de caratê chamado Paulo César Silva Lopes. Em 1975, Lopes foi a um programa de TV fazer demonstrações. No meio do programa, o apresentador comentou que, uma semana antes, Hélio e Rorion tinham estado lá para exibir técnicas de jiu-jítsu, e o carateca fez um comentário desdenhoso, que desagradou à família. Não demorou muito para o desafio ser marcado, no Clube Olímpico de Copacabana. Em nenhum momento foi usado o nome “vale-tudo”, que

continuava proibido na cidade. Ao contrário de eventos anteriores, não houve grande cobertura da imprensa, mas o ginásio estava cheio. As lutas foram filmadas pela equipe do cinejornal *Canal 100*, de Carlinhos Niemeyer. Com uma facilidade que surpreendeu até os Gracie, o jiu-jítsu venceu as sete lutas marcadas, em combates rápidos — nenhum durou mais de três minutos. Bastava jogar o adversário no chão, onde os caratecas não possuem nenhum recurso, e finalizá-los com estrangulamentos ou chaves de braço. Coube a Rolls Gracie a luta principal, contra o próprio Paulo César. Rorion, Rickson e Relson também venceram seus combates.

Ao saber do evento, que de certa forma burlava a proibição do vale-tudo, o presidente da Federação Carioca de Pugilismo, Pedro Gama Filho, ficou transtornado. Além de não ter sido avisado de nada, ele descobriu que a academia de caratê de Paulo César não era registrada. O *Jornal do Brasil* publicou uma carta de Pedro, dirigida a Hélio, com críticas pesadas aos Gracie. Sua premissa era de que, ao contrário do que pensava a família, não existia uma luta superior a outra, mas que, se houvesse, o judô seria superior, pois Hélio perdera para Kimura. E menosprezava a vitória sobre caratecas que sequer estavam ranqueados na federação. Faixa preta de judô, jiu-jítsu e caratê, além de dono de uma academia e da universidade que leva seu sobrenome, Pedro era um dos homens mais respeitados no mundo dos esportes de luta na década de 1970. Suas críticas tinham um peso inédito contra a reputação dos Gracie. Hélio sentiu o golpe. Como é relatado no livro *Carlos Gracie: o criador de uma dinastia*, movido pela cólera, Hélio invadiu um programa ao vivo na TV Tupi comandado por Mauro Montalvão e desafiou Gama Filho a repetir tudo na frente dele. O dirigente se mandou para lá com esse objetivo, mas, quando chegou ao estúdio, Hélio já tinha ido embora. Não perdeu a viagem: acusou o jiu-jítsu de ser refém de um individualismo que nada acrescentava ao Brasil, enquanto o boxe, o caratê e o judô conquistavam medalhas importantíssimas para o país. “E, valentia por valentia, eu também sou valente”, finalizou. A resposta de Hélio veio pelo *Jornal do Brasil*, numa carta em que lembrava a Gama Filho que Kimura lutara jiu-jítsu — e não judô — no lendário duelo do Maracanã. Defendeu-se ainda

dizendo que jamais estimulou o individualismo, pois em cada desafio queria valorizar a arte marcial, e não o lutador. Por fim, para não perder o hábito, convidava Gama Filho a apresentar lutadores dispostos a desafiar os da Academia Gracie. Amigos em comum apagaram o incêndio com um jantar entre os dois, que acabou em abraços e na ideia de um torneio entre as duas academias. Mas em clima de amizade.

Sem novos adversários, o jiu-jítsu precisava ao menos de um campeão com o peso e o carisma de Carlson para retomar seu protagonismo. Nessa época, já aposentado como lutador, o Garotão se dividia entre as aulas na academia e os gramados. Apaixonado por competições, virou árbitro de futebol, uma rápida e marcante carreira que incluiu até jogos no Maracanã. A escolha para seu sucessor estava entre Rolls e Rorion, ambos criados por Hélio. Nascido de uma relação extraconjugal de Carlos com uma costureira contratada para trabalhar na casa deles, Rolls era considerado o mais técnico de sua geração. Com o irmão Carlson, dava aula para os primos Royce, Royler e Rolker. Moreno de olhos azuis, surfista e piloto de asa-delta, era a própria encarnação do Menino do Rio — de quem, aliás, era amigo. Petit — o jovem que inspirou a canção homônima de Caetano Veloso —, Ricardo Bocão, Daniel Friedman e Pedro Paulo Lopes, o Pepê, símbolos da geração dourada do surfe, foram alguns de seus grandes parceiros na praia do Arpoador. Mais sério e pragmático, Rorion estudava direito, enquanto continuava dando aulas com Rickson na academia do Centro, sob a supervisão estreita de Hélio. Antes de terminar o curso, já havia casado, tido duas filhas e se divorciado. Era dono de um espírito empreendedor. Tinha herdado do pai a disciplina e a convicção de que a arte marcial adaptada pela família precisava ser conhecida no mundo inteiro. Por isso, o plano de Rorion para o futuro era bem mais ambicioso do que se tornar o campeão da família. Assim que pôs o diploma debaixo do braço, arrumou as malas e decidiu partir para a prática.



Havia muitos carros como aquela Caravan bege rodando na noite fria de Teresópolis, região serrana do Rio. Cinco jovens se espremiavam lá dentro, embalados pela alegria dos bailes que fervilhavam pela cidade. A ideia era passar a madrugada no Clube Caxangá para desfrutar da última noite do Carnaval de 1982. Um pouco antes de chegarem, um rabo de saia mudaria os planos do grupo. Fantasiada de *cowgirl*, a jovem loura caminhava com mais duas amigas pela calçada em direção ao baile. Quem sabe alguém já não arrumava companhia antes mesmo de entrar? De dentro do carro, um deles soltou a gracinha.

— E aí, princesa? Que coisa gostosa, hein!

Nem deu tempo de a loura olhar na direção do carro. Um pouco mais atrás, o namorado respondeu por ela:

— Seus babacas! Gostosa é a mãe!

Poderia ter ficado por isso mesmo. Provocação de um lado, xingamento do outro — era Carnaval e no dia seguinte ninguém se lembraria mais de nada. Mas a Caravan bege tinha três Gracie e freou. Charles, que estava no banco do carona, foi o primeiro a descer do carro. Foi tirar satisfação com o namorado da *cowgirl* e só então percebeu que o sujeito era bem maior que ele. Rilion, tio de Charles, foi o segundo a sair do carro. Ele conta que, quando estava se aproximando, ouviu o cara perguntando quem, afinal, tinha mexido com a namorada dele.

— Foi ele aqui! — disse Charles, apontando para Rilion.

Rilion é o filho mais novo e franzino de Carlos Gracie. Naquele grupo, era o lutador mais graduado. Já tinha a faixa roxa de jiu-jítsu. “Deve ter sido por isso que o Charles jogou a responsabilidade para mim. Sem querer, ele me aprontou uma arapuca”, relembra um bem-humorado Rilion, hoje dono de academias de jiu-jítsu na Flórida e no Texas. A briga tem duas versões. Segundo o tio de Charles, o namorado ofendido não perdeu tempo. Armou logo um soco para cima dele, que tentou se esquivar, mas o antebraço bateu com força em sua cabeça. Instintivamente, Rilion puxou o sujeito para tentar levá-lo ao chão, mas a

camisa dele rasgou nas suas mãos. O namorado da *cowgirl* diz que conseguiu dar três tapas em Rilion, a quem teria derrubado com um golpe de judô. Nas duas versões, a turma do deixa-disso se intrometeu. Os brigões continuaram se xingando mais um pouco, mas logo os ânimos pareciam apaziguados. Só que Rilion se sentiu no prejuízo. Levou uma pancada na cabeça e não conseguiu revidar. Um Gracie não leva desaforo para casa, não é isso?

— Renzo, agora essa briga vai ter que terminar — disse ao outro sobrinho que estava no grupo.

Os cinco passageiros da Caravan seguiram a direção tomada pelo casal, reencontrado dentro de um botequim perto do Caxangá. Renzo se aproximou e disse ao namorado da loura que o tio dele estava chamando para terminar a briga. Seria um mano a mano ali mesmo na calçada. Ele poderia ficar tranquilo que ninguém se intrometeria. Na família deles, os conflitos se resolviam assim. Coisa de homem. Com um sorriso no rosto, o sujeito topou na hora. Ele também gostava de briga. A rua estava lotada de foliões. Na mesma hora, abriram uma roda para um vale-tudo sobre o chão de paralelepípedos. Pela maneira como o adversário se armou para a briga, Rilion logo percebeu que ele praticava alguma arte marcial, talvez caratê ou kung fu. Melhor assim, provavelmente não sabia nada de luta no chão. Agarrou-o pela cintura para jogá-lo para baixo, mas o sujeito caiu por cima dele, esmagando seu peito. Os dois ficaram agarrados no chão por alguns segundos, trocando socos imprecisos, até que Rilion conseguiu puxar uma perna do adversário. Era o que precisava para começar a dominar a briga. O outro homem reclama até hoje que os primos e os amigos de Rilion atrapalharam a briga. Um deles teria lhe dado um chute, o que seria uma transgressão à ética dos Gracie, que abominavam a covardia. Então uma patrulhinha da polícia chegou, acabou com a confusão e botou todo mundo para correr.

Até pela diferença de peso, a impressão geral foi de que Rilion tinha levado vantagem. Os amigos da Caravan bege saíram comemorando. Voltavam para casa com uma história bem melhor para contar do que se tivessem passado a noite em qualquer baile. Essa nova geração dos Gracie também tinha provado que não levava desaforo para casa. O namorado

da louca não podia dizer o mesmo. No dia seguinte, pegou a estrada para o Rio de Janeiro, revoltado. Não concordava com o que considerou uma covardia. Ele conhecia pelo menos um do grupo, Charles, que morava perto de sua casa, no Flamengo. Uma vingança não seria difícil. Mas estava disposto a esquecer tudo. Afinal, ele também tinha feito um estrago em um deles.

Menos de uma semana depois, mudou de ideia. Um amigo lhe telefonara contando que Charles estava espalhando pela vizinhança que Rilion tinha espancado um “cara folgado” em Teresópolis. O sangue lhe subiu imediatamente à cabeça. Só sossegou quando encontrou Charles com o primo Royce na rua Marquês de Abrantes. Sem dar qualquer tempo para reação, acertou-lhe um soco seco no nariz. Charles apagou na hora. Quando acordou, ficou sabendo pelos amigos quem era o autor da agressão: Mário Dumar, conhecido como Marinho, figura conhecida no bairro, lutador de tae kwon do da Academia Naja, no Largo do Machado, bairro vizinho. O mesmo que lutou com Rilion em Teresópolis. Charles conta que, no dia seguinte, foi até a Naja, acompanhado de um amigo do jiu-jítsu, para se entender com Marinho. Mas saiu de lá com um convite para uma pancadaria generalizada, envolvendo mais gente. Charles já sabia quem comandaria o grupo do jiu-jítsu: o tio Rolls.

Rolls estava longe de ser dos mais radicais da família. Era admirado pelas mulheres Gracie por ser muito menos machista do que os outros homens do clã. Mas sabia se impor em situações de estresse. Era um líder nato. Foi assim quando comandou uma briga contra surfistas da praia do Diabo, no Arpoador. Nesse episódio, ele mesmo fora o pivô da confusão, que começou na água, depois da arrebentação. Incomodado com o novato que atrapalhava suas ondas, o futuro ator e apresentador de TV Daniel Sabbá, faixa marrom de caratê, foi tirar satisfações. Na época, algumas praias do Rio tinham importado do Havá a prática de discriminar os *haolis*, ou seja, os surfistas que não frequentavam

habitualmente o lugar. “Ei, que porra é essa de entrar na onda de um local, rapaz? Sai da água agora!”, ordenou. Rolls não falou nada na hora. Saiu da água, foi até Copacabana e recrutou um grupo da academia, incluindo o primo adolescente Rickson. A ideia era dar uma lição naqueles playboys do Arpoador. Seria um para um, como sempre. Sabbá foi a vítima de Rolls. “Não deu nem para a saída. Tentei dar um soco andando nele, coisa de carateca, mas o Rolls foi logo montando em cima de mim e me dominou. O cara parecia um ninja. Eu amarelei mesmo, e ele não fez nada comigo”, conta Sabbá. Outros frequentadores conhecidos, como Rico e Pepê, apanharam ou fugiram. Sabbá não foi o único a ficar curioso para conhecer aquela arte marcial espetacular. A convite de Rolls, os surfistas começaram a ter aulas na academia. Em contrapartida, ensinavam os segredos de seu esporte ao pessoal do jiu-jítsu.

Rolls também se diferenciava de seus primos e irmãos porque se interessava por outras lutas. Tentou formar uma equipe brasileira de luta livre para participar das Olimpíadas de Moscou, em 1980, e disputou com sucesso torneios de sambô, uma modalidade de origem russa que se assemelha à luta olímpica. Depois de um Pan-Americano nos Estados Unidos, recebeu até convite para permanecer por lá, mas foi convencido pelo tio Hélio de que era importante ficar no Brasil por ser uma referência do jiu-jítsu. Só disputou um vale-tudo na vida — o duelo contra os caratecas no Clube Olímpico —, mas tinha todas as características de um bom lutador, em especial o destemor. Dirigia sempre em alta velocidade — capotou duas vezes — e enfrentava ondas indicadas apenas a profissionais. No tatame, era um monstro. “Nos treinos, o Rolls fazia o que queria do Rickson. O Rickson tinha 25, o Rolls, 28 ou 29, e ele ganhava a hora que queria. Eu falava: ‘Rolls, vai devagar, porque você ganha do Rickson, e o tio Hélio fica danado da vida. Brinca com ele de vez em quando’”, contou Carlson ao programa *Passando a Guarda*, do canal SporTV, em 2004.

Rolls teve exatamente a reação que Charles esperava. Quando soube que o sobrinho de 15 anos tinha apanhado de um sujeito mais forte e mais velho, convocou os alunos mais próximos que estavam treinando na academia. “Quem não chegar junto não faz mais aula comigo”, disse, ninguém sabe se brincando ou de verdade. Saíram uns vinte lutadores da academia, entre eles os pivôs da confusão, Charles e Rilion. A ideia não era promover uma pancadaria generalizada, mas apenas garantir que o problema seria resolvido no método Gracie. Rilion pediu para enfrentar Marinho de novo, mas Rolls não deixou: “O cara é grande e o serviço tem que ser feito mais rápido agora”, disse. Já estava anoitecendo quando eles chegaram ao Largo do Machado. A Academia Naja era referência no ensino de tae kwon do e de muay thai. Os dois sócios, Flávio Molina e Wellington Narany, tinham aprendido boxe tailandês diretamente com Nêlio Naja, que trouxe a luta para o Brasil depois de passar uma temporada na Tailândia. Ambos estavam lá na hora da invasão, mas Rolls só queria saber de Marinho. Estava claro que não se tratava de uma visita de cortesia, justamente num dia destinado às aulas para mulheres e crianças, mas foi o próprio Rolls que se antecipou: “Tirem a mulherada e esses garotos daqui. Não vai ter covardia com ninguém. A gente só quer dar uma lição nesse tal de Marinho.”

Só ficaram os homens. Molina se apresentou e disse que ninguém tinha direito de entrar na academia dele, muito menos para tirar satisfação com um aluno que vinha a ser seu cunhado. O que aconteceu em seguida tem duas versões, difundidas pelos admiradores de cada modalidade. Narany conta que três lutadores de jiu-jítsu apenas imobilizaram Molina, para que ele não se intrometesse. Então, Rolls foi para cima de Marinho. Derrubou-o, montou em cima dele e ficou batendo em seu rosto, sem muita força. “Tá vendo como é fácil bater em criança? Mas não vou quebrar a tua cara, não. É só para você aprender”, teria dito.

Segundo Charles, a invasão foi bem mais emocionante. Além de Marinho, que ficou de fato sob os cuidados do tio, Molina e outros lutadores da academia também apanharam. E apanharam feio. Alguns foram apagados com estrangulamento. “Um contra um, coisa de homem

mesmo”, conta Charles, hoje dono de uma academia de jiu-jítsu na Califórnia. Narany, inclusive, teria participado da briga com o peso de um haltere apontado para Rolls. Outro deles portaria um estilete. De acordo com Marinho, a turma do jiu-jítsu, de fato, baixou o sarrafo, mas sempre na covardia. Ele conta ainda que precisou enfiar o dedo nos olhos de Rolls para não ser jogado pela janela da academia. O pessoal do jiu-jítsu diz que a briga só terminou quando alguém avisou sobre a chegada da polícia. Então os invasores saíram correndo. Na versão de Narany, a correria aconteceu porque estavam chegando outros praticantes de muay thai. Royler se lembra até de ter visto o primo Rolls em casa, com a camisa ensanguentada e contando a Hélio que a turma do muay thai prometera invadir a academia em represália. Essa ameaça nunca se concretizou, mas era verdade que o pessoal da Naja não tinha engolido a invasão. “O Molina ficou numa sinuca. Ele achou que o Rolls agiu com dignidade, mas se sentia na obrigação de defender o cunhado e a arte marcial que amava. Era um cara de paz, mas estava no lugar errado, na hora errada”, diz Narany.

A rixa entre o jiu-jítsu e o muay thai estava estabelecida. Representantes dos dois lados não perdiam a oportunidade de cutucar os rivais em entrevistas a jornais. Começaram a correr histórias de que um praticante de jiu-jítsu que fosse reconhecido no Largo do Machado voltaria para casa quebrado. O mesmo valia para o outro lado: um lutador de muay thai que fosse visto em área do jiu-jítsu também apanharia. Mas quis o destino que dois personagens importantes da recém-nascida rivalidade não acompanhassem seu desenrolar. Marinho, naquele mesmo ano, se mudou para os Estados Unidos. Quase na mesma época, num domingo sem vento em Visconde de Mauá, no sul do estado do Rio de Janeiro, Rolls decidiu passar a tarde voando. A asa-delta embicou para a esquerda a poucos metros do ponto de decolagem e caiu como uma pedra, matando-o na hora, aos 31 anos. A tragédia comoveu não só o mundo das artes marciais, mas a juventude da Zona Sul carioca.

O luto por Rolls serviu apenas como trégua. As academias de caratê, muay thai e tae kwon do continuavam recebendo mais alunos do que as de jiu-jítsu. Agora, além de Bruce Lee, o ator-lutador belga Jean-Claude

Van Damme também tinha virado ícone mundial da pancadaria. Nos filmes deles, as lutas eram decididas em pé, com socos, cotoveladas ou voadoras espetaculares. Incomodada, a cúpula do jiu-jítsu — leia-se, claro, a família Gracie — tinha uma excelente oportunidade de provar de novo a superioridade da arte marcial deles e, de quebra, voltar para os holofotes. Robson procurou Molina para resolver o impasse com um grande desafio. Segundo ele, seria melhor para a imagem do jiu-jítsu e do muay thai organizar um combate esportivo com data e hora marcadas do que diversas brigas no meio da rua. “No fundo, o Flávio não queria isso. Foi um circo armado para o jiu-jítsu se criar, mas ele não tinha mais como recuar”, conta Narany.

No início da década de 1980, os Gracie estavam tão sedentos por um vale-tudo como nos velhos tempos que aceitaram enfrentar até o representante de uma luta completamente desconhecida. O maranhense Casimiro Nascimento Martins era um gigante negro de 102 quilos e 1,93 metro que começou a ganhar fama no fim dos anos 1970 em lutas amadoras no interior do país. Conhecido como Rei Zulu, era uma figura folclórica. Nunca tinha frequentado uma escola ou uma academia de lutas. Seu treino físico favorito era puxar um pneu de caminhão com uma corda amarrada ao pescoço. Seu estilo, semelhante ao da luta livre, era resultado da adaptação para os ringues de um misto de dança e brincadeira criado por negros e índios do interior do Maranhão. Chamava-se tarracá. A história de Zulu e do tarracá teria se restringido ao interior do Brasil se, um dia, ele não tivesse derrotado um aluno de jiu-jítsu de Waldemar Santana. O homem que venceu Hélio Gracie fez chegar aos ouvidos da família que existia no Nordeste um lutador invicto havia 150 lutas. Na verdade, Zulu já tinha perdido em 1979 para Euclides Pereira, o Diabo Louro, o mesmo que impôs a Carlson sua única derrota, mas no Rio de Janeiro ninguém sabia. Rolls era o mais indicado para enfrentá-lo, mas antes o gigante teria de vencer o jovem Rickson, de 21 anos, o segundo na escala de lutadores dos Gracie. Ele tinha oitenta quilos,

22 a menos que o autoproclamado imperador do Maranhão.

O vale-tudo aconteceu no dia 25 de abril de 1980, em Brasília. Zulu era um showman no melhor estilo *Telecatch*. Suas caretas arrancavam gargalhadas do público, mas suas gingadas e reboladas eram vaiadas como provocação. Quando o gongo soava, porém, não havia espaço para brincadeira. “Foi a luta mais difícil entre as 487 que fiz em minha carreira. Minha mente não acreditava que eu ganharia”, conta Rickson, o único Gracie que manteve até o fim a invencibilidade no jiu-jítsu e no vale-tudo. Zulu chegou a arremessar Rickson para fora do ringue duas vezes. Entre um round e outro, ele confessou para Hélio e Rolls que não estava mais aguentando o cansaço. “Cansado é o caralho! Cansado está o negão!”, respondeu Rolls, antes de derramar um balde de gelo na cabeça do primo. Rickson voltou e encaixou um mata-leão que fez Zulu reconhecer a derrota. Foi uma luta tão dura que em novembro de 1983 Hélio aceitou uma revanche em nome do filho, dessa vez no Rio de Janeiro, enquanto não se acertava o vale-tudo com a turma de Molina. Seria a volta de um Gracie ao Maracanãzinho depois da inesquecível vitória de Carlson sobre Waldemar. O ginásio recebeu 15 mil pagantes, com direito a personalidades como a atriz Maitê Proença e o jogador de vôlei Bernard Rajzman. Enquanto se aquecia, dando cambalhotas, Rei Zulu recebeu uma saraivada de bolinhas de papel arremessadas pelo público.

— Vou arrepiar esse homem aí — disse Rickson em entrevista à TV Globo.

— Tenho certeza absoluta de que ele vai virar freguês — rebateu Zulu.

Foi outra luta violentíssima. Mais forte, Zulu jogou Rickson no chão várias vezes. Em cima do adversário na maior parte do tempo, ele abusava das cabeçadas, enquanto o Gracie o castigava com golpes de calcanhar na altura dos rins — o maranhense passaria o dia seguinte urinando sangue. Cansado, o Rei Zulu novamente perdeu a majestade com um mata-leão perfeito. Deixou o ringue reclamando que o juiz atuou pressionado pelos gritos da torcida do jiu-jítsu, mas ninguém lhe deu muita bola. A bolsa de US\$3 mil, uma fortuna perto do que ganhava no Norte e no Nordeste, serviu para lhe acalmar os ânimos. Com a vitória, Rickson ganhou o

equivalente a US\$5 mil e se consolidou como o número um da família, mas seu nome sequer foi cogitado para o confronto com o muay thai, ali mesmo, no Maracanzinho. Entre os Gracie, a certeza da vitória em todas as lutas, como acontecera no último desafio contra o caratê, era tão grande que eles sequer botaram representantes da família no programa.

Dessa vez, a proximidade de Robson Gracie com a esquerda, que já tinha lhe causado tantos problemas, seria muito útil. Eleito governador do estado do Rio de Janeiro em 1982, nas primeiras eleições diretas desde o golpe militar de 1964, Leonel Brizola pôs o amigo e ex-chefe de segurança na superintendência da Suderj, órgão responsável pelo Complexo do Maracanã. Por isso, não houve maiores dificuldades para usar o ginásio. Com o apoio da revista *Manchete*, o evento foi chamado de A Noite das Artes Marciais. Foram colocadas até cadeiras em torno do ringue, para acomodar as 22 mil pessoas que compareceram naquela noite de sexta-feira, 30 de abril de 1984. A torcida do jiu-jítsu era maior, mas, como praticantes de todas as outras artes marciais se juntaram a favor do muay thai, a impressão era de que o ginásio estava dividido. Nessa época, as torcidas organizadas de futebol contavam com muitos lutadores de boxe tailandês. Havia um clima de hostilidade no ar, mas não ocorreu nenhum incidente além de troca de empurrões ao redor do ringue. “Foi muito mais pacífico do que o show do Kiss no Maracanã, um ano antes”, diz Robson.

Sem jurados, mas com limite de tempo, as lutas seriam decididas como nos tempos de Hélio Gracie: desistência ou perda de sentidos, com possibilidade de empate ao fim de três rounds de cinco minutos. Como o evento foi organizado por Robson, os juízes escolhidos eram ligados ao jiu-jítsu, entre eles o delegado Hélio Vígio. O cenário estava preparado para a festa. “A gente queria provar que qualquer praticante de jiu-jítsu poderia dar um jeito neles”, conta Royler, único Gracie que chegou a ser cogitado para lutar. Eles nem desconfiavam de que Flávio Molina, além de se escalar para a equipe do muay thai, estava recrutando a nata dos praticantes de lutas em pé no Rio de Janeiro. Mas ele sabia que precisava encontrar gente com algum conhecimento de chão, onde o jiu-jítsu definia os combates. Não foi fácil: as maiores referências do boxe

tailandês na época, Luiz Alves e Narany, não toparam. Molina tentou até adiar o vale-tudo por causa disso, mas Hélio Gracie não aceitou. Então o dono da Naja foi buscar lutadores na academia de Carlinhos Brunocilla, no Clube de Regatas Boqueirão, perto do aeroporto Santos Dumont. Ali funcionava um misto de sala de musculação e ringue de lutas. Era uma reunião dos valentões de diversas modalidades, à exceção do jiu-jítsu. O dia nobre era o sábado, quando o pessoal da luta livre recebia adeptos de outras artes marciais para o que chamavam de *taparia* — nada além de um vale-tudo informal. “A gente trocava uns tapas apenas para relaxar, se divertir”, conta Hugo Duarte, um dos frequentadores.

Foi lá que Flávio Molina conheceu o carioca Marco Ruas, que anos depois se tornaria uma lenda dos primórdios do UFC. Filho de policial federal, Ruas já exibia um perfil diferente em uma época em que a fidelidade a uma arte marcial era a regra: praticava boxe, capoeira, taekwon do, luta livre e muay thai. Como muitos de seus colegas, entre eles Hugo Duarte, fazia bico de segurança em boates da Zona Sul, como a Vogue e a Hippopotamus. Fazia tanto estrago em brigas de rua que em Copacabana, onde morava, amigos e vizinhos o chamavam para resolver questões pessoais. Desde aquela época, Ruas era conhecido por ter uma mão enorme, desproporcional ao tamanho do braço. Quando aceitou o convite de Molina, não sabia da briga em Teresópolis nem da invasão da Academia Naja. “Na pesagem, apareceram mais de 15 caras do jiu-jítsu para nos intimidar, tentando ganhar na sugestão. Aí comecei a perceber que era um negócio pessoal, e não um desafio esportivo”, conta Ruas, que hoje dá aulas e faz seminários sobre lutas nos Estados Unidos. “Mas eu não quis saber. Era a chance de ganhar um dinheiro.”

Aos 21 anos, Eugênio Tadeu aceitou o desafio contra o jiu-jítsu por outra razão. Ex-capoeirista, sentia-se em dívida com Molina, que havia lhe ensinado muay thai de graça na Naja. Também ficou sensibilizado com o discurso do mestre de boxe tailandês, para quem os Gracie se portavam como justiceiros na cidade. “A gente entrou nessa para acabar com a onda deles, de se acharem melhores que todo mundo. A gente queria a democratização das artes marciais, o respeito. Como é que você vai a um lugar e não pode usar uma camisa de uma modalidade de luta porque

nego vai te bater, vai te esculachar e vai te botar para correr?”, diz Eugênio. Marcelo Mendes seria o outro representante do boxe tailandês, mas ele apareceu dias antes do vale-tudo com a perna engessada. Na falta de outro lutador de muay thai em condição de subir no ringue, o último integrante do time de Molina foi Bruce Lucio, do kung fu.

A primeira luta da noite foi entre Eugênio Tadeu e Renan Pitanguy, faixa preta da academia de Carlson. Além do muay thai e da capoeira, Eugênio já tinha praticado judô e luta livre e, portanto, não era totalmente cru no chão. Malandro e raçudo, também aproveitou bem o fato de Pitanguy ter lutado de quimono — uma exigência de Hélio — e venceu por nocaute no segundo round. “Segurei no pano dele e enfiei a porrada”, conta Eugênio. A derrota na primeira luta estava fora do roteiro da turma do jiu-jítsu. “A gente ficou assustado”, reconhece Álvaro Barreto, faixa vermelha formado pelos Gracie. Mas a segunda era dada como vitória certa. Sem nenhum conhecimento de chão, Bruce Lucio foi finalizado com um estrangulamento em menos de dois minutos por Inácio Aragão, que, orientado por Álvaro, se recusou a usar o quimono. O adversário de Marco Ruas foi Fernando Pinduka, outro faixa preta de Carlson, conhecido casca-grossa da Zona Sul, convocado a apenas 15 dias do evento. Tinha a vantagem de ser cinco quilos mais pesado e a desvantagem de ser nove anos mais velho que o adversário. Pela maior experiência em campeonatos, no entanto, era o favorito. “Nem o cara que estava me ajudando no corner parecia acreditar muito em mim”, conta Ruas. Foi uma luta bonita, técnica, em que Ruas agrediu mais em pé, sem conseguir nocautear, e Pinduka foi mais eficiente no chão, sem conseguir finalizar. “Cinco minutos por round era muito pouco. Botar aquele homem três vezes no chão em três rounds e não ter continuidade era muito desgastante para mim”, conta Pinduka. O empate acabou empurrando a decisão do desafio para o último combate, entre Molina e Marcelo Behring.

Filho de um dos alunos mais conceituados de Hélio, Flavio Behring, Marcelo era um fenômeno em cima do tatame, provavelmente o nome mais forte do jiu-jítsu fora da família Gracie. Vestido com uma sunga preta, ele foi o responsável pelo maior massacre da noite. Molina até que

começou bem, mas, no primeiro chute que deu na perna de Behring, seu joelho saiu do lugar. O que havia de autoconfiança se perdeu ali. Ainda no primeiro round, o representante do jiu-jítsu montou em Molina e desferiu mais de trinta socos no rosto do adversário, que não fez mais nada além de se defender. “Finaliza, finaliza”, gritava Robson, ao lado do ringue. Mas Behring parecia possuído e não parava de martelar. No momento mais violento da luta, alguém do corner de Molina arremessou a toalha, em sinal de desistência, mas o juiz Hélio Vígio não se abalou. Pegou a toalha, enxugou o próprio suor no rosto e deixou Behring continuar batendo. “Queria que o Molina se rendesse aos olhos de todo mundo”, justifica o delegado. Isso não aconteceu, e Vígio teve que dar a vitória por nocaute técnico para que não acontecesse uma tragédia. A noite terminou com uma luta fora do programa jiu-jítsu x muay thai: o folclórico Zulu contra o kickboxer Sérgio Batarelli. Zulu venceu com uma guilhotina e se credenciou para uma segunda revanche contra Rickson, que nunca aconteceu. O prejuízo de Batarelli foi total. “Recebi dois cheques sem fundo como pagamento da minha bolsa”, recorda.

Tinha sido por pouco, mas o jiu-jítsu novamente saía de um vale-tudo considerando-se vitorioso, usando de requintes de crueldade contra o principal desafiante, Flávio Molina. Por outro lado, o pessoal do muay thai alega até hoje, com razão, que houve empate entre as duas modalidades, uma vez que uma das vitórias do jiu-jítsu foi sobre um praticante de kung fu. “Estava tudo armado para sermos buchas do jiu-jítsu. Como sempre, eles queriam alguém para bater palmas para eles. Mas não foi bem assim”, diz Eugênio Tadeu.

O vale-tudo esfriou, mas foi incapaz de apagar a rixa entre o jiu-jítsu e o muay thai. Na verdade, ela foi se estendendo aos poucos para outras modalidades, em especial a luta livre. Sempre que as galeras das academias se encontravam na rua, o clima ficava pesado. Se houvesse qualquer faísca, uma explosão acontecia. As divisões de território na Zona Sul ficaram mais evidentes. Flamengo, Botafogo, Largo do Machado e Catete eram áreas da luta livre, enquanto o jiu-jítsu imperava no Humaitá, no Leblon e em Ipanema. Havia apenas um lugar de trégua entre os dois grupos: a conceituada Academia de Boxe Nobre Arte, na favela do Pavão-

Pavãozinho, em Ipanema, onde ambas coexistiam. “Quando eles entravam na minha academia, eu falava assim: ‘Eu sei que vocês não se gostam, mas, se eu vir um olhando de cara feia para o outro aqui, boto os dois para fora’”, conta o professor e dono da Nobre Arte, Cláudio Coelho, que deu aulas de boxe para os Gracie, para Marco Ruas, Wálid Ismail, entre outros.

Promessas de novos desafios pipocavam de um lado e de outro, mas sempre havia uma desculpa para adiá-los. Até que o chefe do clã Gracie se intrometeu. Marco Ruas conta que, quatro anos depois do vale-tudo do Maracanãzinho, foi procurado por Hélio Gracie na Academia Corpore de Ipanema, onde dava aulas de boxe tailandês: “Campeão, fiquei sabendo que você quer enfrentar o Rickson.” De fato, os dois lutadores tinham recebido uma sondagem de um promotor para se enfrentarem pelo equivalente a um ano de salário de Ruas como professor. Hélio ainda não estava convencido. “Você sabe que o meu filho é o melhor lutador do mundo, né?”, perguntou. “Então vai ser uma honra enfrentar o melhor do mundo”, respondeu. Cismado de que Ruas só era tão bom porque também treinava jiu-jítsu, Hélio admitia apenas duas possibilidades de promover a luta com o filho: que se pagasse mais do que o promotor oferecia — um valor absurdo, segundo Ruas — ou que fizessem o desafio a portas fechadas, dentro da Academia Gracie. “Mas, professor, não tenho nada pessoal contra o Rickson. Para mim, isso é uma questão profissional.” Hélio foi embora sem dar uma resposta, e Ruas só voltou a ter notícias dele um mês depois, por meio de um telefonema de Carlinhos Brunocilla, o dono da academia do Clube Boqueirão, no bairro da Glória.

— Ruas, vocês está treinando?

— Estou sempre treinando.

— Então vem hoje, às sete horas, para o Boqueirão. O Rickson vem aqui para te desafiar.

Mesmo um sujeito como Ruas levaria um susto. Ele ainda não sabia que aquele desafio-relâmpago tinha surgido por causa de uma entrevista de Molina desdenhando de Rickson. “Ele diz que é o melhor do mundo, mas tem um montão de gente do muay thai e da luta livre doida para

enfrentá-lo”, disse o dono da Naja numa reportagem sobre muay thai para a TV Manchete, em 1988. Quando Ruas chegou, o circo estava armado. De um lado, Brunocilla, Hugo Duarte, Eugênio Tadeu e Denilson Maia; do outro, Hélio, Rickson, Rilion, Marcelo Behring e outros alunos, como o hoje advogado e deputado federal Sergio Zveiter. “O Rickson chegou lá disposto a lutar até com três deles naquele dia”, conta Zveiter.

A discussão foi longa. Rickson dizia que se alguém ali se achava melhor que ele que falasse na hora. Até então, suas únicas lutas de vale-tudo tinham sido as duas vitórias sobre o Rei Zulu.

— Rickson, não leva a mal não, mas aquela tua luta com o Zulu foi uma marmelada danada — disse Flávio Paraíba, da luta livre.

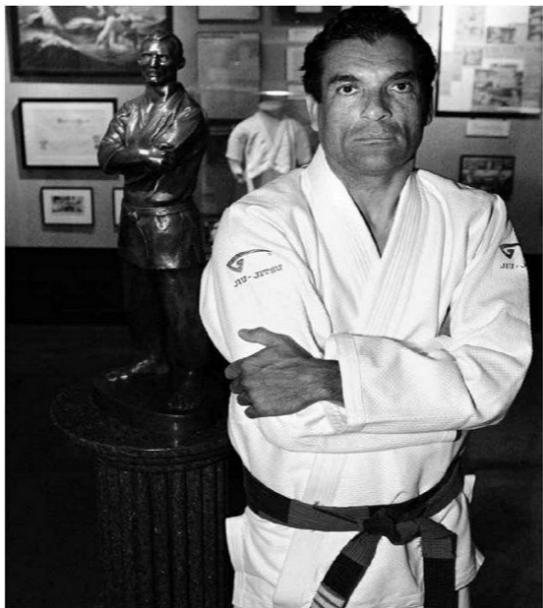
Marmelada geralmente era uma palavra capaz de tirar qualquer Gracie do sério. Ouviram-se xingamentos e ameaças, mas ninguém partiu para cima do outro.

— Eu vim aqui para saber quem vai brigar comigo. E tem que ser agora — disse Rickson.

Foi então que notaram a chegada de Ruas. Brunocilla o apresentou como o futuro rival de Rickson. Também neste caso, há duas versões mais recorrentes para o que aconteceu. Em entrevista à *Tatame* em 2005, Rickson disse que chegou disposto a encarar o desafiante dentro do Boqueirão, mas que Ruas teria pedido um tempo para treinar, “já que estava sendo desafiado”. “Tá maluco? Já imaginou se o Pelé chega com o Cosmos para desafiar o Ferroviário? Não vou te desafiar nunca. Estou aqui para sair na porrada com quem gosta de brigar”, teria dito Rickson. Ruas afirma que, de fato, preferia um vale-tudo profissional, com pagamento de bolsas e presença de público, mas que se colocou à disposição para enfrentar o campeão dos Gracie a qualquer hora, inclusive ali mesmo. Só que Hélio teria dito que ele era carta fora do baralho. “Eles me tiraram do negócio porque não me consideraram representante da luta livre. O Hélio cismou que eu também lutava jiu-jítsu”, conta Ruas.

Depois de muito bate-boca, Rickson saiu com a promessa de uma luta. Ainda não havia data, mas o adversário já estava escolhido: Denilson Maia, o mais técnico entre os praticantes de luta livre. Antes de marcarem o vale-tudo, no entanto, o pai de Denilson morreu e decidiram substituí-lo

por Hugo Duarte. No episódio do Boqueirão, Hugo tinha se oferecido para lutar com Rickson num prazo de três meses, mas ninguém do jiu-jítsu lhe deu importância. Eugênio Tadeu também disse que lutaria, mas por causa de seu peso teria de enfrentar alguém mais leve. Ao ser informado por telefone do nome do novo desafiante de Rickson, Hélio desdenhou: “Quem é Hugo Duarte para enfrentar o Rickson?” E desmarcou o vale-tudo até que encontrassem um rival de peso para o filho. A atitude do pai acabou deixando Rickson numa saia justa. O pessoal da luta livre começou a espalhar que o campeão dos Gracie tinha se assustado com o tamanho e a coragem de Hugo Duarte. Rickson não poderia desafiá-lo publicamente porque, como disse para Ruas, seria como o Cosmos de Pelé desafiar o Ferroviário. Por outro lado, também não podia engolir aqueles comentários a seco. Com viagem marcada para os Estados Unidos, onde passaria a morar com o irmão Rorion, ele precisava acabar com essa história logo. Nem que fosse numa briga de rua — a mais famosa briga de rua do Rio de Janeiro.



Com os rostos colados, maquiagem perfeita, as duas louras de olhos verdes e faces simétricas compõem uma bela foto. O enquadramento é fechado, não há parte alguma do corpo à mostra. O simples olhar delas oferece toda a sensualidade indispensável à capa de uma revista masculina. A sutileza do fotógrafo, no entanto, contrasta com a do editor que redigiu o título: “Dobre seu prazer! Duplamente gostosas! Duplamente deliciosas!” Além das coelhinhas gêmeas, a *Playboy* americana de setembro de 1989 brindou o leitor com um almanaque sobre dúvidas sexuais e uma entrevista explosiva com o astro do beisebol Keith Hernandez, que falava sobre seu envolvimento com drogas. Mas foi uma reportagem que nem mereceu destaque na capa que fez o publicitário californiano Art Davie se mexer na poltrona enquanto bebericava um copo de uísque.

“*BAD*” (“mau”), dizia o título, em letras garrafais. Abaixo, o subtítulo: “Rorion Gracie está disposto a lutar até a morte para provar que é o homem mais durão do Oeste.” A reportagem é assinada por Pat Jordan, um dos jornalistas esportivos mais respeitados dos Estados Unidos. Ele fez seu nome escrevendo grandes reportagens para as principais revistas do país, entre elas *New Yorker*, *Playboy*, *Rolling Stone*, *GQ* e *Sports Illustrated*. Jordan soube da história de Rorion como a maioria das pessoas: propaganda boca a boca. O roteiro que lhe apresentaram era irresistível. Um brasileiro radicado na Califórnia dava aulas particulares de jiu-jítsu, na época uma luta tão desconhecida para os americanos quanto o savate (um boxe com pés e mãos) para os brasileiros. Dentro da pequena garagem de sua casa, que servia como sala de aula, ele convidava praticantes de outras modalidades a enfrentá-lo. Rorion chegava a oferecer US\$100 mil, dinheiro que ele não tinha, para quem o derrotasse numa luta sem tempo nem regras — ou, como gostava de dizer, na reprodução de uma briga real. Todo mundo que se aventurara a testar o tal jiu-jítsu teria se arrependido. O professor garantia que vinha de uma família de guerreiros franzinos, que desde os anos 1920 botavam para

dormir os homens mais fortes e valentes do Brasil.

Jordan começa a reportagem com uma afirmação categórica: “O homem mais durão dos Estados Unidos não ostenta nenhum título e participou de apenas uma luta (oficial) em anos.” E, depois de relatar alguns desafios que Rorion venceu na garagem de casa, ele lista as façanhas proporcionadas pelo jiu-jítsu à família Gracie ao longo dos anos, incluindo as vitórias (e derrotas) épicas de Hélio nos anos 1940 e 1950 e as recentes vitórias de Rickson sobre o Rei Zulu. Era exatamente o tipo de publicidade com que Rorion sonhava desde que desembarcara nos Estados Unidos pela terceira vez, em 1978. Na primeira, no final da década de 1960, tinha passado um ano sozinho de férias, curtindo a vida sem compromissos em Nova York, na Califórnia e no Havaí. Em um albergue de Los Angeles, teve a passagem de volta para o Brasil e algumas centenas de dólares roubados pela recepcionista. Sem querer preocupar os pais, disse a eles que estenderia a permanência lá para dominar melhor a língua inglesa.

Trabalhou ilegalmente numa lanchonete, fritando hambúrgueres, até juntar dinheiro para passar uns dias no Havaí. Lá, gastou tudo, a ponto de ter que dormir na rua em algumas noites. Depois voltou a trabalhar em empregos informais, normalmente pintando paredes, até juntar o suficiente para voltar ao Brasil. A segunda viagem aos Estados Unidos foi menos emocionante. Durou apenas os três meses das férias de verão, mas serviu para fortalecer a vontade de se mudar definitivamente para o país. Em vez de uma aventura juvenil, ele partiria para uma missão de responsabilidade. Sentia-se escolhido para continuar a saga do pai nos Estados Unidos. “O jiu-jítsu jamais seria reconhecido mundialmente como a arte marcial mais eficiente se os americanos não acreditassem nisso”, diz Rorion. Ele recrutou um amigo e aluno chamado Ricardo Alvarez e se mandou para a Califórnia sem data para voltar.

A reportagem da *Playboy* não dizia, mas Rorion não foi o primeiro Gracie a levar o jiu-jítsu brasileiro para os Estados Unidos. Em 1972, seu primo Carley, filho de Carlos, ensinou a luta nos estados da Virgínia e da Flórida. Mas foi o primogênito de Hélio quem soube dar o pulo do gato. Com menos de dois meses em Los Angeles, Rorion começou o trabalho

de formiguinha. Ao lado de Alvarez, passava a maior parte do dia em busca de uma escola de artes marciais que o aceitasse como professor de jiu-jítsu, não apenas por uma questão ideológica, mas de sobrevivência. O dinheiro que levava do Brasil não duraria mais de dois meses. Já estava cansado de tantas respostas negativas quando entrou numa academia de tae kwon do, em Santa Monica Boulevard, em Los Angeles. Começou listando os benefícios do jiu-jítsu como defesa pessoal e estímulo para autoconfiança dos mais fracos, mas o mestre coreano Il Cho não queria saber de conversa. “Não precisa, não, porque já temos tae kwon do e caratê aqui. Não há espaço para outras lutas”, disse. Em seguida, completou: “E não existe nada melhor para defesa pessoal do que o tae kwon do.” Foi a deixa de que Rorion precisava para lançar um discurso mais agressivo. Com um inglês ainda modesto, tentou explicar ao coreano que as brigas normalmente terminam no chão e, lá embaixo, não existia nada mais eficiente do que o jiu-jítsu adaptado por sua família no Brasil. Il Cho contra-argumentou dizendo que seria impossível alguém derrubá-lo numa luta. A discussão começou a esquentar quando Rorion jogou a isca.

— Olha só, sua arte é boa, mas não é tão boa quanto você pensa.

— Vai querer experimentar? — perguntou o coreano.

Era tudo o que o brasileiro queria ouvir. Rorion pediu licença para vestir o quimono no vestiário. Quando voltou, o tatame já estava cercado pelos alunos de Il Cho. A primeira tentativa de chute do coreano foi apenas para medir distância. O pé dele passou a mais de vinte centímetros do rosto de Rorion, que continuava parado. Quando o mestre do tae kwon do deu um passo à frente, Rorion deu dois e se projetou sobre o corpo do desafiante. Conseguiu jogá-lo no chão, montar nele e segurá-lo pelo pescoço. O coreano parecia um touro brabo tentando se desvencilhar de seu oponente. O que deixou o mestre mais furioso foi que, enquanto o imobilizava, Rorion começou a ensinar aos alunos os golpes mais básicos do jiu-jítsu. “Eu não precisava bater nele ali. Seria uma covardia”, conta. Assim que foi solto, visivelmente envergonhado diante de seus alunos, Il Cho pediu a revanche, mas Rorion o dominou outra vez com facilidade. Quando o mestre voltou a espreme-lo no chão, o brasileiro

percebeu que o assistente de Il Cho se aproximava por trás de maneira suspeita. Na dúvida, levantou-se rapidamente e derrubou o sujeito também. O clima esquentou quando alguns alunos de tae kwon do se apresentaram para defender o mestre, mas Alvarez fez o papel de bombeiro. Já no vestiário, trocando de roupa, Rorion foi abordado por dois ou três discípulos de Il Cho interessados em saber mais sobre a luta que tinha jogado o mestre deles duas vezes no chão. “Gracie Jiu-Jítsu”, respondeu Rorion. Teriam sido seus primeiros alunos se ele já tivesse um lugar para dar aulas.

No primeiro mês, os dois amigos moraram de favor na casa de um sujeito que Rorion conhecera na primeira viagem aos Estados Unidos. A mãe dele foi quem lhe ofereceu a primeira oportunidade de ganhar dinheiro enquanto não podia dar aulas. “Você não quer fazer faxina na casa de algumas amigas?”, perguntou. Uma dessas amigas lhe abriu outra porta. O marido era produtor de cinema e recrutava figurantes para filmes de ação. Rorion era um rapaz alto, forte e bem-apegoado. A reportagem da *Playboy*, por exemplo, o comparava a Tom Selleck, o herói da série *Magnum*, mas o bigode vistoso também lembrava o líder da banda Queen, Freddie Mercury. O biotipo agradou à agência de figurantes. Mais ou menos nessa época, eles conseguiram alugar uma casa pequena na cidade de Santa Monica, na Grande Los Angeles.

Quando pôs um tatame na garagem, Rorion já trabalhava de segunda a sexta como figurante em filmes B de Hollywood. Nos fins de semana, começou a dar aulas a US\$10 por hora. De início, o trabalho em frente às câmeras prosperou mais rapidamente. Começou a fazer pontas em seriados de TV, como *Casal 20* e *Hill Street Blues*, algumas vezes com direito a texto. Entre uma gravação e outra, fazia demonstrações de jiu-jítsu para os atores e a equipe de filmagem. Numa dessas, em 1986, convenceu um produtor a contratá-lo como consultor para cenas de luta de *Máquina mortífera*, um clássico do cinema-pipoca da década de 1980. Rorion sabia que o jiu-jítsu não era uma arte marcial muito cinematográfica. O confronto normalmente seria descrito por leigos como dois homens embolados no chão. Por isso, ele não pôde se ater exclusivamente à “arte suave” em seu novo trabalho. Para o embate final

entre Riggs, o mocinho encarnado por Mel Gibson, e o bandido Joshua, vivido por Gary Busey, coreografou uma luta com os socos e pontapés que tanto questionava nos filmes de kung fu. Mas não abriu mão do que considera obrigatório numa briga de rua. Debaixo de um temporal, Riggs e Joshua terminam o duelo no chão. Riggs escapa de um mata-leão e consegue encaixar um clássico “triângulo”, em que as pernas são usadas como uma tesoura para estrangular o adversário. Mais Gracie Jiu-Jítsu que isso, impossível.

O convívio com os mais variados tipos de pessoas em Hollywood ajudou em seu outro trabalho, dentro da garagem de casa. Os primeiros alunos a chegar dos sets de filmagem foram John Saxon e Jim Kelly, por ironia dois atores que tinham trabalhado em filmes de Bruce Lee. Ambos eram fascinados por kung fu, mas, aos poucos, acabaram doutrinados por Rorion. O faixa preta de caratê Chuck Norris, já um astro de Hollywood e também discípulo de Bruce Lee, foi outro que caiu nas garras do jiu-jítsu brasileiro, em 1984. Apaixonado por artes marciais, ele já tinha ouvido falar de Hélio quando foi apresentado a Rorion. Curioso para conhecer melhor a arte da luta no chão, convidou-o para uma visita ao set do filme *Comando Delta*. Enviou uma limusine para apanhar em casa Rorion e seus irmãos Royce e Rickson, que moravam com ele na época. Dali surgiu o convite para os Gracie participarem de um seminário com 250 faixas pretas de caratê organizado pelo ator em Las Vegas. Além de Royce e Rickson, Rorion levou para lá outros irmãos, como Relson, Royler, Rolker e Rérica (as letras “R” e “C” eram consideradas “fortes” por Carlos e Hélio).

No final dos anos 1980, Benny Urquidez, hexacampeão mundial de kickboxing e conhecido ator de filmes de luta, também ouviu falar das façanhas daquele figurante brasileiro. Mas sua aproximação foi menos para aprender do que para desafiar. Por meio de seu agente, disse que botava seu cinturão em jogo numa luta com Rorion. Mas, se perdesse, o brasileiro teria de lhe pagar US\$100 mil.

Como o cinturão de kickboxing não significava nada para um Gracie, ele recebeu uma contraproposta: Rorion aceitava pagar os US\$100 mil, mas o americano tinha que botar em jogo pelo menos US\$75 mil. Urquidez nunca deu uma resposta.

Por essas e outras, a admiração de gente de Hollywood enchia mais o ego do que o bolso de Rorion. Ele precisava de mais pessoas pagando mensalidade na garagem. Para estimular a propaganda boca a boca, começou a oferecer uma aula grátis para quem trouxesse um novo aluno. O sucesso foi enorme entre os policiais da vizinhança. Eles terminavam o expediente e trocavam a farda pelo quimono. Rorion adorava quando um deles vinha de outra escola de arte marcial. “Seu mestre não quer fazer uma demonstração aqui, não?”, perguntava. Muitos toparam. O roteiro era mais ou menos o mesmo do episódio com o mestre coreano Il Cho. A diferença é que, agora, Rorion fazia questão de filmá-los. Em certas ocasiões, os desafios esquentavam e viravam uma briga mesmo. Mas, na maioria das vezes, transcorriam em paz. A ideia não era machucar ninguém, mas desconstruir a arte marcial do visitante, mostrando que ela não resistia quando o confronto ia para o chão.

A fama de Rorion crescia nas academias de Los Angeles até que os professores de outras lutas passaram a procurá-lo para um desafio. O Gracie começou a pegar as segundas e terças-feiras dedicadas ao cinema para dá-las ao jiu-jitsu. Ele se lembra de quando chegou a 150 alunos e ainda havia oitenta na lista de espera. O negócio prosperava, mas precisava dar um salto. A reportagem de Pat Jordan se encarregou disso. “Aquilo realmente criou um buchicho muito grande. Quando você sai na revista de caratê ou de kung fu, é uma coisa. Quando você sai na *Playboy*, muda toda a sua audiência”, ressalta Rorion, no amplo e bem-decorado escritório de sua academia, em Torrance, na Califórnia.

De fato, Art Davie significava um público qualificado. Veterano de guerra, tinha reencontrado o caminho profissional em agências de publicidade. Ele havia sido contratado pela cervejaria mexicana Tecate para encontrar um esporte que merecesse um bom patrocínio. Deveria ser uma modalidade radical, voltada para jovens, de preferência algo surpreendente. Quando fechou as páginas da revista *Playboy* de setembro, Davie sabia que precisava conhecer o tal Gracie. Mais do que isso, precisava conhecer aquela garagem.

Quando tinha mais ou menos 15 anos, Rorion Gracie assistiu pela televisão, intrigado, a uma cerimônia de entrega do Oscar. Ele se perguntava por que seu pai nunca havia recebido um reconhecimento mundial como aquela estatueta, pelos serviços prestados à humanidade. Era uma demonstração precoce da devoção quase religiosa por Hélio que ele manteria durante a vida toda. Rorion compartilha de todos os conceitos que foram defendidos pelo pai até a morte, em 2009, aos 95 anos. Narra suas façanhas nas décadas de 1940 e 1950 como um mantra, com a mesma empolgação de trinta anos atrás. Digamos que se trata de um Gracie ortodoxo. Acredita que uma mulher não serve para esposa se ela não quiser lhe dar muitos filhos. Ele tem nove, todos criados como soldados do jiu-jítsu. Durante a vida inteira, inclusive na reportagem para a *Playboy*, classificou o feminismo como o resultado da fraqueza dos homens. Em sua casa, todos seguem à risca a Dieta Gracie, o modelo de alimentação desenvolvido pelo tio Carlos que, segundo acreditam, permitiu que ele e Hélio vivessem com saúde até quase cem anos. Na academia de Torrance, ele mantém o museu da família, com fotos, recortes de jornais e objetos que pertenceram às três academias do pai e do tio no Rio de Janeiro. No lugar de maior destaque, há um busto de Hélio, em bronze.

Apegado ao passado, Rorion nunca deixou de olhar para o futuro. Mesmo reverenciando o jiu-jítsu como uma filosofia de vida, também o enxerga como um grande produto. A academia com quase mil alunos, por onde já passaram o diretor inglês Guy Ritchie, de filmes como *Jogos, trapaças e dois canos fumegantes* e *Sherlock Holmes*, e os atores Jim Carrey e Nicolas Cage, é apenas um de seus negócios. Lá mesmo funciona a Gracie Store, que vende uma linha de roupas esportivas com a marca da família — o desenho de dois lutadores dentro de um triângulo. No cabideiro, estão em destaque diversos modelos de camisas com o rosto de Hélio e os sete pilares do sucesso, segundo o mestre: alavanca, técnica, disciplina, eficiência, saúde, paciência e respeito. Os produtos podem ser comprados pela internet. Rorion também lançou diversos programas de ensino de jiu-jítsu a distância, todos muitos bem-sucedidos nos Estados Unidos. Por meio do GracieAcademy.com disponibiliza vídeos nos quais ensina a arte

marcial a alunos em qualquer lugar do planeta.

As aulas on-line podem formar professores e ajudá-los a abrir a própria academia. Outra atração é uma coleção de DVDs chamada *Gracie Bullyproof Program*, voltada para crianças e adolescentes vítimas de bullying. O *Women Empowered* promete algo semelhante para as mulheres, em um programa de cinco semanas de aulas, também disponível em DVD. De acordo com sua sinopse, as americanas ganham “uma chance real de se defenderem de um estuprador”, por exemplo. O projeto mais recente de Rorion é um livro sobre a Dieta Gracie, que está associado à venda de outros produtos. Ele se juntou a uma fábrica de eletrodomésticos para lançar o Gracie Family Juicer, para a preparação dos sucos recomendados na dieta. Com a ajuda do coador Gracie, o site da academia promete cinco copos de suco de melancia, a bebida preferida de três gerações Gracie, em apenas 71 segundos. “É mais rápido do que vestir o quimono”, garante.

Apesar de ter se tornado um grande empresário, Rorion ainda se considera, acima de tudo, um professor de jiu-jítsu. Há cerca de 15 anos, ele ministra cursos e seminários para o Exército americano e para a Swat, a força de elite da polícia dos Estados Unidos. O jiu-jítsu passou a fazer parte do programa de formação dessas instituições. O método de ensino é parecido com o que usou no seminário promovido por Chuck Norris. A parede da academia de Torrance é coberta de certificados dos principais órgãos de segurança dos Estados Unidos, reconhecendo a importância do Gracie Jiu-Jítsu na formação de seus agentes. “FBI, Serviço Secreto, Fuzileiros Navais, todo esse pessoal sabe, usa, aprova e idolatra o Gracie Jiu-Jítsu. Já o brasileiro fica achando que deve botar caratê, taekwon do. É uma palhaçada, é ridículo isso! Ou seja, santo de casa não faz milagre. Eu tive que sair do Brasil, fazer sucesso nos Estados Unidos, para o brasileiro dizer que é a melhor coisa do mundo. É uma pena. Por isso que o Brasil está onde está, não é?”, diz Rorion.

Seu tino comercial impressiona os visitantes da academia, mas incomoda uma parte da família, em especial os mais ligados a Carlos. Segundo eles, o filho mais velho de Hélio passou por cima da história e do patrimônio dos Gracie para montar suas empresas nos Estados Unidos.

Seu maior ato de desrespeito teria sido registrar no país a marca Gracie Jiu-Jitsu, impedindo outros membros da família de usá-la. Em 1994, Carley moveu uma ação judicial contra Rorion por causa disso, provocando um dos rachas mais marcantes da história do clã. Durante todos esses anos, Rorion também foi acusado de se apropriar do arquivo da família. Mas seu pecado mais grave teria sido deturpar a história do jiu-jítsu quando se mudou para os Estados Unidos. Ele teria tirado o protagonismo de Carlos para entregá-lo a Hélio. “Como não tinha ninguém para contestá-lo, ele começou a divulgar uma verdade pela metade. Vendeu a história como se Hélio Gracie tivesse criado o jiu-jítsu. O tio Hélio ajudou, mas como poderia ter criado se ele tinha 12 anos quando o meu pai abriu a primeira academia?”, pergunta Rilion, filho mais novo de Carlos. Seu irmão Robson também revela sua mágoa do primo. “Rorion é um dos caras aí que eu acho que, se cair num buraco, eu vou ficar olhando.”

Rorion desconversa quando ouve algumas dessas críticas. Só responde diretamente a uma delas: “O arquivo não é da família, é do Hélio Gracie.” O restante, ele prefere encarar com um sorriso no rosto. Diz que se sente abençoado por estar numa família em que o pai aperfeiçoou o melhor sistema de defesa do mundo e o tio criou a melhor maneira de comer existente. “No fundo, todo mundo é do mesmo saco. Por mais torto que meu dedinho seja, eu não quero deixar de ter o dedinho na minha mão. Eu não troco a minha família por nenhuma outra do mundo”, diz, antes de soltar uma gargalhada.

A mesma personalidade forte que incomoda nos primos atrai os irmãos. Rorion sempre exerceu uma influência importante sobre Royce, Rickson e Royler. Em períodos distintos da década de 1980, os três foram para os Estados Unidos ajudar na missão do irmão mais velho. Royce chegou primeiro, em 1984. No Brasil, sabia que teria poucas chances de representar a família. Ao lado do ringue do Maracanãzinho, vibrou com a vitória do irmão Rickson sobre Zulu e com o vale-tudo do jiu-jítsu contra o muay thai. Nas duas vezes, ficou imaginando quando chegaria sua hora de lutar, mas olhou para o lado e viu os primos Rilion, Regan, Carlinhos, Crolin, Charles e Renzo, todos mais velhos e, na época, mais graduados. Quando Rorion o chamou para passar seis meses na Califórnia, não

pensou duas vezes. Mas sua primeira missão foi doméstica. Sem falar uma palavra em inglês, Royce passava o dia em casa com os sobrinhos e só ajudava nas aulas na garagem quando dava tempo. “Em vez da babá Maria, tinha o Royce”, conta Rorion.

Rickson e Royler passaram algumas temporadas por lá na década de 1980. Rickson chegou a botar um tatame na garagem da própria casa para desafogar a lista de espera do irmão mais velho. Quando isso aconteceu, Rorion decidiu que estava na hora de abrir uma academia de verdade. Era o momento de largar o cinema e se dedicar exclusivamente à missão que o motivou a deixar o Brasil. Escolheu um galpão grande, sonhando com uma academia tão perfeita quanto a do pai e do tio na avenida Rio Branco. De tão entusiasmado, não percebeu que estava dando um passo maior do que as pernas. Faltava-lhe experiência de empresário. As despesas com aluguel, luz e funcionários estavam bem acima do que poderia arrecadar com os alunos. E a sorte não ajudou. Num sábado de manhã, ao chegar, encontrou a academia inundada. Um cano havia estourado na noite anterior. Preciso de quase duas semanas para retomar as aulas. Por causa disso, chegou a dever dois meses de aluguel. As dificuldades levaram Rickson e Royler de volta para o Brasil. Royce decidiu ficar e pôde acompanhar de perto o renascimento da academia e do sonho de Rorion.

Jay Abraham foi o primeiro dos vários alunos de Rorion que o ajudaram com uma boa ideia. Sua contribuição foi muito simples. Ao perceber que o mestre estava em dificuldades, sugeriu-lhe um caminho mais rápido para massificar o jiu-jítsu nos Estados Unidos. “Rorion, nunca vi uma arte marcial tão espetacular quanto o jiu-jítsu, mas só venho para cá três vezes por semana porque moro aqui perto. E o cara que vive em Nova York, do outro lado do país? Por que você não faz um vídeo de instrução e vende para esse cara?”, sugeriu.

A princípio, Rorion desconfiou da ideia. Por mais que desse certo, disseminar o jiu-jítsu da família dessa forma seria perder o controle sobre ele. E se caísse em mãos de pessoas mal-intencionadas? E se essas pessoas, devidamente doutrinadas, se voltassem contra os Gracie? Mas Jay Abraham acabou convencendo o professor. “Os engenheiros da

Mercedes-Benz inventaram o cinto de segurança. Imagina se eles tivessem guardado segredo. Quantas pessoas teriam morrido? Para mim, o jiu-jítsu é o cinto de segurança”, compara Rorion. Além do mais, ele já tinha vivido uma experiência bem-sucedida com vídeos. Entre uma aula e outra, nos fins de semana, Rorion mostrava aos alunos as fitas VHS que levava do Brasil com as lutas da família: Hélio × Kato, Hélio × Kimura, Carlson × Waldemar; desafio jiu-jítsu × caratê, Rickson × Zulu e, por fim, o desafio jiu-jítsu × muay-thai. Os americanos adoravam. Então, aconselhado pela mulher, pensou em editar, num único vídeo, essas lutas e os desafios que fazia na garagem de casa. Chamou o “documentário” de *Gracie Jiu-Jitsu in Action*.

Com um inglês ainda com muito sotaque, o próprio Rorion narrou os combates, em que sempre reforçava a ideia de que nenhuma outra luta era capaz de superar o jiu-jítsu. “Este lutador de boxe ousou contestar a superioridade do Gracie Jiu-Jitsu”, diz ele em certo trecho. “Ele não tem para onde escapar, a derrota é inevitável.” Apesar da edição tosca e da baixa qualidade de algumas imagens, o filme pode ser considerado uma boa peça publicitária. Ele misturava imagens de leões derrubando suas presas antes de devorá-las com as de lutadores de jiu-jítsu finalizando adversários de outras modalidades. A mensagem estava clara: o rei da selva já tinha nos ensinado que uma luta de verdade se ganha no chão. Cópias do documentário se espalharam como um vírus entre os praticantes de artes marciais da Califórnia. Rorion também o exibia numa televisão que ficava na entrada da academia, até ter a ideia de anunciá-lo em revistas de artes marciais, acompanhado da chamada “Leve para sua casa, pela primeira vez, uma luta sem regras”. O interessado poderia comprar a fita na academia ou encomendar pelo correio.

O *Gracie Jiu-Jitsu in Action* vendeu muito bem — interessou até a um milionário grego que convidou Rorion para duas semanas de aulas particulares na ilha de Mykonos, em 1989. Mas nada que se comparasse ao sucesso do vídeo de instrução idealizado por Jay Abraham. Sem dinheiro para alugar o equipamento por muito tempo, eles planejaram a filmagem para apenas um dia. Foram 16 horas de gravação, o suficiente para cinco fascículos em fitas VHS. Depois de um mês de edição, Rorion

lançou cada fita por US\$59. Além das propagandas em revistas, enviou um anúncio para os compradores cadastrados do *Gracie Jiu-Jitsu in Action*. Foi a venda dessas fitas que ajudou Rorion a manter a academia em funcionamento. Na época, Jay Abraham era apenas um profissional de vendas promissor. Hoje, é reconhecido como “mago do marketing” ou “produtor de bilionários”, autor de livros e coleções de DVDs que estão na cabeceira de muitos executivos dos Estados Unidos. A academia de Rorion foi apenas o primeiro — e talvez menos famoso — de seus casos de sucesso.

Art Davie acompanhou os altos e baixos de Rorion, da garagem à academia que comprou em Torrance. Matriculado como aluno, tornou-se amigo do mestre. De vez em quando, os dois conversavam sobre a possibilidade de levar o jiu-jítsu para muito mais gente. Davie não tinha dúvidas de que a única maneira de fazer isso era com a ajuda da televisão. Rorion lhe falou sobre o sucesso passageiro de *Heróis do Ringue* no Brasil, e os dois concordaram que os desafios ao vivo ainda eram a melhor maneira de atrair as pessoas. Mas, dessa vez, eles não poderiam usar emissoras de sinal aberto, como Carlos e Hélio fizeram quase quarenta anos antes. As lutas poderiam ser violentas demais para o público americano. O caminho seria um sistema de transmissão ainda inexistente no Brasil na época, o pay-per-view. Davie conhecia uma empresa novaiorquina especializada na venda de shows musicais pela televisão, o Semaphore Entertainment Group (SEG). Seu dono chamava-se Bob Meyrowitz, até então mais conhecido por ter dirigido um popular programa de rádio para cantores calouros, chamado *King Biscuit Flower Hour*. Foi ali que o roqueiro Bruce Springsteen começou a ganhar destaque, antes de lançar seu primeiro álbum. O pay-per-view foi o modelo que Meyrowitz encontrou para popularizar suas descobertas musicais e ainda faturar com shows de artistas já consagrados, como o cantor Ozzy Osbourne e as bandas The Who e New Kids on the Block. No

esporte, sua iniciativa mais bem-sucedida foi a promoção de um jogo de tênis entre o americano Jimmy Connors e a tcheca Martina Navratilova, os melhores tenistas do mundo na época, em 1992, numa quadra montada no Hotel Caesars Palace, de Las Vegas. O desafio foi intitulado Batalha dos Sexos.

Pugilista frustrado, Meyrowitz escutou desconfiado a ideia de Davie e Rorion, numa reunião de engravatados no escritório da empresa em Nova York. O brasileiro havia levado debaixo do braço uma cópia do *Gracie Jiu-Jitsu in Action*, que impressionou os executivos, mas o dono do SEG só se rendeu de vez quando ouviu alguém dizer: “Todo mundo quer saber quem ganha uma luta de verdade entre um carateca e um judoca, um pugilista e um lutador de tae kwon do.” Era verdade, ele também já tinha pensado nisso. Até que alguém se lembrou de um jogo de videogame e de fliperama que tinha virado febre entre os jovens na época: *Mortal Kombat*. Eram lutadores de várias origens, com estilos diferentes, uns contra os outros. O show deles seria mais ou menos assim. Representantes de várias artes marciais se enfrentariam sem tempo, regras, jurados, sistema de pontos ou categorias de peso. Dois entrariam no ringue e só um sairia. Seria como Rorion aprendeu em casa: a reprodução de uma briga de rua real.

Passada a empolgação, a primeira pergunta a ser respondida era: onde fazer um espetáculo como esse? Nos Estados Unidos, a regulamentação de esportes de luta é realizada por uma comissão atlética independente e por leis estaduais. Eles descobriram que apenas seis estados permitiam a realização de um combate sem luvas. Deles, o mais central e liberal era o Colorado. Um problema a menos. Mas Rorion e Davie voltaram para a Califórnia com um abacaxi nas mãos. O SEG topava botar o show no ar, mas não se dispunha a investir um centavo nele. Cabia aos dois arrumar o dinheiro para realizar o evento.

Era início de 1993. A ideia tinha que virar realidade até o fim do ano. Davie não tinha conseguido convencer os executivos da Tecate sobre a viabilidade da nova modalidade, mas decidiu continuar a empreitada por conta própria. Ele e Rorion abriram a War of the Worlds Promotions (Guerra dos Mundos Promoções), ou WOW!, que dividiria meio a meio

com o SEG os lucros do novo evento. “Claro que era uma sigla, mas WOW! era a interjeição que a gente mais ouvia quando falava para alguém sobre a nossa ideia”, diz Rorion. War of the Worlds também foi o primeiro nome escolhido para o espetáculo. Mas ainda faltava o capital inicial. Sem outra opção, Rorion apelou para aqueles que mais o admiravam. Reuniu 95 alunos numa noite de terça-feira, sem revelar-lhes o motivo. Chamou também Campbell McLaren, vice-presidente do SEG, para fazer uma palestra sobre o sistema pay-per-view. Quando McLaren acabou, Rorion tomou a palavra. “Pois é, pessoal, vocês não gostam de assistir aos vídeos de vale-tudo lá em casa? Então, agora a gente quer fazer as nossas próprias lutas e vendê-las para a televisão. Quem quer investir nisso?”, perguntou.

Rorion conta que arrecadou quase US\$200 mil — um dos alunos chegou a pagar uma cota de US\$12,5 mil. Era dinheiro suficiente para alugar a McNichols Sports Arena, em Denver, e pagar a viagem dos lutadores (as bolsas viriam da venda do espetáculo no sistema pay-per-view). A contribuição mais famosa, no entanto, veio de alguém que nem estava na reunião com Campbell. John Milius era um dos discípulos de Rorion oriundos da indústria cinematográfica. Foi levado até lá por outro aluno, o ator Reb Brown, que encarnou o primeiro Capitão América do cinema americano, ainda na década de 1970. Milius era roteirista e diretor de cinema de Hollywood. Ao lado de Francis Ford Coppola, escreveu o cultuado *Apocalypse Now*, épico sobre a Guerra do Vietnã que levou a Palma de Ouro do Festival de Cannes. Eram dele frases que se tornaram célebres na boca dos personagens do longa-metragem, entre elas “Eu adoro o cheiro de napalm pela manhã”, dita pelo militar interpretado por Robert Duvall. Como diretor, seu maior sucesso foi *Conan, o Bárbaro*, o guerreiro eternizado por Arnold Schwarzenegger.

O jeito explosivo de Milius logo cativou Rorion. Os dois conversavam sobre cinema, lutas e armas de fogo, os assuntos preferidos do diretor. O brasileiro ficou lisonjeado quando o amigo elogiou o roteiro de *Gracie Jiu-Jitsu in Action*. Foi numa dessas conversas que Rorion falou do War of the Worlds pela primeira vez. O gordinho Milius ficou com as bochechas vermelhas. Era uma ideia espetacular. Animado com a empolgação do

roteirista, Rorion lhe pediu ajuda para desenhar o ringue. Só desejava evitar o formato tradicional do boxe, pois não queria ver os lutadores fugindo ou caindo por entre as cordas no meio do combate. Pensando nisso, ele e Milius começaram a rascunhar diversos tipos de arena depois das aulas. A primeira opção tinha o formato de jaula, seria içada por um guindaste até o meio do ginásio e retirada só depois que um dos lutadores fosse nocauteado ou finalizado. Era um tanto inspirada na cúpula do trovão que dá nome ao terceiro filme da série *Mad Max*, estrelado por Mel Gibson, amigo de Milius. Outro modelo não tinha teto, mas seria cercado por uma piscina cheia de tubarões ou jacarés, como um castelo medieval. Em outro, parecido com uma arena da Roma Antiga, Milius imaginou os lutadores entrando em cima de bigas, vestidos como gladiadores. O modelo aprovado tinha um formato de octógono, com o objetivo de evitar que um lutador ficasse preso no corner e a luta tivesse que ser interrompida a todo momento, como frequentemente acontece no boxe.

Só faltava agora definir os lutadores. A lógica e a história mandavam Rorion escolher o melhor da família Gracie para representar o jiu-jítsu. Rickson estava no auge de sua forma física e técnica. Qualquer sujeito com um mínimo de bom-senso ficaria com medo só de olhar para ele. Mas Rorion, mais uma vez, provou ter herdado o talento de Hélio e Carlos para o marketing. Em vez da opção mais óbvia, escolheu o irmão mais franzino, Royce. Assim, seria mais fácil convencer todos de que o vencedor do combate era o jiu-jítsu, e não o lutador, exatamente como pregava seu pai. Seria também uma maneira de premiar o irmão que mais acreditou no seu sonho. Royce estava lutando muito bem. Além das aulas, adorava participar dos desafios na garagem e, depois, na academia. Embora nunca tivesse lutado vale-tudo profissionalmente, foi o astro de algumas lutas do *Gracie Jiu-Jitsu in Action*. Na mais espetacular delas, ele surge de quimono para enfrentar um sujeito branquelo, alto, de short amarelo. Seu nome era Jason DeLucia, um temido praticante de kung fu. Na Califórnia, tinha ganhado fama por conseguir quebrar com um chute um pedaço de madeira no ar. Foi um dos alunos que chegaram à academia de Rorion atraídos pelos desafios. Royce lhe deu uma surra

humilhante no chão, deixando claro que poderia finalizá-lo quando quisesse. “Rorion pediu para que eu esticasse a luta porque ele precisava de mais tempo para terminar o *Gracie Jiu-Jitsu in Action*”, conta.

Os outros sete participantes do evento foram escolhidos num consenso com Art Davie. O sistema seria eliminatório, o que significava que, para ser campeão, o lutador teria que vencer três combates numa noite. As regras seriam ainda mais radicais que as do vale-tudo no Brasil. Mordidas e dedo no olho continuavam proibidos, mas não havia restrições contra golpes na região genital. Também era permitido um recurso hoje considerado absurdo, o fish-hooking (“pesca com anzol”), que consiste em abrir à força a boca do adversário com as mãos para tentar quebrar a mandíbula. O primeiro modelo de cartaz promocional vendia um espetáculo sem regras sob o slogan “O mais bárbaro e sangrento da história”. No alto, o nome: War of the Worlds. Em cima da hora, o pessoal do SEG decidiu mudar o nome para Ultimate Fighting Championship — The Beginning, que passava duas ideias importantes: a de que só sobreviveria o lutador superior a todos os demais e a de que haveria uma continuação. Mas ninguém mexeu no slogan.

No dia 12 de novembro de 1993, uma noite gelada de sexta-feira, a McNichols Sports Arena recebeu 3.500 pessoas, um público razoável composto pela classe trabalhadora branca, praticantes de artes marciais e curiosos em geral. A transmissão na TV começou com um alerta em letras brancas e fundo preto: “Todos os lutadores deste programa são atletas altamente treinados que sabem os limites da sua resistência. Embora não haja regras, existe uma supervisão médica severa. Nenhum lutador se machucará seriamente. Mas não tente fazer isso em casa.” Depois de deixar escapar um arrote, o apresentador Bill Wallace errou o nome do torneio ao anunciar os primeiros combates. Chamou-o de “The Ultimate Fighting Challenge”. Em seguida, resumiu bem o que estava por começar: “Vocês estão para ver algo que nunca viram antes.” Quem esteve lá percebeu que se tratava de um evento desorganizado, se comparado aos grandes espetáculos esportivos promovidos pelos americanos. Os microfones, por exemplo, teimavam em não funcionar. Mas pela transmissão, com 11 câmeras, a impressão que ficou foi a de um torneio

bem-produzido, com música alta e luzes coloridas.

Sobre o octógono, de smoking, bigode bem-aparado e cabelo encharcado de gel, Rorion apresentou os dois juizes do primeiro UFC, trazidos especialmente do Brasil: o psicólogo João Alberto Barreto e o delegado Hélio Vígio, discípulos de seu pai e astros de *Heróis do Ringue*. De acordo com as regras, eles seriam praticamente espectadores privilegiados dos combates. A orientação era deixar a pancadaria rolar. Sem encontrar ninguém com experiência nesse tipo de combate, o SEG escolheu um jogador de futebol americano para comentar o evento na TV. Jim Brown tinha se aposentado com fama de brigão, um cara que não levava desaforo para casa. Era mais ou menos o perfil dos telespectadores que eles imaginavam atrair. “Eu conheci os lutadores mais durões do mundo, Muhammad Ali, Joe Frazier, Mike Tyson, e os caras mais durões do futebol americano, mas tenho certeza: eles não resistiriam muito tempo neste octógono”, disse Brown.

A primeira luta da noite terminou em menos de trinta segundos, com um desfecho que levou o público ao delírio. Com um chute de perna direita, o holandês Gerard Gordeau, representante do savate (também chamado de boxe francês), fez voar um dente do sumori americano Teila Tuli, um gigante de quase duzentos quilos que entrou no octógono vestido com uma saia havaiana típica. Outros dois dentes ficaram encravados no pé ensanguentado de Gordeau. Uma cena para assustar até João Alberto Barreto, que, nervoso, pediu a presença urgente de um médico para atender Tuli. No segundo combate, o kickboxer americano Kevin Rosier, que impressionava pelo tamanho de sua barriga, precisou de pouco mais de quatro minutos para dar um nocaute técnico em seu conterrâneo Zane Frazier, um carateca admirado por Jean-Claude Van Damme. Foi uma surra tão grande que Frazier saiu dali direto para o hospital, com dificuldades para respirar. Pelo menos, pôde dizer que deixou o adversário com o maxilar quebrado.

Royce Gracie fez a terceira luta da noite. Com um quimono impecável, como se recém-saído da lavanderia, ele entrou na arena num trezinho formado por seus primos e irmãos, com as mãos sobre os ombros de Rickson. De terno cinza e gravata azul, Hélio caminhava ao

lado dele, dando-lhe instruções e palavras de incentivo, numa demonstração de que a família estava unida em torno do projeto de Rorion. No centro do octógono, João Alberto Barreto. O primeiro adversário do representante do jiu-jítsu foi o americano Art Jimmerson, um pugilista promissor que decidiu usar luva apenas na mão esquerda. Ele achava que, assim, teria mais chance de escapar caso fosse levado ao chão. Se soubesse o que iria acontecer, teria entrado com as duas mãos livres. O americano não teve chance de sequer dar um soco. Em um minuto e 12 segundos, foi derrubado e imobilizado. Agarrado pelo pescoço, deu três tapas no chão, em sinal de desistência. “Jimmerson saiu sem um arranhão no rosto, mas não podia respirar”, explicou Kathy Long, uma ex-campeã mundial de kickboxing que, a convite do evento, fez as vezes de repórter na transmissão do UFC 1. O último duelo da primeira fase foi entre os americanos Ken Shamrock (luta livre) e Patrick Smith (tae kwon do), que voltou para casa derrotado, com o rosto cheio de sangue e o tornozelo fraturado.

Na semifinal, Royce precisou de apenas 57 segundos para finalizar Shamrock, que viraria seu principal rival nos primórdios do UFC. O americano bateu três vezes, em sinal de desistência, mas Vígio não viu e deixou a luta seguir. Então ele conseguiu se livrar dos braços de Royce, que lhe disse ao pé do ouvido: “Você sabe que bateu.” O americano decidiu admitir ao juiz que tinha desistido, e a vitória foi dada ao brasileiro. “É difícil entendê-lo algumas vezes, mas aí está o poder do jiu-jítsu”, disse o narrador. Shamrock reconheceu que subestimou o adversário. “Eu não conhecia Royce Gracie. Quando o vi entrando de quimono, achei que fosse um carateca qualquer”, disse, em 2007, ao site Fighters.com.

A decisão do UFC 1 foi entre Royce e Gordeau, que tinha 1,96 metro, 118 quilos e larga experiência como guarda-costas de sets de filmes pornô. A arbitragem novamente foi de Hélio Vígio. Desta vez, o brasileiro teve mais dificuldades de jogar o adversário no chão. Os dois ficaram agarrados quase um minuto, colados à grade. Quando finalmente derrubou o grandalhão holandês, o caminho estava aberto para a vitória. No auge do desespero, Gordeau descumpriu as regras e mordeu a orelha direita de Royce. Mesmo assim, o Gracie encaixou um mata-leão, com

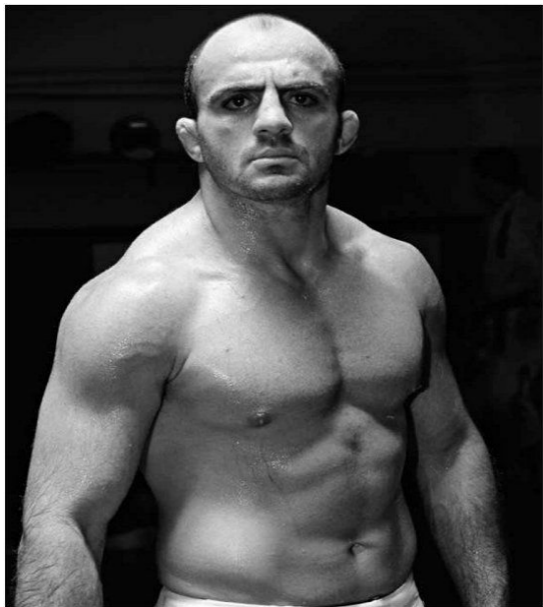
menos de dois minutos de combate. Gordeau bateu três vezes, mas, talvez temendo uma repetição do que acontecera com Shamrock, Royce continuou estrangulando o pescoço do adversário. Até que o holandês bateu no chão com as duas mãos abertas, para não deixar dúvidas de que estava se rendendo. Royce tornou-se o primeiro campeão do UFC sem levar um único soco. Mesmo feliz com a vitória, que comemorou com um beijo no rosto de Rickson, ele não se esqueceu de tirar satisfações com o adversário pela mordida na orelha. “Foram três lutas muito fáceis. A gente não tinha dúvidas de que Royce seria o campeão”, diz João Alberto.

A declaração do primeiro juiz do UFC não é um menosprezo à qualidade dos outros competidores, mas a constatação de que, à exceção de Shamrock, nenhum dos sete adversários do jiu-jítsu possuía qualquer conhecimento de luta no chão. Para usar a expressão de Hélio Vígio, foi como enfrentar “aleijados”. Era só manter a distância para fugir de um soco ou de um chute mortal, quando os dois estivessem em pé, e depois partir para o clinch (golpe em que o lutador imobiliza os braços do oponente num abraço) e a queda. No chão, era tudo muito rápido. Royce parecia uma lagartixa passeando em cima de um elefante. De repente, ele puxava um braço ou agarrava o pescoço do adversário para finalizar o combate. O público do UFC 1 demorou a entender como o participante mais fraco conseguia obrigar os mais fortes a desistir da luta, mesmo estando debaixo deles. Royce também lançou mão de artifícios considerados banais para sua família, mas completamente desconhecidos para a maioria dos americanos, como os chutes com o calcanhar na região do fígado, que minavam aos poucos as forças do adversário. Mais tarde, esse golpe seria proibido pelo UFC porque podia causar sérios danos ao órgão.

Royce levou para casa um prêmio de US\$50 mil, metade do total das bolsas destinadas aos lutadores, nada mal para um evento estreante. Mas era uma mixaria diante da arrecadação com o pay-per-view. O SEG esperava vender as lutas para, no máximo, quarenta mil lares, mas o UFC 1 chegou à casa de 86 mil famílias americanas. Como cada uma delas pagou US\$14,95, o faturamento foi de quase US\$1,3 milhão. Na semana seguinte, a revista *Forbes* publicou uma matéria chamando o Ultimate

Fighting Championship de “a franquia de pay-per-view com a melhor estreia na história da TV americana”. O UFC 1 tinha superado todas as expectativas.

Para um senhor sentado nas cadeiras da McNichols Sports Arena, essas cifras não tinham a menor importância. Aos oitenta anos, Hélio Gracie não esperava testemunhar mais uma vitória do jiu-jítsu sobre outras artes marciais no país mais poderoso do mundo. Munido de um sorriso de canto do rosto, ele se deleitava com a comemoração dos filhos em cima do octógono. Talvez estivesse comparando aquela cena com os diversos vale-tudo que disputara no Brasil. Depois de Carlos e Hélio, agora os irmãos Rorion e Royce. Duas gerações de criadores e criaturas. Aquela noite confirmava que, de fato, a história não segue em linha reta. Ela caminha em círculos.



NARRADOR: O Wallid parece insistir com as cabeçadas. Quer prejudicar um pouco mais a situação do olho esquerdo do Eugênio.

COMENTARISTA: O Eugênio já está com o supercílio aberto, espalhando sangue.

NARRADOR: Realmente.

Silêncio.

COMENTARISTA: Estamos vendo uma luta bem agressiva. Mas de jiu-jítsu não estamos vendo nada ainda.

NARRADOR: E pelo regulamento não é permitido soco de mão fechada, mas o que se vê neste primeiro combate é que os dois lutadores, principalmente o Wallid, infringem o regulamento, professor..

COMENTARISTA: É, eu acho que os dois...

NARRADOR: A sequência de socos... Virou boxe!

COMENTARISTA: É verdade, a luta virou boxe sem luva. A força do jiu-jítsu é exatamente não precisar vencer com agressividade ou pancada, mas, sim, com golpes.

Silêncio.

NARRADOR: Morder é permitido?

COMENTARISTA: Não, não pode.

NARRADOR: Houve uma tentativa ali do Wallid de morder a mão do Eugênio.

COMENTARISTA: É, não foi sem querer, não.

Silêncio.

Em poucos minutos, estava claro que seria complicado levar aquela transmissão até o fim. Ainda era a primeira das três lutas previstas para o Grande Desafio, como a TV Globo chamou o vale-tudo entre praticantes de jiu-jítsu e de luta livre, realizado no Grajaú Country Club, na Zona

Norte do Rio, em 1991. O narrador Oliveira Andrade e o comentarista Álvaro Barreto, este último dono de uma academia de jiu-jítsu e discípulo dos Gracie, já tinham perdido a conta de quantas vezes os dois lutadores — Wállid Ismail e Eugênio Tadeu — haviam infringido as regras estabelecidas entre a organização, as duas equipes e a emissora. Era um combate farto em cabeçadas, socos de mão fechada e até mordidas. Os dois adversários tinham entrado no ringue com gosto de sangue na boca, embora mal se conhecessem. Eles sabiam o que aquela luta representava. O jiu-jítsu tinha novamente a chance de vingar a única derrota da modalidade no vale-tudo de 1984, de Renan Pitanguy para Eugênio. E seria uma vingança de repercussão muito maior, pois pela primeira vez haveria transmissão da principal emissora do Brasil em todo o território nacional.

Apesar de ainda ser um faixa marrom de 23 anos, Wállid foi escolhido porque era um dos alunos mais raçudos de Carlson Gracie. Falastrão, ele tinha o perfil ideal para provocar um lutador que estava atravessado na garganta do jiu-jítsu. Eugênio era cinco anos mais velho, mas sempre exibiu fôlego de maratonista. Ele ficou embaixo do adversário na maior parte do combate. Em poucos minutos, levou uma cabeçada que abriu seu supercílio. O sangue de Eugênio espirrou em close na casa de milhões de telespectadores. No primeiro round, ele rolou para fora do ringue, mas voltou rapidamente. No segundo, quando os dois se aproximaram das cordas mais uma vez, narrador e comentarista temeram pelo pior.

OLIVEIRA ANDRADE: Vai para fora do ringue novamente o Eugênio Tadeu! A interferência do árbitro é mínima, vai cair o Eugênio Tadeu... E ele caiu! Caem os dois! Caem os dois, são envolvidos pelo público, os rapazes da segurança têm um pouco de trabalho ali, e a luta continua fora do ringue! Isso não é permitido!

ÁLVARO BARRETO: Lógico que não é! Isso é um absurdo, um absurdo!

Eugênio Tadeu, que hoje é professor de luta livre, reclama que, fora do

ringue, foi agredido por simpatizantes do jiu-jítsu, maioria absoluta naquela noite no ginásio do Grajaú Country Club. “Nego me segurou, me deu chute, joelhada na minha barriga. Havia cinquenta caras em cima de mim, e foi difícil eu conseguir me levantar”, conta. Wallid voltou ao ringue primeiro. O juiz, um professor de jiu-jítsu chamado Fulgêncio, abriu a contagem e, antes que Eugênio pudesse voltar, declarou Wallid o vencedor. O maior derrotado, porém, foi o fair play. Léo Batista, o mais antigo apresentador esportivo da TV Globo e também ex-apresentador de lutas de boxe, estava indignado. Ele abriu a transmissão, chamando um videoteipe em que se explicavam as origens e as características das duas modalidades. Em seguida, prometera uma luta limpa ao telespectador: “Como todo esporte, tem que existir regulamento, senão vira bagunça. Confira as regras para o Grande Desafio de daqui a pouco”, disse. Seriam dois rounds de 15 minutos, com dois minutos de descanso entre eles. Além do soco de mão fechada, não valeriam golpes baixos, dedo nos olhos, mordidas e puxão de cabelos ou de orelhas. A luta seria decidida de três maneiras: nocaute, desistência ou pelo estouro do tempo, o que significaria empate. Mas logo no primeiro combate o telespectador ficou com a impressão de que a TV Globo havia posto no ar, em plena noite de sábado, um festival de pancadaria. Uma luta sem regras, regada a sangue — exatamente como tinha sido a briga que, três anos antes, dera origem ao Grande Desafio do Grajaú Country.

Era outubro de 1988, três meses depois que Rickson invadiu a academia do Boqueirão. Esse havia sido o tempo de preparação pedido por Hugo Duarte para enfrentar o campeão dos Gracie. Como não houve acordo formal para o desafio, o grandalhão da luta livre até havia se esquecido do prazo, mas não Rickson. Incomodado com comentários de que teria amarelado, ele chegou à conclusão de que só quebrando a cara de Hugo num lugar público poderia manter sua reputação intacta. E não havia mais tempo a perder, pois a mudança para os Estados Unidos estava marcada para dali a duas semanas. “Ia ser um confronto mais no campo da honra, entendeu?”, disse Rickson em entrevista à *Tatame*, em 2005. O pessoal do jiu-jítsu sabia que, nas manhãs de sábado, a galera da luta livre treinava na Academia La Maison, no bairro da Lagoa, na Zona Sul, e

depois ficava até a hora do almoço na Praia do Pepê, um dos trechos mais concorridos na Barra da Tijuca, na Zona Oeste. Quando viu que o dia amanhecera ensolarado, Rickson teve certeza de que a hora do acerto de contas havia chegado. Levou com ele cerca de trinta lutadores da academia, só para evitar que alguém se metesse na briga. Antes de sair de casa, reforçou o pedido para o seu primo Ryan: “Não se esqueça de levar a filmadora.”

Aquela era uma época em que os arrastões se tornavam comuns nas praias cariocas. Quando viram os lutadores do jiu-jítsu descendo o calçadão em direção à areia, alguns banhistas se assustaram. Mas logo perceberam que aqueles jovens não estavam ali para roubar. Eles ficaram reunidos perto da água, aguardando que os rivais chegassem do treino. A espera durou mais ou menos meia hora, quando o pessoal da luta livre apareceu. Vestido apenas com um short colorido, Rickson foi em direção a um sujeito de sunga azul e camiseta branca. “E aí, *mermão*, seus três meses acabaram. Está pronto para lutar?” Hugo Duarte não teve tempo de responder. Levou um tapa com a mão esquerda que o fez balançar. Imediatamente, ele tirou tênis e camiseta e, aparentando a maior calma do mundo, entregou-os a um colega. Também lentamente, como se tudo tivesse sido ensaiado, os lutadores dos dois lados abriram uma roda. Rickson tomou a iniciativa, agarrando pela cintura o rival, que caiu sobre ele. Só então os banhistas se aproximaram, mais para acompanhar o que estava acontecendo do que para separar a briga.

— Manda eles [os banhistas] saírem da frente, caralho! Abre, porra! — gritou Ryan, que não podia filmar direito com uma parede de curiosos em volta dos dois brigões.

— Deixa brigar que é mano a mano! — gritou outro.

As ações estavam equilibradas até Rickson montar sobre Hugo e começar a castigá-lo com uma sequência de socos na cabeça. “Quer desistir?”, perguntou. Como o adversário não respondeu, o Gracie só parou de bater quando o pessoal da luta livre interveio. A briga não durou nem cinco minutos. Hugo não estava seriamente machucado, mas qualquer leigo em lutas entenderia que ele tinha sido dominado. “Eu estava cansado, tinha acabado de treinar. E o cara me preparou uma

armadilha. Mas não fugi da porrada”, diz. Quando foi para a água tirar a areia, Hugo reparou que outra briga tinha estourado, entre seu amigo Marcelo Mendes e Renzo, primo de Rickson. Essa não durou nem um minuto e acabou sem vencedores. Líderes das duas galeras os separaram.

Até hoje, o pessoal da luta livre se diz vítima de uma emboscada. Alegam que o jiu-jítsu estava em maior número e ainda foi beneficiado pelo fator surpresa. Eles também reclamam que os rivais jogaram areia nos olhos de Hugo. Isso não aparece no vídeo de Ryan, mas deve-se considerar que ele foi editado. Quando o clima se acalmou um pouco, Hugo, Marcelo Mendes, Denilson Maia e Eugênio Tadeu prometeram vingança. “Então me avisa quando estiver pronto”, respondeu Rickson. “Porque eu nasci pronto.”

A briga na praia do Pepê foi parar no *Gracie Jiu-Jitsu in Action*, o filme que Rorion editou para divulgar o jiu-jítsu nos Estados Unidos. “Brigas como essa acontecem com frequência no Brasil. E foi nesse tipo de ambiente que a Academia Gracie se estabeleceu como a mais completa e eficiente fonte de ensino de jiu-jítsu no mundo”, diz Rorion, na narração do vídeo. E termina: “O homem que se declarava campeão (Hugo) só parou de apanhar quando reconheceu que o jiu-jítsu ainda reina.” As cenas viraram febre entre lutadores de artes marciais, que as copiavam e distribuíam em fitas VHS. Mais tarde, a sequência se tornaria um hit no YouTube e em sites de lutas do mundo inteiro.

Apesar das ameaças ouvidas na praia, Rickson achou que sua última semana no Brasil seria bem tranquila. Cinco dias depois, porém, Hugo reuniu mais de cem amigos e alunos para o que chama de “a única invasão de uma Academia Gracie na história”. A Academia Gracie havia deixado o Centro em 1981 e, depois de quatro anos instalada na Sede Náutica do Vasco, na Lagoa, transferira-se para o Humaitá. Ela ficava no terceiro andar do Colégio Padre Antônio Vieira, também na Zona Sul do Rio, frequentado pela elite carioca. Quando o pessoal da luta livre chegou,

seus líderes decidiram manter a maioria do grupo do lado de fora, no estacionamento ao ar livre da Cobal, mercado situado em frente à escola. Todos deveriam ficar de prontidão para invadir a academia em caso de necessidade. De início, só entraram Hugo, Eugênio e Denilson. Eles não imaginavam que, ao subirem, dariam logo de cara com o mestre Gracie. “Seu Hélio, eu vim aqui para enfiar a porrada no Rickson”, disse Hugo, tentando aparentar tranquilidade. “Pois não”, respondeu Hélio, com a firmeza de sempre na voz. “Vou ligar para ele agora.”

Em poucos minutos, o filho chegou na garupa de uma moto vermelha. Vestia apenas tênis e uma sunga branca. Assustado com a quantidade de praticantes de luta livre em frente ao colégio, subiu correndo, com medo de que alguém tivesse agredido seu pai, então com 75 anos. Imediatamente, dezenas de lutadores que estavam do lado de fora entraram atrás dele. “Hugo, vocês vão ser responsáveis por uma tragédia!”, disse Rickson, ao encontrar seu desafeto. “Tragédia nenhuma. Tá com medo? Cadê o super-homem? Eu vim aqui para te pegar de porrada”, respondeu.

Por sugestão de Hélio, os dois desceram para o pátio da escola, onde haveria mais espaço. Mas, antes de começar a briga, Rickson chamou Hélio, Royler, Hugo e Denilson para se certificar de que o pessoal da luta livre não se intrometeria em nenhuma circunstância. Royler quis saber se era verdade que havia lutadores com frascos de ácido na mão. “Pode até ter, mas isso é que nem bomba atômica. A gente tem por proteção, mas ninguém pretende usar”, alguém respondeu. Os Gracie também temiam que houvesse armas de fogo. De fato, havia policiais civis entre os invasores, mas Hugo garantiu que nada aconteceria: “Isso é parada de homem.” “Hugo era valente, talvez o mais valente do lado de lá. Mas era uma Ferrari com motor de Brasília”, afirma Rilion. Lutadores das duas modalidades, então, se deram as mãos para fazer um cordão de isolamento. Rickson teve o cuidado de pedir um elástico para prender o cabelo, que na época batia no ombro, mas ninguém tinha. Hugo chegou a acertar alguns murros no início da briga. Foi seu melhor momento. Quando Rickson conseguiu levá-lo ao chão, não teve mais chances. Foram vários socos até que Hugo não tivesse mais condições de reagir. Assim

como acontecera na praia, o campeão dos Gracie levou vantagem, mas não deixou de reconhecer a valentia do adversário. “Eu te respeito como lutador. Continue treinando que você é um cara duro.” A palavra de Hugo — de que ninguém se meteria — foi cumprida. “Houve certo exagero naquela época, mas não tenho nenhum arrependimento. Agradeço a Deus, ao Hugo e a todos os que participaram das minhas memórias de combate”, diz Rickson, hoje em dia.

Apesar de reconhecer a derrota, o pessoal da luta livre não se deu por vencido. Eles começaram a gritar o nome de Eugênio, que se colocou à disposição para enfrentar qualquer um do jiu-jítsu. Rilion era o mais graduado no peso do desafiante, mas Hélio achou que era demais para Eugênio. Primeiro, ele teria de vencer seu filho Royler. Pego de surpresa, Royler aceitou o desafio, que seria seu primeiro de vale-tudo. A briga nem havia esquentado quando todo mundo ouviu a sirene da polícia. Os dois estavam agarrados, encostados na parede. “Aí, Eugênio, se manda!”, disse Royler. Quando o pessoal da luta livre estava saindo, os policiais chegaram atirando para o alto. Uma das balas ricocheteou e acertou a perna de um irmão de Hugo. Foram horas de explicações, mas ninguém foi preso. “Na época de Roma, havia prisão para gladiadores? Claro que não. Então como é que os caras iam nos prender?”, pergunta Eugênio.

No dia seguinte, Rickson organizou, por telefone, a continuação da luta. Royler e Eugênio toparam na hora. Seria ali mesmo na escola, só que agora no tatame da academia, a portas fechadas, como nos primeiros confrontos do século. Desta vez, haveria duas câmeras para registrar tudo, uma levada pelo pessoal do jiu-jítsu e outra pelo da luta livre. Rickson se pôs no papel de promotor do combate. Na hora de ditar as regras, enquanto Royler e Eugênio se aqueciam, vestidos apenas com sunga e tênis, deixou claro que aquela era uma guerra, sim, mas provida de uma ética particular.

Gostaria de deixar a situação para ser totalmente definida entre os dois, até o ponto em que os dois se sintam realmente satisfeitos. (...) A única interferência da minha parte é exatamente eu tirar o meu [Royler] na hora que eu achar que

está passando do limite. E eu quero isso de vocês. Sei que cada um tem o direito de botar uma postura de guerreiro, está tudo mundo aqui pronto para morrer mesmo. (...) Então vamos deixar a luta correr (...) mas eu só posso botar a mão no Royler, não vou encostar no Eugênio, como vocês também, por favor, só coloquem a mão no Eugênio. Quando sentirem que já está bom demais, tirem ele. (...) Mas eu sei que vocês não vão pedir para parar.

Na arquibancada improvisada, todos o ouviam com atenção: Carlinhos Brunocilla, Hugo Duarte, Reyson Gracie, Robson Gracie, Rolker Gracie, Renzo Gracie, Ralph Gracie, Marcelo Behring, entre outros.

O início da briga foi arrastado. Os dois passaram alguns minutos de pé, se estudando. Eugênio começou mais agressivo, derrubando Royler duas vezes em menos de três minutos, numa delas depois de segurar o pé direito e dar uma rasteira no esquerdo. Na terceira vez, derrubou-o com um soco, aos cinco minutos e meio de luta, dando a impressão de que ela não duraria muito tempo. Mas Royler aprendeu com o pai a “cozinhar” o adversário mais forte por baixo. No chão, onde foi travada a maior parte do combate, ele soube cansar Eugênio, enquanto o minava com chutes de calcanhar na altura do fígado. Os socos também miravam o pescoço e o rosto, deixando em carne viva a orelha esquerda do adversário. Com quase vinte minutos de luta, mais cansado, Eugênio pediu para parar: “Pra mim tá bom.” Era uma declaração de desistência, mas Rickson não gostou. “Isso aqui é porrada de homem! Só para quando o cara que está vencendo quiser!”, disse, recebendo o apoio de Marcelo Behring. Começou, então, uma discussão entre os dois grupos. Chegaram a pedir para Eugênio repetir a frase diante das câmeras. Ele o fez, em voz baixa, mas Rickson estava irredutível. “A briga com o Hugo parou porque eu aceitei [a desistência dele]”, comparou. Mesmo se quisesse, Royler não poderia aceitar o pedido de Eugênio diante da posição radical do irmão. “O Royler não acreditou quando o Rickson fez isso. Ele seria declarado o vencedor, mas o próprio irmão queria mais”, conta o professor Pedro Valente, que operava uma das filmadoras. Quando a briga recomeçou, a

plateia ainda discutia a atitude de Rickson, que não parecia mais o sujeito conciliador de minutos antes.

Com 45 minutos de combate, Royler, com o supercílio esquerdo aberto, e Eugênio, com a orelha sangrando, já estavam exaustos. Em pé, andavam em círculos, aproveitando para recuperar o fôlego. No chão, passavam o tempo todo agarrados, tentando, em vão, encaixar um golpe finalizador. Até que, com cinquenta minutos, eles chegaram a um acordo, como duas crianças que decidem parar de brincar. Foi declarado o empate. “Foi lá e cá, entendeu? Eu muito novo, ele mais velho, mais forte, mas a luta foi equilibrada”, relembra Royler. Eugênio acredita até hoje que foi superior.

Quando a luta terminou, Rickson aproveitou para reforçar sua decisão de não aceitar o pedido de desistência de Eugênio:

Isso aqui é um evento para homem e todo homem que é homem vai até onde o adversário quer. Quem entra num negócio desse entra para morrer. Se tiver dinheiro em jogo, a partir do momento que um declarou perdido, tudo bem, o outro ganhou. Não tendo nada, só a honra, fica a critério do adversário. Isso é o que vocês tinham que entender para saber o que é vale-tudo.

Por fim, lançou o desafio seguinte, entre Renzo e Marcelo Mendes, que começaram uma briga na praia do Pepê. Royler e Eugênio, então, se cumprimentaram amigavelmente. “Eu não tive raiva do Eugênio em momento nenhum. Era só um ‘confere’ com ele. Saiu do tatame, acabou”, conta Royler. Na hora da despedida, saudações amistosas, como se os dois grupos tivessem acabado de participar de um churrasco entre colegas de faculdade. Quando o pessoal da luta livre foi embora, Royler recebeu elogios de Rickson pela bravura, mas não escapou de uma bronca do primo Robson: “Tu não pode querer trocar boxe com um cara mais forte que você.”

A mudança de Rickson para os Estados Unidos não arrefeceu a rivalidade entre jiu-jítsu e luta livre. Ela continuou viva nas trocas de insultos, na divisão de territórios da cidade e em pancadarias e confusões em lugares públicos do Rio de Janeiro. Na boate Mikonos, no bairro nobre do Leblon, por exemplo, Hugo Duarte protagonizou uma briga de cinema com Allan Goes, um discípulo de Carlson que se tornaria um nome forte do MMA mundial nos anos 1990 e 2000. Não havia nenhuma razão objetiva para o confronto: era apenas o encontro fortuito de galeras erradas, no lugar errado. Apesar disso, esfriou-se o ímpeto dos dois grupos para organizarem novas lutas a portas fechadas ou em eventos comerciais. Hélio não quis tomar a frente das negociações. Carlson ainda mantinha muita influência sobre seus lutadores, mas preferiu fomentar a rivalidade com a academia do tio e de seus primos nos campeonatos de jiu-jítsu. A luta livre, por sua vez, não possuía um nível de organização e hierarquia tão forte quanto os rivais. Líder do grupo no vale-tudo de 1984, Flávio Molina havia entrado para a polícia civil e se tornado evangélico. O tal confronto entre Renzo e Marcelo Mendes, por exemplo, jamais aconteceu. “Foi uma época mais de falação do que de briga”, lembra Rilion. Até que uma entrevista de Wallid Ismail ao jornal carioca *O Dia*, em abril de 1991, funcionou como um balde de álcool numa fogueira apenas em brasa. O então campeão brasileiro absoluto de jiu-jítsu desafiava qualquer adepto da luta livre para um vale-tudo, alegando que a modalidade seria uma “imitação do jiu-jítsu sem quimono”. A hoje extinta TV Manchete reproduziu a declaração, exaltando o pessoal da luta livre e atiçando o desejo dos lutadores de se enfrentarem de novo. “O Wallid não estava nem com essa bola toda na época, era faixa marrom. Mas foi uma questão de marketing dele de ir para o jornal, abrir a boca e falar um monte de besteira”, diz o faixa preta Murilo Bustamante, companheiro de Wallid na academia de Carlson.

Aquela seria apenas a primeira declaração polêmica de Wallid Ismail, um amazonense praticamente adotado por Carlson quando chegou ao Rio para passar as férias de verão, aos 14 anos. O adolescente que vivia

brigando nas ruas de Manaus apaixonou-se pelo método de ensino do Gracie e não quis mais voltar. Sem ter onde ficar, morou um tempo na academia de Carlson, em Copacabana. Para se sustentar, começou a vender produtos que mandava trazer da Zona Franca de Manaus. Wallid impressionava menos pela técnica do que pela coragem. Além da disposição para lutar contra qualquer um, mostrou desde cedo uma capacidade de autopromoção incomum na época. Foi um dos primeiros a provar que era possível viver de luta no Brasil. Arrumou patrocínios e conseguiu uma estrutura semiprofissional no jiu-jítsu, com preparador físico e nutricionista. Tudo isso já o tornava conhecido no mundo das artes marciais, a ponto de um desafio lançado por ele incomodar a turma da luta livre.

Dois dias depois da entrevista de Wallid, começaria a Copa Nastra de Jiu-Jítsu, no Forte da Urca, Zona Sul do Rio. Estaria lá a nata da modalidade, incluindo, claro, Wallid e seu mestre Carlson. Não haveria oportunidade melhor para uma resposta ao desafio feito pelos jornais. Mesmo sabendo do risco inerente à invasão de um torneio de jiu-jítsu, o pessoal da luta livre pagou para ver. O grupo de mais ou menos vinte pessoas foi liderado por Hugo, Eugênio, Denilson Maia e Marcelo Mendes. Dessa vez, eles levavam um reforço de peso: Marco Ruas, que sempre se recusara a vestir a camisa da luta livre nessa rivalidade. Ruas estava interessado em um vale-tudo a dinheiro. “A gente foi também para marcar território, para eles não acharem que podiam falar qualquer coisa”, conta Eugênio. O campeonato foi interrompido quando a organização foi informada da chegada dos rivais. Robson Gracie, já presidente da Federação de Jiu-Jítsu do Rio de Janeiro, pegou o microfone para anunciar a invasão. Poderia ter explodido uma pancadaria, mas Carlson tomou a frente e levou os invasores para uma sala.

O clima estava pesado. Lutadores dos dois lados se ofereceram para brigar ali mesmo, mas surgiu uma ideia melhor. “Nós estávamos prontos para aceitar o desafio do Wallid e cair na porrada ali mesmo. Mas o Carlson nos recebeu muito bem e nos convenceu a fazer um desafio a portas fechadas ou em um evento”, lembra Hugo. Ali mesmo, eles já começaram a especular sobre os confrontos. Pela primeira vez, o vale-

tudo envolveria os alunos de Carlson, e não os de Hélio e seus filhos. A única exceção seria Marcelo Behring, faixa preta de Rickson, que faria a luta principal contra o desafeto de seu mestre, Hugo Duarte. Também ficou decidido que o pivô da história, Wallid, não poderia ficar de fora, mesmo ainda sendo faixa marrom. No dia seguinte, Carlson reuniu os principais professores de jiu-jítsu para definir os outros lutadores. Mas ele ainda encontrava a resistência de alguns faixas pretas, como Ricardo Libório, hoje dono de uma das maiores academias de MMA do mundo, a American Top Team, nos Estados Unidos. “Galera, eu não entendo vocês. O jiu-jítsu está lá em cima na mídia; a luta livre nem existe. Para que a gente vai dar todo esse moral para os caras? Não tem nada que fazer mais propaganda; tem que ignorar.” Mas Marcelo Behring resumiu o sentimento da maioria ali presente. “Libório, quando os caras entraram na nossa casa e desafiaram o jiu-jítsu, eles enfiaram o dedo todo no meu cu. Agora é guerra!”

O desafio foi marcado e adiado duas vezes, por falta de entendimento entre os dois lados. Mas a troca de insultos só aumentava. O programa jornalístico *Documento Especial*, da TV Manchete, dedicou uma edição à rivalidade, a que chamou de “Vale tudo nos esportes”. Nela, declarações de Behring e Hugo, editadas na sequência, mostravam o clima que reinava no Rio de Janeiro.

HUGO: Vamos lutar dez vezes, agora vamos ser adversários para sempre deles [do jiu-jítsu].

BEHRING: Eu espero que o Hugo fale bastante o que tiver para falar porque depois quero ver como ele vai falar sem dentes na boca.

HUGO: Pela terceira vez eu estou para lutar com o seu Marcelo Behring e pela terceira vez o seu Marcelo Behring está fugindo. Seria bom ele trabalhar na televisão porque o negócio dele é aparecer, e chega na hora H, do couro comer, ele sempre foge.

BEHRING: Em vez de luta livre, é luta Sempre Livre. Sabe o Sempre Livre, absorvente? É o que os caras têm que usar.

HUGO: Eu vou quebrar a cara dele. É carne de galinha. Vou

pegar e vou massacrar.

BEHRING: Hugo, beijinho, meu amor!

Provavelmente, a rivalidade teria empacado nesse tipo de provocação se não fosse pelo empresário Carlos Docelar. Sua ligação com o jiu-jítsu teve início nos anos 1980, quando trabalhava no mercado de capitais, no Centro do Rio. Depois do expediente, começou a ter aulas com Rickson na academia da avenida Rio Branco e se tornou amigo da família. Ele estava, por exemplo, no Colégio Padre Antônio Vieira quando Rickson lutou com Hugo Duarte. Embora orgulhoso de seu mestre, achava que esse tipo de briga a portas fechadas não levava a lugar nenhum. Como buscava um novo negócio depois de fechar sua corretora de valores, ele resolveu agir. Chamou o amigo Miguel Pires Gonçalves, também discípulo dos Gracie, para ajudá-lo a planejar o que acreditava que seria “um valeduto para mudar a história do esporte”. Superintendente geral da TV Globo na época e ex-aluno de Rolls, Pires Gonçalves já tinha ajudado a organizar o confronto entre Rickson e Zulu. Além do know-how, ele poderia conseguir alguma divulgação na emissora. A ideia era fazer um evento profissional, sem os improvisos que já havia presenciado no passado. Carlos, então, abriu a empresa Docelar Promoções especialmente para a ocasião.

Em seguidas reuniões com Carlson e Brunocilla, eles finalmente conseguiram decidir o *card* do evento, ou seja, quem enfrentaria quem. A noite seria aberta com Wallid versus Eugênio. Como Renzo também tinha se mudado para os Estados Unidos, os Gracie escolheram Murilo Bustamante para enfrentar Marcelo Mendes na segunda luta. Discreto, esguio, formado em economia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Murilo começou a dar aulas para pagar os estudos e, de repente, se viu representando a academia de Carlson Brasil afora. Apesar de fugir do estereótipo do casca-grossa, levava a sério essa história de defender a honra do jiu-jítsu. Seu adversário também vinha da classe média alta carioca. Marcelo era filho de Leopoldo Heitor de Andrade Mendes, o advogado que ficou famoso por ter sido acusado de inventar uma testemunha-chave no famoso Crime do Sacopã, nos anos 1950. O

terceiro combate seria entre dois lutadores muito técnicos: Fábio Gurgel, faixa preta e campeão brasileiro de jiu-jítsu, e Denilson Maia, faixa preta de luta livre e campeão carioca de luta greco-romana. Depois, viriam a luta de Ruas contra o bicampeão mundial de jiu-jítsu Amaury Bitetti e, por último, o esperado confronto entre Behring e Hugo Duarte. “De início, o Rickson viria dos Estados Unidos para lutar com o Hugo. Até fechamos a bolsa em US\$10 mil, mas o Carlson foi contra. Achava que era muito dinheiro”, lembra Docelar. Assim como acontecera com o Rolls nos anos 1980, mais uma vez o Gracie que motivara o vale-tudo não estaria presente no evento.

Essa foi apenas a primeira divergência dos organizadores com Carlson. As reuniões com ele e os representantes da luta livre, realizadas no escritório ou na casa de Pires Gonçalves, eram bastante tumultuadas. Docelar teve que refazer o contrato 11 vezes porque o líder do jiu-jítsu sempre encrencava com alguma cláusula. Docelar também conta que levou um calote na remessa de ingressos que seriam vendidos em academias. A sacola que chegou a seu escritório teria, misturadas com o dinheiro, páginas de jornal cortadas no tamanho das cédulas. “Eu era muito mais próximo do pessoal do jiu-jítsu, mas foram eles que me deram mais trabalho”, lembra. Outro problema foi o valor das bolsas. Depois de muita discussão, os lutadores decidiram receber um percentual na venda dos ingressos, em vez de uma cota fixa. Do total da renda, 50% ficariam com a Docelar Promoções e 50% seriam divididos entre os lutadores. Docelar conseguiu ainda o patrocínio da Dijon, marca de roupas do empresário Humberto Saade, que comprou os ingressos mais caros, nas áreas com melhor visão do ringue.

A essa altura, ninguém imaginava a dimensão que o evento tomaria. Um mês antes da sua realização, Docelar e Pires Gonçalves conseguiram convencer o então diretor-geral da TV Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, a transmitir as lutas. “Ele não queria botar o evento no ar de jeito nenhum, mas eu insisti”, conta Pires Gonçalves. Docelar diz que recebeu o “sim” de Boni num almoço no restaurante Esplanada Grill, em Ipanema. “Com aquele jeito espetacular, o Boni me disse assim: ‘Carlinhos, eu vou botar essa porra no ar. Vai lá na emissora e procura o

Luiz Gleiser. Ele vai ser o diretor desta porra.' Eu não dormi de tanta felicidade", conta. A divulgação, feita por meio de panfletos distribuídos na praia e em academias, tornou-se desnecessária depois que a TV Globo veiculou quatro chamadas no intervalo da novela das oito. Docelar tinha razão: seria um vale-tudo para mudar a história do esporte. Mas não exatamente do jeito que ele imaginava.

O ginásio do Grajaú Country Club tem capacidade para, no máximo, três mil espectadores. Naquela noite de sexta-feira, 30 de agosto de 1991, havia pelo menos o triplo de pessoas do lado de fora. "A divulgação na Globo acabou me criando um problema", conta Docelar. Era um tumulto de alto risco porque misturava adeptos da luta livre e do jiu-jítsu, esses em maioria absoluta. Sem contar que se tratava de um péssimo cartão de visitas para as personalidades que chegavam para o evento, entre elas o então prefeito Marcello Alencar, o empresário Ricardo Amaral, o colonista social Zózimo Barroso do Amaral e o ex-ministro do Exército general Leônidas Pires Gonçalves, pai de Miguel. Alguns deles presenciaram o momento em que os seguranças do lado de fora não conseguiram mais conter a multidão. Muitos pularam as roletas. Invadido e superlotado, o ginásio se tornou um barril de pólvora.

Por algum motivo que hoje ninguém sabe explicar, não havia policiamento. Alguns policiais civis lutadores de jiu-jítsu, como Sérgio Inácio, Hélio Vígio e seu filho Redley, tiveram que trabalhar. "Para a molecada daquela época, o Hélio Vígio representava cinco batalhões da PM", exagera Docelar. Mas eles não tiveram como evitar algumas brigas que estouraram dentro do ginásio, felizmente nenhuma com consequências graves. Não havia cordão de isolamento para separar os lutadores do público. Preocupada, a organização suspendeu quase todos os discursos de boas-vindas, inclusive o do prefeito. A ideia era começar logo as lutas para ver se o pessoal se acalmava. O ator Antonio Grassi, contratado para apresentar o evento, nem subiu ao ringue. Sequer vestiu o smoking alugado para a ocasião. Todo mundo achou que seria mais

seguro ele ficar na área VIP da Dijon, ao lado de Hélio Gracie.

No período de preparação para o vale-tudo, as duas modalidades viveram internamente situações antagônicas. Enquanto os alunos de Hélio e Carlson se uniram, a luta livre rachou. Mestre da maioria deles, Brunocilla não participou ativamente dos treinos por causa da morte do pai, o ex-lutador Fausto Brunocilla. Além das divergências sobre os métodos de treinamento, eles não se entendiam sobre a equipe que os representaria no evento. Para completar, Marco Ruas, que enfrentaria Bitetti, pulou fora porque arrumou uma luta em Manaus com uma bolsa bem maior. “Muita gente queria lutar por vaidade e não por amor”, diz Eugênio, que passou a treinar separadamente. “Eu falava certas coisas para eles porque tinha um pouco mais de experiência de vale-tudo. Mas achavam que eu estava querendo ser mais do que eles.” O jiu-jítsu teve apenas um contratempo: a duas semanas do desafio, Behring teve uma inflamação no cotovelo e, na falta de um substituto à altura, Hugo ficou sem adversário. Como em 1984, os organizadores e os árbitros eram de alguma forma ligados ao jiu-jítsu: “A luta livre aceitava porque era a única chance que eles tinham de lutar. O jiu-jítsu naquela época tinha muita força social, comercial. Sem a gente, nunca teria havido vale-tudo”, explica João Alberto Barreto, que foi árbitro do evento.

Por sorte, a TV Globo não mostrou o Grande Desafio ao vivo. Eles gravaram as lutas, que começaram às 18 horas, e exibiram um compacto de 34 minutos às 23 horas do mesmo dia. Mesmo com a edição, foi impossível esconder o alto nível de violência do primeiro combate, entre Wallid e Eugênio, tampouco o desfecho lamentável fora do ringue. “Na época, muita gente não gostava do Eugênio. Ele caiu justamente no lado onde estavam as pessoas que o odiavam. E aí, o pessoal meio que tirou uma casquinha ali na hora. Eu soube disso depois”, lembra Murilo, que participou da luta seguinte. O confronto dele contra Marcelo Mendes foi mais técnico e menos violento. Mesmo assim, algumas regras foram desrespeitadas. Além da troca de socos com mão fechada, o representante da luta livre deu um chute em Murilo quando este estava no chão. Marcelo caiu duas vezes fora do ringue. Na segunda, João Alberto declarou nocaute técnico, com pouco mais de quatro minutos de

combate. Assim como já tinha acontecido depois da vitória de Wallid, a turma do jiu-jítsu invadiu o ringue para comemorar, aos gritos de “Jiu-jítsu! Jiu-jítsu!”. Depois disso, Hugo subiu ao ringue para ser aclamado vencedor por W.O. no confronto com Behring. Mas foi tão vaiado que quase ninguém ouviu seu recado ao microfone: “Podem botar qualquer um do jiu-jítsu que estou pronto.” Quando ele desceu, ainda teve de ouvir a provocação: “Recordar é viver, o Rickson acabou com você!”

Para os torcedores do jiu-jítsu, o clima era ideal antes do último combate da noite, o único em que a luta livre era considerada a favorita. Denilson Maia tomou a iniciativa, conseguindo uma linda queda sobre Fábio Gurgel. Mas, no chão, aos poucos, o lutador de jiu-jítsu passou a dominar o combate. Nove anos mais velho, Denilson cansou antes e começou a apanhar. Um chute violento em seu rosto levou a plateia à loucura. Um close na face cortada impressionou o narrador Oliveira Andrade: “Ele está perdendo bastante sangue!” Álvaro Barreto, que treinara os representantes do jiu-jítsu para aquele vale-tudo, torcia por um desfecho diferente daquele das outras lutas: “Oliveira, vamos ver se o Fábio tenta finalizar com um golpe de jiu-jítsu, porque em nenhuma das lutas houve finalização.” Novamente não aconteceu. Seu irmão João Alberto encerrou o combate depois de uma sequência de socos de Gurgel no rosto de Denilson.

O terceiro triunfo em três lutas deu ao jiu-jítsu uma vitória consagrada. A transmissão da TV Globo terminou com a imagem da invasão final do ringue. Na comemoração, os torcedores ergueram Wallid, Murilo e Gurgel nos ombros. Ao contrário do desafio de 1984, dessa vez não havia dúvidas de que eles se mostraram mais eficientes do que a luta livre. Para o vale-tudo, no entanto, os prejuízos foram enormes. O primeiro deles, político. As autoridades presentes saíram contrariadas com o excesso de violência dentro do ringue e o clima de guerra fora dele. “O prefeito foi embora sem falar comigo, nem se despediu. Aliás, nunca mais falou comigo depois disso”, conta Docelar, que lamenta até hoje o prejuízo financeiro por causa da invasão e do golpe da receita dos ingressos. O dano mais grave, porém, foi à imagem do esporte. O desrespeito às regras, destacado na transmissão da TV Globo, associado à

quantidade de sangue que foi ao ar, assustou os telespectadores mais conservadores. O vale-tudo ficaria muitos anos sem ganhar o mesmo destaque na televisão aberta brasileira. Miguel Pires Gonçalves diz que não houve uma cobrança interna da emissora. Para os observadores mais atentos, estava claro que o Grande Desafio tinha sido menos um evento esportivo do que um acerto de contas. Era essa a sensação de quem compareceu à festa de comemoração do jiu-jítsu naquela mesma noite, na churrascaria Plataforma, no Leblon. “Fui comentar com o Wálid que ele não tinha usado nada do que treinamos, chave de braço, estrangulamento, nada... Aí ele me disse: ‘Mestre, deixa eu dizer uma coisa, eu estava era querendo dar muito soco naquele cara...’”, conta Álvaro Barreto. E até mesmo a retomada de crescimento das academias de jiu-jítsu, o ganho mais significativo do Grande Desafio, causou um efeito colateral tão devastador que demonizaria seus lutadores durante muitos anos.

ホイスからマルコ、U大会“主役交代”

格闘誌通信

A Z I N E

16頁増

10/23 1995・No.143

定価660円

ブラジル
最強幻想浮上!!

マルコ、

たった1%の力で
アルティメット制覇!



Entre seus admiradores, o jiu-jítsu é comparado com frequência a um jogo de xadrez. Estendidos no chão, os lutadores se revezam numa sequência de golpes e contragolpes de braços e pernas em que, normalmente, dará o xeque-mate aquele que souber se antecipar aos movimentos do adversário. E, como no jogo de tabuleiro, instituir um limite de tempo muda todo o conceito da luta.

Enquanto se arrastava por baixo de uma massa de músculos e gordura de 115 quilos, naquela noite de sábado, em Tulsa, Oklahoma, Royce Gracie pensava em quanto tempo seria necessário para que seu oponente cansasse. Ex-integrante da seleção americana de luta greco-romana, Dan Severn — dono de um bigode vistoso, vestido com sunga preta e tênis de cano alto — já tinha entendido que, para vencer, precisava enfrentar o brasileiro no chão. O UFC já estava na quarta edição e até então ninguém tinha conseguido manter distância suficiente para dar um soco no representante do jiu-jítsu. Severn tentava estrangular Royce, que respondia com as tradicionais pancadas de calcanhar no fígado. Como sempre, ele estava sem pressa. O americano não poderia resistir por muito tempo. A estratégia já tinha funcionado nos UFCs 1 e 2.

Royce estava se consagrando como o primeiro mito do Ultimate Fighting Championship usando roteiros bastante parecidos. Na segunda edição, também disputada em Denver, como a primeira, ele venceu por finalização quatro lutas na mesma noite — um recorde na história do evento. O confronto mais significativo não foi a final, contra o kickboxer americano Patrick Smith. Nas quartas de final, numa dessas coincidências inesquecíveis, Royce se deparou com Jason deLucia, o mesmo praticante de kung fu que espancara num dos desafios na garagem de Rorion. DeLucia considerava aquela a revanche perfeita por estarem diante das câmeras de TV. Mas Royce o venceu com ainda mais facilidade. Em um minuto e sete segundos, aplicou-lhe uma chave de braço irretocável.

No UFC 3, na Carolina do Norte, Royce saiu derrotado pelo próprio corpo. Foi a primeira edição do torneio em que o juiz tinha o poder de

interromper a luta, caso percebesse algum risco sério para a saúde de um dos lutadores. A ideia do SEG, empresa dona do UFC naquele momento, era abrir caminho para uma revanche da final do UFC 1, entre Royce e Shamrock, a primeira rivalidade que mexeu com a imaginação dos fãs do esporte. Mas nenhum dos dois passou das semifinais. O americano até venceu, mas saiu do octógono com uma torção no joelho. Royce enfrentaria o canadense Harold Howard se não tivesse desmaiado antes de a luta começar. Ele foi vítima do calor dentro do ginásio e do excesso de força que usou para vencer o americano Kimo Leopoldo, de 111 quilos, no primeiro combate. Oriundo do pro wrestling americano, um tipo de luta livre que misturava esporte e espetáculo, Kimo entrou no ginásio em meio a uma nuvem de fumaça, carregando uma cruz de madeira, como Jesus Cristo.

Foi um embate difícilíssimo — pela primeira vez o brasileiro se viu sem o controle da luta em alguns momentos. “Eu lutei errado. Alguém me disse que o Kimo era muito forte, e eu quis trocar força com ele”, lembra. Depois da vitória, Royce estava exaurido. Enquanto voltava para o ringue, sentiu-se sufocado, com as pernas bambas e as pálpebras pesadas. No corredor, ele explicou aos irmãos que precisava se deitar imediatamente. “Está precisando de alguma coisa aí, Royce?”, perguntou Relson. “Suco de melancia. Me dá um suco de melancia”, respondeu. “Agora não tem suco de melancia, não, quando acabar isso aqui, a gente vai para casa, e eu faço bastante suco de melancia para você. Mas agora não tem, não”, disse Relson. Royce nem se lembra desse diálogo. Estava desidratado, o que explica o desmaio. Ele acordou com tapinhas no rosto e uma ordem: “Levanta, levanta, vamos embora, vamos embora, está na hora da luta.” Ele levantou, mas não lutou. Quando entrou no ringue, ouviu a pergunta do árbitro John McCarthy: “Está pronto?” A resposta foi para os irmãos: “Rapaziada, me mostra aí para que direção eu vou porque não estou vendo nada. Está tudo escuro. Eu ouço tudo, mas não vejo nada.” Royce estava disposto a lutar mesmo assim, mas Relson sugeriu que ele saísse do ginásio para tomar um ar. Rorion lembrou-se então de um dos slogans do UFC: “Dois entram, um sai.” Se o irmão saísse do octógono antes do início da luta, ele estaria desistindo. O pessoal do SEG nem estava muito

preocupado com o problema de Royce, mas com a transmissão ao vivo, que não suportaria uma interrupção no *card*. Como ficariam os telespectadores? Então Rorion prendeu a respiração e, pela primeira vez na vida, jogou a toalha, em sinal de desistência.

Royce prometeu a si mesmo que nunca mais usaria força além do necessário para vencer uma luta. Afinal, conhecia bem o poder da alavanca, desenvolvida pelo pai para derrotar os mais fortes. Ele voltaria a usá-la no UFC 4. Mas, quando sentiu o braço de Dan Severn quase dando a volta em seu pescoço, deu-se conta de que aquela luta estava demorando bem mais do que as outras. Preocupado em cansar o americano, ele não percebeu a agitação do lado de fora do octógono. Rorion, Art Davie e Bob Meyrowitz conversavam com a expressão preocupada. Seu irmão discutia ríspidamente com os sócios. “Ninguém vai parar essa luta! Eu quero que se foda”, gritou Rorion. O clima estava tão tenso que eles sequer notaram quando a paciência de Royce foi recompensada: o brasileiro encaixou suas pernas ao redor do pescoço do adversário, num estrangulamento perfeito. O combate chegava a quase 16 minutos, um recorde no UFC até então. Sem ar, Severn bateu três vezes no chão. Era o mais puro jiu-jítsu brasileiro funcionando novamente. Mas os irmãos Gracie quase não tiveram tempo para comemorar. Rorion contou a Royce que os três últimos minutos da luta — e, portanto, a fantástica finalização — não foram ao ar pela televisão. A transmissão foi interrompida porque o SEG comprara duas horas de sinal de satélite, e o evento todo durou duas horas e três minutos. Ninguém na organização pensou nessa possibilidade, mesmo sabendo que se tratava de um evento sem tempo predeterminado. Davie e Meyrowitz queriam parar a luta antes que o sinal fosse cortado, para que se desse uma explicação aos telespectadores, que tinham pagado US\$19,95 e não veriam o final da história. Mas Rorion foi contra.

Nos Estados Unidos, um episódio como esse representa um crime grave contra o consumidor. Além de devolver o dinheiro para os 260 mil lares que compraram o UFC 4, o SEG mandou junto uma fita VHS com a íntegra de todas as lutas da noite. Foi um imenso prejuízo para um evento recém-criado. “Em compensação, criou-se um bochicho danado. Muita

gente ligou me parabenizando por ter criado um suspense para o fim da luta, como se eu tivesse planejado tudo”, recorda Rorion, às gargalhadas. Mas, na época, seus sócios não acharam graça. Eles finalmente tinham uma razão concreta para exigir o que já defendiam desde o UFC 1. Era necessário estipular um tempo para os rounds. “A nossa diferença sempre foi essa. Para eles, era um show de televisão sobre briga. Para mim, o evento era uma briga de verdade, sendo televisionada. E briga de verdade não tem tempo”, diz Rorion. Claro que havia uma lógica típica dos Gracie nesse raciocínio, mas também era uma defesa do jiu-jítsu na batalha contra outras artes marciais.

Não dá para dizer que Rorion sempre foi irredutível em suas posições. Antes de lançar o UFC, aceitou o argumento do SEG de que seria interessante liberar os golpes nas regiões genitais para dar à luta mais cara de briga. A decisão se mostrou um equívoco, mesmo num evento que se dizia “sem limites”, e foi abandonada menos de um ano depois. Pressionado novamente, agora por causa do tempo, Rorion aceitou fazer uma experiência no UFC 5. As quartas de final e as semifinais durariam, no máximo, vinte minutos. A final poderia chegar a meia hora. Mas Royce não disputaria nenhuma dessas lutas. De olho nas vendas de pay-per-view, o SEG decidiu que o brasileiro tinha que, finalmente, dar a oportunidade de uma revanche ao principal lutador americano fora do boxe. Ken Shamrock foi criado como órfão. Cresceu nas ruas de Macon, na Geórgia, onde teve diversas passagens por reformatórios para delinquentes juvenis. Como lutador profissional, foi o primeiro campeão do evento japonês Pancrase, que misturava artes marciais com as marmeladas tão desprezadas pelos Gracie. Talvez seja esse um dos motivos da bronca que Royce tem até hoje dele e de seu irmão adotivo Frank, outro conhecido ex-lutador de MMA. “Eles são arrogantes. Acham que são melhores que todo mundo”, diz Royce.

Shamrock dizia a quem quisesse ouvir que o jiu-jítsu brasileiro era uma farsa. Para não correrem o risco de uma derrota inesperada de um dos dois rivais, como aconteceu na terceira edição, os organizadores criaram a Superfight (ou Superluta), uma espécie de tira-teima. Ela também teria duração de trinta minutos, com possibilidade de mais cinco

de acréscimo. Caso não houvesse nocaute, finalização ou desistência, seria declarado o empate. Por via das dúvidas, o SEG comprou uma hora a mais de sinal de satélite. Foi uma decisão inteligente porque, caso contrário, a transmissão teria sido interrompida mais uma vez. A superluta bateu os 36 minutos — até hoje a mais longa da história do Ultimate Fighting — e terminou sem vencedor. Dan Severn, o mesmo que perdera de Royce no UFC 4, foi o campeão da quinta edição, vencendo o russo Oleg Taktarov.

Os Gracie nunca consideraram o empate uma desonra, ainda mais contra um adversário mais pesado, mas Rorion não engoliu o novo formato do UFC. Sentia que seus princípios estavam sendo feridos. Decidiu bater de frente com os sócios para que o modelo original, sem limite de tempo, fosse retomado. “O cara pega o outro no estrangulamento, bate o gongo e tem que soltar? Que briga é essa? Isso é uma palhaçada. O tempo vai acabar com o show”, dizia. Seus argumentos não os convenceram. A esta altura, era o SEG — e não a WOW!, produtora de Art Davie e Rorion — que bancava o evento e, portanto, dava a palavra final. Ou o brasileiro saía da reunião com o rabo entre as pernas ou vendia sua parte do negócio. Escolheu a segunda opção. Como concordava mais com Meyrowitz do que com Rorion, Art Davie foi trabalhar no SEG como *matchmaker*, o profissional que decide quem vai enfrentar quem. Sem o amigo brasileiro, John Milius se afastou do torneio, para o qual dava apenas uma consultoria.

Era uma decisão corajosa, a de abrir mão do UFC naquele momento. Se na primeira edição foi difícil convencer alguns participantes a entrar numa luta em que valia quase tudo, no UFC 2 apareceram mais de quinhentos candidatos. Nesta edição, a expectativa era repetir as 85 mil vendas de pay-per-view, mas elas chegaram a 120 mil. O UFC 3 chegou a 180 mil, e o UFC 4, o que foi cortado antes do fim, alcançou a extraordinária marca de 260 mil pagantes. Se ainda não gerava rios de dinheiro, o evento já provocava mídia espontânea e formava a primeira geração de fãs apaixonados. Rorion garante que não se lembra do valor exato que recebeu por sua parte, mas diz que foi uma “mixaria”. Mixaria? “Mixaria que eu digo pelo seguinte: você pode até vender por

milhões a mais, entendeu? Eu vendi na época para os caras por uma grana que está tudo bem, comprei uma casinha e tal...”

Desde o início, Royce permaneceu alheio aos atritos do irmão com os sócios. Limitava-se a ouvir a versão de Rorion. Até teria a chance de disputar o UFC 6, mas sete dias antes se casou com a ortopedista americana Marianne. “Se participo do torneio, ela pede o divórcio”, contou à *Folha de S.Paulo* em maio de 1995. Quando foi informado de que a sociedade da WOW! com o SEG estava desfeita, abandonou o octógono sem reclamar, junto com o irmão e empresário. “Sou um soldado. O que falar para fazer eu faço”, afirma. Esse espírito obediente o levou de volta às aulas de jiu-jítsu na Califórnia, no papel de simples professor. O primeiro campeão do UFC ficaria afastado do MMA até o ano de 2000, abrindo espaço para novos astros do torneio, inclusive brasileiros.

Apesar da atual explosão do MMA, Rorion garante que não se arrepende de ter vendido o UFC — nem do ponto de vista financeiro nem do ideológico. “O UFC hoje não faz o menor sentido para mim. Fico feliz porque não estou envolvido com um show que não representa a minha visão”, diz. Royce também afirma que assiste às lutas quando, por acaso, liga a TV na hora do evento. Só presta atenção de verdade quando seus lutadores preferidos estão no octógono: Anderson Silva, o canadense George Saint-Pierre e o americano B.J. Penn. “Os caras dão dois socos, entram em clinch, tentam botar o outro para baixo, jogam o cotovelo na cara e partem para o estrangulamento. Isso não é estratégia, é um desejo. Você deseja que a luta aconteça assim. Estratégia é saber o que o cara vai fazer para tirá-lo do jogo dele”, diz.

Ainda na época em que Royce reinava, começaram a aparecer os primeiros jornalistas que criticavam o UFC. Apesar da boa vendagem de pay-per-view, a grande imprensa americana começou a tratar o novo evento com um misto de surpresa e desconfiança. Era compreensível a

reação de colunistas esportivos que classificavam o torneio de *freak show*, um show de aberrações. O sangue, os golpes visualmente fortes eram mais importantes do que a técnica, apontavam. O UFC era um terreno propício para que surgissem candidatos sem nenhum histórico no mundo das artes marciais, caso do americano John Bobbit, que ficou mundialmente famoso por ter tido metade do pênis decepado num acesso de raiva da mulher, em 1993. Ele se animou depois de ver uma luta pela TV, mas acabou rechaçado pelos organizadores. Até eles acharam que seria bizarro demais.

O público inicial do UFC nos Estados Unidos tinha o mesmo perfil de Bobbit: era da classe operária branca, tradicionalmente interessada em espetáculos violentos, que não pagava mais do que US\$20 por um ingresso. A ideia do SEG era convencê-los de que o lutador era um gladiador moderno cujo instinto animal não se submetia a regras comuns em outras modalidades. O material promocional sempre destacava o que o evento tinha de mais grotesco: “O show mais bárbaro da história”, “Sem limites”, “Proibido em 49 estados”. Em pouco tempo, esse tipo de marketing se revelaria um tiro no pé.

No UFC 6, realizado no estado do Wyoming, o primeiro sem os irmãos Gracie, Meyrowitz agradeceu o fato de ter se livrado dos brasileiros. Royce era um lutador de altíssimo nível, mas suas vitórias não produziam uma gota de sangue. Sua saída abriu espaço para o surgimento de heróis com cara de mau. Shamrock ganhou a superluta da noite contra Dan Severn. A final entre o americano Dave “Tank” Abbott e o russo Oleg Taktarov teve tudo o que o SEG queria: bons personagens, rostos desfigurados por pancadas e muito sangue. Tank Abbott era praticante de luta livre olímpica, mas ganhou mais notoriedade como arruaceiro nas ruas de Huntington Beach, na Califórnia. Autointitulava-se *master of the ancient martial art of kicking ass* (algo como “mestre da antiga arte marcial de enfiar a porrada”). Tinha acabado de sair da prisão por ter espancado o filho de um policial. Lutador de judô e sambô, arte marcial russa, Taktarov chegou a morar dentro de um carro quando se mudou para os Estados Unidos. Seu objetivo era tornar-se ator de Hollywood, mas precisou voltar a lutar para sobreviver.

Os dois protagonizaram uma autêntica briga de rua em cima do octógono. Abbott chegou a aplicar um fish-hooking em Taktarov, que se defendeu com uma violenta mordida, quase arrancando o dedo do adversário. O público do Wyoming foi à loucura. A festa só não foi completa porque o russo venceu o americano com um mata-leão de dar orgulho aos Gracie. A imagem mais marcante da noite, no entanto, foi a de Taktarov, depois da luta, com o rosto ensanguentado, respirando com a ajuda de um balão de oxigênio. Só então ele encontrou forças para comemorar a vitória.

Nessa época, poucos brasileiros tinham ouvido falar do UFC. A cobertura jornalística se restringia a revistas especializadas como a *Tatame*, criada no início da década de 1990 para acompanhar o jiu-jítsu. Quando o recém-criado canal a cabo SporTV começou a transmitir o UFC em videoteipe, a partir da edição de número seis, o evento passou a ganhar um pouco de popularidade. A grande imprensa brasileira acompanhava tudo de longe. Enfatizava a violência das lutas, mas não podia deixar de registrar o protagonismo nacional. “Longe do Rio de Janeiro e de todos os brasileiros amantes das conquistas verde-amarelas, o lutador carioca Royce Gracie é o verdadeiro herói nacional desconhecido. O mocinho que enfrenta e derrota adversários gigantes na arena sem despentear o cabelo ou amassar o quimono”, publicou a *Folha de S.Paulo* em 17 de dezembro de 1995, talvez sem saber que Royce já tinha abandonado o UFC. Os praticantes ou fãs do vale-tudo no país começaram a criar um mercado paralelo de fitas VHS com a íntegra das lutas. Alguém trazia uma cópia dos Estados Unidos e a reproduzia para distribuição no Brasil. Marco Ruas já tinha assistido a algumas delas quando recebeu um recado estranho na praia do Leme. Um amigo lhe entregou um papel com um número de telefone de Los Angeles. “O Marcos Jara pediu para você ligar para esse número e falar com um tal de Frederico Lapenda. Ele vai arrumar uma luta boa pra você”, disse o mensageiro. Ruas sabia que Jara era professor de artes marciais nos Estados Unidos, mas não tinha nenhum contato com ele.

Depois da luta heroica com Pinduka no vale-tudo de 1984, Marco Ruas tinha conseguido bolsas razoáveis em eventos em todo o Brasil. Por

causa de um deles, em Manaus, desistira até de participar do desafio contra o jiu-jítsu no Grajaú Country, que certamente lhe daria mais popularidade. Mas, aos 33 anos, ele achava que sua vida de lutador profissional estava chegando ao fim. O recado na praia o animou de novo. Frederico Lapenda era um pernambucano que tinha se mudado para a Califórnia para estudar cinema. Amante de artes marciais, ele ficou impressionado com os primeiros UFCs. Quando percebeu a supremacia de Royce, imaginou como seria atraente um duelo contra um rival da família. Logo procurou se informar sobre quem seria o maior inimigo dos Gracie no Brasil e soube da rivalidade com Ruas e da luta nunca realizada entre ele e Rickson. Por telefone, Lapenda prometeu colocar Ruas no UFC. “Cara, eu quase chorei. Depois daquele dia, toda noite eu rezava para receber um telefonema do Lapenda com novidades”, conta Ruas. Todo mundo imaginava que o segundo representante brasileiro no UFC fosse outro Gracie — ou pelo menos um discípulo deles —, mas a saída conturbada de Rorion fechou temporariamente as portas do evento para o jiu-jítsu. Mesmo sem Royce, o marketing de anti-Gracie criado para Ruas continuava valendo. E foi o que convenceu Art Davie a aceitá-lo no UFC 7.

Marco Ruas era apenas uma ponta do grande negócio que Lapenda vislumbrava com o crescimento do UFC e do jiu-jítsu nos Estados Unidos. Sua ideia era formar uma equipe de lutadores de diversas modalidades. Para isso, já tinha entrado em contato com Carlson Gracie, a quem convenceu que o mercado americano de vale-tudo só cresceria com o sucesso inicial do UFC. Os dois montaram uma academia vizinha à Universidade da Califórnia em Los Angeles (Ucla), no bairro de Westwood. Mais tarde, ela chegou a receber alunos-celebridades para as aulas de jiu-jítsu, entre eles os atores Mickey Rourke, Kevin Costner e Catherine Zeta-Jones. Além de Ruas, os primeiros lutadores profissionais da equipe seriam duas jovens revelações de Carlson: Amaury Bitetti e Vitor Belfort. Era o Brazilian Dream Team. Carlson topou treinar o rival de Rickson, mas ele deveria representar o jiu-jítsu nos grandes eventos. “Aí eu não aceitei. Na época da rivalidade no Brasil, nunca me senti representante da luta livre ou do muay thai, mas também jamais seria um representante do jiu-jítsu.

Eu disse ao Lapenda que só lutaria sem vestir a camisa de nenhuma modalidade”, conta Ruas. Lapenda aceitou, mas disse que ele precisava ser reconhecido como um mestre de arte marcial. Primeiro criou o apelido que acompanharia o lutador por toda a sua carreira: “The King of the Streets” (O Rei das Ruas, num trocadilho com o seu sobrenome). Depois, convenceu-o a entrar no octógono vestido com um quimono e uma faixa vermelha que, a rigor, nada representavam. No dia da luta, quando perguntado por um integrante da organização sobre sua modalidade, respondeu em português: “Represento o Ruas vale-tudo.” Como ele não entendeu, alguém fez a tradução literal: “Ruas ‘anything goes’”. O sujeito continuou sem entender, mas deixou para lá. Na hora, soou apenas como uma frase de efeito, mas logo ela ganharia sentido em cima do octógono.

O UFC 7 foi disputado em Buffalo, no estado de Nova York, em 8 de setembro de 1995. Além de atrair nove mil espectadores ao Memorial Auditorium, ele se consolidava cada vez mais como um evento televisivo: 190 mil lares americanos pagaram para ver a luta. Assim como os brasileiros que foram ao Maracanãzinho no vale-tudo de 1984, eles se surpreenderam com a versatilidade de Marco Ruas. Ele se mostrava igualmente hábil em pé e no chão. Castigava seus adversários com chutes na altura do tornozelo e joelhadas e, quando era derrubado, defendia-se muito bem. Chegou à decisão depois de vencer as duas primeiras lutas no chão — uma com chave de calcanhar e outra por desistência, quando começou a socar o holandês Remco Pardoel. A vitória consagrada veio no melhor estilo muay thai, com uma sequência de chutes e socos que derrubaram o americano Paul Varelans, um wrestler de 140 quilos conhecido como Urso-Polar. Tão espetacular quanto o nocaute, que ainda não era muito comum nos primórdios do UFC, foi o cartel variado de golpes exibidos por Ruas. Naturalmente, ele mostrava que não era necessário representar uma modalidade para ser campeão — pelo contrário, o mais vantajoso era conhecer todas. Depois de Ruas, a discussão sobre qual seria a melhor luta cessou; passou a se discutir quem era o melhor lutador. “Todo mundo ainda estava espantado com o jiu-jítsu quando eu venci o sujeito em pé. Eles gostaram disso porque dava uma nova cara ao esporte”, conta Ruas. Sem querer, ele demonstrava o

conceito de *mixed martial arts* (MMA) que depois daria nome ao esporte. “Marco Ruas foi o primeiro brasileiro a mostrar algo mais que o jiu-jítsu. Era um mestre da luta em pé. Muitas coisas que ele fazia naquele tempo eram consideradas impossíveis”, diz Dana White.

Apesar do reconhecimento do atual presidente do UFC, muitos jornalistas e lutadores estrangeiros continuam questionando o pioneirismo de Ruas no chamado *cross-training* — o treinamento de diversas modalidades que hoje é a base da formação de um lutador de MMA. Numa disputa que lembra a de Santos Dumont contra os irmãos Wright pela paternidade na invenção do avião, alguns americanos apontam outros precursores do conceito de artes marciais mistas: Maurice Smith, que venceu o UFC 14, e o rival de Royce, Ken Shamrock, que, embora fosse um lutador de chão, também mostrava um bom conhecimento em pé.

Dois meses depois de vencer o UFC 7, Marco Ruas participaria do Ultimate of the Ultimate, evento especial promovido pelo SEG que reuniu todos os campeões até então, à exceção de Royce, para um tira-teima. O brasileiro perdeu na semifinal para Taktarov, por decisão dos juízes. Seria a sua última luta no UFC. Lapenda o convenceu de que era hora de lutar no Brasil. Só mais tarde ele entenderia o porquê.

Até meados da década de 1990, a grande maioria dos eventos de vale-tudo no Brasil esbarrava no amadorismo de seus promotores. Mesmo aqueles que exibiam uma fachada mais profissional apresentavam, normalmente, uma organização sofrível. Em 1995, por exemplo, o Maracanãzinho recebeu o Desafio Internacional de Vale-Tudo Brasil Open, cujo objetivo era escolher um lutador para desafiar Rickson Gracie, então invicto havia 430 lutas, incluindo jiu-jítsu e vale-tudo. Coordenado por João Alberto Barreto, o astro do programa *Heróis do Ringue*, o evento tinha pinta de superprodução. Quem vencesse Rickson na final receberia um prêmio de US\$ 150 mil. A primeira fase foi uma seletiva nacional com

lutadores de jiu-jítsu, caratê, kickboxing, boxe, capoeira, judô e full contact. O grande favorito, naturalmente, era o jiu-jítsu, representado pelo faixa preta de Carlson, Amaury Bitetti. Este chegou à final contra Mestre Hulk, um guarda municipal carioca, praticante de capoeira. Os mais velhos se lembraram dos confrontos de Carlos e Hélio contra os capoeiristas, nas décadas de 1930 e 1940, mas dessa vez o resultado foi diferente. Diante de seis mil pessoas, incluindo Rickson e a badalada dupla de atacantes do Flamengo na época, Romário e Edmundo, Hulk nocauteou Bitetti com um soco em apenas 17 segundos. Apesar do protesto de alguns representantes do jiu-jítsu, que queriam a continuação da luta, Hulk foi escolhido para representar o Brasil na segunda seletiva, no mês seguinte, agora só contra estrangeiros.

A falta de profissionalismo dos organizadores, mais uma vez, manchou o nome do vale-tudo brasileiro. Os oito estrangeiros, entre eles o campeão mundial de muay thai, Maurice Travis, nem queriam sair do hotel rumo ao Maracanãzinho, alegando não terem recebido antecipadamente os US\$5 mil prometidos. As lutas tiveram que ser canceladas em cima da hora, o que gerou confusão entre as 2.500 pessoas que já estavam no ginásio. Elas queriam de volta os R\$40 que pagaram por cada ingresso. Contratada para apresentar o evento, a modelo Vanessa de Oliveira desistiu quando viu a confusão na porta do Maracanãzinho. “O promotor do evento era um megalomaniaco. Botou os lutadores no melhor hotel do Rio, mas não tinha como pagar ninguém. Quando eu vi aquela loucura, já estava envolvido”, conta João Alberto.

O vexame só não foi maior porque um comerciante amigo de João Alberto se dispôs a pagar as bolsas dos atletas e algumas outras despesas, o que permitiu a realização do desafio no dia seguinte. Para Hulk, talvez tivesse sido melhor o cancelamento da luta. Ele foi nocauteado em vinte segundos pelo carateca canadense Jean Riverre. Sofreu uma concussão cerebral e chegou a ser levado para o Hospital Souza Aguiar, no Centro do Rio, mas se recuperou. Riverre ganhou a seletiva, mas Rickson voltou para os Estados Unidos sem lutar com ninguém. “Já havia uma desmoralização total do evento”, recorda João Alberto.

Até para limpar o seu nome no mercado, João Alberto organizou com

sócios japoneses outro evento chamado Universal Vale-Tudo Fight Championship (UVF), com etapas no Brasil e no Japão. Pela primeira vez, os expoentes nascidos da rivalidade entre jiu-jítsu e luta livre poderiam mostrar sua força no exterior — só que agora eles estariam do mesmo lado, representando o Brasil contra adversários estrangeiros. Entre os escolhidos para a primeira etapa, em Tóquio, estavam Hugo Duarte, Marcelo Mendes e Wallid Ismail. Entre os menos conhecidos na época, Johil de Oliveira (luta livre), Ebenezer Fontes (muay thai/luta livre), The Pedro (luta livre) e Antonio Bigu (luta livre). Murilo Bustamante também viajaria, mas preferiu ficar treinando para outro desafio no Brasil. Como substituto, para surpresa de muita gente, Carlson escolheu Carlão Barreto, um lutador pouco conhecido, que só começou a treinar jiu-jítsu aos 18 anos — e assim mesmo porque o mestre o liberou da mensalidade. Naquela época, Carlão era sparring de Wallid, Murilo, Amaury e Zé Mário Sperry. Antes de seguir para o Japão, a turma do jiu-jítsu passaria uma temporada de treinamentos na Califórnia, onde Vitor Belfort se preparava para enfrentar o grande astro estrangeiro do UVF, o russo Yuri Micha. Poucos dias antes da viagem, Vitor descobriu que, como seu visto norte-americano estava expirado, ele corria o risco de não poder voltar para o país depois da luta. Só no aeroporto Carlson e João Alberto contaram a Carlão que seria ele o novo adversário de Micha. “Eu quase caí para trás. Era a minha primeira viagem internacional. Para me dar confiança, o Carlson me convenceu de que eu tinha a melhor guarda do mundo”, conta.

Quando eles chegaram ao hotel em Tóquio, encontraram com a turma da luta livre, que já estava lá. Foram alguns segundos de desconforto e tensão, mas Carlson conduziu com maestria o encontro dos rivais. “Ele se antecipou e foi logo abraçando o Hugo. A partir daí, todo mundo se cumprimentou cordialmente. Pela primeira vez, o pessoal do jiu-jítsu e da luta livre se encontrava como companheiros, e, por ironia, isso aconteceu do outro lado do mundo”, lembra Carlão. Unidas, as duas modalidades fizeram bonito no dia 5 de abril de 1996, num ginásio Komazawa Olympic lotado. O Brasil venceu seis das oito lutas do UVF 1. A vitória mais emocionante e surpreendente de todas foi a de

Carlão. A imagem daquele negro gigantesco entrando no ringue com uma tatuagem de Jesus Cristo no bíceps esquerdo já tinha deixado a torcida japonesa de boca aberta. Eles ficaram ainda mais impressionados com o mata-leão no segundo round que fez Micha bater três vezes, desistindo. Cada lutador levou uma bolsa de US\$5 mil, a melhor que eles tinham recebido até então. Na saída do vestiário, Carlão ainda ganhou de um apostador japonês um envelope fechado. Havia mais mil dólares lá dentro — estavam pagando 8 por 1 numa vitória dele nas bolsas de apostas. Com o bolso cheio, os lutadores voltaram para o hotel satisfeitos. Por algumas horas, eles se sentiram mais brasileiros do que representantes de uma arte marcial. Era um sopro do profissionalismo que chegaria mais cedo ou mais tarde.

Na porta do hotel em Westwood, bairro nobre de Los Angeles, um jipe moderno se aproximou vagarosamente, como se o motorista estivesse procurando alguém. Quando ele baixou a janela do carro, não havia mais dúvidas de quem era. Frederico Lapenda exibia uma calvície mais acentuada do que nas fotos na internet, mas os olhos grandes e claros eram inconfundíveis. Durante todo o dia, um agradável domingo de sol, a comunicação com Lapenda ocorreu por mensagens de celular, em diálogos curtos e impessoais, mas já era uma vitória. Havia tempos ele fugia da entrevista. No carro, o primeiro grande empresário brasileiro de vale-tudo se apresentou em português, mas logo começou a conversar em inglês, em respeito ao amigo americano que estava no banco do carona. Com o idioma fluente, mas ainda com forte sotaque pernambucano, foi Lapenda quem fez as primeiras perguntas. Queria saber tudo sobre mim e sobre a intenção do livro de contar a história do MMA sob uma perspectiva brasileira. Nem se preocupou em informar para onde estávamos indo em seguida. Só deu o primeiro sorriso quando soube que eu não tinha nenhuma ligação com lutadores de jiu-jítsu — melhor ainda, nunca havia vestido um quimono na vida. Usou a palavra “neutralidade” para justificar seu alívio. Embora admire a história dos

Gracie, Lapenda acredita que o pai do vale-tudo não é o jiu-jítsu, mas a rivalidade dessa modalidade com as outras. Entramos no bar de um hotel e, assim que pedimos três cervejas, fomos abordados por duas jovens e belas garotas de programa. Depois de algumas brincadeiras, Lapenda disse a elas para se distraírem com o amigo americano porque ele tinha um assunto importante a tratar com um conterrâneo brasileiro. E só então começou a falar em português: “Mas, por favor, não grave nada. Quero apenas te conhecer melhor e depois, se for o caso, eu te dou a entrevista.” Estava claro que se tratava de um sujeito desconfiado, pelo menos quando o assunto era MMA.

A história de Frederico Lapenda nos Estados Unidos tinha tudo para ser parecida com a de milhares de brasileiros que vão tentar a sorte por lá. Em 1986, aos 18 anos, ele se mudou para aquele país, três anos depois da morte do pai. A mãe foi contra, mas ele vendeu o carro e a moto para bancar a viagem e os primeiros meses longe de casa. Lavou pratos, entregou pizzas, mas, como a maioria das pessoas, acalentava um sonho maior. O dele estava diretamente associado à cidade americana que escolheu para viver: Los Angeles. Lapenda queria trabalhar em Hollywood — não como ator, mas como produtor ou diretor. Com o dinheiro ganho na pizzaria, pagou uma escola de cinema, mas não uma qualquer. Formou-se na School of Theater, Film and Television, da Ucla, a mesma por onde passou Steven Spielberg. Em nenhum momento pensou que estava sendo pretensioso demais. Sempre acreditou que o trabalho e o pensamento positivo o levariam ao sucesso.

Enquanto esse dia não chegava, Lapenda enveredava pelos bastidores do vale-tudo nos Estados Unidos. Extrovertido, cativante e então dono de um pujante rabo de cavalo, aproximou-se de lutadores, treinadores e executivos do UFC, entre eles Art Davie. Fez isso não apenas porque enxergou ali uma oportunidade profissional por si só, mas também porque imaginou que seria um atalho para Hollywood, nem que fosse para produzir filmes de luta. Muitos atores americanos já eram fãs do UFC no início da década de 1990. Lapenda conheceu Steven Seagal, Jean-Claude Van Damme e Chuck Norris, por exemplo, mas sua vida começou a mudar mesmo quando foi apresentado a Marco Jara, um ex-lutador de

jiu-jítsu e muay thai que treinava atletas brasileiros na Califórnia. Quando Lapenda lhe falou de sua obsessão por encontrar um anti-Gracie, foi Jara quem lhe indicou Marco Ruas. A tacada foi certa. O sucesso de Ruas no UFC abriu caminho para a academia do pernambucano, em sociedade com Carlson, e para a mudança de Vitor Belfort e Amaury Bitetti para os Estados Unidos. Mas a história da Brazilian Dream Team durou pouco tempo. Lapenda e Carlson não se entenderam sobre a divisão dos lucros com a equipe e brigaram feio. “O Lapenda me roubou na academia, roubou cheque de aluno meu, me passou para trás. Caí no conto do vigário. É um gângster”, disse Carlson em entrevista ao canal SporTV, em 1998.

Vitor e Bitetti saíram junto com Carlson, mas Marco Ruas ficou. Menos mal, porque Lapenda sempre o considerou o mais completo de todos os lutadores. A demonstração de Ruas de que poderia usar todas as artes marciais no UFC só reforçou a tese do empresário de que este seria o futuro do vale-tudo. No UFC 5, Lapenda já tinha notado que lutadores de outras modalidades celebraram com Ken Shamrock o empate com Royce Gracie. Se isso aconteceu foi porque treinaram juntos, pensou. Para ele, um sinal claro de que o treinamento em conjunto de vários estilos logo seria uma realidade. “Quem vai se dar melhor: o cara que vende mesa e cadeira ou o cara que vende mesa, cadeira e sofá?”, exemplificava Lapenda, sempre que defendia sua tese. O pernambucano também vislumbrou desde o início o potencial dos lutadores para se tornarem ídolos mundiais — e não apenas nacionais. Ele se impressionou, por exemplo, quando ouviu um americano fã de Rickson imitando o sotaque do brasileiro.

Segundo Ruas, Lapenda o convenceu a desistir de lutar no UFC porque Bob Meyrowitz estaria lhe oferecendo menos do que merecia. “O Lapenda me disse que ele mesmo organizaria um superevento em que eu seria o grande astro”, conta. Não era papo-furado. Seu objetivo era criar um torneio verdadeiramente mundial, e não apenas americano como o UFC. Em 4 de agosto de 1996, acontecia o primeiro World Vale-Tudo Championship (WVC), no ginásio NK Hall Bay, em Tóquio. Com transmissão ao vivo para o Japão e os Estados Unidos, foi um torneio com

oito lutadores e duas superlutas, realizado paralelamente à terceira edição do Universal Vale-Tudo — que teve naquela noite vitórias de Hugo Duarte e Eugênio Tadeu. Como, na época, o UFC ainda não exigia contrato de exclusividade, Lapenda conseguiu levar três campeões do torneio americano: Steve Jenum (UFC 3, em que Royce passou mal), Oleg Taktarov (UFC 6) e, claro, Marco Ruas (UFC 7). Em represália a Carlson, Lapenda não permitiu que Wallid e Carlão Barreto se inscrevessem. Ruas derrotou Jenum, e Taktarov, o americano Joe Charles. Ainda em cima do ringue, o brasileiro pediu a revanche ao russo, que o derrotara no Ultimate of the Ultimate de 1995. “É você quem eu quero”, disse no microfone. O sucesso foi tamanho que logo o WVC começou a ser chamado de o segundo maior evento de vale-tudo do mundo, perdendo apenas para o UFC. A bolsa do campeão, de US\$20 mil, quase se equiparava à do evento americano.

Para criar o WVC, Lapenda pediu ajuda a Sérgio Batarelli, aquele mesmo kick-boxer paulista que perdera do Rei Zulu em 1984, no Maracanãzinho. Depois da derrota, Batarelli começou a se dedicar ao vale-tudo, mas foi bem-sucedido mesmo no kickboxing. Tornou-se campeão mundial da modalidade. Foi quando conheceu José Francisco Coelho Leal, o Kiko, sócio do narrador Luciano do Valle na programação esportiva da Rede Bandeirantes. Graças à televisão, os dois já tinham impulsionado a carreira de Adílson “Maguila” Rodrigues no boxe e fizeram o mesmo com Batarelli no kickboxing. “O Lapenda me procurou, principalmente, porque eu já tinha acesso ao pessoal da televisão, algo raro no meio da luta”, conta Batarelli.

Exibido em compacto pela Bandeirantes na noite de terça-feira após o evento, o WVC 2 foi realizado em 10 de novembro de 1996 no luxuoso Hotel Maksoud Plaza de São Paulo, que viria a ser cenário de diversas edições. Apesar de o ingresso ter custado o equivalente a US\$100, 1.200 pessoas lotaram o salão. A grande atração era a superluta entre Ruas e Taktarov, que terminou empatada, apesar da evidente superioridade do brasileiro. Mas o WVC 2 ficou marcado por ter sido a primeira grande apresentação de Pedro Rizzo, um aluno de muay thai de Ruas que se tornaria um dos grandes nomes do MMA brasileiro. Rizzo precisou de

menos de cinco minutos, no total, para vencer suas três lutas e se sagrar campeão do torneio. O WVC 3 contou com o único representante do jiu-jítsu da sua história. Fábio Gurgel, que lutara em 1991 no vale-tudo do Grajaú Country Club, sagrou-se vice-campeão, perdendo a final para Mark Kerr, que viria a ser campeão dos pesos pesados nos UFCs 14 e 15. Na superluta, Rizzo confirmou sua condição de astro em ascensão ao vencer o americano Richard Heard. Na quarta edição, o WVC já era um evento de vale-tudo consolidado. Movimentava cerca de US\$180 mil por noite. A audiência da Bandeirantes, que exibia os compactos, estava chegando a dez pontos. Se transmitisse o evento ao vivo, a emissora teria exibido uma das lutas mais sangrentas do vale-tudo brasileiro, entre o paulista Jorge Patino, o Macaco, e o paranaense José Landi, o Pelé. Macaco, derrotado, saiu com suspeita de descolamento de retina, que não foi confirmada.

Mas não foi por isso que o WVC 4 jamais será esquecido. Quando entrou para fazer a superluta contra Pat Smith, adversário de Royce na final do UFC 2, Marco Ruas estava descontrolado. Pela manhã, uma conversa desprezível com Batarelli dentro do elevador do hotel fez seu sangue ferver. “Depois vai lá no quarto do Lapenda que ele já está com os seus US\$50 mil”, comentou Batarelli. Ruas estranhou. Era verdade que ele tinha pedido US\$50 mil de bolsa, mas, segundo Ruas, Lapenda lhe dissera que os patrocinadores só aceitaram pagar US\$30 mil. Logo o espanto virou raiva. Pegou o caminho do quarto de Lapenda já decidido a quebrar a cara dele. Quando seu empresário abriu a porta, Ruas voou no pescoço dele. Quase chorando, o pernambucano garantiu que o acordo tinha sido de apenas US\$30 mil mesmo. Não convenceu Ruas, que chegou a anunciar que não lutaria. Diante de um salão lotado, voltou atrás. Soube levar sua revolta para o ringue e venceu Pat Smith com uma belíssima chave de tornozelo em menos de trinta segundos. Na hora de receber o cinturão, das mãos do dono do hotel, Henry Maksoud, sequer olhou para o rosto de Lapenda. Ele já estava decidido a romper com o empresário quando descesse do ringue. Batarelli também deixou a sociedade. “Eu e Ruas descobrimos juntos que estávamos sendo roubados. O Lapenda deu calote em todo mundo”, conta. Meses depois,

Ruas soube que seu ex-empresário dificultava os acordos com o UFC, sempre pedindo mais, porque queria levá-lo para disputar seu próprio evento. “O Art Davie me contou que o Lapenda exigia o direito de negociar a transmissão do UFC para o Brasil. Caso contrário, não me deixaria lutar de novo lá”, conta Ruas, que só disputou mais uma vez o Ultimate depois disso, em 1999, já empresariado pela mulher. Lapenda nega as acusações até hoje.

Lapenda voltou para os Estados Unidos, mas, depois das brigas com Carlson, Ruas e Batarelli, ficou com o nome queimado no Brasil. O WVC ainda teve mais algumas edições, incluindo Jamaica, Aruba e o Nordeste brasileiro, mas nunca com a mesma repercussão, nem com lutadores da mesma qualidade. Isso não impediu que Lapenda fosse reconhecido por muita gente como uma personagem central na popularização do vale-tudo. Além de ter levado Marco Ruas e Vitor Belfort para os Estados Unidos, ajudou a projetar futuros ídolos do esporte, como Pedro Rizzo e o americano Mark Kerr, duas vezes campeão do UFC. Além disso, colaborou com a disseminação do esporte pelo mundo. “Ele foi um cara que pensou rápido, que estava sempre dois passos na frente de todo mundo. Era um visionário”, afirma o treinador e promotor de eventos Bebeo Duarte, ex-aluno de Carlson Gracie. “Não tenho o que falar do Lapenda. Por causa dele, lutei na Inglaterra, na Suécia, na Suíça, no Japão. Comigo ele sempre cumpriu o prometido”, completa Hugo Duarte.

Paralelamente à atividade de promotor de lutas, Lapenda conquistou algum espaço na indústria do cinema. Primeiro com filmes sobre lutas, como os documentários que produziu sobre Rickson Gracie e Mark Kerr. Em 2002, ele se associou a Peter Guber, dono da bem-sucedida produtora Mandalay Entertainment. Em seguida, criou a Paradigm Films, localizada em Beverly Hills, endereço nobre de Los Angeles. Dela saíram em 2007 dois longas-metragens com pinta de filme B: *Ataque das loiras*, comédia estrelada por Pamela Anderson e Denise Richards, e o filme de horror *Nightmare Man*, com o brasileiro Luciano Szafir. Apesar de ter perdido o trânsito livre nos grandes eventos, o MMA continua presente na sua vida. Em 2010, produziu *Bad Guys*, que tinha como protagonista o americano Quinton “Rampage” Jackson, ídolo do UFC. Lapenda mantém

ainda um canal de lutas na internet. Para ele, a transmissão via web é o caminho inevitável do MMA.



Apesar da música alta da pista de dança, Carlinhos Docelar não perdeu uma palavra do recado que chegou a seu ouvido. E preferia não ter escutado.

— Carlinhos, tem um cara de metralhadora lá do lado de fora. Ele diz que só vai embora quando pegar o Ryan.

Seu corpo ficou gelado. Ele já estava se conformando com as constantes brigas dentro de sua boate, a Sweet Home, na Lagoa, Zona Sul do Rio. Mas nenhuma delas, até então, tinha terminado em assassinato. Pelo que diziam, o homem do lado de fora era um traficante de Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense. O sujeito estava dentro da boate quando se desentendeu com Ryan Gracie, filho de Robson e sobrinho-neto de Hélio, dois grandes amigos de Docelar. O traficante tinha ido embora e tinha voltado armado na mesma noite para acertar as contas. Ele sabia que a presença do rapaz na boate representava uma bomba na iminência de explodir. Ryan era, então, um jovem lutador de jiu-jítsu que elevava à enésima potência a disposição que os Gracie tinham de não levar desaforo para casa. Desde a adolescência parecia um verdadeiro para-raio de confusões. “Com o Ryan era o seguinte: você se distraía um minuto, e, quando percebia, lá estava ele embolado com alguém. Houve ocasião em que me vi de joelhos pedindo para ele ir embora de um lugar para não haver encrenca”, conta Docelar. A julgar pela expressão preocupada no rosto dos seguranças, o tal traficante estava mesmo determinado a matar Ryan. Docelar já imaginava a cena terrível do crime em frente à boate, as manchetes de jornal, o fim da Sweet Home, que abriu as portas em 1994. Desde o prejuízo que levava com o vale-tudo do Grajaú, em 1991, o empresário mantinha distância dos eventos de luta. Só não se afastou de seus praticantes porque eles eram frequentadores assíduos da Sweet Home, uma das boates mais badaladas da cidade na década de 1990.

Assim que digeriu a gravidade do recado, Docelar ligou para o amigo Redley Vígio. Só alguém mais experiente poderia ajudá-lo a lidar com

uma situação daquelas. “Carlinhos, não tenho como chegar aí rápido. Faz o seguinte: chama dois seguranças da boate, dá um jeito de botar o Ryan no seu carro e se manda daí sem que os caras percebam”, disse o filho do delegado Hélio Vígio. Era uma operação complicada, e, por isso, Docelar pensou numa alternativa. Saiu, acompanhado de dois seguranças, para negociar com o traficante. “Nem vem. A parada é com aquele maluco, mas se você atrapalhar vai sobrar para você”, ouviu. Docelar voltou para dentro da boate ainda atordoado, mas logo tomou coragem para seguir o conselho de Redley. Chamou Ryan em um canto, explicou o que estava acontecendo e o convenceu a sair dali escondido no carro. Docelar pegou um revólver e, com a ajuda dos seguranças, todos policiais armados, saiu com Ryan por uma porta lateral da boate. Arrancaram com o carro sem que o traficante percebesse. A primeira parada foi uma pizzaria na esquina das ruas Barão da Torre e Joana Angélica, em Ipanema. Por uma infeliz coincidência, eles encontraram um lutador que também já havia se desentendido com Ryan, e em pouco tempo uma nova briga estava armada. Os seguranças da Sweet Home deram dois tiros para o alto para dispersar a confusão. Quando o clima acalmou um pouco, Docelar despejou toda sua adrenalina para cima de Ryan.

— Vou largar você, cara. Tu só se mete em porradaria.

— Não, tu vai me levar até a Barra.

— Não vou porra nenhuma.

Docelar conta que Ryan, então, o pegou numa gravata por trás que quase o sufocou. Depois, talvez arrependido, o soltou. “Cheguei a botar a mão na arma para atirar nele. Porra, eu salvo o cara duas vezes no mesmo dia, e ele me dá um mata-leão! Mas depois ele me respeitou e seguiu o caminho dele”, lembra.

Ryan e Docelar representavam dois personagens típicos da noite carioca na década de 1990: o lutador encrenqueiro e o empresário assustado. Foram muitos os casos de brigas em bares ou boates envolvendo adeptos de artes marciais, em especial do jiu-jítsu. A luta que nasceu para ajudar os mais fracos a se defenderem tinha se transformado na arma dos mais fortes. Por isso, um clima de quase terror se instaurou em partes da cidade. “Os caras começaram a lutar jiu-jítsu e se sentiram

super-homens”, diz Docelar. Esse “efeito super-homem” foi previsto pelo avô de Ryan em 1948. Em seu livro *A introdução do jiu-jítsu*, Carlos Gracie é bastante direto ao falar sobre os deveres morais do lutador: “Um menino que sabe jiu-jítsu sabe também que não deve agredir. Certo da sua superioridade, limita-se apenas a se defender.” No ano seguinte, ele publicou um artigo em *O Globo* intitulado “Campanha pró-mobilizadora do jiu-jítsu”. Já era uma reação às críticas da imprensa a episódios esporádicos de brigas de rua envolvendo praticantes. “O seu maior mérito [do jiu-jítsu], embora pareça um paradoxo, é cortar as asas dos valentões e evitar que os espíritos fracos tenham ânsias de alardear conhecimentos à custa de fraturas no próximo.”

Ironicamente, o vale-tudo promovido por Docelar em 1991 foi um dos responsáveis pelo fenômeno do qual pouco depois ele seria vítima. A vitória arrasadora sobre a luta livre, com transmissão da TV Globo, ajudou a encher de novo as academias de jiu-jítsu. Muitos jovens e adolescentes queriam aprender essa arte marcial que formava valentões respeitados pelos homens e admirados pelas mulheres. Em maio de 1995, a Federação de Jiu-Jítsu do Rio de Janeiro, presidida por Robson Gracie, estimava que o Rio possuía quatrocentas academias e vinte mil praticantes. Eram números que sustentavam a tese dos Gracie para justificar a quantidade de lutadores de jiu-jítsu envolvidos em confusões nas ruas da cidade. Eles alegavam que continuavam a ensinar a arte suave, como a luta é conhecida, apenas para defesa pessoal, mas não tinham como controlar todos os alunos, principalmente aqueles de outras academias.

As brigas normalmente envolviam seguranças de boate ou lutadores de academias rivais. Na Sweet Home, Docelar enfrentou o problema pelo menos uma vez por semana desde a inauguração, em 1994, até o fechamento, três anos depois. Certa vez, chegou a bater boca com 18 lutadores de jiu-jítsu que se recusavam a pagar porque, segundo eles, a noite não tinha sido tão boa quanto esperavam. “Escuta, quando você vai ao cinema e não gosta do filme, a bilheteira te dá o dinheiro de volta?”, perguntou o empresário. A comparação de nada adiantou. “Como é que tu vai obrigar a gente a pagar?”, perguntou um deles. Para ajudar o

patrão, um dos seguranças chegou a mostrar uma pistola 9mm. Docelar sabia que não podia usá-la, mas era um argumento mais forte que o anterior. Por sorte, no meio do impasse, alguém reconheceu Wallid Ismail na pista de dança. Vencedor de uma luta no vale-tudo de 1991 e reconhecido como um dos maiores cascas-grossas da cidade, ele foi levado até o meio da confusão. Quando Docelar lhe contou o que estava acontecendo, Wallid deu um conselho aos lutadores: “Eu conheço esse cara. Ele é maluco. Acho melhor vocês pagarem.” E eles pagaram. Em outras ocasiões, Docelar liberou os arruaceiros do pagamento para evitar maiores problemas. Em uma tentativa de diminuir os incidentes, ele instituiu uma regra que proibia que homens desacompanhados de mulheres tivessem acesso à boate. Também não adiantou muito.

No dia 2 de julho de 1995, sob o título “Lutadores de jiu-jítsu aterrorizam a noite carioca”, o jornal *O Globo* noticiou o drama de Docelar e de outros empresários. Dez dias antes, havia ocorrido uma briga na Sweet Home que começou na pista de dança e foi parar na calçada em frente. Os protagonistas, novamente, eram lutadores de jiu-jítsu. Encabeçando um grupo de donos de boates, Docelar conseguiu uma audiência com Nilton Cerqueira, então secretário de Segurança do estado do Rio. General linha-dura no regime militar, ele tinha comandado a famosa Operação Pajuçara, que matou o guerrilheiro Carlos Lamarca em 1971, no interior da Bahia. Em maio de 1995, para desespero dos grupos de defesa dos direitos humanos, fora nomeado secretário de Segurança numa improvável dobradinha com o chefe da Polícia Civil, Hélio Luz, ligado a movimentos de esquerda. “Esses rapazes são uma ameaça à vida de quem não sabe lutar”, disse Docelar a Cerqueira. *O Globo* completava a reportagem afirmando que, nos seis meses anteriores, cinco confusões envolvendo lutadores de jiu-jítsu haviam sido registradas na 14ª DP, no Leblon. No dia seguinte, Cerqueira prometeu ir atrás dos arruaceiros. “É preciso denunciar e identificar essas pessoas. Nós fazemos o resto”, prometeu.

Nessa época, a imprensa carioca já noticiava as rixas envolvendo lutadores com mais rigor do que no passado. No dia 9 de janeiro de 1994, *O Globo* publicou reportagem de uma página intitulada “A geração

que a violência engoliu”, abordando as gangues de classe média que se comportavam como marginais. O jornal denunciava a criação de áreas delimitadas dominadas por grupos onde os outros tipos de lutadores não eram bem-vindos. As gangues foram chamadas pelo jornal de “Tribo do Jiu-Jítsu” e “Turma do Boxe Tailandês”. Os lutadores de jiu-jítsu eram os mais endinheirados, exibiam as orelhas deformadas e se reuniam na Zona Sul e na Barra da Tijuca. A turma do boxe tailandês, cujo ídolo era Jean-Claude Van Damme, concentrava-se em áreas menos valorizadas da Zona Sul — da Glória ao Leme. Na foto principal da reportagem, havia um grupo de amigos que não se preocuparam em esconder o rosto. Um deles, o professor de jiu-jítsu Marcos Aurélio Valadares, usava uma camisa da Academia Carlson Gracie, onde estava escrito “Isto aqui não é Disneylândia”. Outro lutador da turma, chamado Glauco Renaud, dizia: “Nem todos andam armados, mas, para enfrentar vários inimigos ao mesmo tempo, só estando acompanhado de uma das ‘meninas’.” As “meninas” eram as armas. Eram apelidadas com nomes de mulheres, com destaque para Melissinha, o calibre 38 que cabia dentro de uma pochete — alusão a um conhecido comercial de TV da época. Marcos Aurélio completava: “Uns trinta caras de Botafogo viram que um dos nossos estava sozinho na praia e partiram pra cima. Quando os inimigos estavam por perto, ele tirou a Melissinha da pochete. Fez o maior clarão na areia.”

Quando a ação dessas gangues se concentrou em bares e boates da Barra e da Zona Sul, normalmente com vítimas, o problema ganhou status de flagelo social. Em pouco tempo, surgiria nos jornais a expressão jiu-jiboy ou pit-boys (atribuída aos jornalistas Tom Leão e Carlos Albuquerque), como passaram a ser chamados os lutadores que brigavam na noite. Em julho de 1994, uma dessas brigas acabou com três baleados. Acompanhado de alguns alunos, o professor Luiz Carlos Matheus Dias, ex-aluno de Carlson, tentava estacionar na esquina da avenida Atlântica com Hilário de Gouveia, em Copacabana. Eles queriam acompanhar a passagem em carro aberto da seleção brasileira tetracampeã de futebol. Na calçada, se depararam com um grupo rival. No auge da briga, alguém disparou tiros que atingiram dois alunos de Luiz Carlos, entre eles um

adolescente de 15 anos e um pedestre que nada tinha a ver com a confusão. Por sorte, ninguém morreu. Em 13 de agosto, menos de um mês depois, um estudante chamado Marcelo Sicsu foi espancado por dez lutadores na boate e restaurante Tiziano, na Barra. O lugar foi destruído, um prejuízo de R\$20 mil.

A partir da mobilização dos empresários da noite e da Secretaria de Segurança, a Confederação Brasileira de Jiu-Jítsu, presidida por Carlos Gracie Jr, anunciou o cadastramento de todos os lutadores da cidade. Pela primeira vez, seria criada uma lista negra com os brigões para ser colada na porta das boates. Eles não poderiam mais entrar. “Para nós, lutador é quem participa de competições. Se o sujeito anda em noitadas, não pode ser um atleta”, disse na época Gracie Jr. Seu irmão Robson prometeu uma devassa nas academias irregulares da cidade. “Temos que acabar com esse mercado irregular de jiu-jítsu.” Mas as duas entidades — e os dois irmãos — entraram em choque depois de uma briga entre o campeão mundial de jiu-jítsu Marcel Ferreira e o lutador Cássio Carvalho na boate Belas Artes, na Barra, em maio de 1996. A confederação queria criar uma comissão de ética, mas a federação argumentava que essa função competia ao órgão regional.

Ao contrário de outras épocas, as autoridades que decidissem investigar a ação dos grupos de lutadores tinham de sair da Zona Sul carioca. Entre o fim da década de 1980 e início da de 1990, a Barra da Tijuca entrou no mapa das artes marciais no Rio de Janeiro. O aparecimento de academias na região foi mais uma das consequências do crescimento da cidade em direção à Zona Oeste. O bairro consolidava uma nova maneira de se viver no Rio, num planejamento urbano que privilegiava o transporte por carros e a moradia em condomínios fechados. A rotina social dos jovens se assemelhava à dos da Zona Sul por causa da praia e da emergente vida noturna, mas as turmas eram divididas por condomínios. O BarraShopping, inaugurado em 1981, foi palco de diversas brigas entre turmas dos primeiros condomínios da Barra —

Riviera dei Fiori, Barramares, Novo Leblon, Nova Ipanema e Barra Sul — ou contra bandos de outros bairros, como Tijuca e Jacarepaguá. Outro grupo importante vinha da área do Quebra-Mar, no início da praia da Barra. Quem vinha de fora para surfar ali era chamado de “haoli”, termo apropriado dos surfistas havaianos e que significa forasteiro, e só podia entrar na água com autorização dos locais. Quem insistisse corria o risco de ser espancado.

Era um terreno fértil para o boom das academias de luta, especialmente as de jiu-jítsu. Não existia método melhor de fortalecer esses pequenos exércitos de jovens sedentos por autoafirmação. A Gracie Barra nasceu em 1986, numa casa da rua Olegário Maciel, até então a mais urbanizada do bairro. Fundada por Carlos Gracie Jr, arrebanhou centenas de lutadores que logo se tornariam campeões no tatame, rivalizando com a Academia Carlson Gracie, ou brigões nas ruas do bairro. Seu maior astro sempre foi Renzo, filho de Robson e sobrinho de Carlos. Desde cedo, ele se destacava nos torneios e, para alguns, era o número dois da família, atrás apenas de Rickson, já radicado nos Estados Unidos. Além de técnico e inteligente, Renzo mantinha a tradição de não fugir de uma confusão na rua. Tinha sido coadjuvante na briga de Rickson e Hugo Duarte na praia do Pepê, num rápido confronto contra Marcelo Mendes. Ele tornou-se espelho para muitos jovens da Barra, a começar pelos irmãos mais novos, Ralph e Ryan.

A popularidade dos irmãos Ryan, Ralph e Renzo aumentou ainda mais quando eles se mudaram para uma casa perto do Quebra-Mar. Além de líderes da turma do jiu-jítsu, também encabeçaram algumas das brigas mais famosas entre as galeras de condomínio da Barra. Foi como se tivessem transferido o conceito da família — nunca fugir de um desafio nem levar desaforo para casa — para todo o grupo.

Embora tivessem ganhado nova roupagem — a briga entre condomínios e bairros —, os desafios do jiu-jítsu contra outras artes marciais sobreviviam. Nessa época, por exemplo, a capoeira tinha reconquistado popularidade no Rio graças a Beto Simas, o Mestre Boneco, um professor com pinta de galã que chegou a fazer participações em novelas da TV Globo. Ele conseguiu transformar a luta criada pelos

escravos numa diversão concorrida entre jovens da classe média alta da Barra. Na Academia Espaço Vital, Boneco tinha um aluno apelidado de Proveta, que também treinava jiu-jítsu na Gracie Barra. Um dia, o garoto queixou-se de Boneco a Renzo, que resolveu tirar satisfações com o capoeirista. Além de Proveta, Renzo foi acompanhado por Gordo e Jorge Pereira, dois de seus professores mais graduados. Quando percebeu a invasão, Boneco parou a aula na hora.

— Renzo, este é meu local de trabalho.

— Você vacilou com o Proveta, ele quer acertar as contas com você aí na roda de capoeira — respondeu.

— Aqui não tem briga, não vou brigar nem com o Proveta nem com você. Vamos ser educados.

Foi quando Jorge Pereira interrompeu:

— Então vamos fazer na mão comigo.

— Meu irmão, também não tenho nada contra você.

— Não sou seu irmão porra nenhuma, meu nome é Jorge...

No meio da discussão, vários alunos de Boneco, incluindo mulheres, foram saindo de mansinho, mas Jorge foi até a porta e não deixou ninguém passar.

— Todo mundo sentado, porra! O Renzo ainda não terminou de falar!

Convencidos de que ninguém ali toparia entrar na briga, Renzo e seus amigos deram a discussão por encerrada e foram embora. Mas, antes, ele deixou seu recado: “Aí, pessoal, capoeira é uma dança bem bacana. Mas, se alguém quiser aprender a dar porrada e a se defender de verdade, tem que aprender jiu-jítsu.”

Embora reconheça algum exagero nas atitudes, Jorge Pereira é nostálgico quando lembra a época em que eles atuavam como xerifes da Barra da Tijuca. Especialmente quando as vítimas eram os surfistas da região. “Quando você via um bunda-mole, um cara que fumava bagulho o dia inteiro, surfava, cheirava, não queria porra nenhuma com a vida, e esse malandro vinha tirar onda comigo, a porrada rolava”, lembra Jorge. Ele reconhece que, quando começou a dar aulas no condomínio Nova Ipanema, muitas vezes estimulou seus alunos a resolver as desavenças no braço, em nome do jiu-jítsu. Às segundas-feiras, perguntava quem havia

brigado no fim de semana. Os que respondiam “sim” ganhavam uma salva de palmas. Os que respondiam “não” eram agredidos pelos colegas de turma. “Eu fui garoto-problema e fui visto como professor violento durante muito tempo. Hoje em dia, sou bem mais calmo, mas continuo um general de guerra do jiu-jítsu. No dia em que precisarem, eu luto até a morte com qualquer faixa preta de outro estilo, de qualquer peso, só pelo amor ao jiu-jítsu”, afirma.

Apesar de todas as confusões envolvendo lutadores mais experientes, foi Ryan, ainda menor de idade, o primeiro a provocar uma briga que chegou às páginas da grande imprensa. Era um domingo à noite, marcado pela comemoração do pentacampeonato brasileiro do Flamengo, em 19 de julho de 1992. Uma das casas de shows mais antigas da Barra, a Ilha dos Pescadores, estava lotada, e o teor alcoólico geral era elevado. Já era madrugada de segunda-feira quando um lutador da Gracie Barra e outro, de luta livre, que tinham se desentendido anteriormente, se esbarraram no meio da pista de dança. O empurra-empurra começou, e, enquanto a turma do deixa-disso entrava em ação, Ryan veio por trás de todo mundo e deu um soco no sujeito da luta livre. Começou, então, uma briga incontrolável. Eugênio Tadeu, expoente da luta livre que também estava ali, aproveitou para resolver um desentendimento anterior com Ryan. “Naquela ocasião, eu estava na praia com minha namorada. Estendi a mão para cumprimentá-lo, e ele me jogou areia na cara e me xingou de macaco”, conta Eugênio, que é negro. “Chamei para a porrada ali mesmo, mas o pessoal do jiu-jítsu pediu para eu esquecer. Desisti de brigar, mas não esqueci porra nenhuma.” Eugênio conseguiu bater em Ryan, mas pouco depois ouviram-se dois tiros. Foi uma correria desesperada para todos os lados. Abriam um inquérito para identificar o autor dos disparos — Ryan e Eugênio chegaram a ser considerados suspeitos, mas nada foi comprovado. Por causa desse episódio, Ryan teve a detenção decretada pelo juiz Siro Darlan, da 2ª Vara de Menores do Rio. Ele seria levado para o Instituto Padre Severino, na Ilha do Governador, mas o advogado da família conseguiu mantê-lo em liberdade.

No dia 9 de agosto, menos de um mês depois da briga na Ilha dos Pescadores e cinco dias antes de completar 18 anos, Ryan se envolveu

numa segunda confusão que também ganhou grande repercussão. Já passava das 3h30 da madrugada quando ele e cinco amigos do Quebra-Mar tentaram entrar sem convite numa festa na rua Marquês de São Vicente, a principal da Gávea, na Zona Sul. Era o aniversário de 18 anos de Augusto, filho do engenheiro civil Francisco Carneiro. Barrados, os seis pularam o muro e deram início à arruaça. Fizeram uma guerra com pedaços de bolo e jogaram uma convidada dentro da piscina. Toda a confusão durou meia hora. Quando a Polícia Militar chegou, eles já estavam longe, mas os donos da festa registraram queixa na 15ª DP, na Gávea, por invasão de domicílio, agressão e roubo. Ryan e seus amigos teriam levado uma bolsa, uma carteira de dinheiro, talões de cheques e objetos dos convidados. Ryan negou. “Se há uma coisa que nunca vou fazer na vida é roubar. Posso brigar, mas roubar, nunca”, disse ao *Jornal do Brasil* em 11 de agosto de 1992. A alegação do advogado João Carlos Austregésilo de Athayde era de que “é inconcebível um Gracie furtar alguma coisa ou estar envolvido em complicações. Eles têm uma condição psicológica e física muito superior à dos outros. E o jiu-jítsu ensina tolerância, compreensão e equilíbrio”, disse Austregésilo também ao *JB*. “Além do mais, por ser menor de idade, o máximo que poderia ter cometido era um ato antissocial”, completou.

A ascensão do UFC nos Estados Unidos se reproduziu em menor escala no Brasil, como demonstravam o crescente comércio de fitas VHS e a boa audiência de transmissões gravadas do SporTV. Uma consequência disso foi o aparecimento de mais torneios de vale-tudo no Rio e em São Paulo em meados da década de 1990. Mesmo assim, eles ainda eram modestos, com um nível de amadorismo tão grande que as bolsas às vezes eram pagas em produtos dos patrocinadores. A grande imprensa os via com desconfiança. Em 1996, o programa *SBT Repórter*, apresentado pela jornalista Marília Gabriela, acompanhou os bastidores do Campeonato Brasileiro de Vale-Tudo, realizado no Ibirapuera, em São Paulo. Apesar do

nome, o torneio não tinha uma representatividade nacional. Funcionava, na prática, como uma competição entre academias. Na abertura, Marília Gabriela classificou o espetáculo de “selvageria”. “O que será que atrai tanta gente a essas demonstrações de pura violência? A impressão que fica nas competições é de uma violência desmedida e sem justificativas. Uma disputa na qual não há adversários, e sim inimigos mortais”, afirmou. O repórter Antonio Pétrin chamou os lutadores de “máquinas programadas para matar”. Na reportagem, ele se surpreendeu com a quantidade de crianças na arquibancada. O campeonato era proibido para menores de 16 anos, mas uma liminar de última hora liberou a entrada. O campeão da noite foi José “Pelé” Landy, que derrotou Jorge “Macaco” Patino com uma sequência de golpes violentíssimos: uma joelhada na cabeça, um pontapé no queixo e um chute humilhante no rosto quando o adversário já estava caído. Uma cena perfeita para a tese que o *SBT Repórter* se propunha a demonstrar.

Outros torneios terminaram em confusão, como o desafio do jiu-jítsu com outras modalidades também no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. A equipe de jiu-jítsu chegou com cerca de trezentos lutadores do Rio de Janeiro — apenas cinco deles competiriam. O astro da companhia era Marcelo Behring, discípulo de Rickson que tinha feito a melhor luta da noite no vale-tudo de 1984, no Maracanãzinho. Os líderes eram Miguel Pires Gonçalves, promotor do vale-tudo do Grajaú Country ao lado de Carlinhos Docelar, e o ator Stepan Nercessian, amigo de vários lutadores. Todos ficaram eufóricos quando viram, no fundo do ginásio, uma grande mesa onde se podia apostar no resultado das lutas. Eles apostaram, é claro, em cinco vitórias do jiu-jítsu. E foi o que aconteceu. Na hora em que foram cobrar, começou a confusão. A banca dizia que não tinha dinheiro para pagar. “A gente decidiu não sair de lá enquanto não pagassem o que nos deviam”, conta Miguel Pires Gonçalves. Não havia mais que dez policiais trabalhando no evento. Eles conduziram todo mundo para uma sala. No meio de muita gritaria e ameaças de agressão, ficou decidido que a banca devolveria o dinheiro dos apostadores, mas teria que ser na delegacia. Chegando lá, Miguel e Stepan se surpreenderam quando levaram ordem de prisão, acusados de liderarem uma quadrilha

de lutadores e de apostadores. “Em pouco tempo a delegacia estava cheia de jornalistas. Eu era superintendente-geral da TV Globo, e meu pai, ex-ministro do Exército. Imagina a situação”, lembra Miguel, que achou que seria demitido. Levou apenas uma reprimenda carinhosa de Roberto Marinho. Na primeira audiência, o juiz cancelou a ação contra ele e Stepan por falta de provas.

Foi um dos últimos campeonatos de Marcelo Behring. Ele morreu assassinado em 1995, aos trinta anos, perto da ladeira dos Tabajaras, em Copacabana. Ironicamente, seu adversário no vale-tudo de 1984 também teve um fim trágico apenas três anos depois. Em fevereiro de 1998, Flávio Molina fazia parte do grupo tático especial da Polícia Civil da cidade e comandou o resgate das filhas do cônsul da Rússia, perdidas na Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro. Três dias depois, ao fazer uma demonstração de rapel, despencou de uma altura equivalente a um prédio de 16 andares. O acidente foi presenciado por uma equipe de reportagem da TV Globo, que preparava um programa sobre profissões perigosas. Embora ainda fosse apaixonado por artes marciais, Molina já não frequentava tanto as lutas profissionais. Mas chegou a assistir ao terceiro e último grande duelo entre o jiu-jitsu e a luta livre, em 27 de setembro de 1997. O Pentagon Combat, realizado no Tijuca Tênis Clube, na Zona Norte do Rio, e anunciado como o melhor evento de vale-tudo do Brasil até então, foi uma espécie de capítulo final da rivalidade que nasceu na academia de Molina 15 anos antes. A organização e a infraestrutura foram melhores do que as dos dois vale-tudo anteriores, em 1984 e em 1991. A maior evidência da influência do UFC estava no ringue. Em vez de optarem por um ringue como os do boxe, praxe até então, os organizadores decidiram usar o octógono. Mas, como o formato era patenteado nos Estados Unidos, utilizou-se um pentágono — daí o nome do evento.

O Pentagon foi promovido por Néelson Monteiro, faixa preta de Carlos Gracie Jr, que o ajudou na organização ao lado do irmão Robson. Boa parte dos US\$150 mil investidos no evento foi bancada pelo xeque Tahnoun Bin Zayed Al Nahyan, dos Emirados Árabes, amante das artes marciais e fã da família Gracie. Para apresentar o torneio, os organizadores

queriam alguém famoso que tivesse alguma relação com o jiu-jítsu. Foi chamado, então, o humorista Sérgio Mallandro, ex-aluno de Carlson Gracie que conheceu a luta quando se divertia numa boate chamada Higino, em Teresópolis. A noite na Higino terminou em pancadaria, estrelada por lutadores de jiu-jítsu. Quando quis saber quem eram aqueles caras valentes, alguém lhe disse: “São os Gracie.” “Os Gracie? Então tenho que ficar amigo deles”, pensou. Quando voltou ao Rio, Mallandro se matriculou na academia de Carlson e só não chegou à faixa preta porque começou a se dedicar à vida artística. “Sempre houve uma rixa entre a luta livre e o jiu-jítsu, mas espero que tudo acabe no ringue”, disse Mallandro, dias antes do evento.

A TV Globo não se animou a transmitir o Pentagon, como fez em 1991, mas o SporTV gravaria o evento para exibi-lo uma semana depois. As câmeras do canal não registraram a invasão de cerca de duzentos adeptos da luta livre, duas horas antes do início do evento. “Sabíamos que poderia ter confusão e recebemos poucos ingressos do senhor Robson Gracie. Entramos para defender os nossos lutadores”, lembra Hugo Duarte, um dos líderes dos invasores. Mesmo assim, o pessoal do jiu-jítsu continuou em maioria entre as 1.500 pessoas que lotaram o ginásio do Tijuca Tênis Clube. A diferença é que, dessa vez, a turma da luta livre acreditava que poderia sair vencedora, mesmo que tivesse que torcer contra brasileiros. Para enfrentar o jiu-jítsu, foram convidados estrangeiros de alto nível, como o russo Oleg Taktarov, o campeão do UFC 6, e o wrestler americano Jerry Bohlander, campeão na categoria peso leve do UFC 12. Assim como aconteceu no Maracanãzinho e no Grajaú, autoridades compareceram ao evento. Astro da seleção de vôlei vice-campeã olímpica nos Jogos de 1984 e então deputado estadual, Bernard Rajzman dizia ao canal SporTV antes da luta que “o boxe mata muito mais que o vale-tudo porque tem golpes traumáticos na cabeça e nem por isso o boxe é extinto”. Faixa preta de jiu-jítsu e discípulo dos Gracie, o secretário municipal de Esportes José Moraes chegou acompanhado dos dois filhos do governador Marcello Alencar, Marco Aurélio e Marco Antônio, ambos praticantes de judô. “Quando cheguei, disse aos dois que seria bom chamar reforço policial porque aquele negócio poderia não

terminar bem. Foi uma desorganização completa”, lembra Moraes. Um detalhe em especial o preocupava: liberou-se a entrada de crianças na arquibancada.

Coube a Taktarov a única vitória das lutas em pé naquela noite. O russo derrotou o americano Sean Alvarez, faixa roxa de jiu-jítsu. No confronto que o credenciaria para competições fora do Brasil, Murilo Bustamante vingou o jiu-jítsu contra Jerry Bohlander. Com um potente chute no queixo, o discípulo de Carlson Gracie nocauteou o americano na vitória mais espetacular da noite. Marcelo Tigre venceu Buda, num duelo entre dois lutadores de jiu-jítsu motivados por uma rivalidade pessoal. Rony Rústico derrotou José Henrique Hakfhal, do boxe tailandês, e Ricardo Moraes, que viria a lutar em grandes eventos de MMA no exterior, atropelou Sérgio Muralha, vaiado pela postura defensiva.

A vitória do jiu-jítsu já estava garantida. Mas ninguém arredou o pé dali antes de assistir ao combate que melhor representava a rivalidade entre as duas modalidades. Pela primeira vez, num confronto oficial, um membro da família Gracie contra um dos líderes da luta livre: Renzo versus Eugênio Tadeu. A expectativa era de um duelo de alto nível — ambos já se destacavam fora do Brasil. Durante toda a semana, o clima foi de troca de provocações nos jornais e na televisão. “Vou pegá-lo, não vou ter piedade. Não gosto dele, é mau-caráter”, disse Renzo ao *Jornal do Brasil*. Eugênio garantia que venceria e que sua próxima vítima seria o irmão de Renzo, Ralph Gracie. Como sempre, a definição das regras criou divergências, mas ficou combinado que o resultado não sairia por decisão de juízes. Se não houvesse desistência ou finalização em dois rounds de sete minutos e meio, seria decretado o empate.

Renzo entrou no pentágono de quimono, ao lado do irmão Ryan e do tio Rillion. Eugênio foi conduzido pelo amigo e treinador Hugo Duarte. A primeira confusão aconteceu minutos antes do início da luta. Pela primeira vez, os líderes da luta livre — Luiz Alves, Denilson Maia, Hugo Duarte e Marcelo Mendes — não quiseram aceitar um árbitro ligado ao jiu-jítsu. Diante do impasse, Carlos Gracie Jr. subiu no pentágono e ficou procurando, no público, um novo árbitro. Ele sorriu quando avistou Paulo Borracha, que já tinha arbitrado campeonatos de judô. Na época,

Borracha trabalhava como cinegrafista da TVE e comentarista de lutas no SporTV. Mas sua principal qualidade naquele momento era a de ser praticante de jiu-jitsu e de luta livre. Mais do que isso, tinha bom trânsito nas duas turmas. Gracie Jr. falou com Hugo e Eugênio, que aprovaram a indicação. Borracha levou um susto com o convite de última hora, mas aceitou. “Eu já tinha chefiado a segurança das duas maiores boates do Rio naquela época, o Hippopotamus e a Calígula. Fiquei amigo de todos eles”, lembra Borracha.

A luta foi quente desde o início. Depois de trocar o quimono por uma sunga branca, Renzo tomou a iniciativa, jogando Eugênio no chão e empurrando-o para a grade. Ele ficava mais tempo por cima, gastava mais energia tentando finalizar logo o adversário, mas estava com dificuldades para encaixar os golpes. Não fosse o novo formato do ringue, os dois teriam caído algumas vezes. Aos poucos, Eugênio começou a levar alguma vantagem. “A luta estava equilibrada, mas o Renzo começou a perder o gás, e o Eugênio cresceu”, conta Borracha. No segundo round, Renzo chegou a cair com um chute fraco do adversário na perna, aparentemente de cansaço. Do lado de fora do pentágono, o clima era bem mais tenso. Havia representantes dos dois lados pendurados à grade, orientando os lutadores aos gritos e discutindo entre si. Pareciam querer entrar no pentágono à força. Tinha gente cuspidando nos lutadores ou tentando agredi-los mesmo separados pela grade. “Nós fizemos um cordão de isolamento para defender o Eugênio. Eu disse para cada um dos nossos ficar colado em alguém do jiu-jitsu para impedir que eles prejudicassem o nosso lutador”, lembra Hugo.

Acostumado a lutas mais rápidas, Renzo estava exausto nos últimos minutos do combate. Deitado próximo à grade, ele chegou a ter a mão chutada por um membro do cordão de isolamento montado por Hugo. “Eu botei segurança no evento, mas os caras estavam despreparados. Deixaram o pessoal da luta livre ficar em torno do ringue”, lembra Robson. Pelo alto-falante, Sérgio Mallandro ameaçava parar a luta se os torcedores não se afastassem do ringue. “É importante esclarecer que o SporTV não participou da organização deste evento. Apenas comprou o direito de transmissão para atender ao interesse demonstrado por nosso

público nesse esporte”, disse o narrador Sérgio Maurício, ao ver as agressões vindas de torcedores dos dois lados.

Por volta de 20h30, com quase 15 minutos de luta, enquanto Renzo estava deitado e Eugênio em pé, a luz do ginásio foi se apagando lentamente. A primeira reação do público foi gritar, como fazem os espectadores de uma sala de cinema quando o projetor se apaga. A luta foi interrompida, e cada lutador foi para o seu lado descansar. Um praticante de luta livre, então, aproveitou para acertar um soco em Renzo por cima da grade. Foi o estopim de uma pancadaria generalizada. Cadeiras de plástico começaram a voar de um lado para outro. Fotógrafos e jornalistas se esconderam debaixo do pentágono, invadido por torcedores. O pessoal da luta livre tirou Eugênio dali. Borracha ajudou a proteger Renzo. Hugo Duarte e o lutador de jiu-jítsu Ricardo Moraes quase saíram no tapa. Quando os ânimos pareciam se acalmar, alguém deu um tiro para o alto. O pânico voltou — mães gritavam e corriam tentando proteger os filhos. Até que a Polícia Militar conseguisse controlar a situação, passaram-se cerca de dez minutos. Para se proteger, Sérgio Maurício encerrou a transmissão do SporTV debaixo de uma mesa. Depois da luta, Bernard tinha trocado a empolgação pelo desapontamento. “Infelizmente, em detrimento do esporte, presenciamos um show de brutalidade, ignorância e violência. Um caso de polícia, sem tirar nem pôr”, disse. Estava claro que ninguém tinha aprendido nada com a desorganização do vale-tudo do Grajaú.

“A gente não foi ali para brigar com ninguém, mas demos o troco neles. Em todo vale-tudo eles levavam vantagem. A gente tinha que mostrar uma atitude, dar um basta naquilo, não é?”, diz Hugo. Eugênio se sentiu prejudicado porque estava em vantagem quando a luz se apagou, mas também fala até hoje em tom de vingança. “Foi uma guerra decretada, acabamos com um evento deles”, diz ele, que ainda acredita que foi Robson, Sérgio Mallandro ou alguém ligado ao jiu-jítsu quem mandou apagar a luz. “Um cabo bateu nas ligações elétricas e apagou a luz. Pra que eu apagaria a luz? Pra ficar no escuro?”, pergunta Robson, que na época chamou de bandido o pessoal da luta livre que invadiu o ginásio. Como as luzes se apagaram devagar, especula-se que a direção do

Tijuca Tênis Clube é que tenha tomado a decisão de obrigar a interrupção da luta.

As imagens da pancadaria no clube rodaram o mundo. O canal americano de notícias CNN fez uma reportagem sobre a confusão, destacando que ela foi consequência da rivalidade entre duas gangues de lutadores. No Brasil, os jornais e as TVs questionaram a legalidade do Pentagon Combat e trataram o caso como o desfecho natural de décadas de impunidade contra os brigões. Deputados e vereadores se manifestaram. Lutadores foram comparados a criminosos. Dois dias depois do evento, o então prefeito do Rio de Janeiro Luiz Paulo Conde anunciou o fim dos torneios de vale-tudo na cidade, 35 anos depois da proibição provocada pelo programa *Heróis do Ringue*. A medida valeria enquanto não houvesse uma rígida regulamentação de torneios desse tipo. A instituição que descumprisse a determinação teria o alvará de funcionamento sumariamente cassado. O governador Marcello Alencar, por sua vez, baixou um decreto tornando obrigatória a autorização prévia da Secretaria de Segurança Pública para eventos de luta, mas disse que não poderia proibi-los. “Esses eventos são disputados em ambientes fechados, e não podemos intervir como na ditadura”, afirmou ao jornal *O Globo* do dia 30 de setembro. A Secretaria de Segurança Pública prometeu reforçar a fiscalização nas academias, especialmente nas de jiu-jítsu. Os praticantes seriam cadastrados para facilitar a identificação e a punição em caso de brigas em lugares públicos. Nesse período, qualquer pessoa que se apresentasse como lutador, especialmente de jiu-jítsu, corria o risco de ser olhado com desconfiança.

Os estragos do Pentagon Combat só não foram maiores porque o jiu-jítsu continuava com padrinhos fortes. Independentemente de ter entrado para a política, primeiro como vereador e depois como secretário municipal de Esportes do governo Luiz Paulo Conde, José Moraes pertencia a uma das famílias mais ricas e tradicionais do Piauí. Seu bisavô tinha sido um dos maiores exportadores de cera de carnaúba do Brasil. Quando se mudou para o Rio de Janeiro, abriu a Moraes S.A., empresa especializada em óleos, sabonetes e discos de vinil. Apaixonado por lutas, futebol e automobilismo, decidiu investir em esporte no fim dos anos

1980. Em 1989, intermediou a polêmica transferência do atacante Bebeto do Flamengo para o Vasco, na maior transação interna do futebol brasileiro até então. Voltou aos jornais um ano depois, quando emprestou ao então presidente Fernando Collor de Mello uma moto Ninja Kawasaki ZX 11. Collor tinha recém-aberto o mercado brasileiro à indústria automobilística internacional e deu uma volta com a máquina importada num dos seus famosos passeios dominicais acompanhados pela imprensa. Moraes começara a praticar jiu-jítsu ainda na academia da avenida Rio Branco e passou a cultivar a família Gracie. Convidou Hélio para ser seu padrinho de casamento e batizou dois filhos com os nomes de Rorion e Rickson. Também se dava bem com o outro lado da família. Ele tinha acompanhado de perto algumas lutas de vale-tudo de Carlson, entre elas a histórica vitória sobre Waldemar Santana. Em 1980, ganhou o equivalente a R\$80 mil quando apostou na vitória de Rickson sobre Zulu no primeiro confronto entre os dois, em Brasília. Em diversos momentos de sua vida, ajudou financeiramente um ou outro Gracie. Por tudo isso, sob os olhares desconfiados do prefeito Conde, defendera com veemência a realização do Pentagon Combat. Chegou a se arrepender quando viu a confusão no Tijuca, onde ficou 45 minutos encurralado, sob a proteção de dez seguranças. Mas comprou a briga até o fim.

No meio da crise, numa reunião com membros da Secretaria de Segurança, Moraes garantiu que poderia selar a paz definitiva entre o jiu-jítsu e a luta livre. Ele lembrou a todos a seleta galeria de ex-alunos dos Gracie, entre eles ex-presidentes, juizes e grandes empresários. “Eu quis mostrar que pessoas de responsabilidade lutavam jiu-jítsu”, lembra. Mas seus dois grandes trunfos eram outros. Primeiro, era o seu bom relacionamento com um dos líderes da luta livre. Hugo Duarte era goleiro da Modus, uma equipe de futebol soçaite que Moraes montara no Iate Clube Jardim Guanabara, na Ilha do Governador, Zona Norte do Rio. Em segundo lugar, e mais importante: os lutadores tinham uma dívida de gratidão com ele. Quando assumiu a secretaria, Moraes arrumou uma verba de patrocínio para cinquenta atletas, incluindo lutadores das duas modalidades. Hugo, Wallid e Vitor Belfort, de quem ele se tornaria padrinho de casamento, estavam entre os agraciados. Já era um bom

motivo para os brigões o escutarem com carinho na reunião marcada para a sede da Secretaria Municipal de Esportes.

Era evidente que o patrocínio corria risco e os lutadores tinham que dar um passo definitivo no caminho da sonhada profissionalização. Com Carlson Gracie de um lado e Hugo Duarte do outro, foi firmado um pacto de paz. “Eu me responsabilizei por eles. Fiquei preocupado porque estava botando meu nome em jogo. Mas decidi arriscar”, conta Moraes. Mesmo sem ter virado lei, a proibição do vale-tudo funcionou na prática. Não havia mais quem quisesse apoiar ou patrocinar um evento classificado pelos meios de comunicação como um show de barbárie e vandalismo. A intervenção de Moraes também não evitou o cadastramento compulsório dos praticantes de artes marciais planejado pela Secretaria de Segurança. Um lutador envolvido em confusão ficaria até 180 dias proibido de treinar em sua academia, e, em caso de reincidência, poderia até ser banido do esporte. A paz total só viria a ser consolidada com o crescimento dos torneios profissionais.

Além de manchar a imagem do vale-tudo, o vexame do Pentagon Combat impediu que seu mecenas investisse em outros eventos de luta no Brasil — o que poderia ter antecipado o crescimento do MMA por aqui. O xeque Tahnoon preferiu criar o Abu Dhabi Combat Club (ADCC), que se tornaria o maior evento de grappling (lutas no chão sem quimono) do mundo. Os lutadores brasileiros teriam que sair do país para entrar de vez na era do profissionalismo.



Enquanto caminhavam pelo calçadão de Venice Beach, em Los Angeles, uma das praias mais famosas dos Estados Unidos, os dois amigos se perguntavam quem se sentia mais ansioso. Jorge Guimarães e Vitor Belfort estavam a poucos dias de uma luta que mudaria a vida deles para sempre — cada um do seu jeito. Jorge, conhecido como “Joinha”, estava na Califórnia acompanhando os treinos da Carlson Team. Ele colhia ali as primeiras imagens e entrevistas de um programa que estrearia no canal por assinatura SporTV. A proposta do *Passando a Guarda* era exibir um compacto das lutas do UFC — que a essa altura faziam sucesso junto a um público restrito no Brasil — entremeado com depoimentos dos lutadores. Ex-surfista e lutador de jiu-jítsu, não entendia nada de jornalismo ou de televisão, mas contava com a ajuda do amigo e ator Stepan Necessian, que fez o roteiro do programa e o orientaria na edição. Vitor Belfort era a grande aposta de Carlson Gracie naquela época — na verdade, uma das razões para que o mestre decidisse fincar bandeira no mercado americano do vale-tudo. Aos 19 anos, Vitor já alcançara a faixa preta de jiu-jítsu e compensava a pouca idade com uma técnica impressionante. Até aquele momento contava com apenas um vale-tudo no currículo: uma vitória em um evento no Havá. Seria o oitavo brasileiro a disputar o UFC, em sua 12ª edição, a primeira com divisão por categoria de pesos. O combate estava marcado para o dia 7 de fevereiro de 1997, do outro lado dos Estados Unidos: Niagara Falls, no estado de Nova York, fronteira com o Canadá. Tanto Joinha quanto Vitor receberiam uma dose extra de adrenalina antes do início do evento.

Foi no café da manhã do dia 6, já em Niagara Falls, que os lutadores ouviram falar sobre a possibilidade real de cancelamento do UFC 12. Vitor estava ao lado de Wallid Ismail, outro representante da Carlson Team que lutaria na mesma noite. Ainda eram informações desconstruídas, com jeito de boato. Ou pelo menos eles queriam acreditar nisso. Afinal, menos de seis meses antes, a direção do SEG comemorara com eles a legalização do esporte no estado de Nova York,

um passo considerado fundamental para sua expansão nos Estados Unidos. O UFC chegou a ser proibido ali depois da sétima edição, vencida por Marco Ruas na cidade de Buffalo, em 1995, mas fora liberado novamente, no início de 1996, após votação da Assembleia Estadual nova-iorquina. A preocupação havia voltado algumas semanas antes por causa de uma série de reportagens do *The New York Times*. O título da primeira delas assustava: “Gladiadores exilados encontram uma nova casa: Nova York”. O jornal listava os estados americanos que não permitiam a realização do UFC, alegando a inexistência de regras bem-definidas, a ameaça à integridade física dos participantes e, acima de tudo, a resistência das comissões atléticas a sancionar o esporte. A decisão de estabelecer categorias com base em pesos no UFC 12, como acontecia no boxe, já era uma reação do SEG às críticas que chegavam de todos os lados.

Nos Estados Unidos, as comissões atléticas são órgãos estaduais responsáveis pela regulamentação de todas as modalidades de luta. Na maior parte delas, os dirigentes têm ligações com o boxe, de longe o esporte de combate mais tradicional no país. O presidente do SEG, Bob Meyrowitz, sempre usou esse fato para explicar a proibição do UFC em diversos estados. Segundo ele, os empresários do boxe temiam que a expansão do vale-tudo se tornasse uma ameaça. Era o início de uma rivalidade que persiste até os dias de hoje. Nos Estados Unidos, costuma-se dizer que o boxe é para os avós e o MMA para os netos — os filhos pertencem a uma geração dividida.

Naquela época, a cruzada contra o vale-tudo nos Estados Unidos tinha um rosto. O senador republicano John McCain, do Arizona, cresceu na política graças ao perfil de herói americano. Veterano na Guerra do Vietnã, ficou prisioneiro do Exército vietnamita durante quase cinco anos. As longas sessões de tortura foram incapazes de fazê-lo colaborar com os inimigos. Quando foi libertado, em 1973, tinha sequelas físicas que o acompanham até hoje, mas ganhou a admiração dos americanos. A pinta de galã o ajudou a se popularizar ainda mais. O ápice de sua vida política aconteceu em 2008, quando concorreu à presidência dos Estados Unidos contra o democrata Barack Obama. A derrota não alterou sua

estável trajetória no Senado, onde alterna posições liberais e conservadoras. Em meados da década de 1990, a bandeira anti-UFC injetou novo fôlego em sua carreira política. McCain tinha alguns motivos para se rebelar contra o torneio de vale-tudo. Em primeiro lugar, ele nunca escondeu seu envolvimento com o boxe. Além de ter lutado na época da Marinha, conhecia promotores de lutas e pugilistas de renome, além de ter se casado com uma das herdeiras da Anheuser Busch/Budweiser, um dos patrocinadores mais fortes do boxe. Sua maior motivação, no entanto, era mesmo política. O UFC era um inimigo fácil para quem se elegeu sob a bandeira da moral e da decência na televisão americana. McCain criticava a presença de cenas de sexo e de violência em programas de TV. Em 1996, ele foi o pai da Emenda Muhammad Ali, que regulamentava a prática do boxe, com o intuito de proteger a saúde dos pugilistas.

Em 1994, McCain escreveu uma carta aos governadores dos cinquenta estados americanos para convencê-los de que receber um UFC seria um atentado contra o bom-senso e uma ameaça às crianças e aos jovens. Chegou a usar um termo que já tinha sido ouvido algumas vezes no Brasil desde os anos 1930: *human cockfighting* (“rinha de galo humana”). Trinta e seis governadores confirmaram ou adotaram o boicote ao esporte. O senador se munia de pareceres de associações médicas que condenavam o MMA, acusando-o de causar lesões na cabeça que poderiam levar o lutador à morte. Uma das críticas mais contundentes dizia respeito à ausência de luvas, o que dava, segundo os críticos, a impressão de se tratar de uma briga de rua — e não de uma competição esportiva. O americano Tank Abbott foi o primeiro a usar luvas, no UFC 6. Mas elas eram bem diferentes das de boxe, mais leves (113 gramas contra pelo menos 340 gramas) e com os dedos descobertos, para permitir a pegada. Em 1995, a batalha pela legalidade do UFC chegou a um dos programas de maior prestígio da TV americana, o *Larry King Live*, da rede CNN. De um lado, McCain e Marc Ratner, diretor-executivo da Comissão Atlética do Estado de Nevada; do outro, Meyrowitz e o lutador americano mais popular até então, Ken Shamrock. Com sua habitual ironia, Larry King abriu o debate com a seguinte

mensagem: “Gladiadores romanos em batalha. Nesta noite, um olhar assustado sobre uma mania que pode estar chegando à sua cidade.” De fato, foi um combate verbal para empolgar partidários dos dois lados. “É um esporte que promove sangue, lesões e até a possibilidade de aleijar um competidor”, argumentou McCain, logo em sua primeira participação. A dupla defensora do UFC repetia a cada três minutos que nunca havia ocorrido uma morte no esporte.

No livro *Blood in the Cage* [Sangue na jaula] (Mariner Books, 2010), o jornalista L. Jon Wertheim conta que, fora do ar, Meyrowitz pediu a McCain para não tornar a discussão pessoal e, para isso, prometeu não contar que o senador presenciara uma luta de boxe em que um dos oponentes morreria em cima do ringue. Na volta do intervalo, foi o próprio McCain quem narrou a história, mas para concluí-la com outro ataque ao vale-tudo: “Pelo menos naquela luta havia um juiz sobre o ringue.” Era uma crítica sem fundamento, uma vez que, àquela altura, o UFC já possuía árbitros autorizados a parar o combate, mas nem Meyrowitz nem Shamrock se preocuparam em corrigi-la. No último bloco, os dois receberiam um apoio de algum peso. Robert Conrad, famoso ator americano de séries de televisão, foi convidado a participar do debate pelo telefone e descarregou sua revolta contra o político republicano. “Preocupe-se em equilibrar o orçamento [do país], senador. Se o Ken deseja entrar num ringue e lutar contra outro oponente que também tem a mesma vontade, essa é a filosofia americana. Não precisamos de um senador para dizer como devemos viver nossas vidas.”

O programa terminou sem vencedores, mas o UFC continuava acuado. Já no UFC 8, em 1996, o SEG teve que entrar numa briga judicial para conseguir promover o evento em Porto Rico, território americano no Caribe. De lá, eles viajaram até Detroit, no Michigan, que também só recebeu o UFC 9, em 1996, depois de uma rápida, porém acirrada, batalha nos tribunais. Promotores públicos usaram como argumento uma lei de 1869 que proibia a realização de lutas com prêmios em dinheiro sem uma licença pública. O documento, enfim, foi liberado, mas a custo de mudanças nas regras: cabeçadas e socos de mão fechada seriam proibidos. A luta aconteceu, com participação dos brasileiros

Rafael Carino e Amaury Bitetti, mas se passaram 14 anos antes que o evento pudesse voltar para Detroit. A propaganda promovida pelo próprio UFC não ajudava a desmentir as piores impressões de seus críticos. Como a expressão *mixed martial arts* ainda não estava consolidada, o termo mais usado pelo SEG para classificar o esporte ainda era *no-holds-barred* (NHB; em tradução livre, “sem limites”). Embora Meyrowitz pagasse a lobistas para negociarem a sanção do UFC nas comissões atléticas, a cada edição era lembrado que as lutas estavam proibidas em mais de trinta estados, numa demonstração da sua radicalidade. “*There are no rules*” (“Não há regras”) era uma frase constante nos cartazes promocionais dos primeiros UFCs, mesmo que isso não fosse verdade. Torneios similares que começavam a aparecer nos Estados Unidos também sofriam com a onda antiviolência. Eventos como o King of the Cage, WFF, Mars e, especialmente, o Extreme Fighting nasceram driblando as restrições de alguns estados. Promovido pelos proprietários da revista erótica *Penthouse*, o Extreme Fighting prometia levar ao ringue os mais corajosos lutadores do mundo. Um de seus primeiros astros foi Ralph Gracie. A primeira luta, em novembro de 1995, foi anunciada para Nova York, mas transferida às pressas para a Carolina do Norte. O campeão dos pesos pesados foi o carioca Marcus “Conan” Silveira, discípulo de Carlson Gracie. A segunda edição foi realizada numa reserva indígena de Quebec, no Canadá, justamente para driblar a legislação.

Por tudo isso, os lutadores do UFC 12, em 1997, talvez tenham se assustado, mas não chegaram a se surpreender com os boatos de que o evento seria cancelado. O prefeito de Nova York era então Rudolph Giuliani, que implementava, na época, uma política contra a criminalidade chamada Tolerância Zero. Segundo ela, a sensação de segurança da população aumentaria não só com medidas repressivas, mas também criando um ambiente de ordem. Para aliados políticos de Giuliani, o UFC poderia, de algum modo, estimular a desordem. Em 1995, a Corte de Nova York havia proibido, na tradicional arena do Madison Square Garden, uma edição do Extreme Fighting, que já tinha até vendido pacotes de pay-per-view com um *card* de lutas com dois Gracie (Rickson e Carlos Gracie Jr). “Essas pessoas estão se brutalizando”,

declarou Giuliani ao *The New York Times*, depois da proibição. “Isso é uma peça animalística de comportamento sub-humano”, completou o deputado Roy Goodman ao jornal *O Globo*, em dezembro de 1995. Em 1996, a revista *New York* publicou um artigo sem assinatura que refletia a resistência da sociedade nova-iorquina à nova modalidade de luta. Ele era intitulado “Getting Medieval: Ultimate Fighting, a Simply Barbaric New Sport, Is Ultimate Proof the Civilization Is Dead” (em tradução livre: “Voltando à Idade Média: Ultimate Fighting, um novo esporte simplesmente selvagem, é a maior prova de que a civilização morreu”). Embora o UFC 12 não fosse acontecer na cidade de Nova York, a posição de seus políticos influenciava todo o restante do estado. Diante da pressão deles e da imprensa, a Assembleia Estadual pôs o tema novamente em votação no início da semana do evento. Dessa vez, ocorreu uma derrota avassaladora, com 134 votos contra o vale-tudo e apenas um a favor. O esporte estava, mais uma vez, proibido no estado.

Como a decisão saiu na véspera do UFC 12, a comissão atlética liberou sua realização desde que fossem cumpridas “novas regras”. Meyrowitz recebeu um documento de 114 páginas com recomendações que, se postas em prática, descaracterizariam o torneio. Os lutadores, por exemplo, teriam de vestir calção e bota de boxeadores. O octógono deveria ser ampliado. Quando um dos atletas estivesse no chão, seriam proibidos não só golpes traumáticos, mas também chaves de braço ou guilhotina. Decidida a não seguir as recomendações, a direção do SEG entrou imediatamente com uma ação cautelar na Corte Federal. Já funcionara em outras ocasiões, e, por isso, lutadores e organizadores do UFC continuaram em Niagara Falls até a véspera da luta. “Ficar em Nova York era muito importante para a gente. Uma luta lá ia alavancar o nosso esporte, mas o pessoal do boxe estava trabalhando duro contra”, lembra Vitor Belfort.

Mais preocupado com a produção do programa *Passando a Guarda* do que com a batalha judicial do UFC, Joinha estava no aeroporto de Buffalo, a caminho de Niagara Falls, quando seu telefone tocou. Era Carlson, nervoso. “Joinha, nem adianta vir para cá. O evento foi cancelado!” A juíza Miriam Goldman Cedarbaum havia rejeitado o pleito

do SEG. Joinha só não entrou em desespero porque Carlson deu a notícia acompanhada do plano de emergência do SEG. O circo seria transferido imediatamente para Dotham, no Alabama, a 1.100 quilômetros dali. As cidades sulistas funcionavam como coringas por serem mais liberais com o vale-tudo — o Alabama já havia recebido duas edições do UFC. Eles não poderiam mudar a data porque os pacotes de pay-per-view tinham sido vendidos. Foi necessário, então, fretar um Boeing 737-300 para levar mais de duzentas pessoas, entre lutadores, treinadores, organizadores, jornalistas e até alguns fãs que estavam em Niagara Falls. Na noite do dia 6, véspera da luta, eles embarcaram em meio a muita confusão. Além de escolher quem ia no avião, Meyrowitz estava preocupado com a desmontagem do octógono, que precisava caber no bagageiro. E coube, mas seu peso fez com que algumas malas de passageiros fossem deixadas para trás. Quando a aeronave decolou, cinco minutos antes de o aeroporto fechar, faltavam 36 horas para o início do evento. Para montar o octógono eram necessárias vinte horas. “Passamos a madrugada viajando, uma correria danada”, lembra Vitor. Os lutadores só entraram no hotel em Dotham às seis horas da manhã do dia da luta.

A viagem repentina para o Alabama não incomodou muito a Carlson. Ele estava mais preocupado em mostrar que o jiu-jítsu da sua academia poderia ser mais eficiente do que aquele ensinado por Hélio — justamente no evento criado pelo filho mais velho de seu tio. Quando lutou no UFC 9, seu aluno Amaury Bitetti era treinado por um faixa preta de Carlos Gracie, o mestre Osvaldo Alves. Vitor e Wallid seriam, de fato, seus primeiros discípulos no Ultimate Fighting. Murilo Bustamante deveria ser o próximo. Os três tinham condições de fazer propaganda do “jiu-jítsu de competição” desenvolvido por Carlson e que tanto incomodava Hélio Gracie. “Ao contrário do professor Hélio, Carlson não estava preocupado muito em ensinar o jogo completo de defesa pessoal. Ele só pensava nas competições. Foi assim com o jiu-jítsu e depois com o vale-tudo”, explica o professor e historiador de artes marciais Pedro Valente. Àquela altura, já era um duelo de filosofias. Enquanto o tio insistia no jiu-jítsu como a única maneira de o mais fraco ganhar do mais forte, o sobrinho se convencera de que a força era, pelo menos, tão importante

quanto a técnica. Quando Murilo Bustamante conseguiu empatar com o grandalhão americano Tom Erikson no Martial Arts Reality Superfight (Mars), em 1996, Carlson deu uma declaração emblemática. Em vez de comemorar, como certamente Hélio faria, mostrou toda a sua frustração: “A era de o Davi vencer o Golias acabou. Não dá mais para a gente fazer o que fazia antigamente.” Por isso, nessa época, ele costumava fazer uma ressalva quando se falava do Gracie Jiu-Jítsu em termos genéricos. “Não confundam Carlson Jiu-Jítsu com Gracie Jiu-Jítsu. Pertencço à família, mas nas lutas e na academia não tenho nada a ver com eles. Sou até rival em campeonatos esportivos”, disse ao SporTV, em 1998, no *Passando a Guarda*.

Quando o UFC 12 foi ao ar pelo canal de pay-per-view às 19 horas, nenhum telespectador percebeu que o octógono ainda recebia os últimos retoques na pintura. Mas certamente notaram que havia pouco público no ginásio Dothan Civic Center. Como não houve tempo para a venda de ingressos, o SEG decidiu abrir os portões, mas não teve como espalhar a notícia. Fora do avião fretado, Joinha conseguiu chegar a Birmingham, a maior cidade do Alabama, no mesmo voo comercial que o cinegrafista e o produtor contratados em Nova York. Dali pegou um carro em direção a Dothan, sob tempestade. Antes da luta, ele já tinha estourado a verba combinada com o SporTV para a produção do primeiro programa. Quando chegou à arena, encontrou Wallid bastante machucado. Ele havia perdido do japonês Yoshiki Takahashi por decisão unânime dos juízes — um resultado que, talvez, o tenha impedido de dar voos mais altos no UFC. Pelo menos Joinha ainda teve tempo de mostrar os bastidores da participação de Vitor, que disputaria o torneio dos pesos pesados, com até três lutas na noite. “O Vitor já era o garoto-sensação do Carlson. Todo mundo esperava muito dele”, conta.

Joinha estava um pouco preocupado porque ouvira falar do habitual nervosismo de Vitor antes das lutas de jiu-jítsu. Ainda mais porque do outro lado estava Tra Telligman, o discípulo mais querido de Ken Shamrock, primeiro rival de Royce. Vitor apareceu com um quimono com as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos, puxado por Carlson e outros lutadores num trenzinho parecido com o dos outros Gracie.

Telligman, que não possuía o músculo do peito direito por causa de um acidente, tinha fama e cara de mau. Mas a primeira edição do *Passando a Guarda* mostrou o desempenho arrasador de Vitor Belfort no torneio de pesos pesados (acima de 91 quilos). Ele equilibrou com perfeição o jiu-jítsu de Carlson com o boxe que aperfeiçoara com o americano Al Stankie, técnico do campeão mundial Oscar de la Hoya. Como uma máquina de socos e cotoveladas, Vitor massacrou o americano até o juiz dar-lhe a vitória por nocaute técnico em menos de dois minutos. Na segunda e última luta, precisou de ainda menos tempo — apenas 52 segundos — para derrubar o grandalhão de 147 quilos Scott Ferrozzo, que terminou o combate de bruços, como uma criança indefesa.

Vitor foi o mais jovem atleta a vencer uma luta do UFC e o mais jovem campeão. Ver um discípulo dos Gracie lutando boxe como um profissional foi surpreendente para quem acompanhava o vale-tudo de perto. Antes de ser chamado de The Phenom (O Fenômeno), recebeu a alcunha de Vitor “Fast Hands” (“mãos rápidas”). Na superluta da noite, fora do torneio, o encontro de dois ídolos americanos dos primórdios do UFC: Mark Coleman finalizou Dan Severn com uma guilhotina. As lutas empolgantes daquela edição não serviram para diminuir o prejuízo moral e financeiro do SEG. Além de abalar a credibilidade do evento, a mudança de última hora para o Alabama representou uma despesa inesperada, estimada em quase US\$500 mil, incluindo a devolução do dinheiro para quem comprou ingressos antecipados em Nova York. Nem a venda de 122 mil programas pay-per-view foi capaz de tornar o UFC 12 um evento lucrativo.

No auge da rivalidade entre o jiu-jítsu e a luta livre nos anos 1980 e 1990, Vitor Belfort era um adolescente magro, considerado um aluno promissor de Carlson Gracie. Passou uma infância tranquila entre Leblon e Gávea, na Zona Sul carioca. O jiu-jítsu, a princípio, foi apenas mais um esporte que ele aprendeu com enorme facilidade. Começou com o

bicicross, jogou tênis e futebol de salão e foi um zagueiro valente da equipe infantil do Flamengo e do Nova Geração, time montado pelo ex-jogador Zico. “Ele baixava o sarrafo mesmo”, lembrou Juan, ex-zagueiro rubro-negro e da seleção brasileira, à *Veja Rio*, em 1997. A única briga de rua em que se meteu foi com um pivete que tentou assaltá-lo. No Colégio Saint Patrick, no Leblon, levou bomba duas vezes, principalmente por causa do péssimo desempenho em matemática. Quando conheceu Carlson, sua rotina mudou. A sintonia foi imediata. A facilidade para aprender os movimentos do jiu-jítsu encantou o mestre. Certa vez, de tão empolgado, chegou a propor a Marco Ruas uma luta com o novo pupilo, que ainda era faixa azul. “Carlson, você só pode estar brincando. Quem é Vitor? Você acha que eu vou lutar com um franguinho?”, disse Ruas, que na época ainda sonhava com um desafio contra Rickson.

Quando Vitor chegou em casa falando em vale-tudo pela primeira vez, ninguém entendeu muito bem. “Eu fiquei em estado de choque (em um primeiro momento), mas não quis transparecer. Tive que brigar com a família toda para ele continuar lutando em paz. O Carlson dizia que de cem em cem anos nasce um Vitor, porque ele é habilidoso em todos os estilos e em todos os esportes que praticou”, conta a mãe, dona Jovita Belfort. Ela acompanhou o filho na viagem para o UFC 12, em 1997, e só lhe restou sorrir quando ouviu alguém perguntar a ele, com ironia: “Ei, onde está sua mãe? Isso é hora para menino estar em casa dormindo.”

Vitor cultivava algumas diferenças fundamentais em relação aos colegas da academia. Embora sempre fosse grato a Carlson, ele nunca pôs a família Gracie num altar. Tampouco via o jiu-jítsu como a única luta que prestava no mundo — tanto que começou a treinar boxe bem cedo. Seu sonho de juventude era ganhar uma medalha olímpica em cima de um ringue de boxe. Carlson também reclamava porque ele fazia muita musculação, o que, segundo o mestre, prejudicaria sua agilidade no tatame. Além do mais, Vitor não conseguia entender a animosidade existente em relação aos praticantes de outras modalidades. “Aquilo foi um erro muito grande. Alguns indivíduos invadiam academia e brigavam na rua para provar que a arte deles era a melhor”, diz Vitor. A postura independente o levou a recusar uma honraria jamais oferecida por

nenhum outro Gracie. Tomado por um sentimento paternal e por uma profunda admiração profissional, Carlson pediu que Vitor usasse o sobrenome Gracie nos torneios. Embora o reconheça como seu pai nas artes marciais, o discípulo recusou. “A família dele deu o sangue pelo jiu-jítsu, mas não concordo com muitas coisas que fizeram”, justifica hoje em dia. O próprio Carlson absorveu bem a recusa, mas alguns lutadores consideraram aquilo um ato de ingratidão. Depois do UFC 12, Vitor também bateu de frente com Rickson, ao rejeitar qualquer comparação com o então lutador número um dos Gracie. “Não sou seguidor de ninguém. O Rickson é ótimo lutador, mas nunca foi campeão mundial aos 19 anos como eu.”

Para nenhum outro membro da Carlson Team o sucesso chegou tão depressa — nem mesmo para o próprio mestre. No UFC 13, com uma bolsa garantida de US\$100 mil, Vitor foi convidado a fazer a superluta contra o temido Tank Abbott, vice-campeão da sexta edição. Em 52 segundos, o brasileiro teve tempo para derrubá-lo, tentar uma chave de braço e nocauteá-lo, em uma performance tão exuberante que levantou da cadeira o ator americano Sylvester Stallone, na plateia. Dias depois, Mike Tyson receberia o videoteipe da luta das mãos de seu empresário, o lendário Don King, que na época pensava em promover uma luta de vale-tudo e também se impressionou. Alçado ao posto de superastro, Vitor colheu os louros da fama nos Estados Unidos e no Brasil. Com medo de ser passado para trás, escolheu a mãe como empresária. Musculoso e boa-pinta, sempre teve facilidade para se entrosar com celebridades. Antes de defender o cinturão no UFC 15, já namorava a modelo, ex-policial e capa da *Playboy* Marinara Costa, uma das “louraças-belzebu” do grupo musical liderado pelo cantor Fausto Fawcett. Para desespero de Carlson, ela fez questão de estar ao lado do namorado em Bay Saint Louis, no estado do Mississippi, onde o UFC 15 seria disputado em 17 de outubro de 1997. O mestre achou que Vitor andava abusando do namoro e da musculação — estava com 117 quilos. Parecia mais inchado do que forte. “O Vitor ficou num trailer aquecido com a namorada, enquanto meu vestiário era um cubículo de um metro quadrado. Isso criou um mal-estar interno na equipe. Ele acabou meio deixado de lado, acusado de estrelismo”, conta

Carlão Barreto, o outro lutador da Carlson Team que disputou o UFC 15.

Realizado num cassino, o torneio apresentou mudanças importantes nas regras. Estavam oficialmente proibidos os golpes na região da virilha e as cabeçadas. Carlão perdeu para Dave Beneteau numa decisão polêmica dos juizes — os brasileiros pediram pelo menos o empate. Vitor transpirava confiança antes de seu combate contra o americano Randy Couture, um ex-atleta de luta greco-romana que se tornaria uma lenda do MMA. Couture tinha acabado de voltar da Alemanha, onde serviu ao Exército dos EUA depois de ter ficado fora da equipe americana que disputou os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Quando soube que o ex-companheiro de equipe Don Frye havia ganhado US\$50 mil no UFC 8, ficou interessado e se candidatou. “Vou trocar wrestling com ele”, disse Vitor à revista *Tatame*. Em alguns momentos, ele até cumpriu o prometido. A torcida brasileira — capitaneada pelos gritos estridentes de uma superproduzida Marinara — se animou com o início da luta. Mas a técnica apurada não foi maior do que o cansaço e a falta de agilidade. Com oito minutos, Couture conseguiu montar em cima de Vitor e castigá-lo com uma série de socos que culminou numa vitória por nocaute técnico. O rosto de Carlson depois da luta foi o primeiro sinal de seu desapontamento. Depois, vieram as palavras: “Não há lutador que aguente, a duas semanas da luta, ficar trancado no quarto com a namorada”, criticou à revista *Tatame* em novembro de 1997. Além dos excessos com Marinara, ele desconfiava que seu aluno estava malhando escondido, o que para ele era gasto desnecessário de energia. “Havia algum exagero nas críticas do Carlson, mas realmente o Vitor estava se tornando um *bodybuilder*, muito preocupado com o corpo”, conta Bebeo Duarte, ex-lutador e técnico da Carlson Team.

Vitor deixou o octógono carregado por Wallid Ismail. Seu estado físico decepcionou até o diretor do UFC Art Davie: “Tá na cara que o Vitor não entrou neste evento da mesma forma que nos outros.” A cena mais constrangedora da noite estava reservada para o estacionamento do cassino. Enquanto Vitor era carregado numa maca, imobilizado, dona Jovita agarrou Marinara pelos cabelos e jogou em cima dela toda a raiva pela derrota do filho. “Isso tudo foi culpa sua, vadia!” O menos assustado

parecia ser o próprio Vitor. Sem poder virar o pescoço, ele pedia educadamente: “Aí, galera, separem as duas aí, por favor.” “Eu segurei a Marinara, e o Carlson cuidou da dona Jovita, mas foi difícil tirar a mão dela do cabelo da outra”, lembra Bebeo.

A derrota e as críticas fizeram ruir o mundo de Vitor. Apesar de ter vencido a luta seguinte, no UFC Japan, ele continuou se sentindo discriminado e invejado dentro da Carlson Team. Em abril de 1998, rompeu com a equipe, sem poupar críticas pesadas ao próprio mestre. Vitor dizia que Carlson já não o treinava diretamente e, mesmo assim, continuava cobrando uma porcentagem alta de suas premiações. “Como é que um cara pode cobrar porcentagem se não trabalha? A Bíblia diz que o trabalhador ganha de seu suor. Foi isso o que eu disse ao Carlson”, recorda. Carlson contra-atacou com a mesma força que demonstrava em cima do ringue. “O Vitor é um traidor terrível. Dei tudo pra ele, fui mais que um pai, inclusive quis dar meu nome pra ele. Morava comigo, como se fosse meu filho. Se ele fez isso comigo, que fui um pai, tomem cuidado com ele”, disse ao SporTV. A guerra durou cinco meses. Depois de terminar o namoro com Marinara, Vitor se disse arrependido e pediu para voltar a treinar na Carlson Team. O mestre o perdoou (“Se fosse qualquer outro, eu não ia nem querer ver mais”), mesmo sob a desconfiança dos outros lutadores. “Dentro do jiu-jítsu aprendemos desde criança que quem não é leal está fadado a arder no fogo do inferno. Sempre considerei o Vitor um irmão e fiquei muito decepcionado com o que ele falou do Carlson”, disse Wallid à *Tatame* em setembro de 1998, na época da reconciliação. Vitor engoliu as críticas a seco. Tinha pela frente o primeiro UFC a ser disputado no Brasil e não podia decepcionar.

A ascensão e a queda de Vitor Belfort foram um prato cheio para as primeiras edições do *Passando a Guarda*. Depois de Royce e Marco Ruas, o vale-tudo brasileiro tinha um ídolo de carne e osso, com virtudes e fragilidades. A audiência do programa era inflada pelo sucesso das

transmissões em compacto do Ultimate Fighting. Em 1997, o evento já representava a quarta maior audiência do SporTV, atrás de futebol, vôlei e basquete. Em março do ano seguinte, o canal transmitiu pela primeira vez uma edição ao vivo. Realizado em Nova Orleans, novamente no sul dos Estados Unidos, o UFC 16 tinha Eugênio Tadeu como o representante brasileiro. O único lutador que havia participado dos três vale-tudo mais importantes do Brasil até então — em 1984, 1991 e 1997 —, enfim, chegava ao torneio mais badalado do mundo. Mas o velho rival dos Gracie não passou da primeira luta na categoria peso leve. Num confronto emocionante, apesar de rápido, perdeu por nocaute técnico para o americano Mikey Burnett. Assim como aconteceu com Wallid, foi a derrota que limitou o horizonte de Eugênio no Ultimate Fighting. Foi sua primeira e última luta no torneio.

Joinha estava lá, assim como estaria na grande maioria dos UFCs dali em diante. Educado e simpático, fez tanta amizade com os principais lutadores brasileiros que hoje é o empresário da maioria deles, incluindo Anderson Silva, Rodrigo Minotauro, Lyoto Machida e Júnior Cigano. Joinha foi daqueles jovens que se deixavam levar pelas oportunidades. Aluno da academia de Rolls, em Copacabana, testemunhou algumas brigas nas ruas do bairro e fez amizade com vários Gracie. “O pessoal tinha aquele espírito justiceiro, entendeu? Às vezes, rolavam umas desavenças, os caras iam lá e compravam o barulho”, conta. Numa manhã de sábado, em 1979, encontrou Rorion por acaso no Bar Arataca, na rua Domingos Ferreira, o único que vendia açaí naquela época. Insatisfeito com a faculdade de arquitetura, contou ao amigo que se mudaria para Bali para pegar onda e pensar no futuro. Com a viagem para os Estados Unidos programada, Rorion o convenceu a mudar de ideia e a acompanhá-lo. “O Rorion sempre foi o meu guru. Principalmente lá nos Estados Unidos”, diz.

Na Califórnia, Joinha treinou alunos e assistiu a alguns desafios que Rorion e Royce promoveram na garagem de casa, mas buscou outros caminhos. Depois de fazer bicos como entregador de jornais e recepcionista de hotel, entrou num curso de piloto de avião comercial, que abandonou na metade. Depois, associou-se a um amigo na venda de

roupas de borracha para surfistas. Em 1992, o negócio faliu. Quando Rorion lançou o UFC, em 1993, Joinha já tinha retomado o plano inicial e rumado para Bali. Lá conheceu uma ex-namorada de Marcelo Behring, a modelo e atriz Paula Burlamaqui, com quem se casou. Quando o casal voltou a morar no Brasil, Joinha teve a ideia do *Passando a Guarda*. “A TV a cabo ainda tinha pouco conteúdo. Tinha um jogo de tênis, por exemplo, que eu vi tantas vezes que já sabia o que ia acontecer. Percebi que havia espaço para novos produtos”, recorda.

Cada vez mais presente na TV, o UFC retroalimentou o vale-tudo brasileiro. Os organizadores começaram a perceber que não bastava reunir bons lutadores — era preciso montar um espetáculo para atrair um público mais amplo. Em junho de 1997, também com transmissão ao vivo do SporTV, foi realizado o 1º Brasil Open Fight, com direção artística do ator Márcio Garcia, apresentação do ator Marcelo Faria e promoção do empresário da noite Júlio Pignatari Jr. Com um investimento de R\$150 mil, Pignatari contratou os americanos Tom Erickson e Dan Henderson, que um ano depois se consagraria campeão do UFC 17. A nata do vale-tudo brasileiro no UFC prestigiou as lutas no ginásio da Associação Portuguesa de Desportos, em São Paulo. Estavam presentes, por exemplo, Wálid e Vitor, ainda com Marinara, e Carlson. Royler Gracie, Sérgio Mallandro e o bicampeão mundial de boxe Éder Jofre também compareceram ao evento. De malas prontas para morar com Carlson nos Estados Unidos, Carlão Barreto se despediu com uma vitória espetacular sobre Paul Varelans, que perdera a final do UFC 7 para Marco Ruas.

A partir de sua quarta edição, o Universal Vale-Tudo, aquele que se alternava entre Rio de Janeiro e Tóquio e reuniu pela primeira vez jiu-jítsu e luta livre do mesmo lado, copiou o formato dos primeiros UFCs: oito lutas por noite até sair o campeão. O evento foi disputado em outubro de 1996 na casa de shows Metropolitan, na Barra da Tijuca, onde no UVT 2 Royler Gracie e Murilo Bustamante tinham se juntado ao rol de campeões do torneio, em categorias diferentes. Os ingressos eram vendidos a preços salgados para a época: até R\$100. Vestido com smoking, Fernando Vannucci, que na época era apresentador esportivo da TV Globo, foi o

mestre de cerimônias. Dos R\$150 mil investidos por João Alberto Barreto e seus sócios japoneses, R\$25 mil eram para pagar a bolsa do maior astro da noite, o americano Dan Severn, campeão do UFC 5. Apesar de ter se esbaldado durante a semana em churrascarias e boates cariocas, ele derrotou o paraibano Mario Neto na superluta. Na disputa em formato de torneio, os brasileiros também não foram bem, e quem venceu foi o americano Kevin Randleman, que viria a conquistar o cinturão dos pesos pesados no UFC 23.

A participação de Dan Severn, queridinho de Bob Meyrowitz, no UVT 4 começou a abrir as portas do UFC no Brasil. Também ajudaram os bons resultados dos brasileiros nessa edição e o baixo custo da transmissão. Mas o UFC Brazil (apelidado pelos brasileiros de UFC 17.5) não teria sido possível naquele momento se o evento estivesse com trânsito livre nos Estados Unidos. Em 1998, 36 dos cinquenta estados americanos proibiam torneios de vale-tudo. O que já tinha sido usado como propaganda para mostrar a valentia dos lutadores agora representava um problema sério. Meyrowitz procurava novos mercados que tivessem tradição de lutas. Isso garantiria uma boa arrecadação na bilheteria e — o melhor — não comprometeria a venda de pay-per-view. Depois do Ultimate Japan, a terra do campeão do primeiro UFC era o destino mais óbvio.

A ponte para o Brasil foi construída com Sérgio Batarelli, ex-sócio do World Vale-Tudo Championship. Depois de romper com Frederico Lapenda no WVC, Batarelli criou seu próprio evento, chamado de International Vale-Tudo Championship (IVC). Até o fim do século XX, se existisse uma forma de se medir derramamento de sangue sobre o ringue, o IVC venceria de lavada. Disputado num ringue tradicional de boxe, o torneio permitia tiros de meta (chutes enquanto o adversário está no chão), cabeçadas e até golpes na região genital — artifícios já proibidos no UFC. Como no WVC, os lutadores também dispensavam as luvas. “Eu queria fazer um combate real, exatamente como era na época em que eu lutava. O IVC era de verdade, não era show”, diz Batarelli, que também foi o árbitro do evento. Apesar da violência, ele conseguiu tirar o televisoramento do evento de Lapenda e transferi-lo para o seu. O

SporTV transmitia as lutas ao vivo, e a Rede Bandeirantes mostrava um compacto, sessenta dias depois. Outro trunfo do IVC foi uma parceria com o UFC, que permitia ao campeão participar do evento americano.

Das suas 14 edições, apenas uma foi realizada fora do Brasil. Mesmo assim, o IVC conseguiu reunir astros mundiais do esporte, a começar pelo próprio Dan Severn, que venceu o carioca Ebenezer Fontes no primeiro evento, em julho de 1997. O combate mais polêmico dessa edição, realizada no Hotel Maksoud Plaza de São Paulo, foi a decisão entre o carioca The Pedro e o canadense Gary Goodridge, então vice-campeão do UFC 8. Goodridge, conhecido como “Big Daddy”, começou a provocar polêmica depois que se apresentou ao público brasileiro lamentando o fato de a organização ter proibido seus dois golpes favoritos: mordida e dedo no olho. Parecia só uma brincadeira, mas era verdade. Contra The Pedro, ele usou um golpe sujo, porém lícito. No meio da luta, o canadense de 1,92 metro e 118 quilos pôs a mão dentro da sunga do brasileiro e apertou seus testículos. The Pedro caiu de dor e foi castigado no chão até o fim. Perdeu, apesar da revolta dos brasileiros. “No regulamento, não havia nada proibindo esse tipo de golpe”, justifica Batarelli. De qualquer forma, ele instituiu no IVC 2 a chamada “Regra de Gary Goodridge”, que proibia o esmagamento dos testículos do adversário.

No IVC 3, em janeiro de 1998, a rivalidade jiu-jítsu × luta livre deu um de seus últimos suspiros na superluta da noite, entre Wallid Ismail e Johil de Oliveira. “Depois desta luta, ele será um novo discípulo do jiu-jítsu, e eu, como um bom homem, serei seu mestre”, provocou o aluno de Carlson. “Vou enterrá-lo numa cova bem funda, para ele desenvolver seu jiu-jítsu, porque em cima da Terra quem domina é a luta livre”, respondeu Johil. Com menos de cinco minutos, Johil já não conseguia abrir o olho esquerdo tantos foram os socos que levou de Wallid. A vitória veio por desistência do representante da luta livre. Só que, ao contrário dos outros desafios entre as duas modalidades, o clima foi de confraternização no fim. Wallid abraçou o adversário e pediu uma salva de palmas para ele.

No International Vale-Tudo, foram criadas outras rivalidades nacionais,

como a de José Landi, o Pelé (muay thai) e Jorge Patino, o Macaco (jiu-jítsu), mas o maior feito do evento foi colocar no mapa do MMA dois futuros ídolos mundiais. No IVC 6, aconteceu a segunda luta da carreira do americano Chuck Liddell, considerado por Dana White um dos artífices da explosão do UFC e, por isso mesmo, incluído no Hall da Fama do evento. Já o curitibano Wanderlei Silva conseguiu levantar o público do IVC 2 mesmo sendo derrotado na final pelo carioca Artur Mariano — um clássico nacional, menos pela qualidade técnica do que pela quantidade de sangue derramado. Ambos tinham como forte o muay thai e o que se viu foi uma briga de rua disputada em pé. Com o supercílio aberto, Wanderlei continuou dando cabeçadas no adversário, numa demonstração de valentia e persistência incomum mesmo numa luta de vale-tudo. Depois de 13 sanguinolentos minutos, Batarelli interrompeu o combate e deu a vitória a Mariano, que caiu em prantos. O combate é sucesso de audiência no YouTube até hoje. Wanderlei ainda disputaria mais três edições, sempre com vitórias. O IVC terminou abruptamente em 1999, quando a mulher de um diretor da Rede Bandeirantes convenceu o marido de que as lutas eram violentas demais para a TV aberta.

Além da experiência na promoção de eventos, Batarelli foi fundador e presidente da Confederação Brasileira de Vale-Tudo (CBVT), órgão que garantiria a legalidade do UFC Brazil. Meyrowitz estava muito preocupado com a segurança do evento, pois tinha assistido às imagens da pancadaria no Pentagon Combat, realizado no Tijuca Tênis Clube. Com a proibição de campeonatos desse tipo no Rio de Janeiro, o ginásio da Associação Portuguesa de Desportos, na Zona Norte de São Paulo, foi o local escolhido por Batarelli e pelo SEG. A escolha do *card* de lutadores não foi tão fácil. Havia pressão de academias de todo o Brasil. Quem tinha passado com sucesso pelo IVC levou vantagem. Houve mudanças importantes no regulamento: a partir do UFC Brazil, acabou o formato de torneio eliminatório, com cada lutador enfrentando vários oponentes por noite. Seriam sempre lutas casadas, valendo ou não o título. Na semana anterior ao evento, os jornais brasileiros deram destaque à polêmica em torno do material promocional do UFC Brazil, que representava a

bandeira nacional brasileira com 25 estrelas, e não 27, com todas abaixo da faixa com a inscrição “Ordem e progresso”.

A noite de 16 de outubro de 1998 começou com fumaça artificial e muitas luzes de neon. Na plateia, entre os seis mil presentes, estavam o atacante tetracampeão do mundo Viola e duas figurinhas fáceis em torneios de vale-tudo, Sérgio Mallandro e o ator Alexandre Frota. “Eu gosto mais de ver as porradas, mas eles sempre começam com esse agarragarra que eu não sei o que é”, disse Viola ao jornal *Lance!*. Houve duas lutas preliminares, apenas entre brasileiros, e seis no *card* principal, incluindo a disputa pelo título dos leves, vencida pelo americano Pat Miletich, e da categoria médio, mantida pelo americano Frank Shamrock, irmão adotivo de Ken. O primeiro brasileiro a levantar o público foi Pedro Rizzo. Seu bom desempenho no IVC e o lobby de seu mestre Marco Ruas o credenciaram pela primeira vez ao famoso octógono. Naquela época, seu adversário era uma atração maior para os verdadeiros seguidores do UFC. O velho brigão de rua Tank Abbott já havia disputado 14 lutas, duas delas contra brasileiros. Perdeu de Vitor Belfort no UFC 13, em 1997, mas vinha de uma vitória por nocaute sobre Hugo Duarte no UFC 17. A longa barbicha e a expressão mal-humorada sobre um corpo de 150 quilos não ajudaram a cativar a plateia brasileira. “A maioria do público era do jiu-jítsu, mas todo mundo gritou o meu nome: ‘Rizzo, Rizzo, Rizzo.’ Para mim, aquele ranço da rivalidade com o jiu-jítsu já tinha acabado”, relembra. O brasileiro usou uma tática que depois o consagraria: o low kick, os chutes na perna do adversário. O único risco era de que Abbott conseguisse acertar um soco. Mas Rizzo se defendeu bem e derrubou o americano com oito minutos, numa vitória consagrada. Sem parecer preocupado, Abbott saiu do ginásio direto para a agitada rua Augusta, onde terminou a noite entre prostitutas e dezenas de garrafas de cerveja.

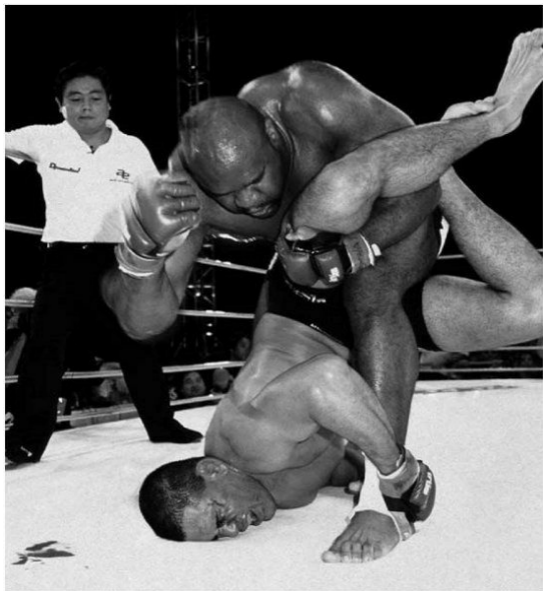
O clássico nacional do UFC Brazil foi entre Vitor Belfort e Wanderlei Silva. Seria um confronto entre o jiu-jítsu e o muay thai e também entre duas das principais academias de luta do país, a Carlson Gracie e a Chute Boxe. Apesar de mais novo, Vitor já era conhecido no Brasil e nos EUA por causa do título do UFC, enquanto seu adversário ainda era uma promessa. Mas muita gente da organização, inclusive Batarelli e Art Davie,

acreditava na derrota de Vitor. Conhecido como “Cachorro Louco” e, mais tarde, como “Machado Assassino”, Wanderlei exalava agressividade — num contraste tremendo com sua serenidade fora do octógono. Quem entrou no vestiário de seu adversário, minutos antes da luta, também ficou com a impressão de que a noite não seria dele. Vitor reclamava de tonteiras e dor de cabeça. Abraçado à mãe, chegou a chorar. No dia anterior, havia feito exames neurológicos que nada acusaram, mas os sintomas não passavam. Carlson e Bob Meyrowitz chegaram a avisar a Batarelli que Vitor queria desistir. “Depois da derrota para Randy Couture, o Vitor ficou com um medo enorme de perder. Era um fantasma que ficava rondando a cabeça dele. Na semana da luta, ele podia demonstrar isso até no treino contra um sparring”, conta Bebeo Duarte. Apesar de estar com os nervos à flor da pele, dona Jovita convenceu-o a entrar no octógono. Mas, nervosa, recusou-se a sair do vestiário.

Vitor entrou com uma camisa branca onde se lia “Rio de Janeiro”. “Ele tá morrendo de medo. Você vai arrebentá-lo”, gritou José “Pelé” Landy, encostado no octógono, para Wanderlei, seu amigo de academia. Na hora, houve quem comparasse o episódio com o de Ronaldo, atacante da seleção brasileira que, meses antes, havia sofrido uma misteriosa convulsão antes da final da Copa do Mundo na França. Só que o desfecho foi diferente. Aos 45 segundos do primeiro round, Vitor encaixou uma sequência de 26 socos que levaram o adversário à lona. Foi como se tivesse lutado com um boneco de borracha. Ao ouvir os gritos de “jiu-jítsu”, dona Jovita saiu do vestiário correndo para abraçar o filho. “Podem falar o que quiserem do Vitor, mas ele tem o instinto de predador. Se ele sentir o cheiro do sangue, não tem quem ganhe dele”, diz Batarelli. O único incidente do UFC Brazil foi a invasão do octógono depois dessa luta. Pelé ficou revoltado com a derrota do colega da Chute Boxe. Depois de perder para Artur Mariano e Vitor Belfort, muita gente achou que Wanderlei não iria decolar, mas a verdade é que, durante a maior parte da sua carreira, ele voaria mais alto que os dois adversários.

Depois de comemorarem juntos o sucesso do UFC Brazil, Batarelli e Meyrowitz se desentenderam. O americano se recusou a pagar as bolsas das preliminares, além de outras despesas com impostos que somavam

US\$25 mil. A fatura acabou sobrando para a Confederação Brasileira de Vale-Tudo. Mesmo assim, a noite terminou com a promessa de Meyrowitz de promover cinco edições brasileiras do UFC no ano seguinte. Nenhuma delas aconteceu. Os americanos sequer se preocuparam em levar de volta o octógono do torneio. Um dos grandes símbolos do vale-tudo ficou apodrecendo no porto de Santos — uma metáfora perfeita para o que começava a acontecer com o próprio UFC.



Mesmo para quem está acostumado ou viaja em classe executiva, o voo com quase 24 horas de duração entre o Japão e o Brasil, incluindo escala em Los Angeles, é um teste de paciência e criatividade. Nos sete anos em que frequentou esse percurso, Antônio Rodrigo “Minotauro” desenvolveu uma rotina própria para fazer o tempo passar mais depressa dentro do avião. O bate-papo com os amigos e com o pessoal da equipe sempre teve prioridade. Depois da primeira refeição, ele assistia a um filme. Em seguida, jogava futebol e, claro, MMA, no inseparável videogame portátil. Naquela noite (ou seria dia?), ele já estava no fim do ritual, quase pegando no sono, quando sentiu alguém tocar seu ombro. De pé, ao lado da poltrona, a figura imponente de Royce Gracie lhe oferecia a mão e um sorriso generoso. Minotauro levantou-se rapidamente, como se estivesse diante de uma autoridade, e cumprimentou o outro brasileiro. Logo Royce se sentou na poltrona ao lado, como se dissesse que, se um dos dois merecia alguma reverência, essa pessoa era Minotauro. Na véspera, dia 28 de agosto de 2002, ele tinha protagonizado uma das mais sofridas lutas na história do vale-tudo. Sofrida, essa era a palavra certa. Ele ainda sentia os músculos pesados e as articulações pulsando. Inchado, o olho esquerdo não se abria por completo. Enquanto descrevia para Royce o que passou em cima do ringue, ouvia os elogios do campeão do primeiro UFC. Minotauro se sentiu honrado porque sabia do estado de espírito de seu interlocutor naquele momento. Na mesma noite, numa luta com regras de jiu-jítsu, Royce fora derrotado pelo japonês Hidehiko Yoshida por estrangulamento (a família Gracie contestou o resultado porque o juiz interrompeu o combate sem que o brasileiro tivesse desistido ou apagado). Quando a conversa já perdia fôlego, Royce chamou o pai, que também estava no voo. Hélio se aproximou exibindo uma simpatia que nem sempre lhe era comum em um primeiro encontro. Cumprimentou Minotauro efusivamente. “O velho tinha a mão grande, rapaz. Fiquei impressionado”, lembra. De tudo o que ouviu de Hélio, Minotauro guardou para sempre o desfecho da conversa. “Foi uma luta magnífica,

campeão! Só pode ser comparada à do Royce com o Dan Severn e à minha com Kimura. São as três maiores lutas da história.”

Como de hábito, Hélio elogiava mais a luta do que o lutador. “Aquela vitória foi mesmo jiu-jitsu puro”, reconhece Minotauro. De fato, o combate entre ele e o americano Bob Sapp é usado até hoje em várias academias de jiu-jitsu — mais do que muitas vitórias dos Gracie — para mostrar como a técnica no chão pode superar a força. Mas não é por isso que muita gente a considera a luta mais espetacular da história do MMA. A verdade é que em nenhum outro combate o espírito de Rocky Balboa, o boxeador interpretado por Sylvester Stallone, foi tão lembrado pelos fãs. A luta também se tornou inesquecível porque aconteceu naquele que já era, àquela altura, o mais importante torneio de vale-tudo do mundo, diante de um recorde mundial de público no esporte: 91.187 espectadores. Disputado no Japão a partir de 1997 e organizado por japoneses, o Pride Fighting Championship foi o primeiro evento de MMA a encontrar o equilíbrio certo entre entretenimento, negócio e esporte de alta performance. Era uma demonstração de que talvez nenhum outro povo soubesse tão bem explorar o que havia de mais moderno sem menosprezar a tradição milenar. Antes das lutas, o público se divertia com espetáculos que misturavam luzes, pirotecnia, canto coral e apresentações teatrais, em uma ode ao Japão antigo e contemporâneo. Valia o ingresso até para quem não gostava de ver sangue.

Minotauro precisou de apenas três lutas para entrar na história do Pride. Depois de vencer o canadense Gary Goodridge (aquele que esmagou os testículos de The Pedro no IVC 1) e o americano Mark Coleman, um dos melhores do mundo na época, ele se credenciou para disputar o recém-criado cinturão dos pesos pesados. Com uma vitória sobre o americano Heath Hearing, na edição de número 17, tornou-se o primeiro campeão da categoria. Na época, os japoneses do Pride não faziam contratos de exclusividade com os lutadores, mas dificilmente alguém participava de outro torneio, tamanha a diferença entre os valores das bolsas. Para surpresa geral, um evento estreante chamado UFO Legend, também japonês, conseguiu dinheiro para bancar uma participação do brasileiro. Minotauro lutou, mas depois percebeu a

insatisfação dos donos do Pride. Como uma espécie de castigo, ele teria que lutar contra um temido astro em ascensão do mundo das lutas no Japão. Com 1,91 metro, 171 quilos, 87 centímetros de perna e 68 centímetros de bíceps, Bob Sapp tinha uma força tão absurda que merecia uma categoria acima dos pesos pesados. Ao contrário de outros grandalhões do vale-tudo, esse peso todo não era composto na maior parte de gordura, mas principalmente de músculos. Na juventude, Sapp havia se arriscado como jogador de futebol americano, sem sucesso. No vale-tudo, encontrou serventia para o biotipo avantajado. Mais tarde, já consagrado como celebridade do outro lado do mundo, Sapp viraria ator, garoto-propaganda e até molde para um dos brinquedos sexuais mais vendidos da história do mercado erótico japonês: o vibrador Wild Sapp Dildo. Uma revista japonesa comparou suas medidas às de um gorila, e o animal saiu perdendo. “O sujeito era assustador mesmo. Dois astros do Pride na época, o russo Fedor Emelianenko e o croata Mirko Cro Cop, não quiseram enfrentá-lo. O pessoal do Pride, então, me disse que se eu não lutasse também perderia o meu cinturão”, lembra Minotauro.

Disputado no Estádio Nacional de Tóquio, o mesmo onde Flamengo e Grêmio conquistaram o Mundial Interclubes de Futebol, o evento foi chamado de Pride Shockwave, pois confrontava lutadores do Pride e do K-1, outro torneio japonês voltado para lutas em pé, entre as quais caratê, kung fu e, especialmente, o kickboxing. Sapp representava o K-1, embora também já tivesse lutado no Pride. Minotauro estava longe de ser um cara pequeno. Tinha quase a mesma altura de Sapp, pesava 105 quilos e tinha apenas 6% de índice de gordura corpórea, mas parecia um peso médio diante do adversário. “Gira, gira, faz o bichão bufar. Quando ele cansar, tu vai baixar o pau nele”, instruía um dos treinadores do brasileiro, também lutador, Zé Mário Sperry. Minotauro apareceu no telão do ginásio com seu capuz cinza, no estilo tradicional do boxe, enquanto Zé Mário girava uma toalha freneticamente. Nada que se comparasse ao frenesi criado pela entrada de Sapp, com pancadas no peito.

O primeiro movimento da luta pareceu golpe de marmelada, tamanho seu impacto físico e visual. Sapp pegou Minotauro pela cintura, de cabeça para baixo, e o jogou com toda a força contra o chão, num

golpe hoje proibido chamado popularmente de bate-estaca. Muita gente ainda se pergunta por que o pescoço do brasileiro não se quebrou. Além de não ter se fraturado, Minotauro continuou como se nada tivesse acontecido. Quando o americano caía sobre ele, a diferença de tamanho ficava ainda mais evidente — Sapp cobria quase todo seu corpo. Era como um martelo socando a cabeça de um prego. Minotauro mostrava pela primeira vez uma capacidade sobre-humana de apanhar com a serenidade de um monge. A cada vez que ele se levantava, os japoneses iam à loucura, num reconhecimento da resistência singular daquele brasileiro. “Por mais que não parecesse, sempre senti tudo sob controle. E ficava falando para mim mesmo: uma hora ele vai se cansar, uma hora ele vai se cansar... Mas o bicho não se cansava”, relembra. Era apenas impressão. Cada vez mais ofegante, Sapp parecia surpreso com a resistência do adversário.

— Pô, o cara me machucou... Será que vai ficar feio? — disse Minotauro ao técnico Zé Mário no intervalo, enquanto o telão do ginásio dava um close em seu rosto.

— Que ficar feio... Tu já é feio. Presta atenção no que eu estou falando! — respondeu o treinador.

Minotauro chegou a encaixar uma chave de braço e uma guilhotina, mas Sapp escapou das duas muito mais pela força do que pela técnica. Até que, com quase cinco minutos do segundo round, o americano se distraiu e se esqueceu de proteger o braço esquerdo, que foi puxado por Minotauro até uma chave perfeita. “Ele esticou um pouquinho o braço mais do que devia, uma bobeadinha. Eu vi aquele momento de fraqueza e pulei no braço dele”, conta. Um desfecho triunfal. Erguido pelos brasileiros de sua equipe, um exaurido Minotauro balançava para lá e para cá, numa cena idêntica à de Rocky Balboa ao vencer Clubber Lang em *Rocky 3*. O lema do personagem do cinema caberia exatamente ali: “Não se trata do quanto você bate, mas do quanto consegue apanhar e continuar de pé.” O rosto marcado e a quase impossibilidade de abrir o olho esquerdo só aumentaram o caráter épico da vitória. “O negão tinha uma potência fodida. Eu não tinha metade da força dele, mas consegui na técnica”, disse Minotauro ao *Passando a Guarda*, no caminho para o

vestiário. “O pessoal do Pride tinha certeza de que o Minotauro ia perder. Era uma forma de puni-lo por ter lutado em outro evento e, ao mesmo tempo, baixar um pouco a bolsa dele. Mas o tiro saiu pela culatra”, conta Bebeo Duarte.

Se, naquele avião, Minotauro tivesse contado o que passou até a vitória sobre Bob Sapp, Royce e Hélio entenderiam melhor como foi possível aguentar tanta pancada. E ficariam orgulhosos também de saber que a família deles está na origem de uma das trajetórias mais espetaculares do MMA. Ela começa em Vitória da Conquista, interior da Bahia, dentro da caçamba de um caminhão, onde Antônio Rodrigo Nogueira e seu irmão gêmeo Antônio Rogério, de 11 anos, brincavam com mais dez crianças. Elas levaram um susto quando sentiram o veículo arrancar de repente e, aí, pularam para fora. “O cara estava bêbado e não quis pedir para as crianças saírem”, lembra. Sem nenhuma razão aparente, o motorista deu ré, e Antônio Rodrigo foi atingido. No chão, enquanto Rogério puxava seu braço, sentiu as rodas passarem por cima do tórax. O diafragma foi rompido e perfurado pelas costelas quebradas. O fígado se desmantelou, os rins ficaram comprometidos, o tendão de aquiles partiu-se em dois, e ele perdeu na hora um músculo das costas. Em meio a uma fatalidade imprevisível, um golpe de sorte: um tio anestesista participava de uma festa em uma casa bem em frente ao local onde o caminhão estava estacionado. Em menos de vinte minutos, o menino estava sobre uma mesa de cirurgia. Com o diafragma estraçalhado, precisava respirar por aparelhos. Rodrigo ficou quatro dias em coma e quase um ano no hospital. Saiu de lá com a recomendação de praticar esportes para ajudar na reabilitação e uma cicatriz nas costas que até hoje serve para diferenciá-lo do irmão gêmeo. Dez meses depois, quando voltava a andar, descobriu por acaso que ainda levava no pescoço um cateter, esquecido pelos médicos no primeiro atendimento. Teve de passar por nova cirurgia para retirá-lo. Minotauro desconfia que foi a partir desse acidente que começou a desenvolver sua resistência absurda à dor.

Os cuidados médicos na recuperação não o livraram dos dissabores do dia a dia de um adolescente de classe média de Vitória da Conquista. Filho de um contador e de uma pequena empresária, Rodrigo costumava

apanhar do irmão mais velho, Júlio. Aos 12 anos, levou uma surra de uma ganguezinha de jovens arruaceiros. Começou levando uma pedrada e terminou no chão, atingido por um chute na cabeça. A dor física só não foi maior que a humilhação. A cada vez que saía na rua, achava que apanharia de novo. Junto com Rogério, decidiu se dedicar às artes marciais para se defender dos mais fortes — exatamente como pregava a cartilha original do Gracie Jiu-Jitsu.

Rodrigo e Rogério tinham começado no judô aos quatro anos numa pequena academia de ginástica administrada pela mãe deles. Praticaram também full contact e kung fu. Mas foi só quando a família se mudou para Salvador que eles deslancharam. Começaram a treinar boxe na Academia Champion, do professor Luiz Dórea, onde já se destacava o futuro tetracampeão mundial Acelino “Popó” Freitas. Foi com o sucesso dele que os irmãos se deram conta de que era possível viver da luta. Também gostavam de assistir às exibições de Mike Tyson, Sugar Ray Leonard e Julio César Chávez. Dórea os via como campeões de boxe na categoria pesos pesados, mas uma academia de jiu-jitsu na frente da casa deles mudou o destino dos irmãos Nogueira. A modalidade lembrava o judô da infância, e, pelas mãos do professor Guilherme Assad, eles se dedicaram cada vez mais às técnicas de luta no chão. Assad tinha sido aluno de Ricardo de la Riva, discípulo de Carlson. Foi nos torneios de jiu-jitsu que o apelido inventado por um primo pegou de verdade: Minotauro, o personagem da mitologia grega metade homem, metade touro. Por tabela, Rogério virou Minotouro. Os dois competiram algumas vezes no Rio de Janeiro, onde descobriram a rixa com a luta livre. Minotauro chegou a ser provocado algumas vezes no tatame, nas boates ou nas praias cariocas, mas nunca mordeu a isca. “Aquele rivalidade começou a denegrir nossa imagem. Os caras tinham uma atitude errada de brigar na rua. Cada um queria provar que era mais macho que o outro. Isso não é postura de atleta. Até hoje o esporte paga por isso”, diz. O carisma, o temperamento fácil e a aversão a confusões, aliás, seriam virtudes que o ajudariam muito durante sua carreira no MMA.

Aliando força e técnica, Minotauro tornou-se campeão pan-americano de jiu-jitsu aos 21 anos, em torneio disputado nos Estados

Unidos. Mas nem ele nem Minotouro deixaram de praticar outras modalidades, em especial o boxe. Em vez de escolher entre um e outro, começaram a gostar da ideia de fazer os dois, emendando também na luta olímpica. Eles nunca se esqueceram do dia em que um amigo de um amigo, surfista profissional, chegou dos Estados Unidos com uma fita VHS já bastante gasta debaixo do braço. O cara chamou a turma toda para uma sessão de vídeo em casa. “Vamos ver que isso aqui é porrada pura”, disse. O melhor de tudo: o mocinho da história era um brasileiro que lutava jiu-jítsu. Tratava-se de uma cópia do UFC 1. Rodrigo mal piscou o olho. “Caraca, tenho que lutar nessa porra”, disse. Aos 21 anos, eles se mudaram para os Estados Unidos, onde a mãe estava estabelecida como acupunturista. Viajaram com a ideia de dar aulas de jiu-jítsu e, quem sabe, ganhar uma chance no vale-tudo. A primeira delas surgiu num evento pequeno chamado World Extreme Fighting, na Flórida. Não havia mais que quinhentas pessoas no ginásio. Enquanto Minotouro se aquecia, o promotor da luta, um sujeito com o dobro do seu tamanho, lhe deu a triste notícia de que não havia arrecadado o suficiente para pagar-lhe a bolsa. “Quer desistir?”, perguntou-lhe, secamente. Minotouro preferiu lutar — já estava lá mesmo. Venceu e voltou para casa de mãos abanando. Mas, dentro de si, carregava uma sensação tão agradável que sentiu que estava no caminho certo. Pelas mãos do amigo Alex Davis, futuro empresário de lutadores, foi parar no Japão, onde o vale-tudo já prometia mais futuro do que nos Estados Unidos.

Em qualquer lugar e com qualquer idade, Minotouro sempre foi seu companheiro de todas as horas. Na infância, a mãe gostava de vesti-los com roupas iguais, contra o gosto dos garotos. Minotouro lembra, por exemplo, de usar um casaco amarelo amarrado na cintura para ficar diferente do irmão, mesmo que tivesse de passar frio. Por outro lado, a semelhança lhes foi útil quando enganaram professores, namoradas e até mesmo o público do Pride. Em agosto de 2004, quando enfrentou Fedor Emelianenko, Minotouro se atrasou no trânsito e não conseguiu chegar a tempo para uma chamada ao vivo na TV japonesa que todos os lutadores eram obrigados a fazer quatro horas antes da luta. Quem o salvou foi Minotouro, que se apresentou no lugar dele. Além da cicatriz nas costas,

Minotauro tem dois centímetros a mais e um defeito no olho direito que o faz parecer estrábico. Ele começou a usar uma lente de contato especial depois de uma briga de adolescente com Minotouro. Rodrigo acabou ferido com uma tesoura. A lesão afetou o globo ocular, e a sua visão periférica ficou limitada a cerca de 10% da capacidade normal. Isso significa enxergar a mão do adversário apenas quando ela já está muito perto de atingi-lo — o que só torna a trajetória dele no MMA ainda mais espetacular.

O sucesso e a importância do Pride na popularização e na evolução do vale-tudo mundial só se explicam depois de compreendido o papel do lutador na sociedade japonesa. No Japão antigo, os samurais pertenciam a uma casta de guerreiros nobres, respeitados e temidos por reis e por plebeus. A decadência deles a partir da revolução política, econômica e social conhecida como Revolução Meiji, no século XIX, não afetou a veneração dos japoneses por esses indivíduos tão destemidos — veneração transferida para as artes marciais. Os mais proeminentes continuaram sendo tratados como parte de uma classe superior, quase como semideuses. Considerado o maior judoca de todos os tempos, Masahiko Kimura, que derrotou Hélio Gracie no Maracanã, manteve até a morte esse status de celebridade, recebendo uma adoração quase religiosa em seu país.

A nação do judô e do sumô caiu naturalmente de amores pelo esporte que confrontava atletas de diversos estilos. O vale-tudo se inseria perfeitamente na violência estilizada que os japoneses admiravam dentro do ringue. Eles já apreciavam o pro wrestling, uma espécie de show em que as lutas misturavam esporte e encenação, a exemplo do programa de TV brasileiro *Telecatch*, da década de 1960. Com lutadores-personagens, mascarados ou fantasiados, os combates muitas vezes lembravam espetáculos circenses. Os resultados eram predefinidos pelos promotores para criar novos ídolos e proporcionar mais entretenimento, embora nem

todos os eventos admitissem publicamente as marmeladas. Em 1976, o pro wrestling viveu seu ápice com um confronto até poucos anos antes impensável. Kanji “Antonio” Inoki, lutador japonês que passou a adolescência no Brasil, enfrentou o maior pugilista de todos os tempos, Muhammad Ali. Fã de pro wrestling e sempre disposto a receber uma bolsa generosa, em torno de US\$6 milhões, Ali topou. Alto e dono de um queixo avantajado, Inoki foi descoberto na cidade de Marília, interior de São Paulo, por aquele que é considerado o pai do wrestling japonês, o coreano Rikidozan. Quando seu mestre foi assassinado pela Yakuza, a máfia japonesa, em 1963, Inoki herdou seu lugar no coração dos japoneses.

Todo o roteiro da luta entre Inoki e Ali tinha sido acertado entre os empresários dos dois lutadores. O americano “castigaria” o rosto do japonês, que sabia como cortar o próprio supercílio para ficar todo ensanguentado. Massacrado, ele cairia no corner. Então, Ali pediria ao árbitro para interromper a luta, mas, nesse momento, Inoki se levantaria e, em nome da honra dos samurais, o surpreenderia com um chute voador. O japonês venceria o combate, mas ficaria claro que Ali era melhor lutador. Todo mundo sairia feliz: o wrestler com a fama de ter derrotado uma lenda do boxe e o pugilista com os US\$6 milhões no bolso. Só que, dias antes do confronto, o campeão mundial de boxe foi convencido por pessoas próximas de que uma luta falsa poderia manchar sua reputação para sempre. Ali pediu, então, um combate real, mas ninguém se entendeu sobre as regras. Com medo de que o confronto fosse cancelado, os japoneses acabaram cedendo à vontade do pugilista. Entre os principais golpes de Inoki, foi permitido apenas o chute abaixo da linha da cintura. Restou ao japonês, então, abusar dele, a ponto de deixar as pernas de Ali cheias de hematomas. Lento, o pugilista deu apenas cinco socos em 45 minutos de um combate que primou pela monotonia. Os juízes decretaram empate, apesar da superioridade do japonês. Além de ter passado algumas noites no hospital para cuidar da perna castigada, Ali começou ali seu declínio, enquanto Inoki conquistou ainda mais fãs e impulsionou o vale-tudo no Japão.

Criado em 1989 pelo pro wrestler Satoru Sayama, o Tigre Mascarado,

o Shooto foi a primeira tentativa de criar um evento de lutas profissionais sem roteiro no Japão. Nem sempre foi possível, até porque os pro wrestlers dominavam o *card*, mas a organização se consolidou no calendário das artes marciais do país. Em 1993, dois discípulos de Inoki, Masakatsu Funaki e Minoru Suzuki, criaram o Pancrase, a segunda tentativa de fazer um evento de lutas reais — mesmo sem valer golpes básicos, como o soco de mão fechada no rosto. Para isso, conseguiram levar lutadores estrangeiros de respeito. O primeiro campeão do Pancrase foi o americano Ken Shamrock, grande rival de Royce no UFC, e mais tarde surgiram outros nomes fortes do MMA, como o holandês Bas Rutten e o americano Guy Mezger. Mesmo com o compromisso de ser real, o Pancrase ainda tinha mais aparência de marmelada do que de vale-tudo. Como lutador, o próprio Funaki não se importava de perder se o adversário tivesse potencial para se tornar ídolo do evento. Foi assim nas lutas dele contra Rutten e Jason DeLucia.

Esses pioneiros que chegaram ao Japão se surpreenderam com a idolatria que despertavam no povo de lá. O primeiro brasileiro a experimentá-la foi Rickson Gracie. Ao ser preterido pelo irmão Royce no UFC, o número um da família continuou dando aulas nos Estados Unidos, mas manteve-se sintonizado com o que acontecia no vale-tudo no Brasil e no Japão. Embora não tenha reclamado publicamente, ele não gostou de ficar fora do Ultimate. Além da justificativa de que a vitória do franzino Royce significaria uma propaganda mais convincente do jiu-jítsu, houve também uma divergência entre ele e Rorion. Casada com Rickson na época, a ex-modelo Kim Gracie acreditava que o irmão mais velho do marido pretendia manter praticamente uma relação patrão-empregado com o lutador que fosse escolhido para o UFC. “Sou muito feliz com as minhas realizações. O que não fiz... já era”, desconversa Rickson hoje em dia, quando lhe perguntam sobre uma possível frustração por nunca ter lutado no UFC.

Depois disso, Kim assumiu a função de empresária do marido. O casal já era fiel à filosofia de só aceitar um desafio se a bolsa, de fato, valesse muito a pena. “Depois das vitórias do Royce no UFC, o Hélio sempre dizia aos filhos: ‘Vocês não precisam mais lutar vale-tudo porque o que eu

queria provar já está provado. Se vocês quiserem lutar, será por uma questão financeira. Eu não posso me meter porque não estou pagando as contas de vocês”, conta o professor e historiador Pedro Valente. A questão é que, em 1994, Rickson realmente precisava pagar suas contas e, por isso, viu com bons olhos a oferta para lutar num evento promovido pelo Shooto, o Vale Tudo Japan Open (assim mesmo, em português, numa deferência à tradição dos brasileiros no esporte). Os promotores japoneses estavam em busca de um “inimigo” estrangeiro para enfrentar os maiores lutadores locais. Os mais velhos ainda se lembravam da batalha entre Hélio e Kimura no Maracanã e ficaram animados quando souberam que o pai do jiu-jítsu brasileiro tinha um sucessor à altura.

Apesar de ter sido um evento modesto para os padrões japoneses, o Vale Tudo Japan Open representou um passo significativo para combater a tradição das marmeladas. A presença de Rickson era fundamental porque era conhecida a aversão dos Gracie por resultados combinados. “Eu mesmo participei da criação das regras, numa combinação de esforços com o fundador do Shooto Satoru Sayama”, conta Rickson. Também já havia chegado ao outro lado do mundo a fama da invencibilidade do brasileiro: mais de quatrocentas lutas, quase todas de jiu-jítsu. Curiosamente, até ir para o Japão, ele tinha apenas dois combates de vale-tudo no currículo — ambos contra o Rei Zulu. Rickson era grande para o padrão Gracie, mas tinha a agilidade de alguém de sessenta quilos. Já se falava de seu “jiu-jítsu invisível”, tamanha a perfeição dos movimentos. Os japoneses puderam conferir isso de perto. Na primeira edição do torneio, Rickson venceu os três adversários da noite em menos de seis minutos no total, sempre com finalizações. A luta mais rápida — a decisão contra o americano Bud Smith — durou 39 segundos. Na segunda edição, em 1995, Rickson também atropelou os rivais nos três combates, todos vencidos com um estrangulamento por trás.

Entre uma edição e outra do Vale Tudo Japan Open, Rickson reviveu por uma tarde a época dos desafios a portas fechadas no Rio de Janeiro. Já existia no Japão um movimento de promotores e jornalistas para casar uma luta entre o brasileiro e Nobuhiko Takada, considerado o sucessor de Antonio Inoki no pro wrestling. Sempre que possível, Takada o provocava

pelos jornais, insinuando que o brasileiro usava o dinheiro como desculpa para não o enfrentar. O valor das bolsas, de fato, contava, mas Rickson também não tinha muita paciência com o pro wrestling. Incomodado com a popularidade do brasileiro em seu país, Yoji Anjo, outro pro wrestler, tomou as dores de Takada e viajou até os Estados Unidos, acompanhado por jornalistas japoneses, para desafiar Rickson dentro da própria academia em Los Angeles. Rickson estava em casa quando recebeu o telefonema de um professor informando-o sobre a visita inesperada. Achou ousadia demais do japonês aparecer assim, vindo do outro lado do mundo para desafiá-lo. Para surpresa de Anjo e de sua comitiva, Rickson topou a briga na hora — exigiu apenas que a imprensa saísse, à exceção de um cinegrafista. O brasileiro humilhou o visitante abusado com uma montada e cinco minutos de socos no rosto. Em seguida, apagou Anjo com um estrangulamento e o exibiu para a câmera como uma presa caçada. O japonês estava com o rosto desfigurado.

Quando foi idealizado pela empresa Kakutougi Revolution Spirits, em 1997, o Pride seria um torneio único que colocaria frente a frente Rickson Gracie e Takada. Era o confronto jiu-jítsu × pro wrestling, como anunciava o material promocional do evento. Também era a volta da rivalidade Brasil × Japão — ou, mais especificamente, Gracie × Japão —, e, por isso, Rickson sentiu que representava a família. Agora, o desejo de vingança de Anjo seria um ingrediente a mais para o confronto e a garantia de que os promotores que investissem nele teriam lucro. Além de sempre conseguir audiências altíssimas na TV, Takada costumava atrair multidões para as arenas japonesas em eventos da Universal Wrestling Federation e da New Japan Pro-Wrestling, fundada por Inoki. A bolsa do japonês ficou em US\$180 mil. A de Rickson jamais foi revelada, mas no Japão se fala algo em torno de US\$900 mil. No dia 11 de outubro de 1997, o Tokyo Dome recebeu 47 mil pessoas, que se maravilharam com as danças, as roupas e a decoração que remetiam ao Japão antigo. Os promotores usaram um inconfundível ringue de boxe na cor branca. Assim como o UFC, o Pride não adotou de início categorias divididas por peso. As regras, no entanto, eram mais liberais que as do evento americano em 1997. Eram permitidos “tiro de meta” (chute enquanto o

adversário está no chão), pisão voador e joelhadas na cabeça, mesmo quando o adversário estivesse apoiado com as duas mãos e os dois pés. Até a 12ª edição, também valiam cabeçadas.

Rickson apareceu no Tokyo Dome completamente careca. Vestia apenas luvas e joelheiras pretas, tornozeleiras e sungão, tudo branco. Mais alto e vinte quilos mais pesado, Takada chamava atenção pela sunga lilás e costeletas à Elvis Presley. Diferentemente das encaradas forçadas que os lutadores de hoje fazem, o olhar compenetrado do brasileiro antes da luta era mesmo de assustar. Rickson começou o combate apenas acompanhando o adversário dar voltas no ringue. Mas bastou derrubá-lo no chão e montar em cima dele para vencer, primeiro com socos na altura do fígado e, por fim, com uma chave de braço fatal. O cronômetro marcava quatro minutos e 47 segundos do primeiro round. O vencedor foi levantado por amigos e familiares, entre eles o irmão Royler, que trabalhava como seu corner no Japão. Rickson sequer ensaiou um sorriso. Parecia ter cumprido apenas uma obrigação. Era como se Hélio fosse lhe dizer novamente, a exemplo do que fazia na infância: “Está comemorando por quê? Por acaso você entrou pensando em perder?”

“Eu diria que a luta mais impressionante da história do Pride foi entre Takada e Rickson Gracie no Pride 1. Foi uma primeira experiência tão chocante e frustrante que não consegui me mexer por dez minutos depois da luta. O combate estava encerrado em menos de cinco minutos. Um enorme contraste entre o tempo que passamos trabalhando para sua realização e a sua duração em si”, disse Nobuhiko Sakakibara, idealizador do combate e do Pride, em entrevista à revista japonesa *Kamipro*, em 2007. A primeira edição do evento teve ainda outro brasileiro. Apenas duas semanas depois da polêmica luta com Eugênio Tadeu no Pentagon Combat, no Tijuca Tênis Clube, Renzo empatou com Akira Shoji em trinta minutos de combate. Mais uma vez, o primo de Rickson foi vítima do cansaço.

Como Sakakibara gostava de repetir, se Takada tivesse vencido Rickson, o Pride provavelmente terminaria ali. Afinal, a ideia original era realizar uma única edição. Mas, tanto por apego à honra quanto por oportunismo financeiro, os organizadores se convenceram de que era

preciso encontrar alguém, de preferência um japonês, para superar o samurai brasileiro. Marco Ruas aproveitou a deixa e, estimulado por Frederico Lapenda, que ainda era seu empresário, se ofereceu para enfrentá-lo. Quem sabe os japoneses não conseguiriam, finalmente, concretizar as especulações que surgiram ainda no Rio de Janeiro dos anos 1980 de um combate entre Rickson e Ruas? O mais difícil, no entanto, era arrumar uma bolsa suficientemente alta para convencer Rickson. Enquanto isso não acontecia, Sakakibara e seu novo diretor-executivo, o próprio Takada, montaram um *card* recheado de brasileiros no Pride 2. Ruas finalizou o canadense Gary Goodridge, Renzo deu uma guilhotina no japonês Sanae Kikuta e Royler subiu ao ringue para derrotar Yuhi Sano, outro japonês. Rickson só voltou no Pride 4, e, na falta de outro desafiante, Takada tentou a revanche, exatamente um ano depois do primeiro confronto, no mesmo Tokyo Dome. Dessa vez, ele conseguiu esticar a luta, mantendo o brasileiro mais tempo de pé. O japonês chegou a acertar um cruzado de direita e uma joelhada que animaram o público. Quando, enfim, o duelo foi para o chão, aconteceu o óbvio. Rickson o pegou novamente numa chave de braço. Dessa vez, a festa dos Gracie do outro lado do mundo contou também com a presença do primo Carlson, ainda desapontado com a derrota de Wallid numa luta preliminar contra o japonês Akira Shoji. Takada saiu ovacionado pelo público, que reconheceu sua bravura diante de um rival infinitamente superior. Na entrevista concedida ainda no ringue, Rickson fez uma homenagem ao japonês que ensinou o jiu-jítsu à sua família. “Eu represento o jiu-jítsu, e o fundador do Gracie Jiu-Jítsu foi o senhor Conde Koma, que esteve no Brasil no início do século. Estou trazendo de volta o espírito que a família recebeu do verdadeiro samurai, senhor Koma”, afirmou. Perguntado sobre seus planos dali para frente, ele acrescentou: “Como professor, vou continuar disseminando o jiu-jítsu pelo mundo. Como lutador, vou continuar procurando um adversário duro.” Talvez houvesse uma ponta de ironia na última frase. Pouco antes da sua vitória, nas lutas preliminares do Pride 4, ele vira a derrota de dois antigos rivais da luta livre. Adversário dele em duas brigas de rua, Hugo Duarte perdeu do americano Mark Kerr, e Marco Ruas, do japonês Alexander Otsuka. Na

luta de Hugo, um fato definitivo que demonstra o esfriamento da rivalidade entre jiu-jítsu e luta livre: quando soube que o lutador tinha viajado sem técnico, Carlson se ofereceu para ficar no corner dele.

Rickson nunca mais lutaria no Pride. Nessa época, o evento foi vendido para a Dream Stage Entertainment (DSE), de Naoto Morishita, mas Sakakibara continuou como executivo. A sorte da DSE foi que logo apareceu um lutador da casa, discípulo de Takada, que fez o que se esperava do mestre. Basta dizer que ganhou o apelido de “O Caçador de Gracie”. Kazushi Sakuraba chegou a participar de algumas lutas de marmelada, mas sua carreira mudou de rumo quando foi aceito no *card* do Ultimate Japan, em dezembro de 1997. Seu adversário foi Marcus Silveira, aluno de Carlson, num combate polêmico no torneio de pesos pesados. O árbitro deu a vitória ao brasileiro por nocaute, mas, apoiado pela torcida japonesa, Sakuraba contestou a decisão, argumentando que estava pronto para se levantar. De nada adiantaria a reclamação se a sorte não o tivesse ajudado. O adversário de Silveira na final, Tank Abbott, se machucou na primeira luta e abriu vaga para uma revanche do japonês. Então Sakuraba aplicou no brasileiro uma chave de braço precisa e venceu. Foi seu passaporte para o Pride.

A passagem pelo pro wrestling ensinou Sakuraba que não bastava vencer. Também era importante agradar ao público — algo que se tornaria recomendável no MMA. Sakuraba era um especialista em dar show. No Pride 4, o mesmo da revanche Rickson × Takada, ele lutou pela primeira vez com um brasileiro, Allan Góes, da Carlson Team, e deu empate. Nas duas edições seguintes, derrotou Vitor Belfort, que depois do UFC Brazil foi tentar a sorte no Japão, e Ebenezer Fontes. O primeiro Gracie que cruzou seu caminho foi Royler, considerado um dos mais técnicos da família. Mesmo mais pesado que o brasileiro, Sakuraba era considerado o azarão. No fim da luta, ele encaixou uma chave kimura que fez o árbitro dar a vitória ao japonês — para desespero de Rickson, que acompanhava tudo do lado de fora. “Não bati. Não tinha por que o juiz parar. Podia ter deixado quebrar o braço ou esperado que eu batesse. Estavam faltando trinta segundos, eu me lembro de que estava tranquilo. Foi uma garfadinha que eu tomei”, reclama Royler até hoje. Além de desdenhar da

indignação dos Gracie, Sakuraba desafiou Rickson ali mesmo, mas seu próximo adversário seria outro filho de Hélio.

Royce estava disposto a manter sua invencibilidade no vale-tudo e ainda vingar a derrota do irmão. Ele não lutava na modalidade desde o empate com Ken Shamrock no UFC 5, sete anos antes, em 1995. Após o desentendimento com o SEG, Rorion chegou a negociar a permanência do irmão com o presidente do UFC Bob Meyrowitz. O SEG propôs um contrato de três lutas, mas Rorion manteve-se firme: só negociava uma de cada vez. “Eles queriam botar uma luta fácil aqui, outra fácil ali e, na terceira, uma pesada para arrebentar o Royce. Criar o herói para depois matá-lo”, conta. Meyrowitz sabia que, com o contrato de uma luta, Rorion pediria uma bolsa maior a cada vitória do irmão. O brasileiro argumentou que não queria estar preso a um contrato para, em caso de vitória de Royce, Bob levar a maior parte da grana. “Bob, eu quero que você me trate como sua amante, não como sua esposa”, disse Rorion, na época. Nunca houve acerto, e Royce voltou a dar aulas de jiu-jítsu na Califórnia. “O Rorion era meu *manager* e ele mesmo assinava [os contratos]. De vez em quando eu ficava arrasado por não estar participando, mas sou soldado. O que falar pra fazer eu faço”, lembra.

Em 1998, Rorion topou botar o irmão num desafio de jiu-jítsu contra Wállid Ismail, numa arena montada na areia da praia de Copacabana. Organizado pelo secretário de Esportes do Rio de Janeiro José Moraes, o evento foi chamado de “Oscar do Jiu-jítsu Contra a Violência”, uma das muitas tentativas de limpar a barra da modalidade depois das frequentes brigas em boates e da pancadaria no Pentagon Combat. Wállid já havia derrotado os irmãos Ralph e Renzo em torneios de jiu-jítsu, mas não tinha como ser favorito contra uma lenda internacional das artes marciais. A boa cobertura da imprensa esportiva ajudou a lotar a arena com sete mil espectadores, muitos sedentos por mais um capítulo da rivalidade entre as academias de Carlson e de Hélio. Desde o início, o combate em Copacabana foi tratado como o duelo entre a força de Wállid e a técnica refinada de Royce.

Arbitrada pelo delegado Hélio Vígio, a luta não teria limite de tempo nem pontuação. A vitória só sairia por desistência ou por finalização. Com

cinco minutos, num golpe conhecido como relógio, Wällid pôs a mão por dentro da gola do quimono do adversário e o estrangulou. Como não bateu, Royce desmaiou. Com a vitória espetacular, comemorada com invasão do tatame, Wällid ganhou mais espaço nos eventos de vale-tudo no exterior, mas Royce não chegou a ter a reputação abalada. Dois anos depois, ela permanecia praticamente intacta na disputa do Pride Grand Prix 2000, no Japão. O evento tinha o formato de torneio, como era o início do UFC. Os Gracie convenceram os promotores a mudar a regra dos combates. Certos de que os adversários entrariam no ringue apenas para empatar com Royce, eles conseguiram fazer com que as lutas fossem disputadas sem limite de tempo e sem interferência do árbitro. Royce venceu a primeira contra Takada, que a essa altura já era considerado um saco de pancadas da família.

Para enfrentar Sakuraba no segundo combate, Royce entrou no ginásio em seu velho estilo, acompanhando um trezinho formado pelo pai e alguns primos e irmãos. Não abriu mão do quimono, que já tinha sido abandonado no vale-tudo mesmo pelos representantes do jiu-jítsu, mas cedeu ao uso das luvas de 113 gramas. A entrada de Sakuraba foi apoteótica. Ao lado de dois integrantes da sua equipe, ele apareceu com uma máscara colorida no melhor estilo do seriado *Jaspion*. Quando seu nome foi anunciado, tirou a máscara e exibiu reluzente cabelo vermelho. Para a torcida japonesa, o show já tinha começado.

Foi mais de uma hora e meia de um clássico do vale-tudo com violência e técnica em doses iguais. Quedas, troca de socos, montadas... Um arsenal farto dos dois lados. Pela primeira vez, o brasileiro sentiu o peso da mão forte de um adversário. Ele chegou a ter uma chance de finalizar com uma guilhotina, mas Sakuraba mostrou um jiu-jítsu quase tão afiado quanto o seu, com a vantagem de ser bem melhor em pé. O tornozelo de Royce foi muito castigado pelos chutes do adversário. Um deles, certo, quebrou o pé direito do brasileiro, que começou a ser massacrado. No intervalo antes do sexto round, Royce disse que não desistiria, mas Rorion e Hélio tomaram uma das decisões mais difíceis da vida profissional deles. O irmão mais velho jogou a toalha no meio do ringue, em sinal de desistência. "Não devemos confundir coragem com

teimosia. Sakuraba foi o vencedor”, disse Rorion à imprensa japonesa na época. Ainda hoje ele não se arrepende da decisão. “Para mim foi um troço muito objetivo. Não poderia deixar o Royce com o pé fraturado. Imagina se o carro do Felipe Massa tem o pneu furado numa corrida de Fórmula-1. Vamos deixá-lo na pista só para dizer que ele terminou a prova? Para mim, isso é burrice. Você não pode deixar as emoções ditarem as suas decisões”, diz. Depois da vitória, Sakuraba foi até Hélio e o reverenciou. Ele sabia que já fazia parte da história do vale-tudo japonês ao derrotar o lendário campeão do UFC.

O próximo na fila do Caçador de Gracie foi Renzo, que também construía uma carreira sólida no Japão. Sakuraba já era assunto de muita discussão, não só na família, mas entre lutadores, treinadores e jornalistas brasileiros que acompanhavam vale-tudo: como fazer para parar o japonês? Renzo também não descobriu. Assim como fez com Royler, Sakuraba usou a chave kimura para derrotá-lo no Pride 10. “Ele foi melhor que eu esta noite”, admitiu Renzo diante do público japonês. No Pride 12, foi a vez de Ryan, irmão mais novo de Renzo, sentir a força de Sakuraba. Era apenas a segunda luta de vale-tudo do bad boy dos Gracie — antes, ele nocauteou o japonês Tokimitsu Ishizawa no Pride 10. Contra Sakuraba, Ryan resistiu bravamente os dez minutos de luta, mas perdeu na decisão unânime dos juízes. Embora não tivesse havido finalização, pareceu uma vitória fácil para o japonês.

Antes mesmo dessa luta, já se falava frequentemente do confronto entre Sakuraba e Rickson. Seria a chamada luta do século. Apesar do roteiro perfeito para os japoneses — a vingança de um samurai contra outro que derrotou seus irmãos e primos —, o confronto nunca aconteceu. E não foi por medo de Rickson perder — para nove entre dez especialistas, ele era o favorito. A questão principal, mais uma vez, foi um desacerto financeiro. Quando a proposta dos japoneses chegou a US\$1,5 milhão, um amigo próximo lhe disse: “Pega, Rickson, é sua grande chance.” Mas Rickson entendia que poderia levar mais. Pediu o dobro. Os japoneses enrolaram e nunca deram uma resposta afirmativa. “O que faltou para o Rickson lutar? Dinheiro”, resume Royce. Em 2001, o desafio quase saiu do papel, mas dessa vez uma tragédia familiar impediu o

brasileiro de aceitar. Seu filho mais velho, Rockson, de 19 anos, morreu, vítima de uma overdose de drogas misturadas a medicamentos, segundo o laudo do Medical Examiner Office, de Nova York. “Infelizmente, a luta não aconteceu por uma decisão superior que eu tive que acatar. A partir daí eu precisei dedicar um tempo muito precioso à minha família. Não poderia nem pensar em lutar e deixar a coisa desequilibrada do jeito que estava”, disse à revista *Tatame*. Rickson encerrou sua carreira no vale-tudo com apenas 11 combates. “O jiu-jítsu sempre foi a coluna dorsal da minha vida”, diz. De qualquer forma, o Pride já tinha o que queria. “A rivalidade de Sakuraba com os Gracie elevou a popularidade dele e do esporte a um nível sem precedentes na história”, escreveram os jornalistas Jonathan Snowden e Kendall Shields, autores do livro *MMA Encyclopedia* (ECW Press, 2010).

Ninguém imaginava que a vitória sobre Ryan marcaria o início do declínio da carreira de Sakuraba. No Pride seguinte, o de número 13, em março de 2001, ele acabou vítima de Wanderlei Silva, que iniciava uma trajetória memorável no Japão. Em menos de dois minutos, o brasileiro o massacrava com uma variação de chutes, socos e joelhadas que fizeram o adversário sair do ringue direto para o hospital, com suspeita de fratura no crânio. Sakuraba ainda lutaria mais seis vezes contra brasileiros a partir daí e colecionaria seis derrotas (mais duas para Wanderlei, uma para Minotauro, uma para Ricardo Arona, uma revanche contra Royce em 2007 e uma para Ralek Gracie, filho de Rorion, em 2010).

No início dos anos 2000, o Pride já era transmitido para quarenta países, inclusive para o Brasil. Seus admiradores e organizadores tratavam o UFC como um evento de segunda classe. Num primeiro momento, nem todos perceberam que a explosão do vale-tudo no Japão estava diretamente associada ao declínio do torneio criado por Rorion Gracie. O UFC rompeu o milênio boicotado pela maioria das comissões atléticas americanas. Mas teria sido possível sobreviver se o problema fosse apenas

político. O SEG estava se especializando em driblar as restrições, realizando, por exemplo, lutas em reservas indígenas, em ilhas fluviais ou em qualquer outro local onde a legislação estadual não vigorasse. O Ultimate Fighting começou, de fato, a ser asfiziado quando as distribuidoras de TV a cabo aderiram ao boicote. A maior parte da receita do SEG vinha da venda de pay-per-view, e não da bilheteria — e era bom que fosse assim, porque o público definhava a cada edição. O local onde as lutas aconteciam não importava tanto — podia ser Nova York ou alguma cidadezinha do interior do Arkansas. O importante era que elas chegassem aos milhares de lares que já pagavam, naquele momento, US\$19,95 por evento. Quando se deu conta disso, a cruzada contra o vale-tudo, liderada pelo senador John McCain, direcionou-se às TVs a cabo. Com a mesma veemência com que foram em cima dos governadores, agora eles perguntavam aos donos das emissoras e operadoras se um torneio que se dizia sem regras seria realmente apropriado para os telespectadores. Uma pergunta que McCain costumava repetir foi fundamental nesse momento: “E se algum lutador morrer durante uma luta, ao vivo, diante de todo o país?” Até Meyrowitz tinha de admitir que era uma pergunta incômoda. Uma morte em 1998, num evento russo de fist fighting, variação do vale-tudo, acabou respingando no UFC. O pugilista americano Douglas Dench morreu após ter sido espancado pelo ucraniano Yevgeny Zolotaryov, autor de uma sequência de dez socos em sua cabeça em apenas oito segundos. De nada adiantou explicar que o torneio russo não tinha nenhum equipamento de proteção, como luvas, e não permitia que o combate fosse para o chão.

Poucos dias depois do UFC 12, o mesmo que revelou Vitor Belfort em 1997, a provedora de TV a cabo TCI anunciou que não transmitiria mais o torneio. Na época, o diretor Leo Hindery, recém-contratado para o cargo, deu uma declaração emblemática ao jornal *Los Angeles Times*: “Eu cheguei, vi onde ficavam os banheiros e cancelei o Ultimate Fighting.” Só aí foram 14 milhões de assinantes que perderam o direito de assistir ao UFC. Meses depois, a poderosa Time Warner Cable tomou a mesma decisão, e lá se foram mais 12 milhões de potenciais telespectadores. O

argumento oficial era de que eles não poderiam transmitir um evento que não recebia o aval da maioria das comissões atléticas. Quando chegou à edição de número 28, só restavam ao fã do UFC os sistemas de pay-per-view via satélite.

Para tentar uma reviravolta, a direção do SEG sabia que o evento precisava ser liberado, pelo menos, pelas duas comissões atléticas mais tradicionais dos Estados Unidos: Nova Jersey e, principalmente, Nevada. Eles até admitiam mexer nas regras e mudar os slogans que tanto incomodavam aos críticos (*no-holds-barred, no rules, anything goes*). Nessa época, Meyrowitz já gastava mais energia com estratégias para convencer as comissões atléticas do que com a montagem de bons *cards* de lutas. O UFC começou a perder seus principais lutadores para o Japão, a exemplo de Don Frye, Ken Shamrock, Vitor Belfort, Mark Coleman, Randy Couture, Marco Ruas e Tank Abbott. Com eles, foram embora fãs e imprensa especializada. Do outro lado do mundo, já havia campeões que se tornavam ídolos mundiais, como Renzo Gracie, Ricardo Arona e Fedor Emelianenko. Minotauro também estava lá desde 1999, brilhando no japonês Rings. Com a crise financeira, desde a edição 22 o SEG não conseguia lançar um vídeo com os melhores momentos do evento.

O UFC ganhou uma esperança de sobrevivência em 2000, quando a comissão de Nova Jersey sancionou um concorrente chamado IFC (International Fighting Championship), que aceitara flexibilizar algumas de suas regras, e abriu precedente para outros eventos. Para isso, o Ultimate também precisaria rever algumas práticas, e o resultado foi chamado de Regras Unificadas das Artes Marciais Mistas — talvez o primeiro documento a usar o nome MMA. Por incrível que pareça, a mudança mais significativa não passou da criação da categoria superpeso pesado, para lutadores acima de 120 quilos. Realizado em Atlantic City, em novembro, o UFC 28 foi o primeiro sancionado por Nova Jersey. O público voltou a comparecer em bom número. As cinco mil pessoas que lotaram o Trump Taj Mahal assistiram a ótimos confrontos. A maior atração do *card* era o retorno de Randy Couture, que venceu Kevin Randleman e se tornou o primeiro bicampeão dos pesos pesados. O único brasileiro foi o carioca Renato “Babalu” Sobral, discípulo de Carlson

Gracie Jr. no jiu-jítsu e de Marco Ruas na luta livre. Ele derrotou o ex-campeão Maurice Smith. No fim da noite, Meyrowitz estava feliz. O UFC 28 tinha dado lucro, mas ele pensava menos numa volta aos velhos tempos do que na valorização da marca. Para amigos, o dono do SEG já revelava a sua disposição de vender pelo menos parte do evento. Ele só não imaginava que aquele seria o último Ultimate que promoveria em solo americano e que os futuros compradores estavam misturados aos espectadores no Trump Taj Mahal.

Ex-lutador de boxe e empresário de alguns lutadores de vale-tudo, entre eles Chuck Liddell e Tito Ortiz, Dana White finalmente tinha convencido o amigo Lorenzo Fertitta a assistir *in loco* a uma edição do Ultimate Fighting. Lorenzo não estava muito empolgado, mas nutria certa curiosidade pelo esporte. Para todos os efeitos, eles tinham ido acompanhar a luta do professor de jiu-jítsu deles, o americano John Lewis, que por sua vez aprendera a arte marcial com um discípulo de Carlson Gracie, o carioca Dedé Pederneiras. Mas o objetivo principal naquela noite de sábado era avaliar a viabilidade de investir de alguma maneira no UFC. Dana sabia da situação delicada do evento, mas acreditava que poderia revertê-la se conseguisse a sanção das principais comissões atléticas americanas. Só que, para pôr seus planos em prática, o amigo Lorenzo era fundamental. Primeiro, por um motivo óbvio: dinheiro. Em sociedade com o irmão mais velho, Frank Fertitta III, ele era dono de uma das mais tradicionais redes de hotéis e cassinos de Las Vegas, a Station Casinos Inc. Para completar, Lorenzo também tinha sido até três meses antes membro e chefe do conselho médico da Comissão Atlética de Nevada.

Lewis foi nocauteado por Jens Pulver, mas Dana e Lorenzo não tiveram muito tempo para lamentar. Passaram boa parte das lutas discutindo como o Ultimate Fighting poderia ser mais bem-digerido pelas comissões atléticas. Como sabia das dificuldades financeiras e da intenção de Meyrowitz de negociar, Dana sugeriu sociedade com os irmãos Fertitta para comprar e administrar o UFC. Os Fertitta entrariam com o dinheiro e ele ficaria à frente do evento. Quando recebeu sinal verde, ligou para Meyrowitz, que, em entrevista à rede americana CNBC, em 2007, deu sua

versão do diálogo.

DANA WHITE: Bob, conheço gente interessada em comprar o UFC. Você nunca vai adivinhar quem.

BOB MEYROWITZ: Pode me dar uma chance? Lorenzo Fertitta.

DANA WHITE: Como você descobriu?

BOB MEYROWITZ: Digamos que eu tenho sorte.

Meyrowitz, na verdade, deu seu palpite com base em um episódio ocorrido um ano antes e que quase mudou a história do UFC. Foi em uma das muitas vezes em que a Comissão Atlética de Nevada discutiu a regulamentação do esporte no estado. Na ocasião, o dono do SEG estava otimista. Sustentado pela indústria do jogo, do entretenimento e das lutas de boxe, Nevada era considerado estratégico para que o Ultimate Fighting fosse aceito em outros estados e voltasse à TV. Se fosse aprovado lá, Meyrowitz esperava uma reação em cadeia de norte a sul dos Estados Unidos. Sua confiança numa resposta positiva acabou na véspera do dia D, quando um de seus lobistas lhe telefonou sugerindo que ele abortasse a tentativa. “Um membro da comissão mudou de ideia e não temos mais o apoio necessário. Vamos adiar”, disse. Ele descobriu que o tal membro se chamava Lorenzo Fertitta. Com medo de levar outra negativa, Meyrowitz decidiu adiar a consulta. Quando ouviu a proposta de Dana — e sabendo que os dois eram amigos —, ligou uma coisa à outra. Começou a achar que Lorenzo voltara atrás na decisão de sancionar o UFC já pensando em desvalorizar a marca e baixar o preço do negócio numa eventual transação. Frank, Lorenzo e Dana sempre rejeitaram tal acusação com veemência.

Meyrowitz, claro, não gostou de ouvir o sobrenome italiano envolvido na transação proposta por Dana. Chegou a sugerir que eles entrassem apenas como investidores — e não como novos donos —, mas não convenceu. Houve um momento em que não havia mais como recusar a oferta. Os irmãos Fertitta compraram o UFC pelo valor declarado de US\$2 milhões. Pagaram por uma empresa com a imagem desgastada e

dona do contrato de poucos lutadores de renome. “Era uma aposta. Compramos uma companhia que estava morrendo”, disse Lorenzo, na época. Com sede em Las Vegas, a nova empresa se chamaria Zuffa, uma gíria em italiano que significa algo como “briga de rua”. No contrato inicial entre os três sócios havia espaço para brincadeiras, como o item que previa uma luta de jiu-jítsu entre Frank e Lorenzo em caso de impasse em uma decisão. Em uma cláusula bem mais séria, ficou acertado que Dana ficaria com 10% da sociedade e 90% seriam divididos meio a meio entre os irmãos. Depois da edição 29, disputada no Japão em 16 de dezembro de 2000, seria deles a responsabilidade de construir o UFC do terceiro milênio.



Enquanto o chefe não aparece, a jovem secretária tenta colocar alguma ordem no que seria uma espécie de sala de espera do lugar, ocupada por um ruidoso grupo. Cada um de seus integrantes traz um assunto diferente para tratar com o dono da academia. Ele inclui dois lutadores indicados para treinar lá, parentes que vieram do Brasil para matar saudades, um jornalista brasileiro e uma equipe de TV americana. Sem contar a mulher do chefe, que tem pendências familiares e profissionais para resolver. Quando o patrão finalmente aparece na porta, a secretária se levanta rápido e lhe passa logo um resumo do que querem os visitantes — alguns aguardados, outros inesperados. Antes que ele consiga começar a atendê-los, professores e alunos se aproximam para cumprimentá-lo ou fazer uma brincadeira. Um menino de uns 12 anos, americano, pede para tirar uma foto ao lado dele. A cara de mau, enrugada como a de um cão sharpei, não combina com a delicadeza com que trata todo mundo.

A rotina é a de um homem de negócios popular e bem-sucedido, mas esta é apenas uma das facetas do paranaense Wanderlei Silva. Sua aparência é semelhante àquela de muitos atletas no dia a dia: calças jeans desbotadas, tênis esportivo, uma camisa justa com a inscrição “Deus É Fiel” e braços tatuados com um trecho do Salmo 17 (“O Senhor é minha rocha e minha fortaleza”). Wanderlei faz questão de receber os visitantes em seu local de trabalho. Estamos na Wand Fight Team, eleita pelo UFC em 2010 a melhor academia de MMA dos Estados Unidos. Além de ser enorme, está localizada num ponto nobre de Las Vegas, a poucos metros de The Strip, como é conhecido o trecho mais badalado e iluminado do Las Vegas Boulevard. Hoje em dia, a Wand Fight Team é procurada por lutadores de todas as modalidades. Uma bandeira enorme da Bulgária, pendurada no teto, foi deixada de recordação pela seleção de luta olímpica daquele país, uma das mais importantes do mundo. As paredes estão quase todas cobertas com reportagens emolduradas que contam um pouco da trajetória de Wanderlei, em especial no Japão e nos Estados Unidos. Algumas fotos mostram sua intimidade com o xeque Hamdan

bin Mohammed bin Rashid al Maktum, príncipe herdeiro de Dubai, nos Emirados Árabes. Apenas uma das fotografias chama a atenção por não ter Wanderlei como protagonista. Trata-se de um pôster de Hélio Gracie vestido de quimono.

Um bate-papo descontraído com Wanderlei deixa a impressão de que o número de fotos na parede é muito mais uma estratégia de marketing para a academia do que uma questão de vaidade pessoal. Depois que nos dirigimos para o seu escritório, em busca de um lugar mais tranquilo para conversar, o único autoelogio que ele se permitiu fazer foi em relação à própria coragem: “Geralmente os desafios que me são oferecidos eu encaro.” Wanderlei pareceu até constrangido quando teve de explicar o enorme machado pendurado na parede atrás de sua mesa. “É que me chamam de Axe Murderer [‘assassino do machado’, em inglês], né?” O primeiro de muitos sorrisos deixa claro que a maior vaidade de Wanderlei é física mesmo. Um pequeno diamante reluz sobre um dos dentes caninos. Ele mantém um histórico de cirurgias plásticas de dar inveja a muitas socialites e atrizes de TV. Seu objetivo é corrigir “defeitos” naturais e apagar cicatrizes cultivadas em cima do ringue. Algum psicólogo talvez venha a dizer que é um comportamento natural para quem se achava feio e era gordo e pobre na adolescência. Naquele tempo, Wanderlei ajudava o pai, um motorista de ônibus aposentado, atrás do balcão de um botequim em Curitiba. Passava a noite puxando caixas de cerveja e servindo rabo de galo para os fregueses. “Com 14 anos, meus amigos da escola começaram a dar beijinho nas meninas, e eu nada. Eu também queria, mas não sabia o que acontecia”, conta. Quando o irmão mais velho começou a fazer musculação, Wanderlei percebeu que, pelo menos, poderia esculpir um corpo bonito. Mas antes precisava emagrecer, e, por isso, se matriculou na Academia Chute Boxe, especializada em muay thai desde 1978. Nas primeiras aulas, o complexo de vira-lata voltou a incomodá-lo. “Em tudo eu era muito ruim. Não tinha e até hoje não tenho muita habilidade para aprender depressa. Tem cara que é talentoso, aprende rápido. Eu aprendo muito devagar. Aí, todo mundo me quebrava na academia”, recorda.

Contra todas as dificuldades, Wanderlei começou a disputar

campeonatos regionais de muay thai, e só então a maré começou a mudar. Mesmo sem uma técnica refinada, o espírito guerreiro que demonstrava nas competições impressionava. “Desde cedo, ele demonstrou uma capacidade incomum de se entregar em cima do ringue. Nunca vi uma luta arrastada do Wanderlei”, diz o dono da Chute Boxe, Rudimar Fedrigo. Bastava soar o gongo para ele partir para cima do adversário com uma agressividade animalesca. Daí surgiu o apelido de Cachorro Louco. A atitude servia para intimidar o oponente. “Você começa a lutar com o psicológico do cara, não é? Agora, se o cara for meio bunda-mole, você já se dá bem”, diz. Desse jeito, foi campeão municipal, interestadual e brasileiro de muay thai. Sua cabeça deu um nó quando alguém apareceu com uma fita VHS da sangrenta batalha entre Wallid Ismail e Eugênio Tadeu no vale-tudo do Grajaú. Era diferente de tudo o que já tinha visto. Entrou numa aula de jiu-jítsu imediatamente. Em 1996, aos vinte anos, conseguiu se inscrever no Campeonato Brasileiro de Vale-Tudo, um torneio que reuniu 32 lutadores de 14 estados em sua primeira edição, no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. Antes da luta, ajudou a separar uma briga entre seu companheiro de academia, José “Pelé” Landy, e um sujeito enorme, louro e com um corte de cabelo militar que vestia uma camisa vermelha de futebol americano. “Cuidado que esse aí é o Predador”, alguém lhe disse. Wanderlei levou um susto quando viu o mesmo cara subindo no ringue para lutar com ele. O tal Predador era um carateca sul-mato-grossense chamado Dilson Filho. Mas o Cachorro Louco se soltou lá dentro. Mesmo imprensado contra as cordas, Wanderlei distribuiu cabeçadas e cotoveladas, nocauteando o grandalhão, que foi de ambulância para o hospital.

Depois de participar dos torneios mais importantes no Brasil — IVC e UFC Brazil —, Wanderlei ganhou sua primeira chance no exterior no UFC 20, em maio de 1999. Ele derrubou o americano Tony Petarra com as joelhadas que se tornariam sua marca registrada. O mercado dos Estados Unidos se abria, mas o epicentro do vale-tudo estava de mudança para o Oriente. Uma fita com os melhores momentos de Wanderlei — incluindo, claro, o nocaute no Predador — chegou às mãos de um promotor de lutas japônês, que levou o paranaense para uma temporada no Oriente. A

vitória sobre o americano Carl Malenko no Pride 7 começou a pavimentar seu caminho de sucesso no Japão — entre os brasileiros, só comparável ao de Rodrigo Minotauro. Ambos foram alçados à condição de astros das duas principais equipes brasileiras de MMA. A Chute Boxe de Wanderlei já revelara futuras referências, como Pelé, Rafael Cordeiro, Assuério Silva, Anderson Silva e os irmãos Murilo “Ninja” Rua e Mauricio “Shogun” Rua. Quando foi para o Japão, Minotauro se juntou à carioca Brazilian Top Team (BTT), uma dissidência da Carlson Team da qual faziam parte Murilo Bustamante, Zé Mário Sperry, Amaury Bitetti, Vitor Belfort, Ricardo Arona e Carlão Barreto, entre outros.

Até 2002, a BTT e a Chute Boxe só haviam se confrontado três vezes, sempre em eventos nacionais — considerando-se que no UFC Brazil, quando derrotou Wanderlei, Belfort ainda pertencia à Carlson Team. Nessa ocasião, o clima chegou a esquentar nas entrevistas, ainda como um reflexo da rivalidade entre jiu-jítsu e muay thai. Wanderlei disse que derrubaria Vitor em menos de cinco minutos e, quando aconteceu o contrário, teve de ouvir provocações do outro lado. Os outros dois confrontos aconteceram num evento de Curitiba chamado Meca World Vale-Tudo, organizado por Joinha e por Rudimar Fedrigo. A equipe da casa venceu as duas — uma delas com um nocaute de Anderson Silva sobre Roan Jucão. Fora do Brasil, ainda havia um sentimento patriótico comum que adiava o duelo entre as duas academias, mas ele durou até uma manhã de sexta-feira no restaurante do luxuoso hotel Tokyo Hilton, na semana que antecedeu o Pride 16, em setembro de 2001.

Misto de técnico e lutador, Zé Mário, da Brazilian Top Team, escolheu a hora do café da manhã para contar a Rudimar que treinaria naquela noite o japonês Norihisa Yamamoto, adversário de Assuério Silva, da Chute Boxe, a pedido da empresária da BTT no Japão, Motoko Ushida. Zé Mário não via problema porque se tratava de uma sessão desprezível, apenas para fotos de uma revista japonesa. Mesmo assim, não queria que o dono da Chute Boxe soubesse por outros. De nada adiantou a precaução. Rudimar considerou uma traição ver um brasileiro “treinando o inimigo” e, de tão transtornado, deu a impressão de que voaria no pescoço do técnico da BTT. “O Zé Mário, daquele tamanho, poderia ter

dado uns tapas no Rudimar. Mas ele é um gentleman”, lembra Minotauro. Rudimar voltou para a mesa e dividiu sua indignação com os lutadores da equipe. Sem saber do que havia ocorrido minutos antes, Ricardo Arona, da BTT, chegou ao restaurante e deu de cara com Wanderlei. “Bom dia, Wanderlei!” “Nem fala comigo”, respondeu, rispidamente, o paranaense. Começou, então, uma troca de ofensas e palavrões em voz alta que assustou os outros hóspedes. A discussão só não terminou em vale-tudo porque Minotauro segurou Arona de um lado, e Anderson, com um prato de sanduíche em uma das mãos, fez o mesmo com Wanderlei. Só que o prato caiu no chão, e alguém da BTT ainda soltou a gracinha. “Está assustado, Anderson?”

“Digamos que eu não fui tão educado naquele dia. Quando se é novo, a gente faz coisas que não faria mais velho, né?”, recorda Wanderlei. Estava declarada a guerra entre a BTT e a Chute Boxe. “Não se entrava em um elevador em que estivesse gente da outra academia. Quando possível, a gente também evitava pegar o mesmo voo. Se estivesse na mesma calçada, atravessava a rua”, resume Bebeo Duarte, ex-BTT. O próprio Tokyo Hilton se encarregou de separar duas salas para as refeições da Chute Boxe e da BTT. A direção das equipes liberou os promotores japoneses para casar lutas entre eles. Em declaração publicada na revista *Tatame*, Rudimar atacou duramente os rivais: “Eu acho que eles têm inveja da projeção que a Chute Boxe alcançou no Pride.” A resposta da BTT veio numa carta aberta: “Acreditamos que as atitudes da Chute Boxe não sejam boas para o crescimento de nosso esporte e, a respeito da declaração de guerra, gostaríamos de dizer que, durante dez anos, nossa equipe provou em eventos de todo o mundo que pode enfrentar qualquer um.”

Para a sorte do MMA, a animosidade entre as duas equipes serviu para apimentar o Pride. “Olhando para trás, é claro que a minha reação foi exagerada naquele momento, mas ela foi muito boa para o esporte. Os japoneses nos agradecem até hoje”, diz Rudimar. “Eram as duas maiores equipes do Brasil. Era como Flamengo × Vasco, Palmeiras × Corinthians... Uma vez ou outra a coisa extrapolou, mas em geral foi uma rivalidade saudável”, concorda Anderson. A semana que antecedeu a primeira luta

entre a BTT e a Chute Boxe no Japão, sete meses depois do tumultuado café da manhã, pode ser comparada aos dias que precedem um clássico do futebol brasileiro — ansiedade, tensão, declarações atravessadas dos dois lados. Estariam frente a frente no Pride 20, na cidade de Yokohama, Zé Mário Sperry (BTT) e Murilo Ninja (Chute Boxe), duas lideranças em suas respectivas equipes. Ao redor do ringue, os rivais se provocavam e se xingavam. Foram vinte minutos de uma luta equilibradíssima. Zé Mário teve a chance de vencer quando quase encaixou uma chave kimura, mas Ninja soube se defender bem no chão e mostrou um arsenal mais variado em pé. Sua merecida vitória veio por decisão unânime dos juízes. O clima de guerra continuou depois. A câmera da TV japonesa focalizou Minotauro, em lágrimas, tentando consolar Zé Mário, que fazia força para segurar o choro. “Era um choro de raiva. Não por causa da derrota do Zé, mas pela atitude antiprofissional dos caras. O Pelé chegou a atirar água na gente depois da vitória deles. Eu fiquei no meu canto porque não sou moleque para ficar brigando”, conta Minotauro. Ninja também deixou o ringue aos prantos, uma mistura de fúria e euforia. Ele agradecia aos céus e gritava palavrões em direção à câmera. Como as provocações continuaram, o pessoal da BTT chegou a pensar em invadir o vestiário dos rivais para continuar a briga lá dentro. “Eu tive que ir lá, pegar o Rudimar pelo braço e pedir para ele acalmar o ânimo da rapaziada dele. Eu achei que fosse dar a maior cagada”, conta Bebeo. Para desespero de muita gente, Zé Mário chegou a entrar no vestiário da Chute Boxe, mas para cumprimentar Murilo pela vitória.

Diferentemente do que ocorria nos anos 1990, dessa vez a rivalidade não era para provar a superioridade de alguma modalidade — as duas academias já compreendiam que era fundamental conhecer bem todas elas. A BTT e a Chute Boxe queriam ser reconhecidas como a melhor equipe de vale-tudo do Brasil. “O Rudimar era uma espécie de general da Chute Boxe. Ele mantinha o gado dele junto, não admitia interação com lutadores de outras academias. E isso funcionava”, diz Joinha. Ao longo dos anos, a rivalidade chegou a alguns eventos do Brasil, como no Jungle Fight 5, em 2005, em Manaus. Alexandre Cacareco, então na BTT, ficou dando banana para o pessoal da Chute Boxe depois de derrotar Júlio

César Santana com uma guilhotina. No café da manhã do dia seguinte, quase foi linchado pelo pessoal da academia paranaense. No Floripa Fight, de 2007, Hélio Dipp (Chute Boxe) e Rousimar Palhares, o Toquinho (BTT), quase anteciparam a luta que fariam no dia seguinte numa briga dentro do hotel, com xingamentos e ameaças. Quando Toquinho finalizou Dipp no torneio, houve invasão do ringue e empurra-empurra.

Apesar desses incidentes, as duas equipes incorporaram relativamente cedo um padrão de profissionalismo comum no exterior, restringindo quase todas as brigas ao ringue. Os japoneses adoraram a rixa. Começaram a estampar as marcas Chute Boxe e BTT em produtos como camisas, toalhas, chinelos e bonés — mediante pagamento de royalties às academias, naturalmente. A cada vez que elas se enfrentavam, o Pride promovia a luta valorizando a rivalidade entre os brasileiros. Arona vingou Sperry contra Ninja no Pride 23, e, a partir daí, BTT e Chute Boxe se revezaram no domínio das principais categorias naquelas que seriam as melhores temporadas do torneio. Em 2005, quatro anos depois da primeira discussão, finalmente aconteceu a luta prometida por Wanderlei e Arona no café da manhã do Tokyo Hilton, com vitória do lutador da BTT na decisão dos juízes. Mas, na mesma noite, Arona perdeu de Mauricio Shogun, que viria a se tornar campeão do Grand Prix da categoria médios do Pride. O prestígio das duas academias chegou a um ponto em que os atletas japoneses de maior destaque procuravam os brasileiros para treinar. Em 2005, o maior deles, Kazushi Sakuraba, passou um mês treinando em Curitiba para enfrentar o veterano Ken Shamrock no Pride 30. Ele comemorou a vitória por nocaute abraçado a Rudimar Fedrigo e Rafael Cordeiro, que estavam no seu corner.

Esse clima de “guerra fria” tornou-se financeiramente interessante para a Chute Boxe e para a BTT mesmo fora do Japão. As duas academias chegaram a viajar juntas para se enfrentarem em um evento em Portugal, em 2005. Porém, depois da luta, o promotor português sumiu e deu calote em todo mundo. Só em passagens, o prejuízo somava EUR 20 mil. Sem saber o que fazer, Bebeo ligou para o amigo e ator Alexandre Frota, que passava uma temporada em Lisboa depois de participar do reality-show *A Quinta das Celebidades*. Conhecido do grande público português,

Frota se encontrou com a mulher do promotor e ameaçou ir à imprensa para denunciá-lo se ele não pagasse as bolsas e as despesas das duas academias. Depois de dois dias, Bebeo recebeu o dinheiro e o distribuiu em seu quarto no hotel para os lutadores da BTT e da Chute Boxe. “Foi a única vez em que eu vi os caras fazerem a maior festa comigo”, conta Bebeo. O tempo mostraria que os problemas mais sérios das duas equipes viriam de dentro delas.

Bem antes da Chute Boxe, a primeira grande briga dos membros da Brazilian Top Team foi contra o mestre de todos eles. Parecia algo inconcebível de acontecer com lutadores que consideravam Carlson Gracie um pai nas artes marciais. Carlson era o tipo de professor que mantinha uma relação de afeto com os alunos, embora às vezes não soubesse demonstrar. Fanático por rinhas, ele chamava carinhosamente seus melhores discípulos de “galos de briga”. “Nossa equipe era como uma família. Além de engraçado, o Carlson sabia ensinar como poucos. Foi a pessoa com quem eu convivi que mais entendia de jiu-jítsu. Parava, ensinava, fazia repetir a posição, e, a partir dali, você não errava mais”, conta Murilo Bustamante. Tratava-se de um mestre que não media esforços para melhorar a academia e o treinamento de seus “galos” — chegou a receber o “patrocínio” de bicheiros cariocas como Castor de Andrade e Antonio Petrus Kalil, o Turcão. Ao mesmo tempo, Carlson também podia agir com ignorância. Quando um irmão de Murilo se machucou no treino, mandou-o levantar logo: “Bate o pé no chão que não foi nada”, gritou. No hospital, descobriu-se que o jovem tinha fraturado a perna. Carlson também costumava criar intrigas entre os alunos, inventando que um havia falado mal do outro, para que eles demonstrassem mais agressividade na hora do treino.

O resultado da postura de Carlson foi a formação de uma equipe altamente competitiva, que dominou os torneios de jiu-jítsu no Brasil por vários anos. Quando o vale-tudo passou a fazer parte da rotina da academia — e, com ele, a profissionalização dos lutadores —, os

problemas mais sérios começaram. O esporte começou a evoluir com muita rapidez, exigindo que o atleta treinasse outras modalidades e recebesse cuidados especiais de nutrição e preparação física, por exemplo. “Apesar de ter sido um grande professor e um grande lutador, o Carlson não conseguiu incorporar a evolução do esporte. Ele meio que parou no tempo”, diz o editor da versão em português do site do UFC, o jornalista Denis Martins. Some-se a isso uma nova realidade financeira do vale-tudo. Nos grandes eventos, os lutadores de primeira linha já recebiam bolsas em centenas de milhares de dólares. Carlson era reconhecidamente mão-aberta. Se confiasse no potencial do aluno, até o liberava do pagamento da mensalidade da academia, como fez com Carlão Barreto, mas ao mesmo tempo também sabia cobrar o que achava justo. Vitor Belfort, que já havia brigado e se reconciliado com o mestre antes do UFC Brazil, voltou a se desentender com ele em 1999, depois da derrota para Kazushi Sakuraba no Pride 5. Vitor achava que Carlson não se dedicava mais como antes e, mesmo assim, continuava cobrando 20% das bolsas a título de taxa de treinamento. “Na época do primeiro rompimento, todo mundo foi contra mim: o Zé Mário, o Murilo... Porque, de início, ninguém estava ganhando dinheiro. Depois que começaram a ganhar, eles fizeram a mesma coisa. Viram que era errado continuar pagando o Carlson se ele não estava trabalhando”, diz Vitor.

De fato, meses depois da saída de Vitor, os principais lutadores da Carlson Team, à exceção de Wallid Ismail, foram se mostrando insatisfeitos com o mestre. Informado de que eles poderiam seguir o mesmo caminho, Carlson exigiu que todos assinassem um contrato de treinamento e de representação nos eventos, o que lhe permitiria negociar as bolsas, mesmo sem falar inglês muito bem. “Só que era um contrato unilateral. Falava na porcentagem dele, mas não dizia quantas horas de treino ele tinha de dar para a gente. Era como se a gente estivesse pagando royalties para lutar”, diz Murilo. Depois de dois anos e meio apenas dedicado ao jiu-jítsu, Murilo recebeu um convite para disputar o UFC 25, no Japão, e Carlson disse que só viajaria junto se ele assinasse o contrato. O lutador foi irredutível. Viajou sozinho, venceu o japonês Yoji Anjo, e, quando voltou, Carlson divulgou uma nota oficial informando que ele

estava desligado da equipe. Como também não assinaram, saíram com ele Carlão Barreto, Allan Goes, Zé Mário, Bebeo Duarte e Ricardo Libório. Os três últimos, ao lado de Murilo, seriam os sócios-fundadores da nova equipe. Continuaram a treinar juntos na Associação Atlética Banco do Brasil, na Lagoa, Zona Sul do Rio, e a participar de grandes eventos. Zé Mário chegou a lutar em um torneio chamado C2K: Colosseum, no Japão, com uma equipe anônima. Antes do Pride 9, Carlão sugeriu o nome Brazilian Top Team, que pegou.

Foi um rompimento traumático. Tanto para o mestre quanto para os discípulos era como se estivessem cortando a própria carne. Carlson jamais os perdoou. Não perdia uma chance de chamá-los de traidores. Nessa época, ele popularizou a gíria “creonte” como sinônimo de “traidor”, numa referência a um vilão vivido por Gracindo Júnior na novela *Mandala*, da TV Globo. O mestre prometia treinar novos campeões para derrotar os antigos discípulos. “Você perguntava se o céu era azul, e ele respondia que o pessoal da BTT era safado”, conta Denis Martins. Mesmo quando a BTT já tinha se consagrado como uma das grandes equipes de MMA do mundo, ele não poupava artilharia pesada. Em 2004, no programa *Passando a Guarda*, depois de derrotas de Murilo e Zé Mário, chamou os ex-alunos de “frangos-d’água”. “O que houve, vocês desaprenderam?”, perguntou, olhando para a câmera. Em seguida, mandou um recado para Minotauro, que a essa altura já era o grande astro da equipe. “Você, Minotauro, preste atenção: estão mamando muito na sua teta. Tu vai ficar magrinho, vai perder seu leite todo. Se não fosse você a [Brazilian] Top Team já estava, olha...”, bradou, apontando o polegar para o chão. Por fim, provocado por uma pergunta de Joinha, não se esqueceu de atacar Vitor Belfort. “É um supermau-caráter, me traiu, é frouxo, é medroso.”

Longe do mestre, a BTT cresceu rapidamente e começou a atrair outros bons lutadores. Futuro participante do Pride, Paulão Filho ainda estava na Carlson Team quando começou a treinar escondido com os ex-companheiros. Os irmãos Nogueira se juntaram a eles ainda no início da equipe, em 2000, depois que Minotauro perdeu do americano Dan Henderson no evento japonês Rings e passou um tempo no Brasil se

recuperando de uma lesão. Foi treinar um dia com Murilo, gostou e pediu para entrar. No começo, não havia a participação da equipe nos lucros do atleta. Ele devia apenas pagar US\$1 mil para o treinador que o acompanhasse nos torneios. Em 2001, os quatro sócios da equipe começaram a cobrar uma taxa de 10% da bolsa pelo treinamento, alegando que o trabalho não compensava e que a praxe no MMA era entre 20% a 30%. Vitor foi o primeiro a chiar. Como não houve acordo, ele pediu para sair. Foi acompanhado por Paulão, Allan Goes, Arona e Carlão, num movimento em bloco que abalou a recém-criada academia. “Foi uma flor que murchou tão rápido quanto desabrochou”, resumiu Arona na época.

Os insatisfeitos formaram a Tough Brothers, que não se propunha a ser uma equipe propriamente dita, mas um grupo de lutadores dispostos a se ajudar, sem a presença de líderes ou donos. A primeira luta de Vitor pela Tough Brothers seria contra o americano Tito Ortiz, no início de 2002, mas meses antes ele se declarou impedido por um acidente caseiro. Caíra sobre uma janela e cortara o braço. Diante das costumeiras especulações de que estava com medo, alimentadas por alguns ex-companheiros de BTT, Vitor chegou a postar uma foto na internet exibindo o ferimento.

O projeto da Tough Brothers não durou mais de um ano. “Cada um tinha seus próprios compromissos, e não havia um técnico principal”, lembra Carlão. Os dissidentes pediram para voltar à BTT. Todos foram aceitos, menos Vitor. Havia um consenso entre os sócios de que ele era desagregador e egocêntrico. “O Vitor sempre se achou o vocalista da banda. Era como se dissesse: ‘Afina o som aí que quando estiver tudo pronto eu entro no palco e canto’”, compara Bebeo. No Brasil, Vitor era, de fato, o lutador de MMA que mais se aproximava do conceito de ídolo. Quem acompanhava os grandes eventos normalmente o criticava por ter reduzido o ritmo de treinos para se dedicar ao convívio com celebridades. Em 2002, ele fez uma participação especial na novela *O Clone*, da TV Globo. Na cena, lutava com o ator e amigo Marcello Novaes, fã de vale-tudo e praticante de jiu-jítsu. Em seguida, foi chamado pelo SBT para participar da segunda edição do reality-show *Casa dos Artistas*. Foi o sexto eliminado do jogo, mas teve tempo de conhecer a futura esposa, a

modelo Joana Prado, que ficou famosa como a dançarina Feiticeira do *Programa H*, apresentado por Luciano Huck na TV Bandeirantes. Ganhou, ainda, do dono da emissora, Silvio Santos, a promessa de que uma de suas lutas seria transmitida ao vivo. Vitor dizia que estava fazendo isso para popularizar seu esporte. “Sempre tive a visão de que marketing é tudo. Mas um marketing verdadeiro, que mostrasse quem eu sou de fato”, diz, depois de uma sessão de treinos na academia do ex-adversário e amigo Randy Couture, em Las Vegas.

Muita gente achava que isso jamais seria possível, mas foi a primeira vez que uma luta de MMA chegou ao vivo, via TV aberta, à casa dos brasileiros. Aconteceu em 22 de junho de 2002, um dia depois que a seleção brasileira de futebol derrotou a Inglaterra por 2 a 1 na Copa do Mundo do Japão e da Coreia do Sul. Sob o olhar de Joana Prado, presente ao Bellagio Hotel em Las Vegas, Vitor lutou bem no UFC 37,5, mas perdeu do americano Chuck Liddell na decisão dos juízes. Silvio Santos não teve do que reclamar. Mesmo de madrugada, a luta deu 12 pontos no Ibope, quatro a mais do que o clássico do boxe Mike Tyson × Lennox Lewis, duas semanas antes. Ao lembrar essa época, Vitor faz hoje uma associação com os seus desentendimentos com o pessoal da BTT. “O sucesso é algo que incomoda, não é? Como acontece hoje com o Justin Bieber, que todo mundo adora lá em casa. Ele é bonito, tem 18 anos, faz sucesso desde os 14 e na *social media networking* é o maior do mundo, ao lado da Lady Gaga. Mas todo mundo o considera um bobão. É óbvio que ele cria inveja”, diz.

Vitor se preparava para disputar o cinturão dos meios-pesados do UFC contra Randy Couture, no UFC 46, quando ocorreu uma tragédia familiar. No dia 9 de janeiro de 2004, sua irmã Priscila foi para o trabalho, no Centro do Rio de Janeiro, e nunca mais voltou para casa. O desaparecimento foi notícia em todos os jornais do Brasil e, claro, abalou profundamente a família Belfort. Não houve pedido de resgate, o que afastava a hipótese de sequestro. Mas a polícia não encontrava o corpo. Enquanto vivia a agonia ao lado dos parentes, Vitor recebeu um telefonema de Dana White dizendo que ele não precisava lutar porque teria a chance de disputar o título de novo quando quisesse. Faltavam

duas semanas para o combate. “Não, Dana. As pessoas compraram ingressos para me verem lutar com o Randy, e ele se esforçou para lutar comigo. Estou preparado. Depois da luta, eu vivo meu problema”, respondeu. Surpreendentemente, Vitor venceu o desgaste emocional e derrotou Couture por nocaute técnico. “Por causa da situação da irmã dele, até pra mim foi difícil lutar. Imagine pra ele”, lembra o lutador americano, que terminou com um corte na pálpebra. Como ele havia derrotado Vitor no infame UFC 15, aquele que terminou com a briga entre dona Jovita e Marinara, Dana White propôs um tira-teima menos de sete meses depois. E aí o americano deu o troco, também com um nocaute técnico.

Murilo conta que, depois dessa derrota, Vitor o procurou novamente para retornar para a BTT. Ele mirava o UFC 51, em fevereiro de 2005, na luta adiada contra Tito Ortiz. A maior parte da equipe foi contra, mas Murilo e Bebeo bancaram o retorno do ex-integrante, que havia se tornado evangélico, assim como a mulher. “A irmã do Vitor tinha desaparecido, e ele parecia mais maduro. Eu, que sempre fui contra, comecei a achar que ele tinha mudado de verdade”, conta Murilo. Nessa época, a BTT já empresariava seus atletas, o que significa que, além dos 10% da taxa de treinamento, havia a comissão de 10% pela negociação dos contratos. Mesmo assim, Vitor topou. Mas um novo rompimento se deu por conta de um suposto acordo entre a BTT e o lutador para a comercialização de camisetas com o nome dele. Bebeo conta que fez um acerto de boca, mas Vitor negou na época e nega até hoje. Com base nisso, pediu para cancelar o contrato. “O que me deixou mais indignado foi que o pessoal tinha me avisado que ele ia vacilar de novo, mas eu banquei a volta dele”, diz Bebeo. “Como é que um cara pode querer ser *manager* da minha carreira, sendo que ninguém sabe ‘managear’ a própria carreira? Como é que eu vou deixar a minha carreira, que comecei desde pequeno, na mão de pessoas que não têm competência? Eles [da BTT] queriam morder tudo. Estavam de olho grande no dinheiro”, rebate Vitor. De todo esse período, ele se arrepende de uma coisa: “Ninguém é perfeito, todo mundo erra. Com toda a visão que tinha na época, eu deveria ter criado uma equipe. Mas ainda não desisti dessa ideia.”

Outra pedra no sapato da BTT foi Wallid Ismail. Em 2003, depois de abandonar os ringues, ele montou uma equipe em sociedade com o antigo astro do pro wrestling japonês Antonio Inoki, aquele que enfrentou Muhammad Ali. Ao contrário da BTT, a Brasil Dojo nasceu com o aval de Carlson, inclusive para promover eventos de vale-tudo. Daí nasceu o Jungle Fight, evento que se tornaria um dos mais importantes do MMA nacional. Quando os irmãos Nogueira, Carlão e Paulão Filho apareceram na plateia do primeiro Jungle, em Manaus, a direção da BTT acusou Wallid de tentar aliciar seus atletas para levá-los para a Brasil Dojo, hoje extinta. Por meio da imprensa especializada, Bebeo chamou Wallid de covarde, e Wallid xingou Bebeo de frouxo. “Eles foram feitos pelo Carlson e depois deram as costas para ele. Falaram que seria uma cooperativa de atletas, mas estão cobrando deles”, atacou Wallid. As duas equipes chegaram a topar um desafio de seis lutas, incluindo um aguardado Zé Mário × Wallid, mas a ideia nunca saiu do papel. Logo, Wallid desistiria da equipe para se dedicar apenas ao Jungle Fight.

Enquanto seus discípulos se estranhavam e apesar da mágoa com a maioria deles, Carlson tentou se manter na ativa como treinador de MMA nos Estados Unidos. Perdeu a academia na Califórnia, mas foi chamado pelo filho Carlson Jr. para trabalhar com ele numa escola de jiu-jítsu em Chicago. Ali, ainda ensinou sua técnica extraordinária a futuros lutadores de prestígio do UFC, como os americanos Miguel Torres e Stephan Bonnar, até que em 1º de fevereiro de 2006 foi vítima de uma parada cardíaca provocada por complicações no fígado. O lendário Gracie não morreu pobre, mas longe da tranquilidade financeira de outros membros da família. Carlson Gracie Jr. abriu duas contas bancárias — uma no Brasil e outra nos Estados Unidos — para que amigos pudessem ajudar a pagar o funeral do pai.

A primeira grande crise interna da Chute Boxe não teve tanta repercussão porque, na época, Anderson Silva era apenas um excelente lutador — e não o fenômeno em que se transformaria mais tarde. Ele era

considerado prata da casa da academia paranaense. Foi chamado para lá por Rafael Cordeiro depois de fazer duas lutas duras de muay thai (uma vitória e uma derrota) com José “Pelé” Landy e vencer um pequeno torneio no Mato Grosso. Participou do Meca, em Curitiba, e então foi para o tradicional Shooto japonês, onde se sagrou campeão. De lá, seguiu o caminho natural até o Pride. Na edição de número 21, em junho de 2002, estreou contra Alex Stiebling. O americano, que vinha de seis vitórias consecutivas sobre brasileiros (incluindo Wallid, no Pride 19), entrou no ringue com um calção onde se lia “Brazilian Killa” (“matador de brasileiros”) na frente e “Royce Who” (“Royce quem?”) na parte de trás. Anderson acabou com a irreverência e o supercílio do adversário, que ganhou 17 pontos.

O respeito do povo japonês foi conquistado de vez depois de uma impressionante joelhada voadora no canadense Carlos Newton no Pride 25. Na edição seguinte, em agosto de 2003, Anderson foi finalizado num triângulo pelo japonês Daiju Takase. A primeira derrota no Pride — e a segunda na carreira — culminou com sua saída turbulenta da Chute Boxe e do evento japonês, com quem ainda mantinha um contrato em vigor. De acordo com Rudimar, foi uma decisão unilateral do atleta que o pegou de surpresa. “O que aconteceu foi um desentendimento financeiro. Eu era seu empresário e ele perdeu a confiança em mim”, diz. Anderson tem outra versão sobre o episódio. “Houve uma politicagem para que eu não lutasse mais no Pride”, afirma. Segundo ele, Rudimar lhe disse que não poderia mais mantê-lo no evento junto com Wanderlei, e, entre um e outro, optou pelo mais querido do público japonês. “Não foi nada disso. Mas é claro que o Wanderlei tinha um tratamento diferenciado que incomodava outros atletas”, rebate Rudimar. “Minha única mágoa com o Wanderlei é o fato de ele saber que o Rudimar me impediu de lutar no Pride, dizendo que se eu lutasse o Wanderlei sairia, e não ter feito nada por mim, mesmo sabendo que eu tinha quatro filhos para criar”, comentou Anderson, em entrevista à *Tatame*.

Foi nessa época que Anderson voltou para Curitiba e pensou em abandonar o esporte. Quis o destino que ele começasse a dar aula na CWB Sports, academia de um primo dos irmãos Nogueira no bairro Água

Verde. Numa conversa por telefone, Minotauro começou a mudar o destino de Anderson.

— E aí, não vai voltar a lutar mais, não? — perguntou Minotauro.

— Estou desanimado, cara. Já tenho quase trinta anos. Quero só juntar dinheiro para abrir um lava-jato aqui — respondeu.

— Você não quer vir pro Rio treinar o meu irmão? Vai dar para ganhar mais um dinheirinho... — sugeriu o baiano.

A intenção de Minotauro, de início, era aproveitar o vasto conhecimento de Anderson no muay thai para ajudar Minotouro na luta com Kazushi Sakuraba no Pride Shockwave 2003. Mas ele já cultivava na cabeça a ideia de reconduzir Anderson aos grandes eventos de MMA. Tanto que sua segunda proposta foi ainda mais surpreendente.

— Anderson, você não quer treinar pelo menos por um tempo na BTT?

Parecia uma proposta indecente para quem viveu anos de rivalidade entre as duas academias. Mas, como seu sentimento em relação à Chute Boxe, àquela altura, era de ressentimento, Anderson aceitou o convite de bom grado. “Fui muito bem recebido por todo mundo na BTT. Estava apadrinhado pelo Minotauro, né?”, lembra. “Eu tinha certeza mais que absoluta de que ele seria o melhor do mundo. Como já era fera no muay thai, bastava treiná-lo bem no chão”, diz Minotauro. No Rio, ele ficou hospedado na casa dos irmãos Nogueira, que não demoraram a arrumar uma luta para o amigo no evento que eles organizavam em Vitória da Conquista. Com mais uma vitória no currículo, Anderson partiu para um torneio na Coreia do Sul. O paulista criado no Paraná voltou a um grande evento de MMA no Cage Rage, da Inglaterra, onde derrotou o maior ídolo local, Lee Murray. A vitória lhe deu o passaporte para o UFC, em um negócio intermediado pelo apresentador Joinha, que dava os primeiros passos como empresário. “O Minotauro foi quem apareceu para comprar o meu barulho. Foi ele quem me trouxe de volta ao MMA”, reconhece Anderson hoje. Poucos anos depois, ele teria a chance de ficar quite com o amigo.

No primeiro dia de trabalho em Tóquio, a repórter Glória Maria percebeu que havia um desconforto discreto entre seus entrevistados. Apesar de ser tratada como uma rainha por todo mundo, sentiu que Zé Mário e Rudimar Fedrigo a conduziam para lá e para cá na capital japonesa como se ela fosse uma peça de xadrez. Os dois treinadores se esforçavam para manter um clima amistoso, mas não queriam que o outro passasse muito tempo a sós com a jornalista. “Eu também não podia ficar com Minotauro ou com Wanderlei por muito tempo. Tinha que mostrar os dois lados da moeda sempre”, conta Glória. De início, ela não sabia que estava entrando no coração de uma das maiores rivalidades da história do MMA mundial. Como era leiga no assunto, achava que todos estavam do mesmo lado. Afinal, eram brasileiros. No fim do primeiro dia de entrevistas, notou que não era bem assim, embora não tenha se sentido constrangida em nenhum momento. Por sorte, Minotauro e Wanderlei eram os lutadores mais bem-aceitos pelas equipes rivais.

A BTT e a Chute Boxe concordaram que era fundamental uma trégua na semana que antecedia o Pride Final Conflict, uma edição em formato de torneio do evento japonês, realizado em novembro de 2003. Se parecia impossível fingir que eram grandes amigos, pelo menos manteriam uma convivência cordial diante de Glória Maria. Eles sabiam da dificuldade que tinha sido convencer a TV Globo a fazer uma reportagem sobre o sucesso dos lutadores brasileiros no Japão. O vale-tudo ainda era um tabu na emissora, que não havia esquecido o sangue e o desrespeito às regras no evento do Grajaú Country Club, em 1991. Por intermédio de um amigo comum, Zé Mário sugeriu a pauta para Glória. “Eu estava muito insegura porque tinha a mesma imagem de todo mundo: é uma coisa violenta, bárbara, de primatas. Aos poucos, eles me mostraram que não era mais vale-tudo. Era um esporte com regras e dominado por brasileiros”, conta a repórter. Foi um longo período de negociação, com a participação do assessor de imprensa dos irmãos Nogueira, Fernando Flores, que enviou pilhas de jornais e revistas japonesas idolatrando os brasileiros, em especial Minotauro e Wanderlei. Coube a Glória a tarefa de convencer o diretor do *Fantástico*, Luizinho

Nascimento, de que se tratava de uma baita história ainda a ser contada. “O *Fantástico* não é fantástico? Então, a gente tem que mostrar uma coisa fantástica: brasileiros heróis do outro lado do mundo e desconhecidos em seu próprio país”, argumentou. Luizinho topou, mas a jornalista viajou sem ter certeza de que a reportagem iria ao ar.

A grande imprensa brasileira começou a se dar conta do que estava acontecendo no vale-tudo japonês durante a Copa do Mundo de 2002. Repórteres que foram cobrir o torneio entrevistaram jogadores famosos que atuavam por lá, como o atacante Edmundo, o meia Bismarck e o volante Amaral. Foram eles que comentaram sobre a idolatria que os japoneses nutriam pelos lutadores brasileiros — bem maior do que no futebol. Edmundo, aliás, era figurinha fácil na plateia do Pride, o que estreitou sua ligação com o pessoal da BTT. Glória Maria foi, aos poucos, entrando nesse mundo. Ficou encantada com a educação e a gentileza daquelas montanhas de músculos. Percebeu o afeto com que Wanderlei tratava a filha pequena e ficou comovida com a história de Minotauro, desde o atropelamento pelo caminhão até o incidente que limitou sua visão. Em conversas longe das câmeras, o baiano também se revelou uma pessoa bastante emotiva. Contou que chorava com facilidade: de alegria, de tristeza ou de raiva. Chorou quando a filha nasceu, quando Zé Mário perdeu de Murilo Ninja, quando foi derrotado por Fedor Emelianenko e quando a namorada foi embora levando o cachorro. Numa declaração que foi ao ar, Wanderlei também externou suas fragilidades. “Meu maior medo é a derrota. Meu único medo é o de perder”, disse.

Glória fez ainda uma espécie de teste de popularidade com Wanderlei e Minotauro nas ruas de Tóquio. Ficou impressionada com o assédio dos japoneses sobre os dois, que não conseguiam dar dez passos sem ouvir pedidos de fotos ou autógrafos. Ambos já tinham virado bonecos de coleção para crianças e adultos e personagens de jogos eletrônicos. A jornalista, aliás, os levou para se enfrentarem virtualmente numa loja de fliperama. Chamado de Silva pelos japoneses, Wanderlei estrelava uma campanha publicitária de celular. Em um ano, o Pride havia vendido mais de vinte mil camisetas com a foto dele. Ele tinha comprado uma casa para os pais no Brasil com a premiação de US\$150 mil que recebera no

Pride 19. Já Minotauro havia ganhado um papel numa novela japonesa, com direito a fala. Chegou a namorar uma popular apresentadora da TV Fuji, a emissora que transmitia o Pride. A moça chorava no ar quando Minotauro perdia e comemorava com ele as vitórias. “Era uma espécie de Angélica do Japão. Aquilo ali deu um gás na minha imagem por lá. Depois disso, 60% do público que via as minhas lutas era feminino”, conta.

Tudo isso era sensacional, mas só faria sentido para o trabalho de Glória Maria se Wanderlei e Minotauro vencessem suas lutas. Derrotas seriam um anticlímax fatal para a reportagem no *Fantástico*. Por isso, a jornalista estava nervosa a caminho do Tokyo Dome, na época a maior arena de esportes coberta do mundo. Quando entrou, ela levou um choque. “Era um negócio moderníssimo, aquele teto abrindo e fechando, coisa de primeiríssimo mundo.” Chovia muito, fazia frio de dez graus, e, mesmo assim, ela se surpreendeu com a quantidade de crianças e famílias que se acomodavam nas cadeiras. “Eu me perguntava: será que estou no lugar errado? Porque eu tinha aquela imagem de barbárie e encontrei um espetáculo maravilhoso: corneta, bandeiras, tudo iluminado. Parecia final de Copa do Mundo de futebol”, lembra. Antes das lutas, uma apresentação da Orquestra Sinfônica de Tóquio foi seguida por um show de luzes e cascatas d’água. Glória foi levada para a primeira fila, bem ao lado do ringue: “Eu não posso ver um peteleco ou um beliscão, que dirá sangue, não é? Mas tinha que ficar bem pertinho da ação.”

O primeiro brasileiro a lutar foi Murilo Bustamante, que tinha um duelo difícil contra o ex-campeão do UFC Dan Henderson. Mesmo tendo levado um golpe proibido, uma cabeçada, o representante da BTT perdeu. Depois foi a vez de Minotauro, que tentava recuperar o cinturão levado por Emelianenko. Como o russo se recusara duas vezes a enfrentar o croata Mirko Cro Cop, alegando divergências contratuais, o Pride pôs o título dos pesos pesados à disposição. Cro Cop era um ex-policial antiterrorista que ganhou fama de exímio nocauteador no K-1, o torneio japonês de lutas em pé. Perguntado certa vez sobre seu estilo, ele o resumiu assim: “Chute com a perna direita, hospital. Chute com a perna esquerda, cemitério.” O rosto do brasileiro percebeu isso. O croata estava com a sua canhota afiada, mas diversificava os golpes com cotoveladas.

No fim do primeiro round, acertou um chute no pescoço de Minotauro, que caiu mantendo uma mão na guarda e usou a outra para avisar ao juiz, com um leve aceno, que tinha condições de continuar. Glória Maria se surpreende até hoje com sua própria reação. “Comecei a ficar desesperada, quase chorando. Quando me vi, estava aos berros: ‘Vai, Minotauro, pelo amor de Deus, você tem que ganhar!’”, conta. Certamente ela não tinha assistido à vitória do brasileiro sobre Bob Sapp. O roteiro foi parecido. Depois de deixar o adversário se cansar, o baiano conseguiu a montada e começou a castigar o rosto do croata. Enquanto tentava desesperadamente sair de baixo, Cro Cop deixou o braço livre para Minonaturu aplicar-lhe uma chave sensacional. Ele comemorou a vitória sorrindo e chorando, e também arrancou lágrimas de Glória Maria. “O público que vai lá e que transformou o Minotauro num ídolo não sabe das limitações que ele tem. Curte o campeão sem saber que por trás talvez exista a pessoa mais frágil do mundo. Acho que ele, mais do que ninguém, me fez ver o esporte de outra maneira”, explica.

A reportagem já estava garantida, mas ainda havia o desafio de Wanderlei. Para se tornar campeão do torneio dos meios-pesados, o brasileiro precisava vencer o japonês Hidehiko Yoshida, campeão olímpico de judô, e o americano Quinton “Rampage” Jackson. Yoshida até surpreendeu por fazer uma luta parelha em pé, mas no fim não aguentou a potência dos golpes do Machado Assassino. Depois de seis meses se recuperando de uma lesão no joelho, Wanderlei via em Rampage a maior ameaça para tirar-lhe o cinturão. Os dois tinham se estranhado oito meses antes, quando o americano derrotou Murilo Ninja e, com o microfone na mão, o desafiou: “Eu quero você, garoto!” Wanderlei subiu ao ringue na hora e não deixou barato: “Este ringue é meu.” E ele provou isso contra Rampage. Depois de uma luta dura, o americano sucumbiu a uma sequência de dois socos e duas joelhadas no rosto. Apesar de os dois lutadores terem deixado o ringue sangrando, Glória Maria estava convicta de que havia assistido a um evento esportivo, e não a um espetáculo de selvageria. “Não era uma violência pela violência. Havia um conteúdo de emoção, de paixão muito forte. Antes, eu achava que eles batiam para matar, e ali eu vi que eles batiam com todo um conhecimento, toda uma

técnica. Eu falei: 'Meu Deus do Céu, que grande equívoco está se cometendo até agora.' E aí, a minha reportagem foi toda construída em cima disso..." Glória Maria a encerrou informando que os heróis brasileiros faturaram, cada um, cerca de US\$ 500 mil. "Para esses samurais modernos, lutar realmente vale a pena", dizia o seu texto.

Antes mesmo de entrar na ilha de edição, com oito horas de fitas gravadas, a jornalista sabia que tinha uma bela história nas mãos. A reportagem teve seis minutos no *Fantástico* do dia 16 de novembro de 2003. Começou com uma audiência de 32 pontos e terminou com 38, com pico de 42. A repercussão foi tão positiva que resultou numa continuação no domingo seguinte. Glória mostrou um pouco a rotina de Minotauro no Brasil, apresentou seu irmão Minotouro e gravou na mansão dele na Joatinga, Zona Sul do Rio. "A gente batalhou anos para conseguir essa matéria na TV Globo. Mas valeu a pena. A Glória Maria levou pela primeira vez ao grande público o sucesso dos brasileiros no MMA", diz Minotauro. Ciente de que seu trabalho foi importante para aumentar a popularidade do esporte no Brasil, a jornalista ficou magoada por não ter recebido convite para o UFC Rio, em agosto de 2011, quando Minotauro derrotou o americano Brendan Schaub. Mais uma vez, ela garantiria estridentes gritos de incentivo ao baiano ao lado do octógono.

Quando viajou para o Japão, Glória Maria não havia sido informada de que o evento que ela cobriria fora divulgado junto à imprensa num dia trágico para a história do Pride. Em 9 de janeiro de 2003, algumas horas depois de anunciar as fases eliminatória e final do Pride Final Conflict, o presidente da DSE, Naoto Morishita, subiu até o seu quarto no hotel Tokyo Hilton, onde uma bela jovem o aguardava em cima da cama. Pouco antes da meia-noite, ela ligou apavorada para a recepção. Seu acompanhante estava trancado no banheiro, sem atender a seus gritos. Dois funcionários foram chamados para arrombar a porta. Encontraram Morishita enforcado no chuveiro. O suicídio parecia um gesto improvável

para um bem-sucedido empresário de 42 anos, à frente de um dos negócios esportivos mais populares e rentáveis do Japão. Por isso, na época, boa parte da imprensa japonesa comprou a história de que o ato tinha motivação passional. A garota seria, na verdade, amante de Morishita e teria escolhido aquela noite para romper o relacionamento. Por absoluta falta de provas, nenhum jornal publicou o que já se comentava à boca pequena nos bastidores do Pride. O suicídio de Morishita teria relação com seus verdadeiros patrões: a máfia japonesa.

Yakuza é o nome genérico dado ao crime organizado do Japão, que na verdade se divide em várias facções ou “famílias”. Elas praticam delitos como extorsão, tráfico de drogas, lavagem de dinheiro, exploração da prostituição, mas também estão por trás de muitos negócios formais, inclusive nas áreas de esporte e entretenimento. Desde que o Pride nasceu, em 1997, havia rumores de uma relação entre o evento e as famílias X Gumi e P Gumi. O dinheiro delas teria possibilitado a contratação de grandes lutadores, especialmente os que vieram do combalido UFC, e garantido para o Pride a fama de melhor torneio de MMA do mundo. “Na época, falava-se que o Morishita estava tentando se desvencilhar da Yakuza. Queria pagar tudo o que tinha recebido deles e seguir adiante sozinho”, conta o ex-lutador e promotor de lutas Sérgio Batarelli, que trabalhava então para o K-1, parceiro do Pride em diversos eventos. Depois de algumas ameaças, os criminosos supostamente mandaram Morishita cometer suicídio, caso não quisesse ver sua família dizimada.

Essa versão teria permanecido nos bastidores do MMA do Japão se, no ano seguinte, os criminosos não tivessem ameaçado um influente promotor de lutas japonês. Seiya Kawamata acertara com Fedor Emelianenko uma participação no Inoki Bom-Ba-Ye, evento rival do Pride promovido por Antonio Inoki todo último dia do ano. Depois de tirar de Minotauro o cinturão, em abril daquele ano, o russo se tornara o novo astro em ascensão entre os pesos pesados. Assim como acontecera com o brasileiro, sua história de vida impressionou os japoneses. Criado numa família pobre em Sary Oskol, extremo oeste da então União Soviética, tinha como destino mais provável as minas de ferro, como a maioria dos homens fortes da cidade. Mas foi absorvido pelo já decadente sistema

soviético de formação de atletas olímpicos. Queria ser campeão de judô; por falta de estímulo acabou no Exército antes de disputar uma Olimpíada. Lá, continuou treinando judô e sambô, até que ouviu falar de conterrâneos que estavam ganhando muito dinheiro no vale-tudo japonês. Seu primeiro evento foi o Rings, o mesmo que marcou a estreia de Minotauro do outro lado do mundo, mas foi no Pride que ele se tornou um mito no Japão e na Rússia (embora tenha nascido numa cidade que hoje pertence à Ucrânia, ele se considera russo). Foram quase dez anos de invencibilidade. “Em um evento em São Petersburgo, eu vi o Fedor dando um tapa de brincadeira na cabeça do presidente Vladimir Putin, tamanha era sua intimidade com ele”, conta Bebeo.

Por tudo isso, Fedor já era garantia de ótimo retorno financeiro para qualquer evento de MMA. Vê-lo num evento rival foi demais para os executivos do Pride. Apesar de correrem sempre esse risco por não exigirem contrato de exclusividade, eles consideraram o negócio um abuso de Kawamata. O promotor recebeu um convite para uma reunião no Akasaka Tokyo Hotel. Na verdade, tratava-se de uma arapuca para pressioná-lo. Se ele não desistisse de levar o russo para o Inoki Bom-Ba-Ye, seria morto. Experiente, Kawamata tinha se precavido, contratando um fotógrafo para acompanhar o encontro às escondidas. A luta aconteceu, e quatro dias depois o empresário fugiu do Japão. Viveu quase dois anos escondido na Austrália, mas foi descoberto pelos mafiosos no início de 2006. Cansado de fugir e com medo de morrer, decidiu revelar seu drama ao tabloide japonês *Shukan Gendai*, em abril daquele ano. Em entrevista bombástica, acusava o presidente do Pride, Nobuyuki Sakakibara, de estar ao lado dos mafiosos da X Gumi quando o ameaçaram de morte pela primeira vez, no Akasaka Hotel. Como prova, apresentou uma foto de Sakakibara ao lado de um membro da família. “A gente ouvia falar da presença de mafiosos nos eventos, ouvia dizer que eles gostavam das lutas, mas nunca imaginei que pudesse chegar a este ponto. Ainda mais envolvendo o Sakakibara, uma pessoa humilde, elegante e o maior promotor de MMA que eu já conheci”, diz Rudimar.

Pela primeira vez, os rumores da ligação do Pride com a Yakuza ganharam status de denúncia. Agora havia um delator que ousava se

expor. E o mais grave: nas palavras dele, o presidente do Pride era apenas um testa de ferro da máfia. Sakakibara era um dos rostos mais conhecidos do MMA japonês. Desde o início na organização do torneio, ele se gabava por ter tido a ideia de juntar Rickson Gracie e Takada na primeira edição do evento. Tornou-se um *matchmaker*, o profissional que casa os lutadores, e, com o suicídio de Morishita, ele assumiu o comando. A cabeça do Pride fora atingida. Para fazer o mesmo com as pernas e derrubá-lo de vez, só faltava acertar a TV Fuji, peça fundamental na sua popularização. Ao contrário do UFC, o evento japonês era exibido na TV aberta pela maior emissora do país. O contrato de exclusividade com a DSE garantia não só o direito de transmissão como também a compra de todos os ingressos. Cabia à emissora sua venda ou distribuição. Depois da entrevista de Kawamata, uma pergunta ficou: será que uma emissora com a credibilidade da Fuji deveria continuar apoiando um evento cujo verdadeiro dono era a Yakuza? A pressão de políticos e da imprensa tornou-se insuportável. Nos bastidores, a polícia japonesa chegou a ameaçar os diretores com uma devassa nas finanças caso eles insistissem em transmitir o Pride. Até que em junho de 2006 a TV Fuji anunciou formalmente que estava fora do negócio.

A saída da emissora expôs o empreendimento frágil e inconsistente que havia por trás do fenômeno de popularidade. Sem a exposição em horário nobre, desencadeou-se uma reação em cadeia fatal para o Pride. Todos os principais patrocinadores romperam seus contratos. Os hotéis onde os lutadores e as equipes se hospedavam começaram a se recusar a recebê-los. Fornecedores só aceitavam negociar com a DSE se o pagamento fosse adiantado. Ao contrário do que exigia uma organização sólida, o Pride não tinha reserva de capital — era apenas parte da engrenagem das famílias P Gumi e X Gumi, inclusive para lavagem de dinheiro. Entre 2004 e 2005, por exemplo, a DSE faturou US\$60 milhões que, simplesmente, sumiram da contabilidade oficial. Enquanto as investigações continuavam, Sakakibara tentou uma sobrevida, levando o Pride para fora do país pela primeira vez. O local escolhido foi os Estados Unidos, onde o evento ainda gozava de boa reputação. A transmissão para o Japão seria via SKY PerfecTV, no sistema pay-per-view, como acontecia

com o UFC.

A Zuffa, apesar da prévia rivalidade, trabalhou como parceira na organização do Pride 32 e 33 em seu próprio quintal, Las Vegas. Enquanto ajudavam na escolha da melhor locação e aplicavam seu know-how em eventos em pay-per-view, Dana White e os irmãos Fertitta aproveitaram para conhecer melhor os meandros da fechada organização japonesa. O Pride teria que se submeter às regras da Comissão Atlética de Nevada, que proibia, por exemplo, tiros de meta. Wanderlei Silva foi proibido de lutar por ter sido nocauteado menos de um mês antes, o que contrariava as normas de segurança das Regras Unificadas das Artes Marciais Mistas. Os atletas também seriam submetidos a um exame antidoping diferente. No Japão, ele se concentrava em drogas estimulantes como cocaína, efedrina e anfetamina. Nos Estados Unidos, também era coibido o uso de anabolizantes e substâncias que aumentavam a massa muscular. “Se você olhar o tamanho de todos os lutadores, não importa a nacionalidade, verá que eles são muito menores hoje do que na época do Pride”, diz Batarelli.

Para os brasileiros, o Pride 32, realizado no Thomas and Mack Center de Las Vegas, em 21 de outubro de 2006, ficou marcado menos pela vitória de Mauricio Shogun sobre Kevin Randleman do que pelo resultado positivo do exame antidoping de Vitor Belfort, derrotado por Dan Henderson. Detectou-se a presença do esteroide anabolizante 4-hidroxitestosterona na urina do brasileiro, que alegou ter se contaminado involuntariamente durante um tratamento endocrinológico. Mesmo assim, ele recebeu nove meses de suspensão e uma multa de US\$10 mil. No Pride 33, em 24 de fevereiro de 2007, outra má notícia para os brasileiros: Wanderlei perdeu o cinturão dos médios para Henderson.

As duas edições do Pride em Las Vegas foram um sucesso de bilheteria — arrecadaram mais de US\$2 milhões cada uma —, mas um fracasso na televisão. Menos de cinquenta mil famílias pagaram para assistir às lutas, número inferior à primeira edição do UFC. O resultado decepcionante foi atribuído, na época, à cultura dos japoneses, pouco habituados a eventos em pay-per-view e descontentes por ver um antigo orgulho nacional se mudar para outro país. De fato, o Pride parecia um peixe fora d'água em

Las Vegas. Longe do Japão, os organizadores teriam de mudar o conceito do evento porque ninguém, além dos japoneses, aceitaria a desproporção entre os atletas em certas lutas. Uma das filosofias do Pride era preservar o ídolo até onde fosse possível, uma herança do pro wrestling. “Não era uma marmelada básica, daquelas que se paga para o sujeito perder. Mas havia lutas desproporcionais demais, que lá no Japão até funcionam, mas que no resto do mundo viravam piada”, diz Batarelli. Faziam sucesso, por exemplo, combates que colocavam frente a frente lutadores com diferença de até sessenta quilos, numa espécie de reedição dos primeiros confrontos entre “Davi e Golias” promovidos pelos Gracie no Brasil. “Às vezes, eles colocavam um cara grande contra um cara pequeno, mas eles saíam na mão de verdade. Luta armada, pelo menos pra mim, nunca teve”, diz Wanderlei. Não se pode negar, no entanto, que havia muitos combates fáceis para os grandes astros (inclusive para Wanderlei), que assim se mantinham por mais tempo girando a roda da fortuna do Pride. Mesmo depois da criação das categorias de peso, havia discrepâncias entre os lutadores. “Às vezes, o árbitro dizia para o lutador que ele não tinha chance de vencer por decisão. Teria que nocautear. Isso ajudava a deixar a luta mais emocionante, porque o cara partia para cima com tudo”, conta o jornalista Steve Marcus, setorista de MMA do jornal americano *USA Today*.

Para dar um exemplo de como alguns resultados eram trabalhados, Batarelli lembra a primeira luta entre Wanderlei e Mirko Cro Cop no Pride 20, vendida como um duelo entre os campeões do Pride e do K-1. Então vice-presidente do K-1, ele conta que a sua organização sabia do favoritismo do brasileiro e temia que um nocaute humilhante sobre o croata prejudicasse a imagem do evento. Com o conhecimento do Pride, foram tomadas, então, algumas precauções para que Cro Cop conseguisse, pelo menos, arrastar o confronto até um empate. A pesagem dele, por exemplo, aconteceu longe da imprensa, numa suíte do Tokyo Hilton. Estavam presentes diretores do Pride, do K-1 e representantes das equipes dos dois lutadores. Cro Cop tinha que pesar, no máximo, noventa quilos. “Deu noventa quilos cravado, mas, se eu fosse o técnico do Wanderlei, daria uma checada na balança. Ela estava travada. Podia

botar para pesar um cara de duzentos quilos que daria sempre noventa”, conta Batarelli. Assim como a pesagem, a luta foi estranha. “Quem olhar o VT vai ver que foi uma comédia. O árbitro parava o combate toda hora. Se deixasse correr, o Wanderlei mataria o Mirko”, diz Batarelli. Apesar do domínio absoluto do brasileiro, a luta terminou mesmo empatada.

Batarelli conta que, por causa de episódios como esse, ele pediu demissão do K-1, onde trabalhou por seis anos. A crise ética e financeira do MMA japonês também afetava outros brasileiros. Cientes do buraco sem fundo em que o Pride estava se metendo, a BTT e a Chute Boxe perceberam que o escândalo com a Yakuza logo respingaria neles.



“Hoje estou me sentindo o Rocky Balboa!”, comentou Gleison Tibau a caminho do vestiário, arrancando gargalhadas eufóricas de quem estava por perto. Cinco minutos antes, ele aplicava uma surra no adversário em cima do octógono montado no imponente MGM Grand Garden Arena, em Las Vegas. Para um lutador com formação em jiu-jítsu e luta livre, Tibau apresentara um boxe afiadíssimo. Com uma sequência de socos rápidos e precisos, derrubou o compatriota Rafaelo Oliveira e o castigou no chão sem piedade, levantando pela primeira vez na noite o público do UFC 130, realizado em 28 de maio de 2011. A vitória veio com um mata-leão por trás, mas todo mundo se impressionou mesmo com os socos. “Que mão pesada, *veio!*”, gritava seu treinador, com expressão de espanto, antes de o grupo sumir por uma área vetada aos jornalistas.

Aos 28 anos, o potiguar Janicleison Herculano Alves não é um grande astro do Ultimate Fighting Championship — e provavelmente nunca será. Contratado em 2006, com mais de trinta lutas no cartel, já pode ser considerado um veterano e nunca ganhou a chance de disputar o cinturão da categoria leve. Sua trajetória até o UFC 130, no entanto, compõe um bom retrato das transformações passadas pelos lutadores e pelo mercado do MMA, graças ao reinado do UFC. Tibau pertence à geração que começou a praticar artes marciais depois da criação do torneio. Adolescente vidrado nos filmes de Jean-Claude van Damme, ele procurou uma academia de luta na cidade onde morava, Tibau, no interior do Rio Grande do Norte, quase na divisa com o Ceará. Só encontrou uma em Mossoró, a quarenta quilômetros dali. Em 1996, aos 13 anos, começou a lutar jiu-jítsu por absoluta falta de opção, pois a modalidade nada tinha a ver com os chutes inverossímeis de Van Damme. Fazia o percurso de ida e volta três vezes por semana, de ônibus, e trabalhava como garçom em bares de Tibau. Quase ninguém na cidade tinha ouvido falar em jiu-jítsu. Ele mesmo não tinha ideia de quem eram os Gracie. “Todo mundo achava que era maluquice minha”, conta. Mesmo em casa, encontrou resistências. “Se é para pagar para apanhar, eu

mesmo lhe dou uma surra todos os dias”, disse-lhe o pai, certa vez.

Por sorte, os professores Buda e Assuério Silva (este, futuro lutador da Chute Boxe) promoviam lutas de vale-tudo no Nordeste. Tibau participou da primeira delas em Mossoró, em um galpão abandonado. Tinha 15 anos e venceu um adversário de 25. Não se lembra do valor da bolsa, mas ficou tão feliz que não quis mais saber de ganhar dinheiro com outra coisa. Deixou a família e foi viver em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Era a sua base para começar a rodar a região em eventos de vale-tudo. Depois, foi morar no Rio de Janeiro, onde se aperfeiçoou na Academia Nova União, do ex-lutador Dedé Pederneiras. Chegou a lutar no Japão em 2003, mas o evento que mudou sua vida foi o Meca 12, em Teresópolis, região serrana do Rio, disputado dois anos depois, onde estava presente o americano Alex Davis, sócio da American Top Team. Sem completar o ensino fundamental, foi morar em Miami, sede da academia. Um mês depois, estava no *card* do UFC 65, em novembro de 2006.

Hoje em dia, quando passa férias no Rio Grande do Norte, Tibau é tratado como jogador de futebol. De Miami, relaciona-se com os fãs potiguares via Twitter e Facebook. Na cidade natal, a prefeitura põe telão na praça principal quando ele vai lutar. Para quem ainda não entende muito bem a importância do UFC, costuma dizer que está disputando a Copa do Mundo das artes marciais — embora muita gente ainda diga que é a Copa do Mundo da pancadaria. Ele e a família gostam mesmo é dos bônus-surpresa que o UFC paga quando Dana White acha que o lutador merece. “Às vezes estou em casa e, do nada, aparece um cheque bem gordo na caixa de correio”, conta. No dia em que se sentiu Rocky Balboa, ele ganhou um cheque de US\$70 mil pela melhor finalização da noite. Na semana anterior ao UFC 130, tinha recebido outro presentinho por ter sido convidado para lutar com menos de três semanas de antecedência. “O Dana sempre foi um patrão bem generoso”, diz.

Tibau talvez tenha essa impressão porque se juntou à família UFC na época das vacas gordas. Anos antes, o generoso patrão perdia os últimos fios de cabelo porque as contas não fechavam no fim do mês. Estava prestes a se desfazer do Ultimate Fighting Championship, nem tanto por vontade própria, mas por insatisfação dos sócios majoritários. Quando

adquiriram o UFC, os irmãos Fertitta não imaginavam que encontrariam tantas dificuldades para tirá-lo do vermelho. Traçaram um plano de recuperação bem razoável. A prioridade da nova companhia, a rigor, era a mesma da antiga: conseguir a regulamentação em estados importantes, como Nevada e Nova York. A diferença foi que eles adotaram um discurso bem mais conciliador que os antigos donos. “Queremos ser um esporte seguro!” era a frase favorita de Dana White nos primeiros meses da Zuffa, nome da nova companhia que organizava o UFC. Nada de supervalorizar a brutalidade do esporte, o sangue, o passado de poucas regras. Ele até elogiava publicamente o senador John McCain, por sua preocupação com a segurança dos atletas. E ainda havia uma vantagem: em 2001, McCain estava dedicado a fazer oposição a seu companheiro de partido George W. Bush nas primárias do Partido Republicano para as eleições presidenciais americanas. Assim como Bob Meyrowitz, eles entendiam que a regulamentação do esporte era fundamental porque reabriria as portas das principais distribuidoras de televisão. Surpreendentemente, eles conseguiram fazer em menos de um ano o que o SEG não conseguiu em cinco.

A Zuffa assumiu o UFC oficialmente duas semanas antes da edição 30, em fevereiro de 2001. Já com a sanção garantida em Nova Jersey, o próximo alvo foi Nevada, cuja comissão atlética era presidida por um grande amigo de Lorenzo Fertitta. Marc Ratner era o dirigente que havia participado do *Larry King Live*, da CNN, ao lado de McCain, condenando o vale-tudo. Mais flexível, dessa vez Ratner propôs mudanças nas regras que não descaracterizariam tanto o esporte. Foi proibido o uso de calçados e quimonos. O atleta também não poderia lutar mais de uma vez por noite. Houve ainda uma redivisão das categorias, com mudanças na nomenclatura e nas pesagens mínima e máxima. A Zuffa aceitou, e o UFC foi, enfim, liberado em Nevada. Em 2006, Ratner assumiria o cargo de vice-presidente da Zuffa para assuntos regulatórios e, desde então, viaja pelos Estados Unidos defendendo a bandeira do MMA.

Essas mudanças nas regras não foram suficientes para fazer com que o primeiro UFC sob nova administração fosse muito diferente dos anteriores. A Zuffa queria estreitar com um *card* de gala. Seria um cartão de

boas-vindas que indicaria uma nova era para o Ultimate Fighting. “Nossas lutas preliminares devem ser do nível daquelas do evento principal de outros torneios”, gostava de repetir Dana. Não seria uma tarefa fácil. Muitos lutadores já tinham optado pelo MMA japonês, que era mais organizado e pagava melhor. Dana tentou fazer um intercâmbio com o Pride, mas os japoneses não viam muitas vantagens. Com muito esforço, a Zuffa conseguiu trazer de volta velhos ídolos, como Ken Shamrock, Carlos Newton, Chuck Liddell e Randy Couture. Os dois últimos foram, ao lado de Tito Ortiz, os grandes nomes dessa primeira fase da Zuffa à frente do UFC. Entre os brasileiros, Vitor Belfort, Murilo Bustamante e Pedro Rizzo foram os de maior destaque.

O UFC 31, em 4 de maio de 2001, o primeiro que a Zuffa organizou de fato, foi realizado no hotel Trump Taj Mahal, em Atlantic City, um lugar já usado por Meyrowitz. Uma das maiores atrações foi o confronto entre Liddell, ex-agenciado de Dana, e o ex-campeão Kevin Randleman. Mas a luta que entrou para a história foi a de Pedro Rizzo contra Randy Couture na disputa pelo cinturão dos pesos pesados. Foram cinco rounds em que os dois se alternaram no domínio do combate, demonstrando técnica e agressividade. Ninguém tinha ideia de qual seria o resultado da decisão dos juízes. Com todos os chutes que levou na perna, Couture ficou três semanas sem andar direito. Mesmo assim, venceu. Apesar das ótimas lutas, foram distribuídos ingressos gratuitos para evitar a imagem das arquibancadas vazias.

A Zuffa gastou cerca de US\$2,4 milhões para promover o UFC 32, em Nova Jersey. Foi um evento para mais de 12 mil pessoas no estádio Continental Arena, com jeito de show de rock, como se fazia no Pride. Pela primeira vez, instalaram-se seis telões para que o público pudesse acompanhar melhor os movimentos dos lutadores, especialmente quando eles estavam no chão. No UFC 32, Dana White apostou suas fichas em Tito Ortiz, que também tinha sido empresariado por ele. A Zuffa queria formar uma nova geração de ídolos, com vocação para virar personagens, e Tito tinha potencial. Nascido na Califórnia, cresceu integrando gangues de rua enquanto seus pais se afundavam nas drogas. O wrestling o tirou da marginalidade e o levou ao UFC. A rivalidade mais

interessante dessa época foi entre ele e o pessoal da Lion's Den, academia de Ken Shamrock.

Depois de três anos, o UFC comemorou finalmente sua volta ao pay-per-view na edição 33. Não por coincidência, foi sua estreia em Las Vegas, no estado de Nevada, onde fica a sede da Zuffa e ocorrem os principais eventos de luta nos Estados Unidos. A provedora de pay-per-view In Demand, com 28 milhões de assinantes, foi a primeira a abraçar o torneio. A atriz e cantora Carmen Electra fez as vezes de apresentadora, o que ajudou a atrair a imprensa de celebridades. Havia mais câmeras que nas transmissões anteriores, permitindo que os telespectadores assistissem à luta de ângulos bem mais interessantes, quase como se estivessem dentro do octógono. “Desde o início, a Zuffa se preocupou em fazer um show para a televisão, sem se esquecer de agradar a quem estava na arena”, diz um dos mais populares jornalistas que acompanham o mundo do MMA, o canadense Ariel Helwani. O astro do octógono foi Tito Ortiz. Ele faria uma das três disputas de cinturão — na dos meios-pesados, Murilo Bustamante perdeu para Chuck Liddell. Foram vendidas 75 mil unidades de pay-per-view. Por azar, todos os combates foram arrastados e monótonos. Nenhuma das cinco lutas principais foi decidida por finalização ou nocaute. Por falta de organização, o evento se estendeu demais, e o sinal foi cortado, como já tinha acontecido na luta entre Royce Gracie e Dan Severn no UFC 4. Dana White lamentaria muitas vezes essa oportunidade perdida de cativar um novo público para o Ultimate Fighting.

O UFC 34 foi bem mais interessante para o público. As cinco lutas terminaram por nocaute ou finalização, incluindo a derrota de Pedro Rizzo para Randy Couture na revanche do UFC 31. O evento, no entanto, vendeu pay-per-view para apenas 65 mil assinantes. “O início foi difícil porque eles adquiriram uma empresa que não tinha boa reputação. Era como comprar um carro usado de péssima aparência”, opina o especialista em MMA Neil Davidson, editor da agência de notícias Canadian Press. Mas então por que compraram o torneio em vez de iniciar um novo? Dana respondeu algumas vezes a essa pergunta: porque, bem ou mal, a maioria das pessoas já havia ouvido falar do UFC, e isso

tinha valor.

O UFC 40 foi um dos pontos mais altos do início da administração da Zuffa. Dana conseguiu convencer o velho Ken Shamrock a voltar ao octógono depois de oito anos no Japão. Seu adversário, claro, seria Tito Ortiz. “Se você não veio preparado, eu vou te bater até virar um morto-vivo”, ameaçou Ken na entrevista coletiva antes da luta. O antigo rival de Royce não havia engolido as provocações de Tito contra dois pupilos seus depois de derrotá-los: Jerry Bohlander e Guy Mezger. A reação de Tito encheu ainda mais Ken de raiva: uma longa e alta risada. Mais de 13 mil pessoas viram a luta in loco e 150 mil lares pagaram quase US\$30 para assisti-la ao vivo pela televisão. Tito venceu por nocaute técnico, em uma das disputas mais faladas da história do torneio. Para a Zuffa, significou uma demonstração de que o UFC poderia voltar a ser rentável. Mas depois desse combate o pay-per-view voltou a ficar abaixo das setenta mil vendas. A edição 42 teve menos de quarenta mil pagantes, e até o aguardado confronto entre Couture e Liddell, no UFC 43, ficou abaixo de cinquenta mil. Uma boa audiência era seguida de três ou quatro ruins. Nas entrevistas, Dana dizia que esperava essa dificuldade no início, mas os Fertitta já começavam a se perguntar se não seria melhor procurar interessados em comprar o evento.

Até 2005, a Zuffa havia desembolsado US\$44 milhões para levantar o UFC. Em entrevista à revista de negócios *Entrepreneur*, em junho de 2007, Dana contou que chegou a ligar para alguns empresários oferecendo o torneio. “Achei uma pessoa que pagaria entre US\$6 milhões e US\$7 milhões”, disse Dana a Lorenzo, que ficou de pensar na proposta. Mas, no dia seguinte, eles resolveram dar mais uma chance ao negócio. É possível dizer que a insistência de Dana foi tão importante quanto o dinheiro dos Fertitta. Ele mantinha uma convicção cega de que o UFC ainda daria certo, talvez porque, ao contrário dos sócios, ele não possuía uma milionária rede de cassinos para tocar, caso o projeto naufragasse. Dana acreditava piamente que o MMA ainda se tornaria o boxe da nova geração. “A Zuffa teve a visão e a presença de espírito para ver esse esporte crescendo e para dirigir a máquina que eles construíram”, diz Randy Couture sobre o UFC.

Para o MMA do Brasil, a boa notícia nessa época difícil para o torneio foi a conquista do cinturão dos médios por Murilo Bustamante na edição 35, em janeiro de 2002, com um nocaute sobre o americano Dave Menne. Era o quarto brasileiro a realizar tal feito, depois de Royce, Marco Ruas e Vitor Belfort. Murilo defendeu o título ainda uma vez — vitória sobre Matt Lindland —, mas depois não resistiu ao convite tentador do Pride, deixando o cinturão vago. Ainda estava difícil acreditar que valia a pena apostar no UFC.

Ao mesmo tempo que produzia ídolos em série, o UFC também formou uma galeria de anti-heróis ao longo de sua história, lutadores que independentemente da qualidade técnica suscitaram raiva ou desprezo por causa da personalidade controversa ou apagada. O americano Chael Sonnen, por exemplo, é o rei do que os americanos chamam de *trash talking*. Talvez para construir uma persona, ele gosta de provocar os lutadores — em especial, brasileiros — com brincadeiras chulas que não poupam nem seus países: “Não sabia que no Brasil havia computadores”, disse, pouco antes do UFC Rio, em agosto de 2011. Pouco depois, ironizou a reverência oriental, com a inclinação do corpo para frente, que Anderson faz antes das lutas: “Se você abaixar a cabeça no Brasil, alguém vai te roubar a carteira.” Outro falastrão conhecido, possivelmente mais maquiavélico do que Sonnen, é o americano Josh Barnett, que conseguiu irritar Minotauro, certa vez. “Ninguém gosta dele. É o típico cara mau do filme, que machuca os sparrings e fica provocando no meio da luta”, disse o brasileiro à revista *Trip*, em agosto de 2011. Mas, dentre todos, o americano Tim Sylvia talvez tenha sido o mais famoso, em especial por ter sido aquele que mais longe chegou no esporte. Policial no estado de Illinois, foi duas vezes campeão da categoria historicamente mais nobre do UFC, a dos pesos pesados, mas nem assim conseguiu ser admirado. Na primeira vez que conquistou o cinturão, em 2003, após 16 vitórias seguidas, teve de devolvê-lo nove meses depois por ter testado positivo

para o anabolizante estanozolol. Além do pouco carisma, é conhecido pela dificuldade de completar um raciocínio. Para quem acompanha o UFC, é famosa a história de que Sylvia foi celebrar um grande contrato de patrocínio com seu agente e representantes dos patrocinadores, mas estes acabaram desistindo do acerto no final da noite, graças à quantidade de bobagens que saíram da boca do lutador em um par de horas. Grandalhão, desengonçado e vítima de bullying na infância, ele costumava dizer que o MMA lhe deu a chance única de ser reconhecido por alguma coisa.

Por ironia do destino, um dos lutadores menos populares do MMA foi o protagonista involuntário de uma cena que começou a mudar a história do UFC. Na edição 48, Sylvia estava novamente na disputa do cinturão dos pesos pesados. Diante de Frank Mir, ele queria voltar a sentir o gostinho dos aplausos e dos tapinhas nas costas, mas seus planos duraram cinquenta segundos. Foi o tempo de que seu adversário precisou para encaixar uma chave de braço tão perfeita que fez o juiz paralisar a luta e dar a vitória a Mir. Como Sylvia não tinha batido em desistência, o público começou a vaia a decisão, até que no replay, exibido nos telões, todo mundo entendeu o que havia acontecido: Mir quebrara em quatro partes o antebraço de Sylvia. Diante da violência do golpe, a reação do público ficou entre o espanto e a excitação, mesmo porque o derrotado continuou de pé, como se nada tivesse acontecido. Entre essas pessoas incrédulas estava Brian Diamond, um executivo da Spike TV, um canal americano por assinatura voltado para o público masculino e integrante do grupo Viacom, o mesmo que detém a MTV, a Paramount Pictures e o canal infantil Nickelodeon. Eles já tinham o direito de transmissão da WWE, a popular liga americana de wrestling profissional, mas Diamond buscava um evento esportivo de alto nível, sem marmeladas. Dana White o colocara na área VIP do Mandalay Bay Events Center de Las Vegas, repleta de celebridades, como o jogador de basquete Shaquille O'Neal, a modelo Cindy Crawford e a atriz Juliette Lewis. Até os anônimos na plateia causaram boa impressão em Diamond, pela aparente boa condição social da maioria. Mas nada lhe causou mais frisson que a reação do público ao ver o braço de Sylvia se quebrando. Quando voltou para

Nova York, Diamond convenceu outros executivos da Viacom — entre eles o criador do personagem infantil Bob Esponja, Stephen Hillenburg — a assistir com ele o UFC 50, em Atlantic City. O grupo saiu de lá disposto a apostar no torneio.

Nas primeiras reuniões com a Zuffa, os executivos da Spike TV chegaram à conclusão de que a simples transmissão do evento seria insuficiente para criar a “intimidade” necessária entre os telespectadores e os lutadores. Dana queria, a princípio, um show como o *Tuesday Night Fights* que ele via na infância, com reprises de lutas de boxe clássicas. Não foi aprovado. Os reality-shows já eram um formato consolidado na televisão americana, e isso também poderia funcionar com o MMA. A primeira ideia foi a de um programa centrado no trabalho do próprio Dana, em que o público de casa o ajudaria a tomar decisões sobre a administração do UFC. Não foi difícil perceber que seria mais emocionante se os telespectadores pudessem decidir sobre as lutas — ou, pelo menos, sobre a escolha dos lutadores. A Spike TV e a Zuffa contrataram, então, o coprodutor executivo de um dos reality-shows mais bem-sucedidos dos Estados Unidos, o *Survivor* — que no Brasil ganhou uma versão adaptada pela TV Globo chamada *No Limite*. Assim como acontece em *Survivor* e no *Big Brother*, o conceito do novo programa era levar os participantes para um lugar isolado (no caso, uma casa em Las Vegas), onde disputariam gincanas, passariam por provações e eliminariam uns aos outros. Sem contato com o mundo externo, 16 lutadores das categorias médios e meios-pesados, divididos em duas equipes rivais treinadas por astros do UFC, passariam 13 semanas em convivência privada de mordomias. O “paredão”, claro, seria decidido dentro do octógono, e o prêmio para o vencedor da final seria um contrato de seis lutas no UFC. O campeão seria *The Ultimate Fighter* (algo como “o lutador definitivo”), como foi batizado o programa.

Definido o modelo, o passo seguinte era encontrar os participantes certos. Além de talentosos em cima do octógono, deveriam ter personalidades interessantes. Seriam admitidos amadores de qualquer modalidade e ex-lutadores profissionais que, por um motivo ou outro, tivessem abandonado o esporte. Foram longas entrevistas de seleção,

conduzidas pessoalmente por Dana White. Desde o início, ele acreditava que a convivência entre os participantes — alguns agressivos por natureza — atrairia tanto a atenção do público quanto as lutas. Ou até mais. Para popularizar o esporte, todos concordavam que era preciso humanizar seus praticantes, mostrar ao público que eles nada mais eram do que homens comuns que querem ganhar a vida lutando. Eram, na verdade, atletas com famílias, sonhos e inseguranças, como qualquer um. Tudo isso temperado por uma sobrecarga de testosterona acumulada pelo confinamento. Como treinadores, Dana escolheu os dois atletas mais populares do UFC na época: Randy Couture e Chuck Liddell. A Zuffa investiu pouco mais de US\$10 milhões na produção do programa. Não havia mais espaço para erros. “Se o *TUF* [como o programa ficou conhecido] não desse certo, os Fertitta venderiam o UFC”, diz o jornalista Neil Davidson, editor da agência de notícias Canadian Press e especialista em MMA.

A edição inicial de *The Ultimate Fighter* foi ao ar em janeiro de 2005, sete meses depois do UFC 48. O primeiro episódio atraiu 1,7 milhão de telespectadores, uma ótima audiência, ainda mais levando em conta que o programa era exibido depois das 23h. Sem telefone, televisão ou internet, os lutadores só saíam de casa para treinar numa academia de Las Vegas. Eles eram abastecidos diariamente com cerveja, um combustível muito útil para deixar as relações na casa mais sinceras e explosivas. A edição e a narração ajudavam a moldar os personagens, vilões e mocinhos. Ainda nos primeiros dias, como de hábito em reality-shows, surgiram panelinhas, antipatias, complôs e perseguições. Dana White fazia o papel de mediador, mas queria mesmo ver o circo pegar fogo, com seus comentários ácidos e atitudes pouco conciliadoras. A infraestrutura da casa também ajudava a criar problemas. Planejada para apenas quatro pessoas, ela não tinha condições ideais de higiene. Havia vazamento de esgoto, por exemplo. Um dos participantes, Stephan Bonnar, pegou um tipo de impetigo; Sam Hoger contraiu um vírus desconhecido; e Bobby Southworth adoeceu com uma infecção respiratória que o fazia tossir sangue.

Insatisfeitos com as condições da casa, os participantes reclamavam

que tinham sido enganados pela produção. Ela informara, por exemplo, que ninguém teria uma meta de emagrecimento, e não foi o que aconteceu. Eles também queriam saber se seriam remunerados por cada luta. A verdade é que nem Dana nem a Spike TV sabiam responder a certas perguntas. Algumas regras foram criadas ao longo do *TUF*. Numa das saídas para o treinamento, eles descobriram que *The Contender*, um reality-show concorrente ao *TUF*, produzido pelo canal aberto NBC com lutadores de boxe, oferecia aos participantes US\$25 mil por luta. Os lutadores passaram a criticar a produção do *TUF*. Dana White apareceu no dia seguinte contrariado. E adotou exatamente a mesma postura com que toca o UFC: parecia um pai magoado, que sabia ser duro, mas também se mostrava afetuoso com os filhos. “Estou muito triste. Esta é uma oportunidade única para vocês. Querem mesmo ser lutadores? Isso aqui não é brincadeira. Que porra de atitude é essa? Vocês querem ou não se tornar lutadores? Foi para isso que a gente reuniu vocês aqui!”, disse. Por fim, despediu-se no seu melhor estilo. “Amo todos vocês. É por isso que estão aqui. Durmam bem, senhores.” Em outra ocasião, numa discussão com Southworth, que não gostara do resultado de uma luta, Dana voltou a mostrar como reage quando seus argumentos não bastam: “Eu sou o chefe aqui. Vai ser do jeito que eu quero.”

Aos poucos, o público identificou o perfil de cada um dos participantes. Forrest Griffin, por exemplo, era um sujeito carismático. Havia largado o MMA por causa de um braço quebrado e um ombro deslocado. Ficou um tempo desempregado, dedicando-se apenas ao estudo de ciências sociais na Universidade da Geórgia. Tinha acabado de arrumar um emprego como policial na cidade de Atlanta quando foi selecionado para o *TUF*. Chris Leben tinha uma personalidade complexa. Dono de um humor imprevisível, chegava a assustar alguns lutadores pela agressividade, ainda mais quando bebia. Logo na primeira noite, completamente alcoolizado, urinou na cama de Jason Thacker. Ao mesmo tempo, Leben fazia comentários inteligentes e espirituosos que o ajudaram a cair nas graças do público. Seu grande rival na casa era John Koscheck, um wrestler de cabelo descolorido com quem discutiu diversas vezes. Outro com jeito de vilão era Sam Hoger, acusado pelos

companheiros de equipe de andar muito próximo do time adversário, de Chuck Liddell. Além de traidor, ganhou a fama de ladrão, depois que foi acusado de roubar gorros com a marca UFC.

A cada episódio, a audiência só aumentava. Para turbiná-la ainda mais, depois de quatro semanas e meia de reclusão, Dana resolveu levar todo mundo para jantar no Hard Rock Casino de Las Vegas, com comida e bebida fartas. À medida que abusavam da cerveja, os ânimos se exaltavam. Southworth chamou Leben de “bastardo sem pai”, o que o teria magoado profundamente porque seu pai fugira de casa quando era criança. Os dois quase brigaram ali mesmo, estimulados pela mistura de rancor com álcool. De volta à casa, Leben caiu no sono, mas foi acordado por um balde de água jogado por Southworth e Koscheck. Tomado por um acesso de fúria, ele quebrou uma porta e uma janela, à procura de Koscheck, que tinha se escondido. Foi uma das cenas mais marcantes do primeiro *TUF*. O público parecia gostar de ver brutamontes tatuados se comportando, muitas vezes, como crianças mimadas e carentes.

O confronto entre Leben e Koscheck dentro do octógono era uma questão de tempo. Quando chegou, Dana tinha certeza de que seu reality-show teria um episódio histórico. Mas, ao contrário do que se imaginava, toda a raiva que os dois sentiam um pelo outro não se transferiu para o octógono. Foi um combate morno, com todo o jeito de ir para um round de desempate, mas Dana achou que Koscheck foi um pouco mais agressivo e lhe deu a vitória. Foi a luta de MMA de maior audiência na história da TV americana até então, com 2,2 milhões de espectadores. Leben foi eliminado, mas, como a audiência caiu um pouco depois disso, o presidente do UFC chamou o bad boy de volta, para a revolta dos outros participantes. Estava claro que era conveniente para o programa a classificação dele para a grande decisão da categoria de peso médio. Mas Leben perdeu na semifinal para Kenny Florian, um ex-jogador de futebol franzino mas com um jiu-jítsu de alto nível.

As duas finais foram realizadas no Cox Pavillion, de Las Vegas. A decisão dos médios reuniu Florian e Diego Sanchez, de origem mexicana, praticante de ioga, com um histórico em eventos de MMA anterior ao *TUF*. Ele confirmou o favoritismo nocauteando o adversário no primeiro

round. A decisão dos meios-pesados era bem menos previsível. Forrest Griffin enfrentaria Stephan Bonnar, um ex-faixa roxa de jiu-jítsu de Carlson Gracie. O clima criado nas 13 semanas de convivência foi tão pesado que eles nem se cumprimentaram antes da luta. Começou então, em cima do octógono, a reprodução de uma briga de rua entre dois lutadores técnicos, sem muita preocupação defensiva. Os dois passaram os três rounds de cinco minutos trocando socos, pontapés e joelhadas sem parar. Mesmo quando o cansaço ficou evidente, eles continuaram a se castigar. Em vários momentos, a câmera mostrou a namorada de Bonnar, que chorava compulsivamente, assustada com a violência do combate.

Ao fim da luta, Bonnar tinha um corte profundo no supercílio, e Griffin sangrava no nariz e abaixo do olho esquerdo. Ninguém poderia apontar com certeza o vencedor. Fora do octógono, já havia um. A câmera flagrou toda a satisfação de Dana White com a qualidade do combate. Rindo como uma criança, ele cumprimentava todos ao seu redor. Quando o árbitro levantou a mão de Griffin, revelando a decisão dos juízes, Bonnar despencou com a cara no chão, não se sabe se mais por cansaço ou por desapontamento. Na mesma hora, o vencedor esqueceu os desentendimentos, se abaixou e foi consolar o desafeto. O público que assistira ao combate extasiado veio abaixo em aplausos. Só que o desfecho digno de novela ainda estava incompleto. Dana subiu no ringue e anunciou que Bonnar também ganharia um contrato com o UFC, pois os dois lutadores provaram que estavam “dispostos a morrer dentro do octógono”.

Cada episódio da primeira edição do *TUF* foi visto, em média, por 407 mil telespectadores homens, na faixa dos 18 aos 34 anos, justamente o público-alvo prioritário para o UFC. Mas também atingiu em cheio mulheres e até crianças. A final foi vista por uma média de 2,6 milhões de americanos — com pico de 3,3 milhões. Em várias oportunidades, Dana White disse que Griffin × Bonnar — ironicamente dois meros coadjuvantes até então — foi a luta mais importante da história do MMA porque consagrou o *TUF* e, por consequência, turbinou o UFC. “As pessoas passaram a entender o dia a dia do lutador, o que ele pensa, os

medos e a sensação de glória ou decepção depois da luta. Para as mulheres, principalmente, ajudou a quebrar um pouco o preconceito contra a gente”, diz Minotauro, que viria a ser técnico na oitava edição do *TUF*. O primeiro evento depois da final do primeiro *The Ultimate Fighter* — o UFC 52, em abril de 2005 — chegou à marca de 280 mil vendas de pay-per-view, o recorde. Dali em diante, o número dificilmente ficou abaixo da casa dos trezentos mil, uma garantia de solidez financeira para a Zuffa. Embora os ingressos não sejam baratos (US\$245 em média nos Estados Unidos), 75% do faturamento do UFC vem da venda de pay-per-view, de acordo com um relatório da agência de classificação de risco Standard & Poor’s.

Grandes jornais americanos, como o *USA Today* e o *Boston Globe*, publicaram suas primeiras reportagens positivas sobre o MMA. De repente, pessoas assistiam a lutas pela primeira vez apenas porque elas faziam parte do enredo construído para o programa. Foi o que Dana chamou algumas vezes de “cavalo de Troia”. A Zuffa estava oferecendo um produto — um reality-show — que trazia outro escondido — um esporte. É como se o programa tivesse legitimado o MMA como esporte convencional. Ainda violento, claro, mas convencional. “O *TUF* foi importantíssimo porque, antes de mais nada, tornou-se um meio de ensinar às pessoas sobre o esporte e seus praticantes. Depois, acabou virando também um centro de treinamento para novos lutadores”, diz o presidente do UFC.

The Ultimate Fighter formou uma geração de novos ídolos, a começar por Griffin e Bonnar. Chris Leben e John Koscheck também assinariam contrato com o UFC mais tarde e tiveram relativo sucesso. A maior revelação da segunda edição do *TUF* foi o peso pesado Rashad Evans, um psicólogo que chegou a ganhar o cinturão dos meios-pesados. O *TUF 3* trouxe um fato inédito na história do UFC: um dos participantes, Matt Hamill, um campeão de luta greco-romana, era surdo. Mas a maior atração dessa edição foi a enorme rivalidade entre os dois treinadores, Tito Ortiz e Ken Shamrock. “Ken odeia Tito, Tito odeia Ken, eu odeio Tito, e Tito me odeia. Na televisão, vai funcionar”, explicou Dana White, na época, ao site Ultimate Grappling. As finais de Michael Bisping × Josh

Haynes (meios-pesados) e Kendall Grove × Ed Herman (médios) atraíram 2,8 milhões de telespectadores em média, novo recorde para um evento do UFC. Na luta entre os dois treinadores, marcada para o UFC 61, novo recorde no pay-per-view: 775 mil vendas. A Spike TV, que começou rachando as despesas da produção com a Zuffa, hoje desembolsa US\$100 milhões para ter o direito de exibir o *TUF*. Não raro, o programa bate em audiência o basquete profissional e o beisebol na faixa dos homens entre 18 e 34 anos. Não bastasse tudo isso, *The Ultimate Fighter* consolidou Dana como um astro do UFC — tão conhecido quanto ou até mais famoso que alguns lutadores.

Em meio aos arranha-céus que abusam das luzes de neon, a sede da Zuffa impressiona pela discrição. Do lado de fora, é impossível arriscar que tipo de negócio se faz dentro daquele prédio de três andares e vidros escurecidos da West Sahara Avenue, em Las Vegas. Não há nenhuma inscrição na fachada além do número 2.960. Do outro lado da avenida, está o primeiro hotel-cassino da família Fertitta. “*We love locals*” [Nós amamos os locais], avisa o enorme painel eletrônico do Palace Station, que abraçou uma campanha para estimular os moradores de Las Vegas a aproveitar as atrações da cidade tanto quanto os turistas. Dentro da Zuffa, o visitante estrangeiro também é recebido com simpatia pela atendente. No hall de entrada, três TVs de LCD exibem lutas e programas da Spike TV. Ao lado delas, quatro pôsteres formam um retângulo com uma sequência de golpes de Chuck Liddell, aparentemente o mais querido dos donos do UFC — a maior foto da sala de reunião para vinte convidados também é dele. Ao lado da recepção, há um estúdio para fotos e filmagens, usado em ensaios promocionais dos lutadores.

A decoração interna, de modo geral, corresponde ao que os especialistas chamam de clean: muito espaço livre e poucos objetos de ornamentação. Eles se limitam basicamente a quadros. Onde existe uma parede de pé, lá estão eles. A maioria apresenta fotos de homens

musculosos e mal-encarados, invariavelmente com o dorso nu — em última análise, os funcionários mais importantes da empresa retratados em serviço. Parece clara a preferência por imagens de impacto. Espalhados pelo primeiro andar, closes de lutadores com o supercílio sendo costurado e uma sequência de retratos do rosto de centenas deles antes e depois da luta — um ensaio fotográfico que levou quatro anos para ficar pronto. O ambiente de trabalho lembra um pouco o modelo consagrado pelas empresas de tecnologia do Vale do Silício, na Califórnia: funcionários jovens, na maior parte, autorizados a se vestir casualmente, sem horário específico de expediente. Os gerentes trabalham em salas que parecem aquários, com portas corrediças transparentes. O subsolo é todo tomado por uma equipada academia de musculação, frequentada por quase todos os funcionários e pelos patrões. No meio dos aparelhos, um ringue (e não um octógono) serve para aulas de diversas artes marciais, incluindo o *Brazilian jiu-jitsu*. Dana White é mais visto nas aulas de boxe. Nas paredes da academia, aliás, os lutadores de boxe estão mais presentes que os de MMA, não se sabe por quê. Muhammad Ali aparece em duas fotos, nocauteado em ambas.

O segundo andar é destinado aos executivos. Quando termina de subir a escada, o visitante encontra uma foto gigante: em ângulo fechado, poças e pingos de sangue sobre o octógono. Mais à frente, um tributo a *The Ultimate Fighter*, com um belo retrato de seu primeiro vencedor, Forrest Griffin, com o rosto ensanguentado. A recepção desse andar está no centro das salas mais importantes do prédio. Quem entrar na de Dana White, à direita, será recebido por um quadro com uma das palavras mais usadas por ele: FUCK. E é bom o visitante não se intimidar porque lá dentro ele vai ler, em letras garrafais, outra mensagem nada delicada: PAY ATTENTION, MOTHER FUCKER (algo como “Preste atenção, filho da puta”). Na outra parede, a mão de um macaco aponta um revólver. O que parece agressividade gratuita é muito mais um sinal da irreverência do presidente do UFC. Dana White gosta de se parecer com o típico fã de MMA. Aprendeu até a se vestir como eles. Trocou os paletós por camisas de malha e calças jeans desbotadas. Nos eventos, caminha no meio dos torcedores como se fosse um deles, conversa sobre as lutas, bebe cerveja,

responde a provocações, dá lições de moral, posa para fotos e fala muito, muito palavrão. Não é do tipo que memoriza resultados de edições antigas, mas é, inegavelmente, um apaixonado pelo que faz. “Quando anunciam a presença do presidente da liga de basquete ou de futebol americano, normalmente os torcedores vão porque acham que o sujeito é um burocrata. Não é o que acontece no MMA. Está na cara que Dana curte o UFC e é o seu melhor vendedor”, diz o jornalista Neil Davidson.

Na opinião de sua mãe, June White, o sucesso do UFC não mudou Dana apenas por fora. Segundo ela, o jovem carinhoso e apegado à família se tornou um adulto ganancioso e insensível. No livro *Dana White: the King of MMA* [Dana White: o rei do MMA] (Enterprises Unlimited, 2011), ela compara sua transformação com a do personagem Gollum, de *O senhor dos anéis*. “O poder e o dinheiro de Dana o transformaram numa pessoa que eu não reconheço (...), uma pessoa egoísta, egocêntrica, arrogante e cruel.” Em entrevistas à TV, June contou que o que a motivou a escrever o livro foi a maneira como Dana se comportou diante da doença de sua avó materna, a mais próxima dele. O presidente do UFC chegou a ficar dois anos sem falar com a mãe de June, e, quando o fez, prometeu-lhe mandar seu jatinho particular para que vivesse com ele em Las Vegas. Lá, teria a melhor assistência médica possível. Mas a avó morreu no estado de Connecticut, segundo June, ainda esperando a prometida ajuda do neto. “Ele sequer enviou flores para o enterro”, conta a mãe. Quando soube por um jornalista que o filho se declarava ateu, ela respondeu de bate-pronto: “Claro, se ele pensa que é Deus.”

Ex-enfermeira, June ainda revela mágoa por ler reportagens em que Dana conta ter sido criado sem a presença dos pais. Seu pai, de fato, pouco participou da vida do filho. Quando bebia, tornava-se agressivo. Mas, segundo ela, o resto da família se esforçou para lhe dar uma vida confortável, apesar das dificuldades financeiras que fizeram os White viverem em diversos estados, entre eles Massachusetts e Connecticut. Quando chegaram a Las Vegas, no início da década de 1980, matricularam o garoto em uma escola católica frequentada pela classe média alta da cidade. Na Bishop Gorman High School, ele apenas

confirmou o histórico de absenteísmo e notas baixas, mas fez dois amigos que mudariam sua vida. Ao contrário de Dana, Frank e Lorenzo nasceram em berço de ouro. A história deles também se distingue pela relação com o pai. Os dois gostam de contar que, antes de construir um império de cassinos, Frank Fertitta Jr. foi porteiro do Hotel Tropicana, na Strip. Na década de 1960, ele começou a trabalhar para os Civella, uma famosa família de gângsteres envolvida desde o início do século XX com casas de prostituição, jogo e outros negócios ilegais nos estados de Kansas e Nevada. Depois de ser porteiro, ele passou por várias funções no cassino até assumir o cargo de gerente-geral. Então se associou a Carl Thomas, outro funcionário dos Civella, para abrir o primeiro cassino. Sua grande sacada foi escolher como público-alvo os moradores de Las Vegas e das cidades vizinhas, e não turistas. Em 1979, Carl e 12 membros da família Civella foram presos em uma megaoperação do FBI. Acusado de ser um testa de ferro, Fertitta Jr. foi investigado, porém absolvido pelo Conselho de Controle de Jogos de Nevada.

Embora pertencessem a mundos diferentes, os três amigos se davam muito bem. Apesar do péssimo desempenho escolar, Dana era um jovem inteligente e carismático, que sabia contar uma boa história. A amizade foi interrompida quando Dana foi expulso da escola e passou a morar com os avós na cidade de Levant, no Maine. Abandonou os estudos no fim do ensino médio e começou a fazer bicos como segurança de boate. Só se sentia feliz vagando pela cidade, conversando com os amigos ou treinando boxe. Dana chegou a sonhar que se tornaria um pugilista de alto nível. Seu grande espelho era Arturo Gatti, um boxeador ítalo-canadense que morreria em 2009 em um hotel de Porto de Galinhas, Pernambuco. Gatti achava insuficiente apenas ganhar a luta — ele sempre queria dar espetáculo. “Quando você ligava a TV e Arturo Gatti estava lá, você sabia o que ia ver”, diz Dana. Ele era fascinado não só pela plasticidade do boxe, mas pelas demonstrações de coragem e de virilidade que os lutadores davam em cima do ringue. Mais como professor do que como lutador, Dana conseguiu ganhar algum dinheiro até juntar o suficiente para voltar a Las Vegas. Lá, deu aulas de ginástica e boxe por US\$45 a hora. Ao mesmo tempo, começou a promover lutas e

empresariar lutadores, o que o levou a reencontrar o amigo Lorenzo, então membro da Comissão Atlética de Nevada.

Apesar de seu dinheiro ter salvado o negócio, os irmãos Fertitta concordam que Dana é a verdadeira cara do UFC. “Não conseguimos imaginar alguém mais preparado para o comando do que ele”, costuma dizer Lorenzo. De fato, Dana parece onipresente em todos os negócios da Zuffa, embora, claro, não faça tudo sozinho. Lorenzo, por exemplo, tem papel estratégico. Mais calmo e discreto que o sócio, é o homem dos negócios institucionais e está particularmente dedicado à expansão da marca pelo mundo. Para fazer isso, deixou todo o comando dos hotéis-cassino nas mãos do irmão Frank Fertitta III, que raramente interfere nos negócios do MMA. Na grande maioria das vezes, apenas Lorenzo e Dana falam em nome da Zuffa.

Dana se destaca porque, além de ser o grande relações-públicas do evento, cabe a ele a atribuição-chave da empresa: o relacionamento com os lutadores e seus empresários. Em outras palavras, é ele quem negocia os contratos e decide quem luta contra quem — nessa última função, com a ajuda do *matchmaker* Joe Silva. “É um patrão gente boa, maleável. É um bom homem de negócios”, resume Wanderlei Silva. “É um cara ponta firme, principalmente com quem ele gosta. Tem uma generosidade incrível”, diz Joinha. Por generosidade, entenda-se a prática de conceder bônus não programados aos atletas — os tais cheques ou presentinhos que tanto alegram lutadores como Gleison Tibau. Para os críticos, os bônus são uma forma de burlar a receita federal americana e as comissões atléticas. “Tem muita teoria da conspiração nesse esporte”, defende-se Dana. O fato é que o UFC é um torneio em que se ganha por rendimento. Em caso de vitória, a remuneração básica pode até dobrar. Os atletas do primeiro escalão recebem participação na venda de pay-per-view. Jornalistas que cobrem o UFC contam que o canadense George Saint-Pierre recebeu US\$500 mil e um jipe Hummer porque o patrão ficou impressionado com o nocaute sobre Matt Hughes no UFC 65. Chuck Liddell teria ganhado uma Ferrari. O baiano Lyoto Machida faturou um cheque de US\$150 mil quando derrotou Tito Ortiz no UFC 84. Na semana anterior, Ortiz e Dana trocaram insultos e, na pesagem, o lutador

apareceu com uma camisa preta onde estava escrito: *“Dana is my bitch”* (“Dana é minha puta”). O presidente do UFC torceu muito pelo brasileiro, e, depois da luta, Ortiz ficou um ano e meio sem entrar no octógono.

Ortiz, aliás, é um dos poucos lutadores a criticar publicamente Dana White, mesmo sob contrato com o UFC. Os dois se desentenderam pela primeira vez, pelo menos em público, quando o lutador se recusou a enfrentar Chuck Liddell em 2003, alegando serem amigos. A luta com certeza representaria um lucro considerável para a Zuffa, que ainda colecionava prejuízos. Quando soube que Tank Abbott estava levando US\$150 mil só para pisar no octógono, quase o dobro que ele, entrou de novo em atrito com Dana, seu ex-agente. Ortiz foi o primeiro nome importante a falar em sindicatos dos lutadores. Dana, no entanto, tem razão quando diz que sempre foi difícil negociar com Tito. “Como meu empresário, era Dana White quem pedia mais dinheiro para os donos dos eventos. Só estou fazendo o que ele fazia por mim”, disse Tito, ironicamente, ao site Yahoo! Sports. “Ele é um dos seres humanos mais desonestos que já conheci. Eu só o aturava porque era bom lutador. Agora já não é mais”, respondeu Dana, que chegou a deixar com Lorenzo a responsabilidade de negociar os contratos dele. Ortiz sempre diz que vai lutar em outro evento, e Dana, que não vai mais contratá-lo. Os dois, porém, nunca cumprem as ameaças.

Dana também já teve desavenças públicas com outros dois mitos do MMA: Randy Couture e Fedor Emelianenko. O russo sempre foi uma pedra em seu sapato. Embora seja considerado por muitos o melhor peso pesado da história, ele nunca aceitou lutar no UFC porque discorda da cláusula de exclusividade que a Zuffa passou a exigir depois que o evento explodiu. Couture sempre sonhou enfrentar Fedor. Em 2007, enquanto se discutia a possibilidade do combate, Dana comentou com jornalistas que o americano tinha o segundo maior salário do UFC. “Isso é uma grande mentira”, disse Couture ao site Sherdog.com, ameaçando um rompimento, apesar da multa de US\$15 milhões. Então, pela primeira e única vez na vida, o presidente do UFC distribuiu para a imprensa cópias do contrato de um lutador. Segundo o documento, Couture recebeu

US\$1,186 milhão no UFC 68, que vendeu 534 mil pacotes de pay-per-view, e US\$1,072 milhão no UFC 74, que vendeu pouco menos de quinhentos mil. Naturalmente, Couture ficou furioso, mas depois os dois se entenderam e continuaram a faturar muito dinheiro juntos. A rigor, só atletas desse nível podem discutir com Dana em público. Entre aturar um desafeto e perder um lutador popular, o presidente do UFC sempre escolhe a primeira opção.

Às vezes, Dana faz o papel de tutor dos atletas. Em fevereiro de 2010, numa tentativa de promover sua luta num programa de rádio, Frank Mir disse que queria “matar” Brock Lesnar: “Eu detesto o Lesnar como homem. Quero quebrar o pescoço dele. Quero que seja a primeira pessoa a morrer em cima do octógono.” Dana achou que ele foi longe demais nas tradicionais provocações e exigiu uma retratação — ou tomaria medidas mais severas. Mir pediu desculpas não apenas a Lesnar, como à família dele, ao UFC e aos fãs. “Fiquei decepcionado com os comentários de Mir, um cara que foi duas vezes campeão dos pesos pesados. Mas ele se arrependeu e nunca mais vai dizer algo assim”, afirmou Dana. O peso médio brasileiro Maiquel Falcão teve o contrato rescindido por ter sido acusado de agredir a mulher. Apesar de se dizer injustiçado, nunca criticou o ex-patrão. Nem os maiores astros escapam do “papai” Dana. Anderson Silva foi repreendido em público depois da vitória sobre o brasileiro Demian Maia no UFC 112, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes. Durante todo o combate, dançou e gingou na frente do adversário, o que foi considerado por muita gente um desrespeito. Dana foi embora no meio da luta e se recusou a pôr o cinturão no campeão. Voltou para a entrevista coletiva, mas se disse envergonhado com o que havia ocorrido. Pediu até desculpas ao público local. “Não tenho dúvida nenhuma de que esse é o meu pior momento como presidente do UFC”, afirmou ao site MMAfighting.com. As reações imprevisíveis de Anderson com a imprensa, que podem variar entre a simpatia e a rudeza, também desagradam Dana. O brasileiro costuma ser monossilábico quando se sente desconfortável ou quando considera as perguntas dos repórteres tolas ou repetitivas. Em uma teleconferência com a imprensa (rotineiras no evento) antes do UFC 117, contra Chael Sonnen, ele respondeu quase todas as perguntas com

monossílabos, o que lhe rendeu outra bronca do presidente.

A relação de Dana com a imprensa também é controversa. A maioria dos jornalistas que cobrem regularmente o UFC o admira não apenas por ser um dos maiores responsáveis pela ressurreição do evento, como pela intimidade aparente que mantém com eles. De brincadeira, gosta de chamá-los de *sick bastards* (algo como “filhos da mãe”). Depois das coletivas, costuma ficar ainda mais uma, duas horas batendo papo sobre o evento recém-encerrado e sobre o futuro do UFC. E gosta de dar declarações polêmicas e agressivas. “Estou decepcionado com a luta entre Frank Mir e Roy Nelson. Foi uma luta terrível, constrangedora. Os dois estavam com preguiça”, disse ele na coletiva do UFC 130, diante dos dois lutadores. Dana também é capaz de criticar a decisão dos juizes e até o comportamento do público. “Se ele é seu amigo, ele é muito amigo. Mas, se não é seu amigo, você está com problemas”, diz o jornalista canadense Neil Davidson. Por causa das críticas que fez a Dana, o repórter da ESPN americana Josh Gross, que cobre MMA desde o UFC 1, não consegue mais credencial para o evento — uma punição comum para seus desafetos. A relação entre os dois azedou de vez quando Gross revelou os quatro finalistas do *TUF 4* antes de o programa ir ao ar. Com Jeff Sherwood, editor do *Sherdog.com*, Dana brigou porque houve uma divergência sobre a margem de lucros na venda de DVDs do UFC pelo site. Loretta Hunt, outra veterana na cobertura do MMA, com passagem pelo *Los Angeles Times*, caiu em desgraça quando escreveu uma reportagem para o *Sherdog* acusando a Zuffa de restringir a circulação de certos empresários de lutadores nos eventos. Em um vídeo postado no YouTube em 2009, Dana a chama de “puta” e “retardada”. Em três minutos e quatro segundos, ele fala a palavra *fuck* 29 vezes. E, quando disse que as fontes anônimas de Loretta deveriam ser gays, comprou uma briga com associações de defesa dos direitos de homossexuais dos Estados Unidos. Os críticos de Dana o acusam ainda de propagar uma história distorcida do UFC, criando o que nos Estados Unidos é chamado de “Zuffa Myth” (“o mito Zuffa”). De acordo com ele, Dana e os irmãos Fertitta transformaram um show de entretenimento violento, sem regra alguma, num esporte de alto nível. Por mais que o SEG tenha insistido por um

tempo em dar um tiro no pé, vendendo o evento como *no-holds-barred*, sempre houve algum tipo de restrição nos combates. Desde o início, nunca foram permitidos golpes como dedo no olho e mordidas, por exemplo. No UFC 3, o juiz ganhou poder de interromper a luta. A divisão por categorias de peso começou no UFC 12. As luvas tornaram-se obrigatórias no UFC 14. Na edição seguinte, a lista de golpes ilegais cresceu: cotoveladas na nuca e na cabeça, puxão de cabelo, manipulação de pequenas articulações (quebrar um dedo, por exemplo), chutes ou soco na região genital, cabeçadas e “tiros de meta”. A partir do UFC 21, os rounds foram limitados a cinco minutos e começou um sistema de pontuação similar ao do boxe. Essas mudanças demonstram que o SEG estava interessado em regulamentar o torneio. Quando assumiu o UFC, a Zuffa aceitou as mudanças propostas pela Comissão Atlética de Nevada e incrementou o departamento médico e o controle de doping. Ou seja, deu continuidade aos esforços de transformar o MMA em um esporte legal em todo o país, mas a versão simplificada e mais atraente do “Zuffa Myth” virou verdade para boa parte da imprensa americana que não acompanhava o evento desde o início.

O grande mérito da Zuffa foi ter conseguido a sanção nas principais comissões atléticas americanas e adotado uma estratégia de marketing e administração bem mais profissional que a do SEG — o que não foi pouca coisa. Foi de Dana White a percepção acertada de que o UFC precisava valorizar o espetáculo, mas os protagonistas deveriam ser mais parecidos com atletas do que com personagens. “Ninguém [do antigo UFC] encarava isso como esporte. Nós percebemos que era um esporte e trabalhamos em cima disso”, diz Dana. O MMA é um esporte, sim, mas é igualmente entretenimento de primeira linha. A regra vale dentro e fora do octógono. A pesagem dos atletas, na véspera da luta, virou uma atração por si só. E uma atração gratuita. Não dura nem trinta minutos, mas atrai a atenção da mídia e do público com sua aparência de espetáculo. A atmosfera dos combates também é digna de um show de rock. As *octagon girls*, uma delas capa de revistas masculinas, tornaram-se personagens do produto, embora nos intervalos entre os rounds o público pareça menos interessado nas moças do que nos replays dos

golpes exibidos nos telões. Para os lutadores, a diretriz de Dana White é simples: “Prefiro manter um cara [no UFC] que perde uma luta vibrante do que outro que fica três minutos dando voltas pelo octógono e vence”, disse, após o UFC 123. Para se aproximar mais do público médio americano, a Zuffa criou, em 2008, o UFC Fight for the Troops [Luta de UFC para as Tropas], um show armado dentro de bases militares. O lucro é revertido para a ONG Intrepid Fallen Heroes Fund, que ajuda veteranos de guerra gravemente feridos e a família de soldados mortos em combate. Um dos mais novos ídolos do UFC é o peso médio Brian Stann, fuzileiro naval citado nominalmente pelo ex-presidente George W. Bush como herói da guerra do Iraque. “Não que o Bob Meyrowitz [do SEG] seja estúpido, mas ele não entendeu o que tinha nas mãos e não teve habilidade para ganhar dinheiro. Se o UFC continuasse nas mãos dele, havia grande chance de esse esporte morrer”, diz Randy Couture. Há quem diga, no entanto, que a grande diferença entre o SEG e a Zuffa são os irmãos Fertitta, que foram capazes de manter o evento vivo apesar dos quatro primeiros anos de prejuízo.

Na sua busca incessante por lutas que “todo mundo gostaria de ver”, Dana White aproveitou o boom do UFC pós-*TUF* para concretizar um velho sonho: ver Royce Gracie de novo dentro do famoso octógono. As negociações, que sempre esbarravam em um acerto financeiro, tiveram fim com uma proposta de US\$400 mil, mais participação nas vendas de pay-per-view, segundo Jonathan Snowden, autor do livro *MMA Encyclopedia*. Finalmente, os americanos superaram as ofertas dos japoneses, que mantiveram Royce por lá em cinco eventos, entre Pride e K-1. O campeão do UFC 1, 2 e 4 retornou para a edição de número 60 — a primeira na Califórnia — contra Matt Hughes, pela categoria meio-médio. A Zuffa vendeu o brasileiro para uma nova geração de fãs como um campeão invicto, ignorando a derrota para o japonês Kazushi Sakuraba no Pride. Era o retorno de uma lenda. O combate levou mais de

14 mil pessoas ao Staples Center de Los Angeles e vendeu 620 mil pacotes de pay-per-view. “Essa é minha casa. Eu construí isso”, disse Royce ao site oficial do UFC. Para provar que não sentia a pressão pela volta, o brasileiro deixou que monitorassem seu ritmo cardíaco, que de fato não passou dos sessenta batimentos por minuto antes da luta.

Onze anos depois do UFC 5, em que venceu Ken Shamrock, Royce estava mais careca e havia trocado o quimono por uma bermuda azul cheia de patrocínios. Mas a maior diferença estava no adversário, que dominava a luta que o Gracie apresentara aos americanos. Hughes tinha se tornado um sucesso de público como treinador do *TUF 2*, em que exibiu aos telespectadores um misto de arrogância e autoconfiança. Ele não teve medo de ir para o chão com o brasileiro, em quem quase encaixou uma chave de braço com dois minutos de combate. Ainda de braços, estendido no octógono, Royce foi socado tantas vezes por Hughes que o juiz decretou nocaute técnico. “Não sabia que seria tão fácil. Fiquei esperando os golpes fantásticos de que tanto ouvi falar, mas eles não aconteceram. Em 45 segundos de luta, percebi que ele não poderia fazer nada. Este esporte ultrapassou Royce Gracie. O esporte evoluiu e Royce, não”, disse Hughes, depois da luta. Pelo menos até o UFC Rio, em agosto de 2011, Royce sonhava com uma revanche com o americano.

Dana tirou Royce dos japoneses um mês antes da explosão do escândalo Pride-Yakuza. Outra perda emblemática do Pride foi Sakuraba, que abandonou o barco quando assinou contrato com um evento concorrente, o Heroes. “Claro, o *TUF* foi fundamental, mas o UFC não teria virado o que virou se, ao mesmo tempo, o Pride não estivesse começando a ruir”, afirma o jornalista Steve Marcus do *USA Today*, um americano de ascendência japonesa que cobriu os dois eventos. Embora negasse até o fim o seu envolvimento com a máfia, Nobuyuki Sakakibara reconheceu que a saída da TV Fuji e o crescimento do UFC sufocavam o Pride. Estava cada vez mais difícil manter os grandes lutadores. Depois de 11 meses de negociação sigilosa, em 27 de março de 2007, Sakakiraba anunciou a venda do evento. Como já se esperava, os compradores eram os irmãos Fertitta, pelo valor anunciado de US\$70 milhões. “Pouco antes disso, o Sakakibara foi até Curitiba apenas para nos avisar que estava

vendendo o Pride para os americanos”, lembra Rudimar Fedrigo, da Chute Boxe. “Foi como se eu tivesse dado a minha filha em casamento”, comparou o empresário japonês na época. Duas semanas depois do anúncio da venda, a DSE organizou na cidade de Saitama a edição de número 34 do Pride, a última sob sua administração. Talvez por ironia, o evento foi chamado de “camicase”, nome dado aos pilotos japoneses suicidas da Segunda Guerra Mundial. Os três brasileiros que estavam no *card* perderam: Édson Drago, Ricardo Arona e Zuluzinho, o filho do folclórico Rei Zulu. A derrota do ídolo Kazuyuki Fujita para o americano Jeff Monson, no combate de encerramento da noite, que viria a ser o último da história do Pride, representou também a derrota mais dolorida do MMA japonês.

A ideia inicial de Dana White era esperar o Pride falir e pegar apenas os lutadores, que ficariam desempregados. Seria uma alternativa mais barata, mas Lorenzo Fertitta queria criar uma superliga de MMA com os melhores do mundo. Ela começaria com a unificação dos títulos, num desafio entre os campeões do Pride e do UFC, divididos por categoria. Estariam todos juntos: Randy Couture, Fedor Emelianenko, Wanderlei Silva, B.J. Penn, Mauricio Shogun, Minotauro, Anderson Silva, Dan Henderson, entre outros astros. “Isso vai mudar a cara do esporte, vai nos fazer tão popular quanto o futebol”, disse Lorenzo. A negociação com as TVs japonesas, no entanto, foi mais complicada do que eles imaginavam. Dana reclamava que elas não queriam uma empresa americana dando as cartas por lá. A Zuffa, por sua vez, não via sentido em levar o Pride para os Estados Unidos. “Não queremos perder mais US\$44 milhões”, disse Dana, numa referência ao prejuízo dos primeiros anos de UFC. Foi decidido, então, o “congelamento” do Pride. A marca continua a existir, mas não houve mais eventos desde então. Em 4 de outubro de 2007, por telefone, a direção da Zuffa fechou o escritório do Pride no Japão e demitiu todos os funcionários. Sobraram apenas os lutadores. À exceção de Fedor, todos os atletas de primeira linha assinaram com o UFC.

A unificação oficial dos títulos nunca aconteceu, mas houve extraordinários tira-teimas entre lendas do UFC e do Pride. Mauricio Shogun foi derrotado pelo *ultimate fighter* Forrest Griffin no UFC 76, na

categoria meio-pesado. Em 29 de dezembro de 2007, com mais de seiscentas mil vendas de pay-per-view, Chuck Liddell e Wanderlei Silva fizeram um confronto no UFC 79 que justificou a ansiedade de Dana White antes da luta. Ele tentava juntar os dois havia seis anos. O americano venceu por decisão unânime dos juizes, mas, com sua impressionante agressividade, Wanderlei conquistou o público americano. Na edição de número 81, o peso pesado Rodrigo Minotauro se tornou o primeiro lutador a levantar o cinturão do Pride e do UFC ao derrotar Tim Sylvia. Ele cumpriu o roteiro habitual: começou apanhando e terminou vencendo com um estrangulamento no terceiro round. No evento seguinte, Anderson Silva confirmou o título na categoria médio ao derrotar Dan Henderson.

Embora os brasileiros continuassem por cima nos Estados Unidos, o MMA americano foi um golpe na BTT e na Chute Boxe. O modelo de equipes, estimulado no Japão, se revelou inviável no UFC de Dana White. “De certa forma, a equipe nos dava certo controle na formação dos *cards*. Se você tem dois, três campeões, imagine a sua força para negociar. Mas, quando se está sozinho, é um cara contra uma instituição. Eles preferem assim”, opina Bebeo Duarte. No UFC atual, o lutador, claro, pode pertencer a uma academia, mas sua comissão técnica normalmente é formada por profissionais de diversos lugares. O enfraquecimento das equipes, em especial das brasileiras, não se explica apenas pelo modelo do UFC — ele simplesmente lançou novos elementos para agravar as divergências internas. Os lutadores queriam mais independência para escolher sua equipe e negociar os contratos. “Havia muitos astros nas duas [Chute Boxe e BTT]. Alguns achavam que não eram tão privilegiados ou bem-pagos quanto outros. Sempre existe uma desconfiança”, diz Joinha. Wanderlei foi o primeiro a sair da Chute Boxe, em 2007, para montar sua academia, a Wand Fight Team. Foi seguido pelos irmãos Murilo Ninja e Mauricio Shogun, que abriram a Universidade da Luta, em Curitiba. Um dos principais treinadores da equipe, Rafael Cordeiro decidiu montar uma academia na Califórnia para atender à enorme demanda de lutadores estrangeiros e brasileiros no local. “Existia a questão financeira, não é? Ninguém mais queria dividir a mesma coisa. Os familiares começam a

estimulá-los a sair. Como mestre, fiquei muito triste, mas entendo a motivação. Acontece com dupla sertaneja, jogador de futebol, com todo mundo...”, diz Rudimar.

A maior perda da Brazilian Top Team na transição para o UFC foram os irmãos Nogueira. No Pride, como os outros lutadores, eles pagavam à equipe 10% da bolsa pelo treinamento e 10% pelo agenciamento. Quando trocou o Japão pelos Estados Unidos, Minotauro foi logo recebido por Anderson Silva, que viu ali uma oportunidade de retribuir a ajuda que recebera do amigo quando deixou o Pride. O campeão dos médios já trabalhava com Joinha, que tinha se tornado empresário de lutadores em sociedade com o brasileiro-americano Ed Soares. Minotauro também passou a ser agenciado pela dupla. Ele poderia continuar treinando na BTT, mas preferiu montar a própria academia com o irmão Minotouro. Paulão Filho e Allan Goes também foram trabalhar com Joinha. Aos poucos, a própria direção da equipe se desmantelou. Ricardo Libório já havia saído para voo solo em 2003, quando fundou nos Estados Unidos a American Top Team. Em 2008, foi a vez de Zé Mário e, no ano seguinte, Bebeo. Sobrou apenas Murilo Bustamante. A BTT e a Chute Boxe perderam o protagonismo da época do Pride, mas ainda revelam bons lutadores para eventos de MMA no mundo todo.



O acidente com o voo 3054 da TAM, no Aeroporto de Congonhas, em 17 de julho de 2007, deixou 199 mortos. Apesar da dimensão da tragédia, nem todas as pessoas próximas ao local no momento da colisão da aeronave se deram conta do que tinha acabado de ocorrer. Foi o caso do empresário Oscar Maroni Filho, que se encontrava no Bahamas Night Club, estabelecimento de sua propriedade, localizado em um quarteirão próximo do aeroporto.

De dentro da boate, Maroni viu um clarão e ouviu uma explosão enorme. O barulho foi assustador, mas ele achou que fosse apenas uma caixa de luz em curto-circuito. Naquele momento, ele também não poderia ter a dimensão do impacto que o acidente teria em sua vida. Nem vislumbrar a iminente crise do MMA paulista, a consequência menos importante — e por isso menos falada — da tragédia do voo 3054.

Explica-se: depois do ocorrido, a prefeitura paulistana entendeu que um prédio de 11 andares a seiscentos metros de uma das cabeceiras da pista de Congonhas aumentava o risco de novos acidentes aéreos e ordenou a sua demolição. O edifício, em final de construção, abrigaria o Oscar's Hotel, de propriedade de Maroni. Em entrevista ao *Jornal da Noite*, da TV Bandeirantes, em 31 de julho de 2007, ele fez duras críticas à decisão do prefeito Gilberto Kassab. Perguntado sobre o Bahamas Night Club, que mantinha no mesmo quarteirão e que também vinha lhe causando problemas judiciais, Maroni falou mais do que devia: “É prostituição de luxo, sim, não vamos ser hipócritas.” Menos de duas semanas depois da interdição do hotel, a boate também foi fechada. Maroni chegou a ser preso, acusado de crimes de favorecimento e exploração da prostituição, formação de quadrilha e tráfico de pessoas. Com problemas maiores para tratar, deixou de promover o Show Fight, maior torneio de MMA da capital paulista na primeira década dos anos 2000.

Monari não era apenas proprietário do hotel em construção e da boate, mas também de quase todos os imóveis daquele quarteirão,

localizado em Moema, Zona Sul de São Paulo. Ele possuía ainda cinco empresas, uma coleção de carros importados e uma fazenda de setecentos alqueires e 12 mil cabeças de gado em Araçatuba, no interior paulista. Publicava no Brasil as revistas eróticas americanas *Penthouse* e *Hustler*. Larry Flint, fundador da última, sempre lhe serviu de inspiração. Assim como Flint, cuja história foi retratada no filme *O povo contra Larry Flint*, Maroni também se considera um empresário do erotismo e da pornografia — além de um conquistador que alega ter levado para a cama mais de 1.500 mulheres. Em funcionamento por 27 anos, o Bahamas recebia uma média de duzentos clientes e 150 garotas de programa por dia. Elas ganhavam de R\$300 a R\$500 por uma hora de companhia e pagavam a Maroni R\$500 por noite por um dos 23 quartos da casa. Por esse esquema, ele não se considera um cafetão, mas o dono de “um centro de terapia para executivos”, em uma referência ao perfil da maioria dos clientes. “Desde 2007, estou perdendo R\$3,2 milhões por mês com o fechamento do Bahamas”, calcula Maroni.

A interdição das obras do hotel agravou os problemas do empresário, que vendeu boa parte de seus bois para levantar o prédio. Ele descobriu-se diabético, diz que entrou em depressão e que chegou a pensar em suicídio. Hoje em dia, conta que está se mantendo apenas com o arrendamento de uma parte da fazenda, enquanto trava na justiça uma longa e custosa batalha contra a prefeitura de São Paulo. Quando precisa se reunir com advogados, marca no escritório onde administrava as obras do hotel, ao lado do Bahamas. Foi também onde deu a entrevista para este livro, em setembro de 2011. Está tudo bagunçado: revistas eróticas espalhadas, computadores empoeirados e paredes pichadas (“Eu não quero ter razão, eu quero ser feliz”, lê-se em uma delas).

Antes de todos esses percalços, Maroni preparava a sexta edição do *Show Fight*. Além das mulheres, as artes marciais fazem parte de sua vida desde a adolescência, quando vendia sanduíches no recreio do Colégio Alexandre de Gusmão, no bairro do Ipiranga, Zona Sul de São Paulo. Maroni era rebelde, tinha dificuldades de se socializar, mas adquiriu maior autocontrole quando entrou numa turma de caratê. Depois, foi lutar boxe. “Existem três estímulos básicos que controlam o ser humano: o

sexo, a fome e a agressividade. Nós sobrevivemos porque somos os seres mais agressivos da teoria da evolução da espécie de Darwin”, teoriza o empresário, que é formado em psicologia. De simples admirador e praticante de lutas virou promotor por intermédio de Sérgio Batarelli, que o convidou para assistir a uma edição do International Vale-Tudo Championship (IVC) no Hotel Maksoud Plaza. Já interessado em organizar o próprio evento, foi ao Japão assistir a uma edição do K-1. Lá conheceu Pedro Rizzo, Marco Ruas, Wanderlei Silva, os irmãos Nogueira e outras referências do MMA. Também encontrou alguns membros da Yakuza que estavam por trás do Pride e ficou impressionado com a organização deles.

A primeira edição do Show Fight aconteceu em junho de 2004, em Araçatuba, onde Maroni costumava passar os fins de semana. Ele descobriu que na cidade havia duas grandes academias de luta, cujos donos eram conhecidos apenas como Rubinho e Wilsinho. Um não podia encontrar o outro que saía fãisca. A rivalidade se estendia aos alunos, que podiam brigar quando se encontravam em shows, festas e boates. Maroni chamou os dois na fazenda dele. “Vocês gostam de luta e eu também. Só que existe uma diferença muito grande entre a gente. Eu quero ser um promotor de eventos, um vendedor de emoções. Vocês, por enquanto, são brigões de rua. Eu quero fazer de vocês lutadores. Então, daqui em diante, vocês só podem se agredir verbalmente. Se brigarem na rua, não vão fazer parte do show. Treinem e deixem o resto comigo.” Maroni foi às rádios e aos jornais da cidade estimular a rivalidade entre os dois e, assim, promover o evento. Arrumou patrocínio do maior supermercado da região e aproveitou que o prefeito lhe devia favores para pedir o ginásio municipal emprestado. As *ring girls*, claro, seriam moças do Bahamas. Também tentou levar celebridades, mas a única que apareceu foi Inri Cristo, um folclórico líder religioso que ganhou alguma projeção no Brasil declarando-se a reencarnação de Jesus Cristo. O ingresso custava apenas R\$5, mas ele mesmo confessa que não sabia se teria público. Na noite do evento, mandou o gerente ao ginásio para ver como estavam as coisas. “Chega lá e me liga. Se estiver cheio, eu vou. Se estiver vazio, nem apareço”, disse. Logo, recebeu a ligação do gerente.

- Oscar, é bom você não vir pela rua principal.
- Por quê? Deu briga aí em frente? — assustou-se.
- Não, a rua está toda engarrafada. Isso aqui vai ficar lotado.

Hoje, Maroni nem se lembra de quem ganhou o desafio — se foi Wilsinho ou Rubinho —, mas reconhece neles a semente de tudo. O Show Fight 2 já foi uma superprodução realizada no DirecTV Music Hall de São Paulo, em maio de 2005. O promotor levou a mesma fórmula de Araçatuba para a capital — claro, numa escala bem maior. Procurou as principais academias de luta da cidade, de preferência as que já alimentavam rivalidades nos campeonatos. Assim, ele chegou à Macaco Gold Team, equipe do professor de jiu-jítsu Jorge Patino. Macaco, como era conhecido, era um lutador de vale-tudo com experiência internacional: havia disputado o UFC 18 e o Pride Bushido 3, além dos principais torneios nacionais, como o World Vale-Tudo Championship, de Frederico Lapenda, e o Meca, de Joinha e Rudimar Fedrigo. Maroni se entusiasmou quando lhe falaram que Ryan Gracie também havia montado uma academia em São Paulo e que, melhor ainda, não se dava bem com Macaco. Os dois já tinham saído no tapa no meio da rua, assim como seus alunos, que absorveram a rixa dos dois mestres. Eles seriam seus novos Rubinho e Wilsinho.

O que mais animou Maroni, no entanto, foi ter o sobrenome Gracie envolvido, o que daria um novo status para o Show Fight. Com a certeza de boas lutas no ringue, cabia a ele montar o espetáculo. Foram contratadas duzentas jovens modelos, algumas frequentadoras do Bahamas, para “animar” o público. Os lutadores e alguns convidados chegaram em limusines, desfilaram por um tapete vermelho. O show começou com uma entrada triunfal de Maroni na arena toda apagada. Pilotando uma moto Harley-Davidson de farol alto, com uma loura monumental na garupa, ele subiu no ringue e tascou um beijo de novela na acompanhante, para delírio do público. Convidados VIPs, Rodrigo Minotauro e Wanderlei Silva, que viviam o auge no Pride, foram homenageados. Entre uma luta e outra, havia apresentações de malabaristas, acrobatas, pit bulls adestrados e um carateca especialista em quebrar barras de gelo. A superluta da noite foi entre o melhor aluno de

Ryan, Gabriel Vella, e o ex-sócio de Macaco, Cláudio Godói, que na ocasião defendia a Brazilian Top Team. “Respeita teus deuses, ama tuas mulheres, e que vença o melhor. Porrada!”, gritou Maroni antes de dar início à luta, num bordão que o acompanhou até o fim do Show Fight. Vella saiu Vitorioso, sobre os ombros do mestre Ryan.

Depois da luta, muita gente foi comemorar o sucesso do Show Fight 2 no Bahamas. Desde o fim do IVC, em 1999, São Paulo não via eventos desse gênero e com esse porte. O panorama se complicou quando, em dezembro de 2001, a então prefeita Martha Suplicy proibiu a realização de lutas de vale-tudo no município. A entidade promotora pagaria uma multa de R\$1.641,00 e poderia ter o alvará de funcionamento cassado em caso de reincidência. O autor do projeto, o vereador Arselino Tatto (PT), disse que viu uma luta pela televisão e achou um absurdo “ver sangue escorrendo pelo rosto dos competidores”. Segundo ele, o vale-tudo estimulava jovens a atos violentos. “Naquela época, o pessoal tinha de fazer o evento em Santo André ou em outras cidades da Grande São Paulo. Em último caso, não se usava o nome vale-tudo e se fazia na capital mesmo. Já havia gente, por exemplo, adotando o termo MMA”, conta Batarelli. Em abril de 2002, o próprio Tatto propôs uma emenda autorizando os torneios, desde que fossem organizados por pelo menos três entidades ou academias de lutas marciais idôneas e legalmente constituídas.

Na terceira edição do Show Fight, em outubro de 2005, já com transmissão do canal a cabo Combate e com cobertura da Rede TV!, quase oito mil pessoas lotaram o ginásio do Ibirapuera. Entre elas, aquela que Maroni considera a maior personalidade a ter frequentado o seu evento: Hélio Gracie. A presença dele, ao lado do filho Royler, não só atraiu mais imprensa, mas representou mais um atestado de credibilidade para a competição. Novamente, o lutador da academia do sobrinho-neto de Hélio era a grande atração. Gabriel Vella enfrentaria Macaco, com quem tinha se desentendido num torneio de jiu-jítsu. Evangélico, Macaco pediu para entrar no ringue ao som de música gospel. Ele venceu com um chute violentíssimo no rosto do adversário, que já estava o chão. No fim da luta, Macaco desafiou o mestre de Gabriel. “Você, Ryan Gracie,

se você é homem de subir aqui, vou mostrar como é que se luta. Não se bate em ninguém nas costas na balada, não. Seu covarde!”, afirmou, ainda em cima do ringue. Ryan não mordeu a isca, mas mandou em seu lugar outro aluno, Eduardo Pamplona, para a quarta edição do Show Fight. Deu certo. Pamplona surpreendeu Macaco com um estilo agressivo e venceu na decisão unânime dos juizes. Para animar o show, a Mulher Samambaia e a Bandida, personagens do programa *Pânico na TV*, na época da Rede TV!, fizeram uma luta de exibição. As homenagens da noite foram para os ex-campeões mundiais de boxe Éder Jofre e Miguel de Oliveira.

Ao contrário do Bahamas, o Show Fight deu uma visibilidade positiva para Maroni, que chegou a ser chamado pela revista *Época* de “Don King brasileiro”, em uma referência ao mais famoso promotor de boxe dos Estados Unidos. De fato, ele começou a sonhar com voos maiores no mercado de lutas. Em 2005, tentou tornar realidade a luta entre Rickson Gracie e Mike Tyson. O pugilista chegou a viajar até São Paulo para negociar pessoalmente com Maroni no escritório do Bahamas. Animado com a perspectiva do desafio contra o jiu-jítsu, Tyson foi se divertir um pouco no andar de baixo. Nessa hora, chegou a imprensa, e a festa se transformou em confusão. O americano não gostou de ser filmado ao lado de uma moça e destruiu a câmera de um cinegrafista. Acabou levado para a delegacia, onde Maroni testemunhou a seu favor. A luta com Rickson nunca virou realidade, mas da negociação sobrou pelo menos uma foto ao lado de Tyson, que ele guarda com carinho.

Apresentada por Sérgio Mallandro, a quinta e última edição do Show Fight, em novembro de 2006, trouxe um *card* com vários participantes que lutaram ou lutariam no Pride e no UFC, casos de Thiago Silva, Assuério Silva e Pelé, que perdeu a luta principal para Pamplona. Em volta do ringue, representantes da nata do MMA brasileiro: Wanderlei, Arona e Rudimar Fedrigo. As bolsas chegaram a R\$100 mil, em um evento que custava entre R\$300 mil e R\$400 mil. Maroni prefere não dizer quanto faturou com as cinco edições (“Sempre que falei em dinheiro tomei ferro”), mas diz que foi um ótimo negócio — talvez só perdendo para o Bahamas. Estava planejando novos empreendimentos, entre eles um

reality-show nos moldes de *The Ultimate Fighter* na fazenda de Araçatuba. Até que o acidente do voo 3054 e a briga com a prefeitura de São Paulo interromperam tudo — ou adiaram, segundo Maroni. “Esse mundo das lutas tem mais putaria que o Bahamas, mas é fascinante”, justifica.

Enquanto começava sua batalha judicial para salvar o Oscar’s Hotel e o Bahamas, Maroni acompanhou o início de uma nova tentativa de impulsionar o MMA nacional, em 2007. Ao contrário da maioria dos torneios no Brasil, a MO Team League (MTL) já nasceu grande, inspirada na International Fight League, o maior evento americano de MMA por equipes. O evento foi realizado pela Reunion Sports & Marketing, que tinha como acionista o publicitário Nizan Guanaes. Fã do esporte, Nizan planejava aplicar a mesma estratégia que eles haviam usado para promover o Stock Car. Fábio Gurgel foi chamado para a coordenação técnica do evento; Murilo Bustamante, Rogério Minotouro, Pedro Rizzo e Wanderlei Silva foram os técnicos das quatro equipes. Apesar de todas essas aquisições, o MTL teria sido inviável sem o aporte financeiro de uma mulher que não sabia o que era uma chave de braço. Embora convencida de que o negócio poderia ser rentável, a pecuarista e empresária rural Monica Marchett só decidiu financiar a liga a pedido do filho adolescente, fanático por artes marciais. O torneio, dividido em três fases, foi realizado no sofisticado Club Athletico Paulistano, com ingressos que variavam de R\$80 a R\$250. As bolsas dos lutadores poderiam somar R\$55 mil, e o técnico campeão embolsava R\$60 mil. Foi bem organizado, o público compareceu, mas o MTL não passou da primeira edição, vencida pela equipe de Bustamante. Ainda desconhecido, o futuro campeão dos pesos pesados do UFC Júnior Cigano dos Santos conheceu, na final do MTL, a primeira derrota na carreira (sua única até 2010). “Foi um investimento muito alto, mas faltou continuidade. No Brasil, para um evento dar certo, tem que passar uns dois, três anos perdendo dinheiro, ou pelo menos empatando”, afirma Pedro Rizzo. Monica Marchett também tinha outros problemas com que se preocupar. Desde 2004, ela enfrentava denúncia do Ministério Público do Mato Grosso como suposta mandante do assassinato de dois irmãos em Rondonópolis, 230 quilômetros ao sul de Cuiabá, por causa de disputa de terras. Em setembro de 2011, foi

anunciado que ela seria levada a júri popular.

O Show Fight acabou antes da realização da luta dos sonhos de Oscar Maroni Filho: Macaco × Ryan Gracie. Mesmo assim, o empresário reconhece que a rivalidade entre os dois não só promoveu o evento como, durante alguns anos, deu novo fôlego ao vale-tudo de São Paulo. Jovens atletas começaram a entrar na academia deles já com a cabeça voltada para o esporte, em especial para os grandes torneios dos Estados Unidos e do Japão. Além de Gabriel Vella e Eduardo Pamplona, que chegou a disputar torneios importantes como o americano Strike Force, Ryan ajudou a formar bons atletas, como Fábio Leopoldo e Carlos Russo. Pela academia de Macaco passaram Thiago Silva e Assuério Silva. “Essas desavenças foram boas para nós dois. Cada vez que acontecia um problema entre mim e o Ryan, apareciam dez, 15 alunos para se matricular na minha academia e na dele. Não posso dizer que foi uma desavença saudável, mas era um marketing muito grande”, contou Macaco em entrevista ao site MMA TV, do portal Terra. Os dois professores tornaram-se uma referência em São Paulo não apenas por terem lutado MMA no exterior, mas também porque estimulavam a rivalidade com alunos de outras academias nos campeonatos de jiu-jítsu. Ryan, em especial. “Ele era terrível, gostava de dar porrada, mas era um cara muito legal, amigo mesmo. Umas três ou quatro vezes, ele estava deprimido e veio conversar comigo, até porque eu tinha formação de psicólogo”, lembra Maroni.

A personalidade de Ryan era mesmo um desafio para qualquer psicólogo. É possível ouvir relatos sobre ele que parecem tratar de pessoas diferentes. Em um curto espaço de tempo, ele podia provocar uma briga gratuita e depois fazer uma gentileza a um desconhecido. Durante anos, Ryan ensinou jiu-jítsu de graça a crianças da comunidade carente de Santa Clara, em Vargem Grande, na Zona Oeste do Rio. O projeto resultou no Instituto Kapacidade, hoje comandado por sua sobrinha, Kyra Gracie, pentacampeã mundial de jiu-jítsu. Muitos o veneram até

hoje não só como lutador, mas como um amigo dedicado — pelo menos aqueles de quem ele gostava. “Até certa idade, o Ryan era um estopim de confusões. Depois foi se acalmando. Mas, quando via um amigo em desvantagem, comprava o barulho”, defende Roberto Corrêa, o Gordo, ex-aluno da Gracie Barra. “O Ryan era de uma linha horrível. Ele não respeitava ninguém”, diz Hugo Duarte, que quase se envolveu numa briga com ele em Búzios, na Região dos Lagos fluminense. “Era incentivado por alguém da família. Ninguém faz besteira à toa”, comentou Eugênio Tadeu.

Em 1999, as atitudes de Ryan e novos casos de confusões provocadas por lutadores de jiu-jítsu nas ruas do Rio levaram Hélio Gracie ao programa *Domingão do Faustão*, da TV Globo. Acompanhado do filho Royler, ele assistiu do palco a uma reportagem sobre o assassinato do estudante Frederico Guimarães, que levou um tiro na porta da UniverCidade, na Lagoa. As investigações da polícia apontavam como a causa do crime uma rixa entre gangues de academias. Também foram exibidas imagens da babá Neila Ribeiro da Silva, de 21 anos, que morreu baleada num tumulto iniciado por turmas de jiu-jítsu na casa de espetáculos Metropolitan, na Barra, na saída do show da cantora Angélica. Como sempre, Hélio procurou desvincular o comportamento dos lutadores da arte marcial. “Se eu fosse presidente do país, estava todo mundo na cadeia. Nenhuma arte marcial é responsável por seu praticante ser cafajeste, bandido ou ladrão. Cobro US\$200 por aula. Você acha que o cara que paga US\$200 por uma aula vai fazer parte de uma gangue de jiu-jítsu?”, perguntou ao apresentador Fausto Silva.

Ryan foi para São Paulo em 2000, depois de passar pouco mais de duas semanas preso, sob a acusação de esfaquear o comerciante Marcus Vinícius Marins da Rosa, de 26 anos, na casa noturna Ilha da Fantasia, na Barra da Tijuca, no dia 13 de fevereiro daquele ano. Marcus Vinícius contou que Ryan se aproximou perguntando o que havia acontecido entre ele e alguns alunos da Gracie Barra. Quando se inclinou para escutá-lo, levou uma estocada de canivete na barriga e uma cabeçada. No chão, ainda foi asfixiado com um mata-leão. Conhecido como o “Chuck Norris do Méier”, segundo reportagem d’O *Globo* publicada no dia 15 de

fevereiro de 2000, Marcus disse à polícia que era halterofilista, mas não praticava artes marciais, embora no seu carro houvesse um adesivo onde se lia “jiu-jítsu”. Ryan alegou que estava apenas defendendo um rapaz de 15 anos agredido dias antes por um grupo liderado por Marcus, que teria tentado usar o canivete primeiro. “Esse menino não tem jeito. Tenho orgulho de ter me separado dessa banda podre da família. Sempre que isso acontece, tenho vontade de mudar meu nome para Carlson Silva”, disse Carlson Gracie, tio de Ryan, ao jornal *O Dia*, poucos dias depois da confusão.

O inquérito ficou sob responsabilidade da delegada Monique Vidal, de apenas 28 anos. Loura, olhos verdes e longos cabelos cacheados que alcançavam a pistola calibre 40 presa à cintura, ela começava ali uma escalada de notoriedade que lhe valeu os apelidos “Delegata” e “Caçadora de Pitboys”. Grávida de oito meses, Monique pediu a prisão de Ryan. “Esse machão vai ser preso por uma mulher”, ironizou na época o secretário de Segurança Pública do Rio, Josias Quintal. Assim como já estava acontecendo com a promotora Monica Di Piero, que denunciou o Gracie, Monique passou a receber telefonemas com ameaças de morte. Por orientação médica, ela antecipou a licença-maternidade. Acabou sofrendo complicações na gravidez e teve um parto prematuro. No dia 22 de fevereiro, o juiz João Guilherme Chaves Rosa Filho, do 1º Tribunal do Júri, decretou a prisão preventiva de Ryan por tentativa de homicídio, incluindo o seguinte comentário: “O acusado é professor de jiu-jítsu, pertencente a uma família que honra o esporte nacional, com vários títulos nessa modalidade. Seu envolvimento frequente em agressões físicas em locais públicos (...) traz aos mais jovens que praticam este esporte (...) a falsa percepção de que bom atleta é aquele que precisa se afirmar pela agressividade da violência banal.” O lutador não foi encontrado no endereço da rua Xavier da Silveira, em Copacabana, fornecido à polícia, e por uma semana foi considerado foragido — até conseguir um habeas corpus.

A imprensa carioca dedicou um bom espaço para o episódio, que logo ganharia outro ingrediente: discriminação contra homossexuais. Na mesma noite em que esfaqueou Marcus, Ryan também teria agredido

com um soco no queixo o advogado e presidente da Liga Carioca de Jiu-Jítsu Maurício Tadeu Lima, o Saddam. Ele escrevera uma carta a uma revista especializada em artes marciais, criticando declarações públicas de membros da família Gracie contra gays. Era uma época de denúncias sobre espancamentos de homossexuais na noite do Rio, muitas vezes praticados por lutadores de jiu-jítsu. A revista *Sui Generis*, voltada para o público gay, tinha convidado Vitor Belfort para estrelar a edição de fevereiro de 2000. A capa trazia uma foto dele sem camisa segurando uma pomba branca, ao lado da manchete “Força bruta a favor da paz”. “Quem comete atrocidades contra os homossexuais, no fundo, tem medo de ser gay. É um enrustido”, dizia Vitor. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, pouco depois da briga na Ilha da Fantasia, Robson, o pai de Ryan, pôs mais lenha na fogueira. “Tem muita gente aí que é mocinha, com tendências homossexuais, prestes a se revelar”, disse, referindo-se a desafetos do filho. Carlson Gracie deu outra entrevista polêmica ao jornal *O Dia* três dias depois, em que acusava o irmão Robson de passar a mão na cabeça de Ryan desde pequeno. “Eu dizia que era cafuné em diabo. Ele [Ryan] é um psicopata, não tem mais jeito. Não pode viver em sociedade.” A crítica pública a um Gracie contrariou a “norma” da família e foi respondida por Robson com ainda mais veneno: “Ele [Carlson] diz que eu passo a mão na cabeça dele [Ryan], mas ele bem ou mal está aqui comigo. E o filho dele, cadê? Está nos Estados Unidos vendendo diploma falso de jiu-jítsu. O Carlson Gracie Jr. botou anúncio no jornal e, dependendo de quanto pagam, ele dá a faixa de jiu-jítsu. Vende lá o que temos de mais sagrado aqui.” Até o tio-avô Hélio entrou na discussão sobre Ryan, porém com mais sutileza: “Ele costuma brigar por ser inseguro. Pensa que brigando mostrará quem é.”

Com um novo pedido de prisão, Ryan foi para a cadeia no dia 30 de abril. Vestindo calça cargo e camisa social branca, ele se entregou no 1º Tribunal do Júri. Assim que chegou, recebeu um beijo do pai. Depois do interrogatório, como não tinha curso superior, foi levado para uma cela comum da Polinter, na Zona Portuária do Rio. Dividiu um espaço de vinte metros quadrados com 35 presos, acusados também de lesão corporal ou tentativa de homicídio. “[Quando sair daqui] vou ficar longe

das boates e da noite porque as pessoas bebem e ficam valentes demais”, disse Ryan ao *Jornal do Brasil* de 1º de maio de 2000. A primeira noite na cadeia ficou em claro, sobre um colchonete fino. Ele passou a maior parte do tempo na cela se exercitando e lendo o livro *Operação Cavalo de Troia*, de J.J. Benítez. Foi libertado 18 dias depois, quando conseguiu novo habeas corpus. Ele contou também com a ajuda da morosidade da justiça brasileira. Quatro dias antes de ser libertado, a juíza Deborah de Oliveira, da 20ª Vara Criminal de São Paulo, expediu novo mandado de prisão preventiva contra Ryan. O motivo era outra acusação de espancamento, esta registrada em São Paulo, contra Ademir Mateus Júnior. Mas a polícia do Rio só recebeu o documento depois que Ryan estava solto. Antes de voltar para cadeia, seus advogados conseguiram derrubar o mandado.

Apenas seis meses depois da confusão na Ilha da Fantasia e quatro meses depois de sair da prisão, Ryan fez sua primeira luta oficial de vale-tudo. Parte dos Gracie acreditava que os torneios oficiais ajudariam a frear seus impulsos violentos fora do ringue. A opção natural foi o Japão, onde já estavam os principais lutadores da família. No Pride 10, Ryan entrou no Seibu Dome, em Saitama, vestido com a camisa da seleção japonesa de futebol e um capacete de guerreiro medieval. Ele nocauteou o anfitrião Tokimitsu Ishizawa com pouco mais de dois minutos do primeiro round. Duas edições depois veio a derrota para Kazushi Sakuraba, que já havia vencido seu irmão Renzo. Perdeu ainda uma revanche para Ishizawa e, a partir daí, só conheceu vitórias — até a última luta, no Pride Shockwave de 2004, em que derrotou Yoji Anjo, o mesmo que apanhou de seu primo Rickson num desafio a portas fechadas nos Estados Unidos. Ao fim dos combates, em cima do ringue, ele ficou conhecido por comemorar as vitórias já desafiando futuros adversários. Ryan abandonou o MMA profissional pedindo aos donos do Pride uma revanche contra Sakuraba. Acumulou um cartel de sete combates, todos no Japão contra japoneses, cinco vitórias e duas derrotas. “O Ryan foi melhor como professor do que como competidor de MMA ou jiu-jítsu. Formou vários lutadores muito bons”, afirma o jornalista Denis Martins, do site do UFC Brasil.

Nem antes, nem durante, nem depois da vida de lutador profissional

Ryan deixou de se meter em confusões ou de cultivar inimizades. Em 2003, na hora do café da manhã do Tokyo Hilton, ele se dirigiu à mesa dos lutadores da BTT. Chegou sorrindo e cumprimentou um a um até estender a mão para Carlão Barreto, que estendeu a sua de volta. Foi quando Ryan lhe acertou um soco no rosto. Ninguém entendeu nada. Carlão se levantou para dar o troco, mas foi contido por Murilo Bustamante e por um primo de Ryan, Daniel Simões. Royce e Rickson se aproximaram para proteger o primo mas, principalmente, para cobrar explicações.

— Que isso, cara? Ficou maluco? Bateu nele por quê? — perguntou Royce.

— Porque ele falou mal da nossa família — respondeu.

— Mas quando?

— Há uns sete anos.

— Sete anos? — espantaram-se Royce e Rickson.

— Ué, tem sete anos que eu não vejo esse cara.

Conhecido pela cordialidade com que tratava todo mundo, Carlão respirou fundo e se convenceu de que era mais prudente não revidar, até para não manchar o nome da BTT. Mas pediu providências à direção do Pride, que tirou uma porcentagem da bolsa da luta seguinte de Ryan e entregou a ele. No dia seguinte, o Gracie ligou pedindo desculpas. Carlão diz que nunca falou mal da família e que nunca descobriu o motivo da agressão. “Lembro que uma vez ele machucou um garoto numa briga em São Paulo e eu disse que lugar de brigão de rua é na cadeia. Pode ter sido isso”, recorda.

Também ficaram famosos os bate-bocas entre Ryan e Wallid Ismail depois que o discípulo de Carlson derrotou seus irmãos Renzo e Ralph em torneios de jiu-jitsu. Os dois sempre prometiam um tira-tema em cima do tatame, que nunca aconteceu. Cada hora um dizia que o outro estava fugindo. Em 2001, Ryan foi convidado a participar do programa *Festa do Mallandro*, apresentado ao vivo por Sérgio Mallandro, no canal CNT/Gazeta. A produção ligou na hora para Wallid para tentar marcar a luta entre eles. Por telefone, Wallid disse que o combate só não tinha saído naquele mês porque Ryan pedira mais quarenta dias para treinar.

Começou, então, uma discussão intermediada por Mallandro, que não sabia se ria ou se fazia cara de sério.

— Eu só preciso de mais quarenta dias pra treinar porque quero te bater mais. Com menos do que isso eu já te dou porrada. Porque você é burro. Tu fica quieto aí senão eu vou quebrar a tua cara. Vou te pegar na tua academia. Quer dizer, você não tem academia, né? — ironizou Ryan.

— Quem vê assim em casa acha que ele é campeão. Mostra uma luta dele aí, Mallandro. Ele é frouxo! — rebateu Wallid.

— Vem aqui agora que eu faço cinco, dez minutos [de porrada] com você agora. Tu é feio e frouxo (...). Eu vou lutar pra tirar todos os dentes da tua boca. Você fala demais e não é ninguém. Você não passa de um paraíba. (...) Você é burro, não sabe dar um soco, Wallid. Seu professor, meu tio Carlson Gracie, sabe disso. Chama você de burro — disse Ryan.

— Como então que eu sou campeão mundial de vale-tudo, sou campeão do IVC, que é o maior campeonato de vale-tudo do mundo?

Mais uma vez, a discussão terminou sem a luta marcada.

Robson Gracie reconhece que o filho levava a ferro e fogo a tradição da família de não levar desaforo para casa. Mas o compreende perfeitamente. “Eu acho, de certa forma, briga uma coisa salutar. Briga honesta, pura, sem armas, uma reação instintiva do ser humano para se defender. Hoje você não pode fazer nada que é tudo mal interpretado”, afirma. Ao mesmo tempo, Robson diz que a maioria dos problemas envolvendo Ryan era relacionada a um quadro de “síndrome do pânico”, que o fazia acreditar que estava sendo constantemente perseguido. Na opinião dele, o filho estava sofrendo uma crise desse tipo quando, em 14 de dezembro de 2007, pegou uma faca de cozinha e começou a andar a esmo pelas ruas do bairro do Itaim Bibi, na Zona Sul de São Paulo. Na rua Jacurici, tentou roubar um Toyota Corolla conduzido por um senhor de 76 anos. Com dificuldades para dirigir em linha reta, Ryan bateu em um orelhão e, seiscentos metros adiante, em uma mureta de concreto. Então abandonou o carro e foi procurar uma nova vítima. O motorista de um Fiat Fiorino conseguiu escapar, mas não o motoboy Adriano da Silva Souza, de 29 anos. Com um pacote de lanches do McDonald’s no bagageiro, ele estava parado num sinal da esquina da avenida Henrique

Chamma com a Juscelino Kubitschek, sem saber que sofreria o primeiro assalto da vida. Ryan partiu para cima dele com a faca, mas acabou cercado por outros motoqueiros, que o encurralaram junto com a polícia. Na 15ª DP, foi autuado por flagrante de roubo de automóvel. Em seu primeiro depoimento, Ryan alegou que estava sendo perseguido pelo PCC, o Primeiro Comando da Capital, facção criminosa de São Paulo.

Na mesma noite, Ryan foi levado ao Instituto Médico Legal para fazer exame toxicológico e de corpo de delito. Por volta das três horas da madrugada, já na 91ª DP, na Vila Leopoldina, foi atendido dentro da cela — que ocupava sozinho — pelo psiquiatra Sabino Ferreira de Farias Neto. Ele chegou lá a pedido de Flávia, irmã do lutador. O objetivo era obter um laudo que mostrasse que Ryan sofria de dependência química e deveria ser transferido para um hospital. Não é comum que presos recebam atendimento médico na cela — normalmente eles são levados a um hospital público. O lutador não falava coisa com coisa, mas repetia a todo momento que estava sendo perseguido. Dono de uma clínica para dependentes químicos, Sabino levou um kit de exame toxicológico, cujo resultado sai em cinco minutos. Foi constatada na urina do lutador a presença de maconha, cocaína e um benzodiazepínico, substância usada contra a ansiedade. Sua pressão arterial chegava a 17 por dez. Diante da agitação contínua do paciente, o médico aplicou-lhe seis tipos de medicamentos diferentes, entre calmantes, antipsicóticos e anticonvulsivantes. Ryan não chegou a completar um dia na cadeia. Às 7h30 da manhã do dia seguinte, um sábado, ele foi encontrado morto dentro da cela. Estava deitado de lado sobre um colchonete, com as mãos arroxeadas, o rosto avermelhado e manchado com o sangue que saiu pela boca. Segundo três presos na cela ao lado, Ryan mostrou-se ofegante durante a madrugada, mas não pediu socorro em nenhum momento. Ele tinha 33 anos.

Até hoje, a família Gracie revolta-se com o psiquiatra. “Ele deu uma quantidade monstruosa de remédios para o meu filho. Outros médicos nos disseram que foi uma combinação mortal”, afirma Robson. Na época, Sabino também foi criticado por dois ex-pacientes famosos, o ator Maurício Mattar e o cantor Rafael Ilha. Segundo laudo do Instituto

Médico Legal de São Paulo, Ryan morreu em virtude da combinação de sete drogas que inibiram o sistema nervoso central: cocaína, maconha, o ansiolítico Frontal, o calmante Dormonid, o antialérgico Fenegan, o antipsicótico Haldol e o antipsicótico Leponex, usado no combate à esquizofrenia. Como os três últimos medicamentos foram injetados na cela, Sabino foi indiciado por homicídio culposo — sem intenção de matar a vítima. “Eu o mediquei, ele deitou a cabeça na minha perna e relaxou. Era o que eu podia fazer pelo Ryan naquele momento”, disse o médico em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo*, em 19 de dezembro de 2007. Ryan foi enterrado de quimono e faixa preta no Cemitério São João Batista, em Botafogo, no Rio de Janeiro, sob aplausos de centenas de pessoas.

Entre os amigos de Ryan da época de Barra da Tijuca, Jorge Pereira foi um dos que mais continuou a causar polêmicas mundo afora. O jovem professor que, ao lado de Renzo, invadiu a academia do Mestre Boneco nos anos 1990 tornou-se um destemido lutador profissional. Participou de campeonatos de vale-tudo no Brasil e no exterior. Ganhou até o Brasileiro da modalidade, em 1996. Considerava-se um guerreiro de verdade, a serviço do jiu-jítsu e do mestre Rickson Gracie. Quando deixava o ringue todo machucado, usava frases de efeito do tipo “Isso não é sangue. Estou transbordando honra”. Quem estava em volta caía na gargalhada, mas ele falava sério.

Em 1998, Jorge comprimiu a córnea do olho esquerdo num treino de jiu-jítsu. O médico o avisou da necessidade de uma cirurgia imediata, mas ele decidiu esperar porque disputaria o IVC 5 em pouco tempo. Perdeu para Pelé na segunda luta e só então aceitou passar pela operação. Só recuperou 10% da visão. Mesmo assim, viajou confiante para os Estados Unidos, onde participaria de eventos de MMA de médio porte. Perdeu as três lutas que disputou, uma delas para Matt Hughes, o ex-campeão do UFC que derrotou Royce Gracie na edição de número 60. Segundo ele, o

olho deficiente o atrapalhava muito, mas jamais se arrependeu do que fez. “Ficar cego por causa do amor a uma luta é coisa para gente honrada. Sei que sou visto como um louco por muita gente, mas acho que fiz a coisa certa, sacou?”, diz.

Como a vida de lutador não seguiu o caminho que ele esperava, Jorge procurou outro tipo de trabalho nos Estados Unidos. Fincou raízes em Miami, onde começou a dar aulas de jiu-jítsu e MMA para homens e mulheres de classe média alta. Mas ele ainda sonhava com uma volta às lutas profissionais, nem que fosse como promotor. A chance apareceu a partir de um e-mail. Um ex-aluno lhe escreveu, convidando-o para uma sociedade na promoção de um evento. Ex-fuzileiro naval, Jason Atkins havia se tornado um empresário bem-sucedido, com capital disponível para investir em novos negócios. Ele falou com Jorge sobre sua mais recente empreitada, um canal por assinatura na internet que exibiria, ao vivo, atrações tão exóticas quanto uma briga de galo em Porto Rico, um reality-show entre mulheres musculosas e um torneio de vale-tudo à moda antiga. Era aí que o amigo brasileiro entrava. Anos antes, Jorge havia lhe falado dos antigos desafios dos Gracie contra outras artes marciais e dos torneios nascidos da rivalidade entre jiu-jítsu e luta livre no Rio de Janeiro. Atkins nunca tirou aquilo da cabeça.

Assim nasceu o Rio Heroes, segundo Jorge, uma reação à pasteurização das artes marciais mistas. “Queria voltar às origens do verdadeiro vale-tudo. Como é que o UFC pode dizer que o cara que ganha lá é campeão do mundo de MMA se eles não permitem cabeçada no rosto? Cabeçada é uma das maiores armas da briga de rua. O sujeito é campeão do mundo e não sabe dar uma cabeçada?”, pergunta. Seria um torneio com apenas as três regras de honra: proibição de mordida, puxão de cabelo e dedo no olho. Jorge seria o encarregado de arrumar o local dos combates e os lutadores. Como nos Estados Unidos seria mais difícil, pelo rigor das comissões atléticas, eles optaram pelo Brasil e pelos brasileiros. “Eu vou falar uma coisa aqui dura, os caras vão me odiar. No Brasil, a gente pode fazer o que quiser”, diz Jorge, entre uma aula e outra, numa das academias onde trabalha.

Os sócios só não imaginavam que as fitas das duas primeiras edições

do Rio Heroes, gravadas por um cinegrafista contratado por Jorge, fossem parar nas mãos da imprensa. No dia 8 de julho de 2007, uma reportagem de 16 minutos do programa *Domingo Espetacular*, da Rede Record, tratou das “lutas clandestinas de São Paulo”. Em cima de tapetes de borracha de uma academia de ginástica, lutadores amadores — alguns gordos ou barrigudos, sem quase nenhuma técnica — brigavam até um desmaiar ou pedir para parar. Não havia luvas nem limite de tempo. Para ser campeão, o competidor precisava vencer dois ou três adversários na mesma noite. Vestido com uma camisa preta onde se lia “no rules” (“sem regras”), Jorge estimulava os lutadores com palavras de ordem: “Soco na cara! Eu quero ver chute, estrangulamento, porrada (...) Vamos largar a mão e botar pra dormir. Não vi ninguém dormir, ninguém dormiu (...)”. Em outro momento, repreendeu um competidor que pensava em desistir. “Desculpe, *brother*, mas quando você vier aqui eu quero que venha para morrer aqui dentro.” Em uma das cenas mais impressionantes, um lutador leva um soco e cai contra uma janela de vidro, que se estilhaça em cima dele. O sujeito sai com a cabeça sangrando. Também havia uma briga entre um homem e uma mulher — vencida, aliás, pela mulher. “Luta, dinheiro, é isso que eu quero, entendeu?”, disse ela no fim, olhando para a câmera. “Vim aqui para deixar a cara de qualquer um que nem a cara do Frankenstein”, ameaçou outro, em seguida. Eles recebiam, no máximo, R\$300 de bolsa.

Na segunda parte da reportagem, o cenário muda para um estacionamento, cujo chão foi coberto em parte pelos mesmos tapetes de borracha da academia. Um dos lutadores teve que ser contido porque continuou batendo descontroladamente no adversário, que já tinha desistido. Para fazer o contraponto com o vale-tudo legal, o repórter Lucio Sturm entrevistou Robson Gracie, que criticou a iniciativa de Jorge Pereira. “O que é isso? Que selvageria é essa, que loucura é essa? Cana, delegacia mais próxima, vamos levar essas feras todas para a jaula”, afirmou. Vitor Belfort também foi ouvido. “Isso é o quê? O *Clube da luta*? É igual a briga de galo, briga de cachorro. Eu acho que tem que tomar providência e banir”, disse. Ainda hoje, Vitor se irrita quando fala da proposta do Rio Heroes de retomar o vale-tudo original: “Antigamente

sabe como era a arte marcial? Cada um tinha uma espada, e um dos dois morria. Vamos voltar a fazer isso também? Qual o sentido?”

Quando a reportagem foi ao ar, o torneio já vinha sendo criticado por boa parte da mídia especializada e por lutadores dos grandes eventos. Wanderlei Silva, por exemplo, conta que teve vontade de chorar quando assistiu a uma luta do Rio Heroes pela primeira vez. “Era como se estivessem jogando pela janela tudo o que ajudamos a construir”, disse. “Aqueles eram o Rio Heroes 1 e 2, que foram apenas programas-pilotos. Até a quarta edição foi piloto”, defende-se Jorge. De fato, as outras edições pareciam contar com uma infraestrutura mais apropriada, com um octógono e uma ambulância, mas a carência de regras era a mesma. Os combates talvez não fossem muito diferentes do que poderia ser visto num desafio dos Gracie ou nos primeiros confrontos do jiu-jítsu com a luta livre — a diferença é que o esporte já havia evoluído para outro patamar de segurança. “Não adianta comparar com UFC, Pride ou qualquer coisa. Eu estava vendendo bananas, e eles, laranjas”, diz Jorge.

Como a reportagem da TV Record não citou o nome de Jorge nem do Rio Heroes, ainda foi possível manter o torneio ativo por mais um tempo. Eles cobravam US\$19,95 dos assinantes — a maioria americanos, japoneses e australianos — para liberar o sinal da luta pela internet. O espectador podia ainda fazer apostas em sites como Bookmakers.com e BestBetting.com, que patrocinavam o evento. Não havia público pagante no local. As pessoas vistas em pé, ao redor do octógono, eram parentes ou amigos dos lutadores. Segundo Jorge, uma edição do Rio Heroes chegou a arrecadar quase US\$1 milhão. A bolsa do campeão não passava de US\$2 mil. Além de promotor, Jorge era o árbitro — mas um árbitro diferente, que gostava de desafiar os lutadores. “Tá preocupado com o sanguinho? Cai pra dentro, porra!”

Pouco antes do acidente com o voo 3054, Oscar Maroni foi convidado para assistir in loco a uma edição do Rio Heroes. Ficou impressionado com o barulho dos ossos se chocando quando viu um lutador acertar o queixo do outro. “Falando assim é animalesco, é repulsivo, mas para quem gosta da agressividade desse esporte é interessante”, diz. Saiu de lá tão animado que cogitou com Jorge a ideia

de fazer um vale-tudo revolucionário. O intervalo das lutas seria preenchido com shows de sexo explícito protagonizado pelas meninas do Bahamas. Maroni chegou a ceder algumas delas para trabalharem de *ring girls*, mas não houve tempo de pôr em prática o novo formato. O Rio Heroes chegou ao fim na 14ª edição, a primeira de 2008. Dois dias depois do evento, em 31 de janeiro, a *Folha de S.Paulo* publicou uma reportagem com o título “Vale-tudo em SP inspira apostas no exterior”. Em um galpão abandonado em Osasco, na Grande São Paulo, o repórter Silas Martí e a fotógrafa Marlene Bergamo testemunharam a violência das lutas e revelaram as bolsas baixas (R\$700, no máximo) e o mercado de apostas na internet. Jorge se defendeu dizendo que as apostas eram feitas fora do Brasil, mas não teve como explicar o fato de o Rio Heroes ser realizado em um imóvel que deveria abrigar uma concessionária de carros. “Foi um erro do nosso advogado. Aí o Jason amarelou, ficou com medo da repercussão e cortou o dinheiro. Senão a gente estaria aí até hoje”, diz Jorge. Em outras palavras, o evento de vale-tudo mais violento do século XXI acabou por um entrave burocrático.

Apesar de ser considerado maldito, o Rio Heroes chegou a revelar bons lutadores para torneios de médio porte do Brasil e do exterior, como Flávio Álvaro e Udi Lima. O mais promissor deles é Paulo Bananada, que depois de lutar em eventos como o Shooto e o Jungle Fight foi apadrinhado por Anderson Silva nos Estados Unidos. Ele já lutou em torneios americanos respeitados, como o Rage in the Cage, com o privilégio de ter Anderson o orientando ao lado do ringue. Bananada sonha lutar no UFC, o evento que dá náuseas a seu ex-padrão, Jorge Pereira. Mas o organizador do Rio Heroes se diz ainda disposto para lutar no UFC ou em qualquer torneio, desde que se sinta executando “a missão para a qual foi escolhido”. “Se for o desejo do Rickson que eu vá para a guerra, eu vou amarrado. Não tem dinheiro, não tem pintação de unha, não tem pintação de cabelo, não tem show, não tem nada. É só porrada, sangue, suor e amor ao jiu-jitsu.”



Naquela noite de fevereiro de 2001, cada lutador que entrou no octógono se sentiu o homem certo no lugar certo. Dali de dentro, era possível avistar os novos patrões sentados a poucos metros de distância, na área VIP do Trump Taj Mahal, em Atlantic City. Eles representavam a esperança de dias melhores para o UFC depois de anos caminhando no limiar entre a legalidade e o underground. O campeonato havia sido comprado duas semanas antes e se falava na iminência da sanção do MMA pela Comissão Atlética de Nevada, a mais prestigiada do país. Seria o início de uma nova era para o esporte. Participar do *card* do UFC 30 significava, portanto, uma oportunidade de ouro de mostrar serviço a Dana White e aos irmãos Fertitta. Comentava-se entre os atletas que aqueles que agradassem teriam os contratos renovados e até reajustados. Pedro Rizzo era uma aposta dos antigos donos, o Semaphore Entertainment Group (SEG). Tinha derrotado lutadores importantes, como os ex-campeões Dan Severn e Mark Coleman e o grandalhão Tank Abbott, no UFC Brazil. Carregava o apelido The Rock (“A Rocha”) por sua força e capacidade de aguentar golpes. Dana o admirava, mas ele não apostaria numa vitória do brasileiro. O adversário de Rizzo era o temido americano Josh Barnett, conhecido como The Baby-Faced Assassin (“O Assassino com Rosto de Bebê”). Embora tenha manchado sua carreira com testes positivos de doping, Barnett era o dono de um dos socos mais potentes entre os pesos pesados.

Foi uma luta toda travada em pé. O equilíbrio do primeiro round só comprovou que Rizzo, mesmo no auge de sua forma, tinha pela frente um duro adversário. Quem abrisse a guarda por mais de um segundo corria o risco de receber um soco certeiro no rosto. Com os pés, o brasileiro mostrou ser melhor e mais ágil, distribuindo chutes abaixo da linha da cintura e fazendo com que Barnett levasse a mão às pernas diversas vezes. No meio do segundo round, quando levou um soco de esquerda do americano, Rizzo contra-atacou com um jab de direita que abriu a guarda do adversário para o segundo e derradeiro golpe: um

cruzado de direita que o levou à lona, com sangue escorrendo pelo nariz. Um nocaute clássico que o brasileiro comemorou abraçado a seu mestre Marco Ruas. Mais do que qualquer um naquela noite, Rizzo era, de fato, o homem certo no lugar certo.

O rumor entre os lutadores antes do evento era bem-fundamentado, tanto que Rizzo foi chamado na semana seguinte para negociar com Dana White. Ele lhe explicou os objetivos e os métodos de trabalho da nova empresa, que tinha por objetivo elevar os melhores lutadores do MMA à condição de astros internacionais. Eles, atletas e promotores, ganhariam muito dinheiro juntos. Nos olhos e nas palavras de Dana, estava evidente sua admiração por Rizzo. A Zuffa avisou que esperaria a última luta do contrato antigo com o SEG para assinar um novo, que previa um total de US\$1 milhão por seis combates. “Hoje, um lutador top pode ganhar isso numa noite, mas naquela época era um valor absurdo. Era mais do que o Randy Couture e o Chuck Liddell ganhavam. Provavelmente, eu estava me tornando o lutador mais bem-pago da Zuffa”, diz Pedro Rizzo. Com o dinheiro, chegaram a reboque as mordomias e os presentes de quem estava cotadíssimo para se tornar o rosto do novo UFC. Rizzo começou a frequentar restaurantes caros e a se hospedar nas melhores suítes, muitas vezes ciceroneado por Dana e Lorenzo. Não conseguia andar pelos hotéis de Las Vegas sem ser cercado por admiradores. No MGM Grand Hotel, passou a usar uma saída pelos fundos para driblar os fãs quando estava com pressa.

Rizzo ficou envaidecido, mas não se deslumbrou. Não lhe faltaram alternativas de vida antes de decidir se tornar um lutador profissional. Criado no Leblon, na Zona Sul do Rio, ele vem de uma família de boa condição social. Aluno aplicado no Colégio Santo Agostinho, ele foi aprovado no vestibular para universidades públicas entre os primeiros lugares. Fez quatro anos de faculdade de veterinária e três de educação física, antes de trancá-las. O pai e o irmão são engenheiros, a mãe é professora, e a irmã é jornalista. Rizzo causou um rebuliço em casa quando anunciou que viveria de luta. Não era o que a família esperava quando ele começou a treinar muay thai com Marco Ruas, na adolescência. Imaginavam, no máximo, que seria um campeão brasileiro

na modalidade — como, de fato, foi. Dedicar-se a um esporte que na época se chamava vale-tudo era demais para seu pai. Mas em pouco tempo ele mostrou que havia feito a escolha certa, como astro em ascensão do torneio de MMA mais badalado do mundo, o UFC. Com 25 anos, tinha comprado um carro novo e um apartamento no Leblon, sem deixar de ser um filho dedicado e companheiro.

A família Rizzo estava convencida do potencial de Pedro no esporte quando Dana White lhe deu a primeira chance de conquistar o cinturão dos pesos pesados logo no UFC 31, contra o campeão Randy Couture. Dessa vez, quando chegou ao Trump Taj Mahal, Rizzo foi recebido pelo anfitrião, o milionário americano Donald Trump: “Quero ver mais um nocaute hoje, campeão!”, disse o empresário. O ator Nicolas Cage também se aproximou para saudá-lo, seguido por Mike Tyson, que elogiou o nocaute sobre Barnett. “Eu vim aqui para ver você”, disse-lhe o pugilista. Ainda se acostumando à condição de ídolo, Rizzo ficou meio anestesiado. “Porra, o Tyson era o Tyson. Eu adorava aquele cara, e ele estava dizendo que foi lá para me ver. Isso era demais!”, lembra, durante um animado bate-papo num restaurante do Leblon, bairro onde vive. Naquela noite, quando subiu no octógono, ele conseguiu esquecer tudo aquilo. Travou uma batalha épica contra Couture, uma trocação de chutes e socos de tirar o fôlego de qualquer espectador — imaginem o de Dana White. Foi uma das melhores lutas da história do UFC, segundo o seu presidente. O rosto do brasileiro coberto de sangue impressionava, mas ele próprio alertara o árbitro John McCarthy antes do combate: “Eu me corto fácil. Não para a luta de jeito nenhum!” McCarthy não parou, e os dois terminaram exauridos. “Foi a luta mais difícil da minha vida. Pedro era muito forte e muito grande. Qualquer um poderia ter vencido naquele dia”, diz Randy Couture. Os juízes deram a vitória ao americano, mas o resultado não diminuiu em nada a admiração dos donos da Zuffa pelo brasileiro. “Eu estava lá no meu vestiário, puto, quando chega o Dana dizendo que, para ele, eu tinha vencido a luta. Ele não tinha poder sobre os juízes, que são da comissão atlética, mas marcaria uma revanche em breve. E foi o que aconteceu”, conta Rizzo. No UFC 34, o primeiro sob o novo contrato, Rizzo travou outra batalha duríssima. Dessa vez, o

americano venceu sem contestações, com um nocaute técnico no terceiro round.

Rizzo lutou bem nas duas derrotas para Couture, mas deixou o octógono abalado na segunda vez. Competitivo ao extremo, ele detesta quando lhe dizem que perder faz parte do jogo, ainda mais quando sente que teve a chance de vencer. Na maioria dos esportes, o atleta vive um tempo relativamente curto entre competições. Um tenista, por exemplo, em geral tem um torneio a cada uma ou duas semanas, o que significa uma chance de se recuperar logo de uma derrota. No MMA às vezes são quatro, cinco meses lidando com o último fracasso até ganhar uma nova oportunidade. Quando não sabe suportar esse período angustiante, o lutador pode começar a perder o próximo combate antes de subir no octógono. Ou viver o que aconteceu com Rizzo. Os elogios que ouvia — ainda mais depois da vitória sobre o bom bielorrusso Andrei Arlovski no UFC 36 — agora lhe faziam mais mal do que bem. Passou a encará-los como cobrança, sem se dar conta de que a cobrança mais impiedosa vinha de si mesmo. Não enxergava mais o público como pessoas que tinham ido ali para se divertir em uma noite de sábado, mas como fãs que chegavam para assistir a uma vitória dele. “Em vez de eu pegar essa idolatria e me motivar, eu fiz o contrário. Eu pensava: ‘Caraca, não posso perder.’ E dizer ‘não posso perder’ é o primeiro passo para o abismo. Se você não luta pra frente, você luta pra não perder. Se você luta pra não perder, você só se defende ou contra-ataca. E aí você perde. Foi o que aconteceu comigo. Tive o sucesso nas mãos e dei mole”, conta Rizzo. São demônios internos que convivem com todos os lutadores, mas poucos têm coragem de revelá-los.

Rizzo entrou favoritíssimo contra o americano Gan McGee, que fazia apenas a segunda luta no UFC. Era um daqueles combates relativamente fáceis para um lutador em ascensão ganhar confiança rumo a uma nova disputa de cinturão. Mas o brasileiro levou um soco no rosto e quebrou o nariz faltando dez segundos para o fim do primeiro round. O médico argumentou que, para não agravar a fratura, seria melhor desistir, o que acabou acontecendo. Já quando enfrentou o bielorrusso Vladimir Matyushenko no UFC 41, a pressão havia mudado de natureza. Não era

mais para ele se manter no topo, mas para segurar a queda livre. Rizzo sabia que alguns lutadores americanos estavam incomodados com o tamanho de seu prestígio — e de seu contrato — no UFC. Decidiu passar por uma forte dieta sem carboidratos para se sentir mais ágil no octógono. Perdeu peso, mas também o fôlego para encarar o segundo e o terceiro rounds da luta contra Matyushenko. Foi incapaz de encarnar o lutador técnico e agressivo que sabia ser. Foi um combate equilibrado, que terminou com decisão favorável dos juízes para Matyushenko. Antes mesmo de descer do octógono, Rizzo tinha certeza de que seu patamar no UFC não era mais o mesmo. “Se você perde duas seguidas, o pessoal acha que você está acabado”, diz. Ainda faltavam duas lutas para terminar o contrato, mas nem as vitórias sobre Tra Telligman e Ricco Rodriguez consertaram isso. “Não é que eu tenha sido demitido. Eles ainda me queriam lá, mas a bolsa de US\$1 milhão caiu para uns 10% disso...”, conta. O brasileiro preferiu sair por conta própria e tentar a sorte no Pride, que vivia uma fase muito mais promissora que o UFC naquele momento. Seu objetivo era dar a volta por cima no maior concorrente deles. “Boa sorte”, desejou-lhe Dana White.

Rizzo não saiu com raiva nem guardou mágoas do presidente do UFC. Entende que esse esporte, como outros, funciona na base da produtividade. Ele era um patrimônio aparentemente sólido que entrou em processo de desvalorização — só isso. Se o seu valor de mercado voltasse a subir, poderia ser adquirido de novo. Aconteceu algo parecido com outro brasileiro, Jorge Santiago. Em 2006, ele assinou um contrato de três lutas com o UFC. Venceu a primeira e perdeu as outras, o que provocou sua dispensa. Era o início da ascensão do UFC após o reality-show *The Ultimate Fighter*, o que significava que Santiago estava saindo na hora do filé-mignon. Sua autoestima foi lá para baixo. Sua mulher havia acabado de engravidar, e ele pensou em largar o esporte para começar uma vida nova. “Tenta melhorar, ganha algumas lutas por aí e, de repente, você volta”, alguém da Zuffa lhe disse na despedida. E foi o que fez. Passou cinco anos rodando por outros eventos, principalmente no Japão, até ganhar uma segunda chance no UFC em 2011. Vinha de uma sequência de 11 vitórias em 12 lutas. A notícia da recontração foi dada

por Dana White. “O cara foi muito gente boa. Ele estava certo em me demitir em 2006. Aqui a fila anda”, disse, três dias antes da reestreia, no UFC 130. E andou de novo para ele no mesmo ano em que foi recontratado: depois de duas derrotas, Santiago foi dispensado pela segunda vez.

Bem-educado, Rizzo aprendeu com Marco Ruas que não tomar partidos é uma das chaves para se dar bem com todo mundo. Ele sempre teve trânsito livre entre o pessoal do jiu-jítsu e da luta livre; na BTT ou na Chute Boxe. Por isso, acreditou que a transição do UFC para o Pride seria tranquila. Foi apresentado a Motoko Uchida, a japonesa que representava junto com Zé Mário os lutadores da BTT. Mas o tempo passava, e as promessas de uma nova luta jamais se concretizavam. “Depois fiquei sabendo que havia um acordo de cavalheiros entre o UFC e o Pride que impedia que os lutadores que saíssem de um evento lutassem imediatamente no outro. Não sei se era verdade, mas o fato foi que eu estava havia um ano no Pride e não tinha pintado nenhuma luta”, conta. Desanimado, Rizzo decidiu passar um período isolado na sua fazenda no município de São José do Barreiro, interior de São Paulo. Era hora de refletir, descobrir se sua história no MMA havia mesmo acabado. Antes de chegar a uma decisão, recebeu um telefonema de Joinha. O apresentador e empresário lhe prometia uma luta no Pride em, no máximo, três meses. Em dois meses, encontrou do outro lado do ringue o russo Sergei Kharitonov, mais fraco tecnicamente que a maioria de seus oponentes anteriores. Chegou animado para o combate, movido menos pelos treinamentos do que por um desejo desesperado de sentir outra vez a sensação da vitória. “Quando cheguei lá, percebi que estava igual a um trator: forte, lento e amarelo”, recorda, bem-humorado. Ainda no primeiro round, Rizzo levou uma sequência de cinco socos, uma joelhada e um pontapé antes de cair nocauteado. “Eu estava quebrado psicologicamente”, lembra. Estava disposto a desistir, mas Joinha lhe garantiu uma segunda luta. Desta vez, o lutador decidiu fazer o que mais sabia e gostava: treinar, treinar e treinar. Chegou obecado pela vitória no Pride 31, em que enfrentaria outro russo, Roman Zentsov. Sentia-se mais ágil, mais confiante, mais preparado. Pedro esperava derrotar Zentsov

para retomar o caminho de vitórias e poder voltar ao UFC carregado em triunfo. Mas, quando tentou dar o primeiro chute, Rizzo sentiu a mão esquerda do adversário explodir em seu queixo. Nocaute com apenas 25 segundos do primeiro round.

Durante mais de um ano, Rizzo manteve-se longe de competições. Continuava acreditando no seu potencial técnico — os treinos contra os melhores do mundo provavam isso —, mas considerava-se incapaz de superar os próprios fantasmas quando a luta era para valer. Muito competitivo, se não pudesse estar pelo menos entre os dez melhores do mundo, não tinha mais interesse em continuar. “Pode me botar US\$1 milhão para ser o centésimo do ranking. Não quero, não vou ter tesão para sair da minha casa e treinar. Eu gosto é do desafio, da competição, da luta pelo que ela é”, explica. Depois de uma reciclagem, Pedro Rizzo até voltou a competir em eventos medianos no Brasil e no exterior, com vitórias significativas sobre veteranos como Gary Goodridge e Ken Shamrock. Em 2010, sonhou com um retorno ao UFC, nem que fosse para encerrar a carreira, mas recebeu a negativa de Dana White pela imprensa. “De onde diabos tiraram isso? De maneira alguma quero desrespeitar o Pedro, porque gosto muito dele, mas ele precisa se aposentar. Eu gostaria de vê-lo aposentado”, disse o presidente do UFC em entrevista ao site MMAJunkie.com em novembro de 2010. Em 2012, enquanto treinava José Aldo Júnior para o segundo UFC Rio, Rizzo ainda sonhava com uma despedida à altura do que ele representou para o MMA brasileiro. Como um dependente químico em abstinência, precisava sentir de novo a inebriante sensação da vitória.

Há poucos exemplos melhores do que o de Pedro Rizzo para ilustrar a montanha-russa emocional e a profusão de conflitos internos que fazem parte da vida de um lutador de MMA. Quando a porta do octógono se fecha, o trabalho de uma equipe de treinadores, preparadores físicos e nutricionistas está encerrado. Além do adversário, o lutador precisa enfrentar também suas inseguranças. A maioria deles reporta aumento da

transpiração e da tensão muscular. A percepção visual também fica mais aguçada, completando um quadro clássico de descarga de adrenalina no sangue. “Esse esporte é mais de 50% mental”, afirma Murilo Bustamante. Um atleta só consegue render o máximo se estiver bem-resolvido do ponto de vista emocional, apontam treinadores e especialistas. Exemplo de agressividade e destemor, Wanderlei Silva diz que o lutador que se apequena dentro do octógono tem tudo para sair de lá massacrado. “Diante do público, o cara tem que crescer, tem que fazer o que está preparado para fazer. Precisa se concentrar e ao mesmo tempo ficar tranquilo, não se ater muito ao tamanho do show. Senão fica nervoso mesmo”, diz. Em outras palavras, Wanderlei está dizendo que o lutador de MMA precisa encontrar um estado mental chamado pelos psicólogos do esporte de “a zona”, que pode ser definido como uma “concentração relaxada” ou um “relaxamento concentrado”. Em esportes de risco, esse é o melhor caminho para que o atleta atue no “automático”, ou seja, faça o que treinou sem realizar um grande esforço mental.

Nesse aspecto, o MMA tem uma peculiaridade ausente inclusive em outras modalidades de luta, como o jiu-jítsu e o judô. É como se o público desse esporte esperasse que o atleta não estivesse em cima do octógono apenas para vencer, mas para dar demonstrações de coragem e até de heroísmo. Por mais técnico e vitorioso que seja, um lutador cauteloso corre o risco de ser vaiado. Minotauro, por sua vez, não se tornou ídolo apenas por suas vitórias, mas pela incrível capacidade de manter a agressividade mesmo apanhando. O fluminense Jôhil de Oliveira é mais lembrado no vale-tudo nacional por demonstrações de bravura ao longo da carreira do que pelas vitórias. Durante quase toda a sua vida profissional, lutou cego de um olho, vítima de um acidente em um treino. Em junho de 2000, sofreu outro grave acidente num show pirotécnico, horas antes do Pride 9. Demorou um pouco mais que o combinado cumprimentando o público e teve 70% do corpo atingido pelo fogo de quatro lança-chamas, sofrendo queimaduras de segundo e terceiro grau. Ficou dois meses internado e, em dezembro do mesmo ano, aceitou lutar no Pride 12. Entrou no ringue com a orelha direita desfigurada, os olhos inchados, o rosto e o couro cabeludo marcados,

arrancando aplausos do público japonês. Meses antes do Pride 14, precisou fazer um transplante de córnea, mas não abriu mão de lutar. Chegou até a pedir desculpas ao público algumas vezes, quando médicos interrompiam seus combates por causa dos ferimentos. “Por mim, eu ia até o fim”, dizia. O torcedor padrão de MMA aceita que o lutador tenha medo, mas não que se acovarde. Considerado instável emocionalmente por alguns colegas e treinadores, Vitor Belfort acredita que o medo funciona como um controlador de limites no esporte. “Os sentimentos têm que ser controlados porque o medo em excesso se torna temor e te paralisa, mas, se o cara não tem medo, ele é um inconsequente e vai se machucar feio”, diz.

Muito da popularidade do MMA se deve a essa balança a que Vitor se refere. Ao mesmo tempo que os atletas são admirados pela coragem de praticar um esporte de natureza tão violenta, eles também se aproximam dos fãs quando mostram suas fragilidades. Foi a fórmula de sucesso encontrada por *The Ultimate Fighter*, que soube levar aos telespectadores os paradoxos do atleta. Ele pode, sim, ser um sujeito sensível no dia a dia, mesmo demonstrando ser um leão faminto dentro do octógono. Até atuar como técnico da quinta edição do *TUF*, o americano Jens Pulver era conhecido por uma vitória surpreendente sobre o então campeão dos leves B.J. Penn no UFC 35 e por ter um olho castanho e outro azul. No reality-show, veio à tona para os telespectadores a conturbada relação dele com a família. Dois irmãos morreram violentamente, e um terceiro foi preso por assalto à mão armada. O pai, um ex-turfista alcoólatra, chegou a botar um cano de revólver dentro da boca do filho, mas desistiu de atirar. “Você não vale o preço da bala”, disse-lhe. Também como treinador, no *TUF 8*, Rodrigo Minotauro foi aos prantos com a história de vida de um dos integrantes da sua equipe, que também emocionou o público americano. Um dos mais talentosos pesos-médios do mundo e astro do Pride por alguns anos, Paulão Filho se perdeu no caminho do estrelato por ter sucumbido à pressão e ao vício em remédios de tarja preta.

Nos três, quatro meses de preparação para um combate, o atleta do UFC deve se acostumar aos sacrifícios físicos. Cada um deles trabalha num

limite diferente de tolerância à dor, mas todos devem encará-la apenas como mais um elemento da disputa, como são o adversário, o árbitro e o público. Muitos dizem que o estado de concentração e excitação durante o combate é tão intenso que não há espaço para sentir dor. “Sabe quando uma pessoa toma um tiro ou é atropelada, mas continua correndo, movida pela adrenalina? É mais ou menos assim que a gente se relaciona com a dor. Só nos damos conta dela horas depois da luta, depois que o corpo relaxa”, diz Rizzo. “Não temos medo da dor. Temos medo é de perder.” Encarada de outro modo, a dor pode gerar um efeito psicológico nefasto. Entrar no octógono significa aceitá-la. Mesmo que às vezes o combate seja tão rápido que não haja tempo de senti-la, já foi tomada a decisão mais difícil, a de se submeter a ela. “Por isso, todo lutador merece respeito. Tem que ser macho mesmo para entrar naquele octógono”, afirma Wanderlei Silva. A vulnerabilidade dos combatentes se revela ao final de cada evento. Antes de começar a tradicional entrevista coletiva pós-luta, Dana White lista as lesões mais graves e se houve necessidade de levar o atleta a um hospital. Na semana seguinte, o departamento médico das comissões atléticas libera uma lista com o tempo em que cada lutador ficará afastado de lutas oficiais até se recuperar totalmente. É bastante comum ver *cards* do UFC em que todos os participantes apresentam algum tipo de lesão. Mesmo que saia aparentemente intacto do octógono, o atleta é afastado de competições por pelo menos 14 dias por precaução. Ao ser nocauteado, passa obrigatoriamente por um exame de imagem, além da suspensão, que é variável. Quando a derrota é por finalização, ele costuma ficar afastado sessenta dias. “As pessoas ficam preocupadas quando veem a gente apanhando na luta, mas não imaginam que já apanhamos muito mais nos treinamentos durante a semana. Somos preparados para isso”, afirma Minotauro.

Para muitos, o maior sofrimento se concentra nos últimos dias antes dos confrontos. Quase todos pesam, no dia a dia, além do limite de sua categoria. Há casos extremos, como o de Gleison Tibau, que normalmente chega à semana anterior da luta com até 15 quilos a mais que o permitido entre os pesos leves. Às vezes, sobram até sete, oito quilos para serem eliminados no último dia. É claro que a quase totalidade dessa

perda é de água. Para perder sete quilos num dia, Wanderlei já passou quatro horas dentro de uma sauna, vestido com uma roupa especial que aumenta a transpiração. Ele também é adepto da imersão numa banheira cheia de sal para estimular a saída de água do corpo. Em seguida, com o mesmo objetivo, os atletas passam uma pomada que mantém os poros abertos por algumas horas. A desidratação absurda pode causar perda de potássio, cálcio e magnésio, hipotensão, alteração do metabolismo, irritação e sobrecarga dos rins e do coração — o que se agrava quando ocorre com frequência. Depois da pesagem, feita na véspera do combate, eles recuperam boa parte do que perderam à base de infusão de soro e de uma dieta especial, o que torna irreal o limite de peso estipulado pela categoria. A longo prazo, essa prática pode causar envelhecimento das células e desgaste de ligamentos, músculos e articulações. “É por essas coisas que esse é um esporte para poucos”, afirma Wanderlei.

Talvez por isso, mais que em qualquer esporte olímpico, o MMA suscite um sentimento de cumplicidade entre os atletas. Há, em geral, um respeito mútuo entre aqueles que aceitam entrar numa gaiola para pôr à prova sua força e coragem. Ao mesmo tempo que se consideram “eleitos” para um esporte tão duro, orgulham-se da escolha desse caminho para viver. O que não quer dizer que a relação entre os lutadores do UFC seja, de maneira geral, muito próxima. “Fora os brasileiros que treinam comigo, tenho poucos amigos no UFC. O Rich Franklin [um matemático que perdeu o cinturão justamente para o brasileiro] é um cara que posso considerar um amigo. Mas a relação, em geral, é de muito respeito”, diz Anderson Silva. Pedro Rizzo concorda: “É tudo muito profissional. Fazer amigos de coração? Isso é mais difícil.” Em um ambiente de muita competitividade, raros são os que cobram uma união maior dos atletas. “Assim que saímos do octógono, a luta acaba. Quando voltamos à vida, não devemos mais competir”, afirma no livro *MMA Encyclopedia* o americano Jeff Monson, um peso pesado anarquista assumido, que já foi preso pichando as palavras “no war” e “no poverty” (“não à guerra” e “não à pobreza”) no muro do Capitólio, sede do Senado e da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, na capital Washington D.C.

Quem já viu alguma entrevista de Anderson Silva imediatamente depois da luta, ainda sobre o octógono, provavelmente conhece Ed Soares. É um sujeito de cabeça raspada, às vezes com máquina zero, que está sempre ao lado do lutador, fazendo a tradução das perguntas do inglês para o português e das respostas no sentido inverso. O trabalho de Ed, no entanto, é bem mais complexo. Ele é um dos responsáveis pelo gerenciamento da carreira de Anderson nos Estados Unidos. Negocia os contratos com o UFC, intermedeia a relação com os patrocinadores, coordena as iniciativas de marketing pessoal... e tenta convencer o cliente a aprender inglês. Não que esteja com preguiça de continuar traduzindo, mas ele sabe que, quando Anderson falar o idioma com fluência, seu valor de mercado se multiplicará. Os fãs americanos vão ficar ainda mais fãs, e os patrocinadores vão vender muito mais. Além disso, o brasileiro agrada ao patrão Dana White, que detesta conversar com os lutadores por meio de intérpretes. Embora viva mais na Califórnia que no Brasil, Anderson ainda não tem a desenvoltura com a língua esperada por Ed e Dana, mas eles continuam insistindo. Nas palavras de Ed: “Como se diz aqui nos Estados Unidos, *you can take a horse to the water but you can't make it drink* [você pode levar o cavalo até a água, mas não pode fazê-lo beber].”

Ed não usa a expressão em inglês por pedantismo. Filho de pais brasileiros, ele foi criado em Los Angeles. Teve aulas de jiu-jítsu com Royce Gracie na adolescência, mas só se aproximou do universo do MMA quando montou uma confecção de roupas esportivas, a Sinister, que patrocinou alguns lutadores americanos. Foi ele quem desenhou o famoso short com montanhas de gelo de Chuck Liddell, o Iceman. Assim se tornou amigo de Dana White quando este era apenas o empresário de Liddell. Quando foi ao Japão acompanhá-los no Pride GP de 2003, reencontrou um antigo vizinho, Joinha. A partir daí, os dois tornaram-se parceiros em vários negócios: roupas esportivas, produção musical e até um programa de lutas numa emissora de TV de Los Angeles, uma espécie de versão americana do *Passando a Guarda*. Entre 2006 e 2007, eles

perceberam a oportunidade que tinham nas mãos se juntassem forças em outra empreitada. Joinha era íntimo de quase todos os atletas brasileiros. Ed tinha acesso direto ao presidente do UFC. Isso significava que a dupla teria controle sobre as duas pontas do processo. Por que, então, não se tornarem empresários dos lutadores? Joinha já havia experimentado a função no Japão. À exceção dos que treinavam na BTT ou na Chute Boxe, os brasileiros não tinham um intermediário fixo para negociar com o Pride. Normalmente, ninguém atendia ao requisito número um para a função: falar inglês. Joinha se dava bem com Naoto Morishita e Nobuyuki Sakakibara, os dois presidentes que a organização teve. Seus primeiros clientes foram Vitor Belfort, Paulão Filho e Allan Goes. Depois, levou Pedro Rizzo para o Japão. Um dos primeiros brasileiros que Joinha botou no UFC foi Anderson Silva, recém-rompido com a Chute Boxe e que vinha recebendo o apoio de Minotauro para não abandonar a carreira. Foi sua aposta de maior sucesso. Tanto Joinha quanto Ed reconhecem que Anderson foi fundamental para a consolidação da Black House, nome da empresa deles, mas o lutador também sabe que, junto com Minotauro, a dupla acreditou no seu potencial quando ele se sentia mais abandonado.

Até o fim do Pride, o mais comum era que o treinador ou o dono da academia acumulasse o papel de empresário. Na BTT, em parceria com Motoko, Zé Mário começou a negociar os contratos porque tinha o melhor inglês. Outra possibilidade era o promotor de eventos representar o lutador, como Frederico Lapenda havia feito. À medida que as bolsas aumentavam, esse modelo de funções acumuladas começou a criar conflitos — vide as crises internas da Chute Boxe e da BTT. Claro que, antes de Ed e Joinha, já havia profissionais brasileiros que cuidavam exclusivamente dos contratos, mas ninguém chegou com tanta força ao mercado quanto a Black House. Houve um momento em que a dupla não precisava mais ir aos atletas porque eles é que chegavam até ela. Com o crescimento do MMA, começou a ocorrer um fenômeno comum no futebol, em que desde cedo o jogador precisa de um intermediário para ganhar uma chance em um time profissional. A primeira preocupação de um jovem lutador muitas vezes é fazer com que um vídeo com os

melhores momentos de suas lutas chegue às mãos de um empresário. “Minha caixa de e-mails fica entupida de mensagens com links do YouTube e pedidos para encaixar lutadores em determinados eventos. Recebo até pedidos de pais para que sejamos empresários de crianças”, conta Joinha. “Infelizmente, hoje em dia é difícil um atleta chegar ao Ultimate Fighting apenas porque se destacou. Ele precisa de contatos com alguém que tenha acesso fácil aos donos do evento”, afirma Dedé Pederneiras, treinador da equipe carioca Nova União. O principal atleta de Dedé é o campeão dos pesos-pena José Aldo, que rompeu com a Black House no início de 2012. Mas Ed e Joinha ainda mantêm astros como Anderson, Minotauro, Minotouro, Júnior Cigano, Pedro Rizzo e Lyoto Machida. “É difícil para o lutador estipular um preço para si mesmo. Então você precisa da ajuda de um *manager*, que negocia com o dono do evento”, diz Rizzo.

Grosso modo, o trabalho dos empresários consiste em valorizar tudo que o atleta tem a oferecer. O de Dana White em avaliar quanto o lutador traz de dividendos financeiros e de imagem para o UFC e, assim, definir o seu valor de mercado. A qualidade técnica é um fator importante, porém não é o único. Quando levou o americano Brock Lesnar de volta para o UFC, Dana sabia que traria com ele o público do WWE, a liga de wrestling profissional americano, onde Lesnar era ídolo. Na hora de negociar sua bolsa, isso foi levado em consideração. A ausência de concorrentes fortes faz com que a avaliação da Zuffa funcione como uma referência para todos os eventos de MMA. Nem sempre a Black House consegue tudo o que quer, mas eles têm trânsito livre na Zuffa. “Nenhum outro empresário mantém uma relação tão forte com Dana e Lorenzo quanto nós”, diz Ed, que tenta transmitir aos seus atletas toda a admiração que nutre pelo presidente do UFC. “Quantas pessoas estão ficando ricas por causa desse esporte, por causa do dinheiro e do investimento que eles fizeram? Eu nunca conheci um promotor que paga a você mais do que está no contrato. Só o Dana”, diz, referindo-se aos bônus. Com a Black House, pelo menos, Dana faz muitos acertos dando apenas a palavra como garantia, sem a necessidade de documentos. “Em países de Terceiro Mundo, a gente está acostumado a barganhar. O cara chega com um

Rolex falso por US\$100, e você acaba levando por US\$10. O jeito Dana White de negociar é direto e verdadeiro. Nem eu jogo um valor lá em cima nem eles jogam lá embaixo. Eles sentam, olham nos olhos, dão o argumento deles, e eu dou o nosso. Aí chegamos a um denominador comum”, afirma Joinha.

Os contratos do UFC não seguem um modelo fixo. É possível dizer que eles são personalizados, de acordo com os interesses da Zuffa. Há muito mais facilidades para que a empresa rompa o documento unilateralmente do que o contrário. “Esses contratos com número de lutas definidas no UFC são ilusórios. Eles podem te cortar na primeira”, diz Rizzo. De modo geral, os valores vão crescendo de acordo com o número de vitórias. Um iniciante que assina um contrato de três lutas, por exemplo, acerta que vai receber US\$10 mil para subir no octógono e mais US\$10 mil em caso de vitória. No combate seguinte, pula para US\$15 mil mais US\$15 mil. Se nessa luta ele perder, mantém os US\$15 mil na terceira, senão pula para US\$20 mil. Quanto mais valorizado for o lutador, menos engessado é o contrato e mais generoso é o padrão. Dana sabe que alguns atletas realizam feitos que não têm preço. Jon Jones ganhou um dos melhores contratos do UFC não só por ter tirado o cinturão dos meios-pesados de Mauricio Shogun em março de 2011 como por ter representado o reaparecimento de um verdadeiro ídolo americano no UFC. Filho de um pastor protestante, esse ex-segurança de boate aperfeiçoou o seu estilo assistindo a vídeos de MMA no YouTube. Hoje é considerado por especialistas o lutador mais completo do mundo. Dana também demonstra boa vontade ao negociar com Anderson Silva por causa de sua genialidade dentro do octógono. “O Anderson é um cara que faz o impossível. Antes de ele usar aquele chute frontal para nocautear o Vitor Belfort no UFC 126, quem já tinha nocauteado desse jeito? Depois dele, muita gente vem tentando”, diz Ed.

Anderson também foi o primeiro lutador de MMA brasileiro a despertar o interesse de grandes marcas no Brasil. Em fevereiro de 2011, no mesmo mês em que encerrou sua carreira de jogador de futebol, Ronaldo Fenômeno anunciou Anderson Silva como a primeira aquisição de sua empresa de marketing esportivo, a 9ine. Em seguida, fechou

contrato de patrocínio para o lutador com o Corinthians, com a Nike e com a rede de lanchonetes de fast-food Burger King. De Los Angeles, a Black House acompanha tudo com atenção. “Se é bom para o Anderson, é bom para nós também. Mas, sem querer ofender ninguém, ele não foi criado em seis meses. Foi criado a partir de 2006, aqui nos Estados Unidos. A 9ine só ajudou a levar esse reconhecimento para o país dele. Não tem um produto mais fácil de vender que o Anderson no Brasil. Tente vendê-lo aqui nos Estados Unidos, sem falar inglês. A 9ine melhorou o jogo, claro, mas o jogo ia ser ganho com ou sem eles”, afirma Ed.

Depois que anunciou o primeiro UFC Rio, em 2011, Dana White começou a dizer aos jornalistas brasileiros que chegará o dia em que os cinturões de todas as categorias pertencerão ao Brasil. Pode parecer demagogia, mas ele soa sincero quando fala sobre a capacidade do país de formar bons lutadores. “Existe uma cultura da luta no Brasil. Vocês podem ser o país do futebol, mas também são a terra do MMA”, afirma. O protagonismo do *Brazilian jiu-jitsu* desde os tempos de vale-tudo explica boa parte dessa tradição, assim como os anos de rivalidade desse estilo com a luta livre. Também contribui o costume de muitas famílias no Brasil de matricular os filhos em aulas de artes marciais, por acreditar que elas estimulam a disciplina. Mas esses fatores ainda parecem insuficientes quando se analisam as nossas novas gerações de lutadores. A renovação contínua do MMA brasileiro passa por atletas de histórias tão diferentes, de lugares e formações tão variados, que fica difícil encontrar uma linha comum que os una. Como explicar que de um bairro pobre de Manaus tenha saído o primeiro campeão dos pesos-penas do UFC? Aos 15 anos, José Aldo Júnior deixou a família na capital do Amazonas, onde treinava jiu-jítsu com o quimono remendado, em direção ao Rio de Janeiro. Sem ter onde ficar, foi acolhido por alguns meses na Academia Nova União, dirigida por Dedé Pederneiras. Ele tinha duas metas na cabeça: conhecer o mar e ser campeão de MMA. Guardou conchas para

provar à mãe que tinha atingido o primeiro objetivo. O segundo ela conferiu, orgulhosa, pela televisão mesmo. Como explicar a trajetória de Lyoto Machida até o cinturão dos meios-pesados, que ele tirou em 2009 do temido Rashad Evans? Baiano criado em Belém, no Pará, ele nada absorveu da cultura de rivalidades que desenvolveu o esporte no Rio e em São Paulo. Filho de um mestre carateca, herdou do pai os traços japoneses, o temperamento sereno e a formalidade oriental na relação com as artes marciais — até surrando um adversário Lyoto mantém a frieza que o faz parecer um gentleman. Também por influência da família, adotou a prática da urinoterapia, que consiste em beber a própria urina todos os dias para “reabsorver nutrientes”.

No Brasil, a formação de um lutador de alto nível chega a desrespeitar até princípios básicos das artes marciais, que na imensa maioria das vezes premia os que começaram a praticá-las desde cedo. Até os 21 anos, Júnior dos Santos Almeida, o Cigano, nunca havia vestido um quimono ou calçado uma luva de boxe. Isso só aconteceu depois de assistir por curiosidade à primeira edição do Minotauro Fight, evento que os irmãos Nogueira promoveram em Salvador, em maio de 2005. Dois anos antes, ele ainda vivia na cidade de Caçador, interior de Santa Catarina, trabalhando como ajudante de pedreiro. Filho de uma faxineira com um mecânico industrial, Júnior era um menino medroso e introspectivo. “Se briguei três vezes na vida, em duas eu apanhei”, conta Cigano, antes de um treino na academia dos irmãos Nogueira, no Rio de Janeiro. Ainda adolescente, conciliava os estudos com a venda de picolés caseiros na rua. Ele se lembra de chegar em casa algumas vezes e ver a mãe chorando porque não havia ganhado o suficiente para comprar comida. “Minha mãe sempre foi muito batalhadora, mas ao mesmo tempo nos ensinou a aceitar o nosso destino de pobre. Eu não achava aquilo certo”, diz. Quando completou 18 anos, saiu de casa para morar com um amigo e, em dezembro de 2002, decidiu tentar a sorte na Bahia, onde viviam alguns conhecidos seus, catarinenses. Não disse isso a ninguém, mas ele sabia que era uma viagem sem volta.

Quando desembarcou em Salvador, em uma sexta-feira, Cigano se deu conta de que tinha apenas R\$80 na carteira. Por intermédio de um

amigo, aceitou no mesmo dia um emprego de lavador de pratos numa churrascaria no bairro da Boca do Rio. Era para receber apenas R\$250 por mês, mas havia uma vantagem: poderia começar no dia seguinte, o que significava almoço garantido. Trabalhava 11, 12 horas por dia, numa pia tão baixa que começou a sofrer de dores nas costas. Sentiu um alívio quando foi promovido a garçom, mas não sabia que precisava de uma roupa apropriada. Como o dinheiro mal dava para o aluguel, contraiu uma dívida para comprar a camisa branca, a calça preta e o sapato preto do uniforme. Talvez por perceber a dedicação do novo funcionário, o gerente do restaurante lhe prometeu um aumento de R\$50 no salário, mas quando Cigano foi recebê-lo percebeu que o valor era o mesmo do mês anterior. “Eu disse que ia aumentar, mas não falei quando”, justificou o gerente. Cigano sentiu o sangue subir à cabeça. Pensou seriamente em voar no pescoço do chefe, mas algo o segurou. Preferiu pedir demissão e procurar outro emprego. “Deus sabe o que faz. Se o cara tivesse me dado os R\$50 de aumento, é possível que eu estivesse trabalhando lá até hoje”, diz. Nos primeiros dias de trabalho em outro restaurante, encantou-se com uma cliente que havia chegado para jantar com as amigas. Venceu a timidez e começou a flertar com a moça, que deixou o número do telefone ao lado da gorjeta. Ele estava conhecendo a arquiteta Vilsana Piccoli, sua futura esposa e aquela que lhe permitiria dar uma guinada radical na vida.

Quando voltou do Minotauro Fight, Cigano comentou com Vilsana que havia ficado impressionado com a coragem daqueles lutadores. Como estava se sentindo acima do peso, em vez de fazer ginástica, resolveu se matricular na aula de jiu-jítsu do professor Yuri Carlton. Foi ali que ganhou o apelido de Cigano — porque, segundo colegas, parecia o cigano Igor, personagem vivido por Ricardo Macchi na novela *Explode Coração*, com o cabelo comprido num rabo de cavalo — e os primeiros elogios na prática de qualquer esporte. “Você aprende rápido, meu filho”, disse-lhe Carlton. Como o aluno era grande, em menos de dois meses o mestre lhe indicou a turma de MMA, que treinava à tarde. “Ninguém nunca tinha me oferecido uma oportunidade de nada. Sempre fui eu que busquei”, relembra. Mas Cigano teria de largar o emprego para começar

as aulas. “Se você acredita que pode ser um caminho para você, vai fundo. Eu vou dando um jeito por aqui”, surpreendeu-o a mulher. Por mais de um ano, ele foi sustentado por Vilsana, enquanto gastava o dia nos treinos. Cigano já faz parte da geração criada sob o domínio das artes marciais mistas, ou seja, teve que aprender vários estilos simultaneamente. Por recomendação de Carlton, chegou até Luiz Dórea, o mesmo treinador de boxe de Minotauro e do tetracampeão mundial de boxe Acelino “Popó” Freitas. Em 2007, foi campeão brasileiro de kickboxing. Estreou no MMA no Demo Fight, um pequeno evento de Salvador que venceu com um chute na cabeça do adversário. Ganhou R\$1 mil de bolsa, o equivalente a quatro meses de salário na churrascaria. Em seguida, foi lutar na segunda edição do Minotauro Fight — apenas um ano e meio depois daquela a que foi assistir. A essa altura, Cigano já estava apadrinhado pelos irmãos Nogueira, que o apresentaram a Joinha e a Ed Soares. A dupla de empresários foi fundamental para sua arrancada meteórica até o UFC.

Em outubro de 2008, pouco mais de três anos depois de começar a lutar, Cigano chegou a Rosemont, no estado de Illinois, onde participaria do UFC 90. Estava com o corpo dolorido, resultado de horas e horas seguidas de pancadas nos treinos. Chegou a passar noites em claro, “acampado” no centro de treinamento dos Nogueira, no Rio de Janeiro, com dores da cabeça aos pés. Cigano era o menos conhecido dos sete brasileiros no *card* que incluía Anderson Silva defendendo o cinturão dos médios em jogo no combate principal. A ansiedade estava estampada no seu rosto em todos os compromissos antes da luta. Cigano se lembra com nitidez do momento em que Dana White lhe tocou o ombro e lhe perguntou algo em inglês. Sem saber o que dizer, apenas sorriu e acenou com a cabeça. O adversário, o gaúcho Fabrício Werdum, lhe pareceu menos simpático. Durante toda a semana, nem olhou na sua cara. A impressão era de que estava tentando intimidá-lo, já falando sobre a possibilidade de disputar o cinturão depois de derrotá-lo. “Confesso que eu tremia de nervoso. Fiquei com muito medo porque o Werdum era um dos caras que eu costumava ver pela televisão, no Pride”, conta. Dentro do octógono, Werdum olhou para ele e bateu com uma das mãos

fechada na palma da outra, o que Cigano interpretou como uma ameaça. “Ele estava querendo dizer que ia me dar um pau”, conta. Então, o medo se transformou em raiva. Cigano partiu para cima do oponente como quis fazer com o gerente da churrascaria. Assustado, Werdum abriu um pouco a guarda e, com um minuto e 21 segundos do primeiro round, levou um soco de baixo para cima que o fez desabar. Cigano ganhou não apenas a luta mas o bônus de melhor nocaute da noite, no valor de US\$65 mil. Pagou as dívidas de casa e ainda comprou um Honda Civic novo. Até o título dos pesos pesados, que roubou do americano Cain Velasquez em novembro de 2011, ele venceu seis adversários, quatro por nocaute. Resolveu o problema financeiro da família em Caçador, e a cada luta vai se aproximando do time de milionários do MMA.

Cigano talvez seja o nosso mais improvável campeão do UFC. Por sua dedicação tardia às artes marciais, nada em sua trajetória indicava que poderia se tornar um sucesso. A rápida aprendizagem talvez só tenha sido possível porque ele soube potencializar uma virtude não só do atleta, mas de boa parte do povo brasileiro: uma rara capacidade de adaptação. “Seja como a água que abre caminho através das pedras: não se oponha ao obstáculo; contorne-o!”, ensinou Bruce Lee aos seus discípulos há mais de trinta anos com uma frase que batizou o documentário sobre Anderson Silva, *Como água*, que estreou nos cinemas em março de 2012. Não apenas Anderson, mas nossos melhores lutadores sabem se moldar de acordo com a situação, diante das adversidades. É uma qualidade indispensável no MMA. Por permitir o uso de golpes das mais diversas modalidades, o esporte acaba premiando a capacidade de improviso do atleta diante de tantas variáveis. Nisso, as artes marciais mistas se assemelham à paixão nacional, o futebol, notoriamente um dos esportes que menos se presta a “ensaios” e um dos mais imprevisíveis que existem. É como se os lutadores tivessem levado para o octógono a tão celebrada ginga que notabilizou os nossos craques nos campos de futebol mundo afora.

Some-se essa criatividade a uma técnica apurada e a uma disposição de guerreiro, e vamos chegar a um perfil comum aos ídolos brasileiros do MMA. A receita é tão completa que ela se dá ao luxo de dispensar uma

das características mais exaltadas num bom lutador: a frieza. Dificilmente teremos um Chuck Liddell ou um Fedor Emelianenko, símbolos desse esporte que sabem se manter impassíveis diante da glória ou da frustração. Os campeões brasileiros sofrem, nutrem inseguranças, emocionam-se nas vitórias e nas derrotas. É essa abundância de sentimentos que os move para frente quando a batalha parece perdida e que cria lendas do MMA com a tenacidade de um Minotauro ou de um Wanderlei Silva. A coragem deles não parece estar na ausência de medo e, sim, no desejo de desafiá-lo. Eles não são super-homens, como se pode acreditar assistindo a uma luta, mas sabem fingir muito bem quando sobem no octógono.



A câmera apontada para o chão mostra a superfície do octógono toda manchada de sangue.

— Olhe para o chão — ordena Dana White ao cinegrafista parado à sua frente. O presidente do UFC, então, se dirige até o brasileiro Mauricio Shogun e lhe dá os parabéns. — Essa foi uma das melhores lutas que eu já vi na vida — diz Dana. Depois, caminha até o outro lado e repete a frase para o americano Dan Henderson. Corta para a pequena sala onde os lutadores recebem o primeiro atendimento clínico depois dos combates. Um dos médicos confere a pressão arterial de Shogun.

— Tô muito marcado no rosto? — Shogun pergunta a um de seus treinadores.

Sim, ele está muito marcado. Há cortes nas bochechas, no nariz, no queixo e na testa. Os lábios estão inchados. Ele precisa se esforçar para manter os olhos abertos.

— Normal, é a marca do guerreiro, vai passar — responde um treinador.

— Você precisa de uma cirurgia plástica para consertar os seus olhos — diz o médico a Shogun, em inglês, como se tivesse compreendido o diálogo anterior em português.

— Você tem que tomar um pontinho aqui no olho — traduz o treinador para Shogun.

Corta para Wanderlei Silva deitado, de punhos cerrados e com expressão de dor no rosto, enquanto um médico costura a pele ao lado do seu olho direito. Corta para o mesmo Wanderlei, já com os pontos no supercílio, conversando com Lorenzo Fertitta dentro do vestiário.

— Queria pedir desculpas pela última vez... — diz o brasileiro, referindo-se à derrota na sua luta anterior, no UFC 132, quando foi nocauteado em menos de trinta segundos pelo americano Chris Leben.

— É uma luta, tudo pode acontecer — responde Lorenzo.

— Mas foi constrangedor para mim.

— Não...

— Obrigado por acreditar em mim, me dar essa oportunidade. É uma grande honra trabalhar para você — diz, humildemente, um dos melhores e mais destemidos lutadores da curta história do MMA.

Essas cenas de bastidores do UFC 139, em San Jose, na Califórnia, não foram ao ar na transmissão oficial em pay-per-view do evento, no dia 19 de novembro de 2011. Só as viu quem acessou o YouTube no dia seguinte à luta. Elas fazem parte do videoblog que Dana White produz diariamente na semana em que acontece um evento. A câmera que acompanha o presidente do UFC leva os fãs para trás das cortinas e os deixa mais próximos de seus ídolos. Ela mostra desde cenas banais, como os executivos da Zuffa brincando de carrinho de controle remoto na sede da empresa, até a privacidade dos lutadores antes e depois do combate. Ninguém nunca reclamou com o cinegrafista que chega acompanhado do dono do espetáculo. Nas centenas de vídeos postados na internet, Dana pode ser visto discutindo nas ruas de Milwaukee com manifestantes contrários ao MMA ou apresentando aos internautas a favela do Vidigal, na Zona Sul do Rio, enquanto vai de helicóptero para a HSBC Arena, na Barra da Tijuca, onde foi disputado o UFC 142, em janeiro de 2012. Lá, ele contou a Vitor Belfort que seu adversário, Anthony Johnson, não atingiu o peso mínimo exigido na categoria dos médios. Na frente da câmera do patrão, o brasileiro tem que decidir se abre mão da luta ou perdoa a falha do oponente em troca de 20% da bolsa dele.

O sucesso dos vídeos é tão grande que, quando chegam ao YouTube, eles se multiplicam imediatamente por sites de MMA do mundo inteiro. Assim como *The Ultimate Fighter* é mais um produto da Zuffa no modelo cavalo de Troia. Você assiste aos bastidores do UFC sem perceber, na maioria das vezes, que está consumindo as ideias e os ideais do verdadeiro protagonista do torneio: o presidente do UFC. Foi mais uma das grandes sacadas de Dana. Poucos eventos esportivos sabem usar tão bem a internet quanto o Ultimate Fighting. E poucos executivos sabem usá-la tão bem quanto Dana. Ele possui quase dois milhões de seguidores no Twitter e mais de 570 mil assinantes no Facebook. Ao contrário de muitas personalidades, não usa as redes sociais apenas para desmentidos ou anúncios oficiais. Como um simples fã, discute o resultado das lutas,

crítica os árbitros, conta detalhes de bastidores e, claro, xinga os desafetos. Segui-lo é divertido.

A Zuffa entendeu desde o início que o UFC é um show da era da internet. É sintomático que ele tenha sido criado perto da época em que a rede começou a se popularizar no mundo. Na primeira metade da década de 1990, como o evento não era acompanhado pela mídia tradicional, os admiradores de Royce Gracie e companhia formaram fóruns virtuais de discussão. Quem conseguia assistir às lutas revelava nessas comunidades os resultados dos combates e dava detalhes do que havia se passado em cima do octógono. Hoje, esses mesmos fãs podem assistir a algumas lutas ao vivo e de graça pelo Facebook. Na rede social criada por Mark Zuckerberg, aliás, o assunto mais comentado no Brasil em 2011 foi o UFC, deixando para trás os clubes de futebol e as mortes de Osama Bin Laden e Amy Winehouse. “A nossa base de fãs está na internet e nas mídias sociais. É o lugar perfeito porque nós não somos um esporte local, como o hóquei no gelo no Canadá. Representamos um esporte com apelo mundial. E por meio da internet todas as pessoas do mundo podem se conectar e falar sobre as artes marciais mistas”, diz Dana.

Os sites especializados em MMA são muito mais importantes para os fãs e para os profissionais do esporte do que qualquer grande veículo de imprensa. Por mais que esteja conquistando espaço na mídia tradicional, o MMA ainda é uma modalidade para as novas mídias. “Vamos imaginar o repórter que cobre o Manchester United. Ele é conhecido apenas pelos torcedores do clube. Embora eu trabalhe basicamente nos Estados Unidos e no Canadá, posso ser reconhecido por qualquer pessoa que gosta do esporte no mundo todo. Isso acontece porque o nosso esporte é global”, diz o jornalista Ariel Helwani. Por tudo isso, a Zuffa põe em contrato a obrigação dos lutadores de serem acessíveis ao público pela internet, ao contrário da postura de boa parte das celebridades do esporte. Desde 2011, o UFC começou a premiar os atletas que mais usam o Twitter para se relacionar com os fãs. A cada três meses, ganham um bônus de US\$5 mil aqueles que acumulam mais seguidores e que postam os tweets mais criativos, de acordo com o julgamento de Dana White.

Os executivos da Zuffa entendem que, na era da internet, os direitos

de imagem e de transmissão estão sob constante ameaça e, por isso, adotaram de início um modo inteligente de lidar com eles. O UFC sabe que a pirataria, apesar de ser uma contravenção, é um instrumento de divulgação e de multiplicação de um produto. Embora alerte que os vídeos das lutas são propriedades protegidas legalmente, até pouco tempo a Zuffa não era tão rigorosa no combate aos sites que reproduzem os eventos na íntegra ou em compactos. Os piratas ajudaram a popularizar o esporte nos quatro cantos do planeta. Desde 2011, no entanto, a empresa parece estar mudando de posição. No início de 2012, a Zuffa apoiou publicamente três projetos de lei que prometem apertar o cerco contra a pirataria na internet. Em represália, hackers invadiram o site do UFC e divulgaram supostos dados pessoais de Dana White, como número de documentos, telefones e endereços. Bem fiel a seu estilo, o presidente do UFC discutiu com vários deles pelo Twitter e os chamou de “covardes” e “terroristas virtuais”.

Embora dedique especial atenção ao mundo virtual, a Zuffa também possui planos de expansão no mundo real. E eles são igualmente ambiciosos. Em 2012, foram marcadas edições do UFC no Brasil, na Suécia, na Austrália, no Japão e na China. “A audiência nos Estados Unidos se estabilizou, e eles sabem que precisam conquistar novos mercados”, diz o jornalista do *USA Today* Steve Marcus. A menina dos olhos do UFC são os países que formam o chamado Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), populosos e de economia emergente. De todos eles, o Brasil é o de mais fácil penetração, pela tradição no esporte e pela qualidade de seus lutadores. “O Brasil é o terceiro maior mercado do UFC, atrás dos Estados Unidos e do Canadá, mas acreditamos que vai terminar 2012 na frente dos canadenses”, afirma Lorenzo, que comanda o processo de expansão internacional do torneio. Dana White sempre sonhou com Fedor Emelianenko no UFC não só por se tratar de um dos maiores lutadores da história do Pride, mas para satisfazer os russos. Mas a Zuffa ainda não encontrou na terra dos czares um parceiro que abra mão de uma grande participação nos negócios, como é a vontade dos Fertitta.

A estratégia para Índia e China é a mais agressiva. Em 2012, a Zuffa estreou em seus torneios a categoria peso-mosca, com limite de 57 quilos.

A medida visa contemplar diretamente os lutadores asiáticos, tradicionalmente mais leves. “A nova categoria representa uma oportunidade para essas nações em crescimento. É claro que eles querem ver alguém do país deles tendo sucesso e quem sabe se tornando campeão do UFC”, disse Lorenzo ao canal SporTV. Os ídolos atuais também foram convocados a emprestar sua popularidade para fazer propaganda na Ásia. “Em uma reunião com os lutadores, Dana disse que quem estiver de férias e quiser viajar para a China, por exemplo, é só falar que eles nos mandam para lá”, conta Wanderlei Silva. Chegar ao continente africano ainda parece um sonho um pouco mais distante para a Zuffa. Outro grande desafio é a Europa. À exceção da Inglaterra, que possui alguns lutadores de bom nível e já promoveu um evento grande como o Cage Rage, o resto do continente praticamente ignora as artes marciais mistas. Apoiado pelo UFC, Wanderlei tem feito seminários na França, onde o MMA ainda não é regulamentado.

Nos Estados Unidos, a última fronteira para o UFC nunca esteve tão próxima de ser ultrapassada. O MMA ainda não é regulamentado em apenas três estados americanos com comissões atléticas — Connecticut, Vermont e Nova York —, mas apenas o último deles interessa de verdade à Zuffa. O estado proíbe o esporte desde 1997, quando o UFC 12 foi transferido às pressas para o Alabama. A cidade de Nova York, por exemplo, nunca recebeu uma edição do Ultimate Fighting. A rigor, os nova-iorquinos podem ir com facilidade aos eventos realizados na vizinha Nova Jersey, portanto trata-se mais de uma conquista simbólica. Chegar à cidade mais cosmopolita dos Estados Unidos, e, para muitos, do mundo, é um sonho acalentado desde a criação do torneio. Dana White tem como projeto pessoal realizar um UFC no Madison Square Garden, a tradicional casa de espetáculos que já abrigou algumas das mais importantes lutas de boxe da história. O maior entrave nesse caso não é tanto a comissão atlética de Nova York, que já se mostrou flexível em algumas ocasiões. O inimigo número um do MMA nos Estados Unidos está na Câmara Legislativa do estado. O deputado democrata Bob Reilly mantém um discurso que pouco difere daquele que John McCain usou por muitos anos para condenar a legalização das artes marciais mistas na

década de 1990 — McCain, aliás, já reviu sua posição. Reilly acredita que o MMA vai na contramão das novas políticas do estado, bem-sucedido em uma cruzada contra a violência no fim do século XX. Segundo ele, torneios como o UFC levam uma mensagem negativa para milhões de americanos, principalmente para as crianças. A Zuffa move um processo judicial contra o estado de Nova York, alegando que a proibição é um atentado contra as liberdades constitucionais americanas. A guerra por Nova York fez com que os donos do UFC enveredassem até pela política partidária. Em 2007, Dana e os Fertitta apoiaram publicamente a reeleição do senador democrata Harry Reid, de Nevada. Amigo dos sócios e político influente, com acesso direto ao presidente Barack Obama, Reid é um entusiasta do MMA.

O crescimento vertiginoso do esporte já levou Dana White a responder algumas vezes à pergunta sobre sua futura inclusão no programa das Olimpíadas. Ele sempre se mostra animado com a ideia, mas trata-se de um sonho bem distante. O MMA ainda não tem o alcance mundial exigido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) — não há um número de países praticantes estipulado; o comitê executivo da entidade é que faz essa avaliação. Além disso, a participação feminina ainda é ínfima, o que também é considerado pelo COI. O esporte carece ainda de uma organização internacional que o regule — algo que talvez o UFC jamais aceite.

Como organização dona do torneio líder de mercado, a Zuffa se relaciona com os concorrentes do UFC de um jeito bem simples. Se ele for inexpressivo, ignora-o. Se ele apresenta um *card* atraente de lutadores e de bons combates, compra-o — o que na prática significa matá-lo. Começou assim com o World Extreme Cagefighting (WEC), um torneio criado em 2001 e que obteve boa popularidade na Califórnia. Em dezembro de 2006, os Fertitta anunciaram a compra do WEC, que continuou existindo de forma paralela, embora alguns atletas tenham

sido absorvidos pelo Ultimate Fighting. A organização começou a priorizar as categorias mais leves até que, em outubro de 2010, se fundiu com o UFC. Campeão do WEC na época, José Aldo Júnior ganhou automaticamente o cinturão dos pesos-moscas do UFC. Então foi a vez do World Fighting Alliance (WFA), um pequeno torneio que começou misturando lutadores com dançarinas de boate e ganhou força depois de contratar nomes como Lyoto Machida e Quinton Jackson. A terceira e maior aquisição dos Fertitta foi o Pride, em 2007. Quando o planejamento inicial de mantê-lo ativo foi abortado, os principais lutadores se juntaram ao quadro de funcionários da Zuffa.

No mesmo ano em que comprou o Pride, o UFC conheceu um concorrente à altura — pelo menos à primeira vista. Promovido pela empresa americana ProElite, o EliteXC nasceu com dinheiro para gastar e um inimigo estabelecido. “Se você luta para o UFC, você não pode ser maior que o Dana White. Se você luta para o EliteXC, você é maior que eu. Eles fazem um belo trabalho de marketing com a marca deles, mas não são os donos do MMA. Os campeões deles são como campeões de um clube e serão apenas isso enquanto o Dana não quiser cruzar os lutadores dele com os de outros eventos”, disse o dono do EliteXC, Gary Shaw, ao livro *Total MMA* (ECW Press, 2008). Promotor da luta de boxe com maior venda de pay-per-view da história (1,9 milhão) — Mike Tyson × Lennox Lewis — Shaw tinha facilidade para arrumar bons patrocinadores. A luta de estreia do EliteXC, em 10 de fevereiro de 2007, foi entre os populares Renzo Gracie e Frank Shamrock, que acabou desclassificado por usar golpes proibidos. Os promotores comemoraram a venda de 7.200 ingressos e a boa audiência no canal a cabo Showtime. O início foi tão promissor que eles logo compraram o inglês Cage Rage e fizeram lutas cruzadas entre os campeões das duas organizações.

A grande tacada do EliteXC estava reservada para 2008: um acordo de transmissão com a poderosa emissora CBS. Isso queria dizer que o evento chegava à TV aberta americana antes do UFC. Foi um anúncio capaz de abalar a tranquilidade reinante na Zuffa. É verdade que Dana e os Fertitta só não acertaram com a emissora antes porque consideraram exagerado o nível de interferência que ela exigia. A CBS queria escolher os

comentaristas e pleiteava independência total na cobertura jornalística do evento, o que poderia resultar em críticas à organização ou aos atletas. Mesmo assim, os donos do UFC sabiam que o EliteXC atingiria uma variedade e uma quantidade de público sem precedentes no MMA. A ProElite escolheu um personagem razoavelmente conhecido do público americano médio para estrelar a luta principal. Nascido nas Bahamas e criado na Flórida, Kimbo Slice cresceu num ambiente pobre e de delinquência juvenil. Negro, forte e com uma barba bizarra, ele se deixou filmar em brigas de rua violentíssimas e pré-agendadas que se tornaram sensação na internet. Quando foi convidado para integrar o EliteXC, Kimbo já era uma dessas celebridades instantâneas construídas pelo YouTube. Graças a ele, a estreia na CBS foi um megassucesso, com uma média de 4,8 milhões de espectadores e pico de 6,5 milhões na luta principal.

A imprensa especializada começou a falar numa nova era para o esporte, com investimento e faturamento bem maiores, mas no show seguinte a audiência despencou 43%. A conclusão foi a de que os telespectadores queriam ver Kimbo, e não MMA. O interesse do público continuou patinando até que, por ironia, o maior astro do EliteXC protagonizou a sua derrubada. Kimbo foi nocauteado pelo americano Seth Petruzelli, um ex-participante de *The Ultimate Fighter*, em apenas 14 segundos. Não satisfeito, em entrevista a uma rádio, Petruzelli disse que foi abordado por executivos da ProElite, que teriam lhe oferecido dinheiro extra para pegar leve com o grande astro do show. A comissão atlética da Flórida abriu investigação, mas nunca encontrou provas. Mesmo assim, a credibilidade do evento foi prejudicada, bem como os seus cofres. Em 20 de outubro de 2008, a ProElite declarou falência, com um rombo de US\$55 milhões. A CBS transmitiu apenas três eventos.

Até 2011, os lutadores ainda tiveram uma alternativa razoável caso não fossem aceitos no UFC ou não quisessem lutar para Dana White. Sediado na Califórnia, o Strikeforce começou como um torneio de kickboxing em 1985, até que em 2006 migrou para o MMA, com o confronto entre Frank Shamrock e Cesar Gracie, um dos netos do patriarca Carlos Gracie. A luta aconteceu numa gaiola hexagonal, já que o

formato de octógono é patenteado pela Zuffa. O brasileiro faixa preta em jiu-jítsu foi nocauteado em vinte segundos e nunca mais lutou MMA, mas o Strikeforce se consolidou como o segundo maior evento americano — ainda que bem atrás do UFC. Em 2009, eles conseguiram levar para os Estados Unidos o sonho de consumo de Dana. Fedor Emelianenko estreou contra o americano Brett Rogers e provou ser um catalisador de audiência. A luta foi vista por 5,5 milhões de telespectadores pela emissora CBS. A primeira derrota do ucraniano em dez anos aconteceu no Strikeforce — e foi para o brasileiro Fabrício Werdum. O evento também apresentava outros atletas que interessavam ao UFC, como os americanos Nick Diaz e Jake Shields. Em março de 2011, Dana anunciou a compra do concorrente. Valor do negócio: US\$34 milhões. O Strikeforce continua funcionando de forma paralela, mas o UFC tem tirado alguns de seus principais nomes, como Diaz, Jason Miller e Alistair Overeem.

Em janeiro de 2010, a mão se inverteu, e o UFC ganhou um novo sócio. Em nome da empresa Flash Entertainment, o xeque Tahnoun Bin Zayed Al Nahyan, de Abu Dhabi — o mesmo que patrocinou o Pentagon Combat no Tijuca Tênis Clube, em 1997 —, comprou 10% da Zuffa. Segundo o comunicado oficial, o novo parceiro é garantia de “valor estratégico, expertise e oportunidades mundiais para o UFC”. As duas partes envolvidas ressaltaram que a parceria vai abrir as portas do esporte no mundo árabe. Com o negócio, as ações de cada irmão Fertitta caíram de 45,5% para 40%, e as de Dana White, de 10% para 9%. Na prática, a nova estrutura societária do UFC não mudou em nada o *modus operandi* do evento. Mas os petrodólares do xeque ajudam a financiar a expansão do show ao redor do mundo. O valor do negócio não foi revelado.

Quando perguntados sobre a postura agressiva com os concorrentes, os executivos do UFC gostam de dizer que não querem acabar com eles, mas que estão seguindo apenas a lógica do mercado. “Nós compramos outras competições porque eles não conseguem se manter no negócio. Na verdade, estamos salvando essas competições. Quando alguém descobrir como se faz isso tão bem quanto a gente, talvez essa realidade mude”, diz Dana. “Como empresário, eu acho que eles merecem ganhar

cada centavo do que estão ganhando. Pegaram um evento falido, perderam milhões de dólares e agora ficaram bilionários. Mas, como treinador, tenho que pensar diferente: existe a necessidade de outros eventos. Nem todo mundo vai chegar ao Ultimate”, afirma Dedé Pederneiras. “Para os lutadores seria ótimo se houvesse outras organizações. Se você não encontra o que quer nessa, pode procurar em outra”, diz o ex-lutador Randy Couture. Perguntado se fica preocupado por ver o UFC praticamente sozinho no mercado, Wanderlei Silva responde com uma boa dose de ironia: “Não... porque eu estou lá!”

Em 2006, com a explosão de *The Ultimate Fighter*, um executivo da agência de publicidade R&R, contratada pelo UFC, foi o primeiro a verbalizar um desejo antigo dos sócios da Zuffa que vai se concretizando a cada ano. “O objetivo final do UFC é que não seja mais falado MMA, mas UFC. O Ultimate Fighting vai representar as artes marciais mistas”, afirma Paul McGuire no livro *Total MMA*. Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, quem não é muito familiarizado com o assunto já costuma chamar o esporte de UFC. Trata-se, na verdade, do sonho máximo de qualquer empresário, o de que a sua marca seja confundida com o próprio objeto. Os donos do Ultimate Fighting normalmente evitam ser tão diretos quando o tema é essa analogia, mas Lorenzo já deu declarações que revelam a relação deles com o esporte em que decidiram investir. “As pessoas falam do crescimento do MMA. Eu não acredito nisso. Além do UFC, que outro evento de MMA está crescendo?”, indagou numa entrevista ao site Yahoo Sports, em janeiro de 2008.

“Os fãs não querem saber se é monopólio ou não. Eles querem ver os melhores lutadores se enfrentando, e isso é mais fácil de acontecer se eles pertencem à mesma liga”, defende Steve Marcus do *USA Today*. De fato, uma liga única evita que aconteça o que é comum no boxe: uma enxurrada de associações que, além de confundirem o público com tantas siglas, dificultam o tira-teima entre os campeões de cada uma delas. “Se você olhar a NFL, a liga profissional do futebol americano, ou a NBA, do basquete, elas também não têm concorrentes”, compara Ariel Helwani. Esse argumento, que também é repetido por Dana White, é capenga porque, na verdade, ele se refere a ligas esportivas dos Estados

Unidos, enquanto o UFC se propõe a ser uma liga mundial.

— Então está bem. Como é mesmo o nome daquela organização mundial do futebol?

— Fifa.

— Isso. Nós somos a Fifa das lutas — afirma o presidente do UFC, já meio impaciente, ao ser confrontado com esse argumento.

Mas a Fifa, o órgão máximo do futebol mundial, não só permite como estimula ligas nacionais em todo o planeta, o que não é o caso do Ultimate Fighting. Além do mais, o UFC não só organiza as competições como emprega os atletas, o que a Fifa ou qualquer federação esportiva internacional não fazem.

— Ok, então nós somos apenas os maiores promotores de MMA do mundo — encerra Dana.

Nos Estados Unidos, o que se discute hoje não é mais a hegemonia do UFC no mercado de MMA, mas entre todas as modalidades de luta. Para provocar uma discussão acalorada entre amantes de esportes de combate, basta alguém dizer que as artes marciais mistas estão ajudando a empurrar o boxe ladeira abaixo. A primeira questão da controvérsia remonta aos anos 1990 e à campanha contra o MMA liderada por John McCain. Hoje, existe quase um consenso entre os especialistas de que as duas modalidades têm níveis de segurança semelhantes. O maior risco dos dois esportes no curto prazo são as concussões cerebrais e os traumas de crânio. Não há um estudo definitivo sobre o tema, mas alguns médicos sugerem que a longo prazo os danos acumulados no boxe podem ser maiores. Desferidos com luvas mais leves, de 112 a 124 gramas, os golpes no MMA provocam ferimentos mais profundos e sangrentos, mas que normalmente logo derrubam um dos lutadores. A luva mais pesada do boxe, de trezentos a seiscentos gramas, permite uma troca de socos bem mais longa, sem que o adversário vá a nocaute. Uma sequência repetida de traumatismos — em um combate que dura, em média, três vezes mais que uma luta de MMA — pode causar ao longo do tempo danos cerebrais

irreversíveis. Só para ficar no caso mais famoso, Muhammad Ali convive há anos com o mal de Parkinson. O problema é que, para efeito de comparação, ainda não há um número considerável de ex-lutadores de MMA acima dos sessenta anos para se ter certeza de que eles não terão sequelas semelhantes.

Até agora, foram reportadas duas mortes em decorrência de ferimentos provocados por uma luta de artes marciais mistas nos Estados Unidos. Em 2007, aos 35 anos, o americano Sam Vasquez foi nocauteado em um evento chamado Extreme Fighting, em Houston, e levado direto para um hospital. Entrou em coma e morreu dez dias depois, vítima de hemorragia cerebral. Foi a mesma causa mortis de Michael Kirkham, em 2010, na Carolina do Sul. Em sua primeira luta profissional de MMA, ele tombou inconsciente depois de levar um soco. Morreu dois dias depois. Segundo o relatório *Manuel Velazquez Boxing Fatality Collection*, o único nos Estados Unidos que trata do assunto, de 1890 a 2007 houve 923 mortes causadas por lesões sofridas em cima de um ringue de boxe.

Para além da questão médica, existe a briga por mercado. Os defensores do boxe argumentam, com razão, que até agora os dois esportes estão atingindo públicos diferentes e, portanto, não são concorrentes. Pesquisas qualitativas mostram que os fãs de boxe se concentram na faixa acima dos cinquenta anos, o que não deixa de ser um problema. Líder absoluto entre os mais jovens, o MMA terá muito mais condições de renovar sua audiência. Também é inegável que as artes marciais mistas estão ocupando o vácuo deixado pelo boxe, que vive uma entressafra de grandes ídolos internacionais. O filipino Manny Pacquiao e o americano Floyd Mayweather Jr. são os dois únicos grandes nomes que restam em atividade no momento. O criador do UFC já imaginava que seu torneio fosse afetar outras modalidades de luta. “Eu tinha na cabeça a visão de que a gente terminaria acabando com o boxe. Tanto que o próprio John Milius me disse uma vez: ‘Rorion, você não está preocupado que esse negócio cresça tanto que a máfia do boxe queira acabar contigo, não?’”, conta Rorion Gracie.

Além de possuir diversas organizações, o boxe sofre com a falta de entendimento entre os promotores. Lutas que funcionariam como uma

bela jogada de marketing não acontecem porque os empresários dos pugilistas têm dificuldades para chegar a um acordo quanto a bolsas e divisão de lucros. No UFC, esse risco não ocorre porque o promotor da luta é sempre o mesmo. “Sou fã de boxe, mas eles estão sofrendo com tantas organizações e promotores que não pensam no esporte. É por culpa deles, e não nossa, que o boxe está em declínio”, afirma Lorenzo Fertitta. “Por que um jovem vai escolher uma modalidade se ele pode lutar todas e se tornar um artista das artes marciais?”, pergunta Dana White.

O boxe continua pagando as maiores bolsas — Pacquiao recebe algo em torno de US\$20 milhões para subir no ringue —, mas elas estão cada vez mais restritas a um pequeno grupo de pugilistas. O MMA também tem os seus eleitos, mas o lutador médio recebe, em geral, uma remuneração mais atraente do que os colegas do boxe. Isso significa que, na teoria, existem mais chances de um atleta viver das artes marciais mistas do que do boxe. “Antigamente, o garoto chegava aqui falando que queria ser o Popó. Mas, quando ele começa a ver tantos exemplos no UFC, o Cigano, o Minotauro, o Anderson, na segunda semana de treino ele já chega perguntando se pode treinar muay thai ou jiu-jítsu também”, conta Luiz Dórea, o treinador de boxe de Popó e Cigano. “Até hoje, quando me encontram, muitos lutadores vêm me agradecer porque o UFC se tornou um emprego de verdade para cada um deles”, diz Royce Gracie.

Apesar disso, a remuneração costuma criar problemas para a Zuffa. Os atletas não gostam de falar dos salários — os que ganham mais, por uma questão de privacidade, e os que ganham menos, também por medo de represálias. Um iniciante do UFC luta por uma bolsa de US\$6 mil, em média. Apenas 5% dos contratados chegam à casa do milhão de dólares por luta. “Eles não ligam para os lutadores. Só se preocupam em fazer dinheiro sobre o sangue e o suor deles. Não quero que eles vão à falência, porque realmente fizeram muito pelo esporte, mas sem os atletas eles não teriam feito todo esse dinheiro”, afirmou o ex-campeão dos pesos pesados Maurice Smith no livro *Total MMA*. No início de 2012, os jornalistas da ESPN John Barr e Josh Gross, este último notório desafeto

de Dana White, fizeram uma reportagem sobre o tema em que ouviram um veterano do UFC, sob a condição do anonimato. Ele afirmou que recebe a bolsa de um lutador médio, entre US\$20 mil e US\$28 mil, para subir no octógono, mais o mesmo valor em caso de vitória. Como ele luta em média três vezes por ano, sua receita bruta varia de US\$60 mil (em caso de três derrotas) a US\$168 mil por ano (no caso de três vitórias) — algo em torno de R\$8,5 mil por mês na pior das hipóteses e de R\$23,8 mil na melhor. “Eles [os donos do UFC] nos querem famintos e pobres... Assim terão mais controle sobre nós”, diz o lutador anônimo na reportagem. Na mesma matéria, Lorenzo Fertitta se defende informando que o pagamento dos lutadores cresceu duas vezes mais que os rendimentos da Zuffa desde 2005. Nesse período, segundo ele, a empresa pagou cerca de US\$250 milhões em bolsas, fez 39 atletas milionários e dividiu os lucros da venda de pay-per-view com 29 deles. Esses valores, de acordo com Lorenzo, não incluem os bônus arbitrários. “Nós pagamos por performance”, ressaltou.

Dana White respondeu à ESPN em um vídeo no YouTube, como de hábito. Chamou a reportagem de “pedaço de lixo” e a emissora, de suja e mentirosa. Depois de demonstrar sua raiva, exibiu depoimentos de lutadores como Chuck Liddell e Forrest Griffin elogiando o modelo de pagamento do UFC. Os donos da Zuffa argumentam que, em 2011, concederam seguro-saúde para os atletas e agora pretendem criar um sistema de aposentadoria. “Nesse esporte, temos aqueles que vão ganhar milhões de dólares, os que vão ganhar milhares de dólares e outros que vão ganhar poucos dólares”, reconhece o presidente do UFC. Mas ele dá de ombros quando alguém diz que os atletas deveriam se mobilizar para defender seus direitos. “Todo mundo me pergunta sobre um sindicato dos lutadores. O problema é deles se quiserem formar um. A diferença vai ser negociar com eles ou com o sindicato. Não muda nada pra mim”, diz Dana. Já existe uma Associação de Lutadores de MMA, fundada em 2005 no estado do Arizona, que garante ter cerca de cinquenta associados — nenhum deles empregado pelo UFC. A Zuffa simplesmente a ignora.

Em 2011, o UFC multiplicou o seu alcance sobre os telespectadores brasileiros e americanos com uma velocidade inédita nos seus quase vinte anos de existência. Num intervalo de menos de três meses, a Zuffa vendeu os direitos de transmissão do evento em canais abertos para a Fox, nos Estados Unidos, e para a TV Globo, no Brasil. No primeiro caso, o negócio significou, enfim, a chegada do Ultimate Fighting à TV aberta americana, num contrato de sete anos que prevê a exibição de quatro lutas ao vivo por ano. No segundo caso, representou uma mudança de patamar de audiência jamais sentida pelo UFC dentro de um país. A TV Globo deu uma demonstração do quanto acredita no potencial do torneio quando escalou seu principal narrador, Galvão Bueno, para comandar a transmissão. “Eu vi as primeiras conquistas do Royce, naquele tempo em que lutavam três, quatro vezes na mesma noite. Quando me perguntaram o que eu achava de narrar o UFC, topei na hora”, disse Galvão ao canal SporTV. Tanto a TV Globo quanto a Fox estrearam na disputa do cinturão dos pesos pesados em 12 de novembro — por coincidência exatamente 18 anos depois do UFC 1. A luta principal foi entre o então campeão Cain Velasquez e o desafiante Júnior Cigano. Para os fãs brasileiros, a festa foi completa. Além da vitória de Cigano, a resposta do público foi espetacular. Nos 31 minutos de transmissão no início da madrugada, a TV Globo atingiu 22 milhões de telespectadores — enquanto a Fox chegou a 5,7 milhões de americanos. No UFC Rio 2, em janeiro de 2012, o horário foi bem mais ingrato, com o início da transmissão por volta de 1h30 da madrugada, mas a audiência não caiu muito. O contrato com a TV Globo prevê ainda a exibição ao vivo de todas as edições realizadas no Brasil e mais três no exterior por ano, além da versão brasileira do reality-show *The Ultimate Fighter*.

Ninguém tem dúvidas de que a parceria com a TV Globo é uma oportunidade de crescimento e consolidação sem precedentes para o MMA brasileiro. O esporte que já foi maldito chegou até o horário nobre da emissora, com um personagem lutador na novela *Fina Estampa*, exibida entre 2011 e 2012. Em setembro de 2011, a Deloitte, uma das maiores empresas de consultoria do mundo, divulgou uma pesquisa sobre a prática de esportes no Brasil em que ouviu mais de setecentas

pessoas. As artes marciais de maneira geral foram apontadas como a segunda modalidade que mais vai crescer nos próximos anos, atrás do rúgbi. Se já conseguiu revelar tantos talentos como uma modalidade underground, como será agora, quando começa a ganhar uma enorme visibilidade? A grande expectativa é saber se o boom do UFC por aqui vai se refletir nos eventos nacionais. A maioria deles não é muito mais bem-estruturada que os desafios entre o jiu-jítsu e a luta livre da década de 1990 — alguns são até mais desorganizados que o IVC e o WVC. As mais notáveis exceções são o Jungle Fight e o Shooto Brasil, que apresentam boa infraestrutura e participantes de qualidade. Mas mesmo eles ainda estão longe de ter vida independente, ou seja, ambos não têm um fim em si mesmos. Hoje, funcionam mais como degraus para o atleta brasileiro chegar aos principais eventos do mundo, em especial o UFC. Os dois maiores torneios de MMA do país ainda são, acima de tudo, um grande fornecedor de mão de obra para o show de Dana White. Também merece registro o Bitetti Combat, organizado pelo presidente da recém-criada Confederação Brasileira de MMA, Amaury Bitetti. Desde 2002, em 12 edições, já pôs sobre o ringue lutadores com carreira significativa no exterior, como Pedro Rizzo, Ricardo Arona, Murilo Rua e Paulão Filho. “Os eventos nacionais têm que se adequar às regras do UFC”, diz Bitetti.

Promovido por Wallid Ismail, o Jungle promove disputas de cinturão por todo o Brasil. O evento se anuncia como o maior da América Latina. De fato, já estão indo para lá atletas de destaque dos países vizinhos. As bolsas variam de R\$1 mil a R\$10 mil. Wallid conta com a colaboração de seu amigo e aluno, o senador Magno Malta (PR-ES), que costuma usar sua influência para abrir portas para o Jungle no Brasil. Os detentores dos títulos têm boas chances de ganhar uma oportunidade no UFC, caso dos meios-médios Erick Silva e Paulo Thiago. O atleta que chegar aos grandes eventos por intermédio do torneio, como foram os casos de Erick e Paulo, é obrigado a assinar um contrato de agenciamento de dois anos com Wallid. Depois disso, tem liberdade para deixá-lo e arrumar outro empresário. O Shooto Brasil é uma filial do tradicional Shooto japonês organizado pelo treinador Dedé Pederneiras. Com cerca de cinquenta atletas, a Nova União de Pederneiras é uma das equipes mais fortes de

MMA do Brasil e tem no Shooto sua grande vitrine para o mundo. Foi ali que José Aldo despontou para o cinturão dos penas do UFC.

A relação da Zuffa com os eventos brasileiros é peculiar. Ela quer que eles sejam bons o suficiente para levar lutadores promissores ao UFC, mas que não cresçam a ponto de representar uma ameaça ao torneio no país. Para Dana White e companhia, interessa que o sonho de consumo dos atletas nacionais continue a ser o octógono mais famoso do mundo. “Quando chega a um país, o UFC vai nos principais patrocinadores de lutas e diz que, se quiserem ser parceiros deles, devem deixar os eventos nacionais, pelo menos aqueles que não têm boa relação com eles”, revela um profissional brasileiro com mais de dez anos de MMA. Esse conjunto de fatores faz com que os nomes de maior destaque no país dificilmente continuem aqui depois dos 24, 25 anos de idade. Mesmo que não acabem no UFC, eles têm mais chances de encontrar outro torneio no exterior que lhes permita viver do esporte. Para acompanhá-los, treinadores e equipes de apoio também deixam o país. Só quando se tornam astros internacionais, como no caso de Anderson Silva e Minotauro, eles podem voltar ao Brasil com suas equipes e montar uma estrutura para treinar novamente por aqui. “Quando os atletas estão treinando com os melhores, eles tendem a evoluir com muito mais rapidez. Mas, como os melhores estão indo para os Estados Unidos, o desenvolvimento do atleta no Brasil fica prejudicado. Só resta a ele encontrar uma oportunidade lá fora também”, explica o treinador Bebeo Duarte.

Nesse círculo vicioso, quem mais lucra é o MMA dos Estados Unidos, que, além de contar com nossos melhores atletas, também evoluiu seus métodos de treinamento. Isso quer dizer que estamos exportando não só os lutadores, mas know-how. Está cada vez mais comum no UFC ver brasileiros treinando estrangeiros — uma realidade inconcebível na época do Pride, por exemplo. Trata-se de um quadro compreensível e inevitável em um esporte globalizado — o que surpreende, na verdade, é ele ainda não ter perdido a relação visceral com as suas origens. Em quase cem anos, os brasileiros participaram de todos os períodos importantes da história do MMA, sempre como protagonistas. De Carlos Gracie a

Anderson Silva, as artes marciais se misturaram e ganharam o mundo, mas jamais abriram mão do DNA brasileiro.

Além de uma garra e uma capacidade de adaptação incríveis, esse DNA abraça ainda uma paixão (muitas vezes desmedida) pela competição, combustível de muitos dos personagens retratados aqui. Como, por exemplo, os lutadores que se enfrentaram na Academia Gracie do Colégio Padre Antônio Vieira, no Humaitá, Zona Sul do Rio, em 1988, cena que pode ser vista no YouTube.

Minutos antes do desafio a portas fechadas entre Royler Gracie e Eugênio Tadeu, Rickson pede a palavra. Em sinal de respeito, os representantes da luta livre se calam, inclusive seu desafeto Hugo Duarte. No meio do tatame, com o cabelo cortado em estilo militar, Rickson quer deixar claro que está apenas dando continuidade à missão iniciada pelo pai e pelo tio: provar que o jiu-jítsu é a arte marcial mais completa do mundo. Ao mesmo tempo, reconhece que os rivais também são legítimos defensores da honra da luta livre: “Em relação a este evento, eu gostaria de dizer que é com muito orgulho que eu sinto que vocês estão com a mesma intenção que a gente, de se mostrarem guerreiros, de se mostrarem homens, com total potencial técnico para poder enfrentar uma situação como esta. Talvez este seja o único evento deste tipo que já foi feito”, afirma Rickson, olhando para todos os presentes, sem se dar conta de que faz um discurso profético. “Estamos aqui nos confrontando simplesmente para demonstrar nosso ponto de vista [qual seria a melhor luta], mas acredito que em qualquer evento que possa haver futuramente a gente possa conciliar o interesse técnico, do esporte, da eficiência, com um evento que leve a um faturamento, a uma grana. Um veículo para ganharmos dinheiro, para sermos profissionais, vivendo disso. O nosso esporte tem que ser valorizado.”

Esse dia chegou. Mas, no fim das contas, lutando de graça ou por US\$1 milhão, a origem desse fenômeno mundial — e tão brasileiro — chamado MMA se resume a isto mesmo: a nossa necessidade primitiva de provar quem é o melhor.

ABU DHABI COMBAT CLUB (ADCC): evento de grappling (lutas no chão sem quimono) realizado nos Emirados Árabes.

CAGE RAGE: evento inglês de MMA.

ELITEXC: evento americano de MMA; extinto.

EXTREME FIGHTING: evento de lutas promovido pelos proprietários da revista erótica *Penthouse* nos EUA e no Canadá; extinto.

INTERNATIONAL FIGHTING CHAMPIONSHIP (IFC): evento americano de MMA.

INTERNATIONAL FIGHT LEAGUE: evento americano de MMA por equipes.

INTERNATIONAL VALE-TUDO CHAMPIONSHIP (IVC): evento de lutas criado pelo empresário brasileiro Sérgio Batarelli.

JUNGLE FIGHT: evento de MMA criado por Wallid Ismail.

K-1: torneio japonês voltado para lutas em pé, como caratê, kung fu e kickboxing.

KING OF THE CAGE: evento americano de MMA.

MECA WORLD VALE-TUDO: evento brasileiro de vale-tudo criado por Joinha e Rudimar Fedrigo; extinto.

M.O. TEAM LEAGUE: torneio brasileiro de MMA entre equipes.

PANCRASE: evento japonês de MMA.

PENTAGON COMBAT: evento brasileiro de vale-tudo, realizado em 27 de setembro de 1997, no Rio de Janeiro.

PRIDE FIGHT CHAMPIONSHIP: evento japonês de MMA; foi comprado pelo UFC.

RIO HEROES: evento de vale-tudo criado por Jorge Pereira; extinto.

SHOOTO: evento de lutas japonês.

SHOOTO BRASIL: derivado do Shooto japonês; organizado pelo treinador Dedé Pederneiras.

SHOW FIGHT: evento paulista de MMA criado por Oscar Maroni Filho; extinto.

STRIKE FORCE: evento americano de kickboxing que depois se voltou para o MMA; foi comprado pelo UFC.

ULTIMATE FIGHTING CHAMPIONSHIP (UFC): maior evento de MMA do mundo.

ULTIMATE OF THE ULTIMATE: torneio que reuniu os vencedores das sete primeiras edições do UFC.

UNIVERSAL VALE-TUDO FIGHT CHAMPIONSHIP (UVF): evento criado por João Alberto Barreto, com etapas no Brasil e no Japão; extinto.

VALE TUDO JAPAN OPEN: evento promovido pelo Shooto japonês.

WORLD EXTREME CAGEFIGHTING (WEC): torneio americano de MMA; foi fundido com o UFC, que o comprou.

WORLD EXTREME FIGHTING: pequeno evento de lutas da Flórida, nos Estados Unidos.

WORLD FIGHTING ALLIANCE (WFA): pequeno torneio americano de lutas; extinto.

WORLD VALE-TUDO CHAMPIONSHIP (WVC): torneio de vale-tudo criado pelo empresário brasileiro Frederico Lapenda; extinto.

SOBRE O AUTOR



Formado em jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o carioca Fellipe Awi é repórter do canal SporTV. Antes trabalhou nos jornais Extra e O Globo, também do Rio.

Participou de coberturas jornalísticas em trinta países e ganhou prêmios como Esso, Embratel, Ibero-Americano da Unicef e Ayrton Senna, sempre por reportagens de fôlego. Este é o seu primeiro livro.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias Sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[CARD PRINCIPAL](#)

[LINHA DO TEMPO](#)

[INTRODUÇÃO: Fenômeno global, DNA brasileiro](#)

[CAPÍTULO 1: Volta às origens](#)

[CAPÍTULO 2: Vale-tudo, a melhor propaganda](#)

[CAPÍTULO 3: Heróis banidos](#)

[CAPÍTULO 4: Os Gracie versus Van Damme](#)

[CAPÍTULO 5: Nasce o UFC](#)

[CAPÍTULO 6: Imagem nocauteada](#)

[CAPÍTULO 7: A semente do MMA](#)

[CAPÍTULO 8: Isto aqui não é a Disney lândia](#)

[CAPÍTULO 9: O UFC desembarca no Brasil](#)

[CAPÍTULO 10: Os novos donos do octógono](#)

[CAPÍTULO 11: Do orgulho à vergonha](#)

[CAPÍTULO 12: Mais do que lutadores, personagens](#)

[CAPÍTULO 13: Polêmica e tragédia](#)

[CAPÍTULO 14: Campeões do improviso](#)

[CAPÍTULO 15: Pergunta primitiva](#)

[Lista de Eventos](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)